



José Egídio Barbosa Oliveira

A Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta

Dissertação de Doutoramento em Psicologia

2014

A Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta

**Tese apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto para obtenção do grau de Doutor em Psicologia sob
orientação da Professora Doutora Anne Marie Fontaine**

José Egídio Barbosa Oliveira

2014

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e aos meus avós com todo o afecto que não caberia em curtas palavras que aqui pudesse deixar. Este trabalho é deles também.

Para o T., a L. e a F.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento vai, muito naturalmente, dirigido à Professora Anne Marie Fontaine pela orientação diligente, pelo incentivo, apoio, simpatia, amizade e paciência desde o período de realização do mestrado até ao presente. Sinto-me profundamente privilegiado por ter trabalhado sob a sua orientação.

Aos colegas de trabalho Jorge Gato, Marina Mendonça, Marisa Matias e Daniela Freitas pela amizade, apoio, companheirismo e convívio festivo no gabinete de Psicologia Diferencial e fora dele! Não poderia ter desejado melhores companheiros de percurso!

À Professora Susana Coimbra pela amizade e apoio em todos os momentos. Quero aqui realçar o apoio incondicional que sempre da Susana recebi em todos os momentos do percurso doutoral.

Ao Professor Bártolo Paiva Campos e ao Professor Joaquim Luís Coimbra pelo espaço de estimulação intelectual, intercâmbio de ideias e simpatia que me proporcionaram desde a altura da realização da licenciatura. Dois Mestres que sempre estimularam o pensamento crítico no domínio do “psicológico”.

- Nunca duvidei da verdade dos sinais, Adso, são a única coisa de que o homem dispõe para se orientar no mundo. Aquilo que eu não compreendi foi a relação entre os sinais. Cheguei até Jorge através de um esquema apocalíptico que parecia reger todos os delitos e, no entanto, era casual. Cheguei a Jorge procurando um autor de todos os crimes, e descobrimos que cada crime tinha no fundo um autor diferente, ou então nenhum.

Cheguei a Jorge perseguindo o desígnio de uma mente perversa e raciocinante, e não havia desígnio algum, ou melhor, mesmo Jorge fora dominado pelo próprio desígnio inicial, e depois iniciara-se uma cadeia de causas, e de causas concomitantes, e de causas em contradição entre si, que tinham procedido por conta própria, criando relações que não dependiam de desígnio algum. Onde está toda a minha sabedoria? Comportei-me como um obstinado, perseguindo uma aparência de ordem, quando devia saber bem que não há uma ordem no universo.

- Mas, imaginando ordens erradas, encontres, mesmo assim, alguma coisa...

- Disseste uma coisa muito bela, Adso, agradeço-te. A ordem que a nossa mente imagina é como uma rede, ou uma escada, que se constrói para alcançar qualquer coisa. Mas, depois deve-se deitar fora a escada, porque se descobre que, se porventura servia, era privada de sentido. *Er muoz gelichesame die Leiter abewerfen, sô Er an ir ufgestigen ist...* Diz-se assim?

- Soa assim na minha língua. Quem o disse?

- Um místico da tua terra. Escreveu-o em qualquer sítio, não me recordo onde. E não é necessário que alguém um dia encontre esse manuscrito. As únicas verdades que servem são instrumentos para deitar fora.

Umberto Eco, In *O Nome da Rosa*

RESUMO

A transição para a vida adulta, nas sociedades da modernidade tardia, constitui um processo crescentemente prolongado, individualizado e envolto em incerteza. Transições bem sucedidas exigem extenso apoio familiar, um forte sentido de agência e uma eficaz gestão da incerteza biográfica.

O presente estudo pretendeu captar distintas formas de gerir a incerteza biográfica usadas pelos jovens (com idades entre 18 e 30 anos) em trânsito para a vida adulta, os seus factores de variação e o seu impacto na assumpção da adultez e bem-estar psicológico. Pretendeu-se ainda captar diferenças quanto às variáveis em estudo em função das habilitações académicas e idade dos jovens, factores que, articulados, remetem para dois universos de transição distintos. O trabalho subdividiu-se em cinco estudos. O primeiro teve como objectivo a construção de um questionário destinado a captar estratégias de gestão da incerteza na transição para a vida adulta, dada a inexistência de semelhante instrumento na literatura psicológica e sua imprescindibilidade a uma abordagem quantitativa a esta temática. A escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta assim criada revelou a presença de três possíveis estratégias de gestão da incerteza: duas activas, a *focalização* e a *abertura*, remetendo, respectivamente, para a concentração de recursos e investimentos em objectivos prioritários e bem definidos (*focalização*), ou para uma dispersão de explorações e investimentos, com apelo à novidade e criatividade (*abertura*); uma passiva, o *adiamento*, envolvendo o adiar de decisões e projectos de vida até que a pessoa se sinta preparada para assumi-los ou até que as circunstâncias favoreçam a sua implementação. As estratégias revelaram-se correlacionadas entre si, o que indicia o seu uso simultâneo e articulado como processo flexível e adaptativo de negociação das tarefas de transição num contexto de incerteza. O estudo diferencial revelou o estado de maior vulnerabilidade e risco dos jovens com mais baixas habilitações académicas, os quais evidenciaram menores índices de apoio familiar, sentido de agência, uso da *focalização* (estratégia activa de gestão da incerteza) e de bem-estar psicológico, e níveis mais elevados de intolerância à incerteza e de resolução da identidade adulta. Num terceiro estudo, pretendemos aferir a forma como as estratégias de gestão da incerteza são influenciadas pelos recursos pessoais e familiares à disposição dos jovens. Os modelos de pistas testados revelaram diversas articulações associativas entre apoio parental e capital de identidade com poder predictivo sobre aquelas. Destacamos o forte poder predictivo do apoio familiar intangível e do capital identitário intangível – positivo no caso das estratégias activas (*focalização* e *abertura*) e negativo no caso da passiva (*adiamento*).

Os dois últimos estudos realizados (quarto e quinto) avaliaram o impacto dos recursos pessoais e familiares sobre resolução da identidade adulta e bem-estar dos jovens, assim como o papel mediador da gestão da incerteza nesta relação. Os resultados corroboraram o impacto do apoio familiar e do capital de identidade naquelas duas variáveis dependentes. Já a mediação da gestão da incerteza só se observou para o bem-estar psicológico. A dissociação entre a gestão da incerteza e a resolução da identidade adulta indicia que aquela constitui uma tarefa percebida pelos jovens como não circunscrita a esta transição biográfica em particular, podendo constituir antes uma tarefa cíclica a ser replicada em inúmeras transições ao longo do ciclo vital.

ABSTRACT

Coming of age in late modern societies constitutes an increasingly prolonged, individualized endeavour amidst a context of uncertainty. Successful transitions require extensive levels of family support, the development of a strong sense of agency and effective uncertainty management strategies.

The present study aimed at capturing different ways of managing biographical uncertainty used by youngsters (aged 18 to 30 years) on their road to adulthood, their factors of variation and their impact on adult identity resolution and psychological well-being. We further aimed at capturing differences with respect to the variables under study according to the youngsters' academic level and age, two factors that, in articulation, give rise to two distinct transition universes. The work was subdivided in five studies. The first aimed to construct a questionnaire to capture uncertainty management strategies in the transition to adulthood period, given the lack of a similar instrument in the literature and its indispensability to a quantitative approach to the subject. The scale uncertainty management in the transition to adulthood thus created revealed the presence of three possible strategies for uncertainty management: two active, *target focused* and *open based*, referring respectively to the concentration of resources and investments on precisely defined priority goals (*target focused*), or a dispersion of explorations and investments which call for novelty and creativity (*open based*); a passive one, *postponement*, involving postponing decisions and life plans until the person feels ready to take them or until circumstances favour their implementation. Strategies proved to be correlated, suggesting its simultaneous and coordinated use as a flexible and adaptive way of negotiating transition tasks in a context of uncertainty. A second study, comparing youngsters with respect to the variables under study according to their academic level and age, revealed the state of vulnerability and risk of youngsters holding lower academic credentials, who showed lower levels of family support, sense of agency, use of *target focused* uncertainty management strategie and psychological well-being, as well as higher levels of intolerance of uncertainty and adult identity resolution. In a third study, we assessed how uncertainty management strategies are influenced by personal and family resources. The path models tested revealed an array of associative links between parental support, identity capital, on the one hand, and identity resolution and well-being, on the other. We highlight the strong predictive power of intangible family support and intangible capital capital - positive predictors of active strategies (*target focused* and *open based*) and negative of passive (postponement).

The last two studies (fourth and fifth) evaluated the impact of personal and family resources on the youngsters' adult identity resolution and well-being, as well as the mediating role of uncertainty management in this relationship. Results corroborated the impact of family support and identity capital in the two dependent variables. However, the mediation of uncertainty management was observed only for psychological well-being. The decoupling of adult identity resolution and uncertainty management suggests that this is a task perceived by young people as not limited to this particular biographical transition, but may constitute a cyclic endeavour to be replicated in an array of transitions over the life cycle.

RÉSUMÉ

La transition vers l'âge adulte dans les sociétés postmodernes est de plus en plus prolongée, individualisée et enveloppée d'un nuage d'incertitude. Les transitions réussies exigent un soutien important de la part de la famille, le développement d'un fort sentiment d'agence et une gestion efficace de l'incertitude biographique.

Le but de ce travail était de capturer différents modes de gestion de l'incertitude biographique, utilisés par les jeunes en transition vers l'âge adulte, leurs facteurs de variation et leur impact sur la résolution de l'âge adulte et le bien-être psychologique. Notre intention était aussi d'observer les différences des variables étudiées, en fonction de l'âge et des qualifications académiques des sujets, facteurs qui, lorsqu'ils sont croisés, gèrent deux univers de transition distincts.

Pour parvenir à cet objectif, cinq études ont été développées. La première visait à construire un questionnaire pour capturer les stratégies de gestion de l'incertitude au cours de la transition vers l'âge adulte, étant donné la nécessité d'un instrument de ce type pour une approche quantitative de la question et son absence dans la littérature psychologique. L'échelle de gestion de l'incertitude au cours de la transition vers l'âge adulte ainsi créée a révélé trois stratégies possibles de gestion de cette incertitude: deux actives, *centration* et *ouverture*, se référant respectivement à la focalisation des ressources et des investissements sur des objectifs clairement définis et prioritaires (*centration*), ou à une dispersion des explorations et des investissements, accompagnées d'appel à la nouveauté et à la créativité (*ouverture*); une troisième passive, le *report*, impliquant reporter les décisions et les plans de vie à plus tard, jusqu'au moment où la personne se sentira prête à les prendre ou où les circonstances favoriseront leur mise en place. Ces stratégies sont corrélées et conduisent à un processus flexible de négociation des tâches de transition dans les contextes d'incertitude. L'étude a révélé l'état de vulnérabilité et le risque que courent les jeunes ayant un niveau de scolarité plus faible, référant des niveaux faibles de soutien familial, de sens de l'agence, d'utilisation de la *centration* (stratégie active de gestion de l'incertitude) et de bien-être psychologique, et des niveaux plus élevés d'intolérance de l'incertitude et de résolution de l'identité adulte. La troisième étude a été conçue pour évaluer les influences des ressources personnelles et familiales dont disposent les jeunes sur les stratégies de gestion de l'incertitude. Les modèles testés ont révélé l'existence de plusieurs liens avec le soutien des parents et le capital d'identité des jeunes. Nous soulignons l'intensité du pouvoir prédictif du soutien familial et du capital d'identité intangible –positivement associé aux stratégies actives (de *centration* et d'*ouverture*) et négativement associé à la stratégie passive (*report*).

Les quatrième et cinquième études visaient à évaluer l'impact des ressources personnelles et familiales sur la résolution de l'identité adulte et sur le bien-être des jeunes, ainsi que le rôle médiateur de la gestion de l'incertitude dans cette relation. Les résultats corroborent l'impact du soutien de la famille et du capital d'identité sur les deux variables dépendantes. Cependant la médiation de la gestion de l'incertitude n'a été observée que pour le bien-être psychologique. La dissociation de la gestion de l'incertitude et de la résolution de l'identité adulte suggère une perception de cette dernière par les jeunes qui ne se limite pas à cette transition biographique particulière mais qui peut constituer, au contraire, une tâche cyclique susceptible de se manifester dans plusieurs transitions au cours du cycle de vie.

Índice Geral

	Página
Dedicatória.....	I
Agradecimentos.....	III
Sumário.....	VII
Abstract.....	IX
Résumé.....	XI
Introdução.....	1
1. A transição para a vida adulta nas sociedades contemporâneas.....	3
2. Descrição do itinerário de exposição do presente estudo.....	10
Parte I – A incerteza e seu impacto na transição para a vida adulta.....	13
Capítulo I. Da incerteza e do risco na modernidade tardia.....	15
1. Introdução.....	15
2. A incerteza e seus efeitos ao nível da gestão biográfica.....	20
3. Abordagens cognitivas e motivacionais à incerteza.....	25
3.1. Orientação para a incerteza.....	27
3.1.1. A orientação para a incerteza no domínio interpessoal.....	31
3.2. A preparação.....	32
3.2.1. Padrões motivacionais de saciação e substituição.....	37
3.2.2. Repercussões psicológicas da falta de preparação para o confronto com acontecimentos de vida.....	40
3.2.3. Implicações da preparação para além do domínio individual.....	42
Capítulo II. A transição para a vida adulta nas sociedades individualizadas da modernidade tardia.....	44
1. Introdução.....	44
2. A transição para a vida adulta em Portugal.....	49
3. A emergência da “adulter emergente”.....	54
4. A “identidade” como instrumento de negociação da transição.....	60
5. A dimensão da incerteza e sua gestão na transição para a vida adulta.....	62
6. Integração das abordagens à incerteza e do capital de identidade na resposta aos desafios da transição para a vida adulta.....	68
7. Programa e objectivos do presente estudo.....	74
Parte II. Estudos empíricos.....	77
Capítulo I. Estudo I: Construção de um instrumento de avaliação das estratégias de gestão da incerteza dos jovens em transição para a vida adulta.....	79
1. Introdução.....	79
2. Método.....	81
2.1. Instrumentos.....	81
2.2. Participantes.....	81
2.3. Procedimento de construção da escala.....	82

2.4. Procedimento de análise de dados.....	83
2.4.1. Tratamento dos dados.....	83
2.4.2. Análise factorial exploratória (AFE).....	83
2.4.2.1. Resultados da AFE.....	84
2.4.3. Consistência interna.....	87
2.4.4. Análise factorial confirmatória (AFC).....	89
2.4.4.1. Amostra.....	90
2.4.4.2. Resultados da AFC.....	90
3. Discussão.....	93
Capítulo II. A gestão da incerteza – determinantes e repercussões.....	103
1. Introdução.....	103
2. Recursos de navegação da transição.....	107
2.1. Recursos pessoais.....	112
2.1.1. Recursos pessoais considerados no presente estudo.....	114
2.1.1.1. A auto-eficácia.....	115
2.1.1.1.1. A auto-eficácia: definição.....	116
2.1.1.1.2. Fontes da auto-eficácia.....	120
2.1.1.1.3. A auto-eficácia generalizada na transição para a vida adulta.....	122
2.1.1.2. A auto-determinação.....	125
2.1.1.2.1. O papel da socialização no desenvolvimento da auto-determinação e na regulação identitária.....	129
2.1.1.2.2. Auto-determinação e bem-estar psicológico na transição para a vida adulta.....	133
2.1.1.3. Capacidade de auto-regulação.....	134
2.1.1.3.1. Adiamento da gratificação.....	137
2.1.1.3.2. Os efeitos do retorno na auto-regulação.....	138
2.1.1.3.3. Auto-controlo e bem-estar.....	140
2.2. Recursos familiares.....	141
3. Confronto com a incerteza e recursos para a sua gestão.....	146
4. Impacto dos recursos de navegação da transição no bem-estar psicológico e na resolução da identidade adulta.....	147
5. Estudos empíricos	153
5.1. Estudo 2. Estudo diferencial.....	154
5.2. Estudo 3. Modelos de pistas predictivos das estratégias de gestão da incerteza.....	159
5.3. Estudo 4. Modelo de pistas predictivo da resolução da identidade adulta.....	164
5.4. Estudo 5. Modelo de pistas predictivo do bem-estar psicológico.....	166
5.5. Método.....	169
5.5.1. Plano de observação e variáveis.....	169

5.5.2. Amostra.....	170
5.5.3. Procedimento.....	170
5.5.4. Instrumentos.....	173
5.5.4.1. Variáveis sócio demográficas.....	173
5.5.4.1.1. Questionário sócio-demográfico.....	173
5.5.4.2. Percepção de apoio dos pais.....	173
5.5.4.2.1. Escala de percepção de apoio dos pais.....	173
5.5.4.2.1.1. Poder discriminativo dos itens.....	174
5.5.4.2.1.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	174
5.5.4.3. Capital de identidade intangível.....	175
5.5.4.3.1. Escala de auto-determinação	175
5.5.4.3.1.1. Poder discriminativo dos itens.....	176
5.5.4.3.1.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	176
5.5.4.3.2. Escala de auto-eficácia generalizada percebida.....	176
5.5.4.3.2.1. Poder discriminativo dos itens.....	177
5.5.4.3.2.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	177
5.5.4.3.3. Escala de força do ego.....	177
5.5.4.3.3.1. Poder discriminativo dos itens.....	178
5.5.4.3.3.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	178
5.5.4.3.4. Escala agregando a auto-determinação e a auto- eficácia generalizada.....	178
5.5.4.4. Orientação perante a incerteza e gestão da incerteza.....	179
5.5.4.4.1. Escala de intolerância à incerteza.....	179
5.5.4.4.1.1. Poder discriminativo dos itens.....	179
5.5.4.4.1.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	180
5.5.4.4.2. Escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta.....	180
5.5.4.4.2.1. Poder discriminativo dos itens.....	181
5.5.4.4.2.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	181
5.5.4.5. Bem-estar psicológico.....	181
5.5.4.5.1. Escala de bem-estar psicológico.....	181
5.5.4.5.1.1. Poder discriminativo dos itens.....	182
5.5.4.5.1.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	182
5.5.4.6. Resolução da identidade adulta.....	182
5.5.4.6.1. Índice de resolução da identidade adulta.....	182
5.5.4.6.1.1. Poder discriminativo dos itens.....	183
5.5.4.6.1.2. Estrutura factorial e consistência interna.....	183
5.6. Resultados e sua discussão.....	184
5.6.1. Estudo II. Diferenças entre grupos.....	186
5.6.1.1. Resultados.....	186

5.6.1.1.1. Diferenças em função do nível académico e da idade.....	186
5.6.1.1.1.1. Efeitos de interacção.....	186
5.6.1.1.1.2. Diferenças em função do nível académico.....	188
5.6.1.1.1.3. Diferenças em função da idade.....	189
5.6.1.2. Discussão dos resultados.....	189
5.6.2. Estudo III. Modelos predictores das estratégias de gestão da incerteza.....	195
5.6.2.1. Resultados.....	195
5.6.2.1.1. Modelo de predição da estratégia de focalização.....	195
5.6.2.1.2. Modelo predictor da estratégia de abertura.....	198
5.6.2.1.3. Modelo predictor da estratégia de adiamento.....	200
5.6.2.2. Discussão dos resultados.....	202
5.6.3. Estudo IV. Modelo de pistas predictor da resolução da identidade adulta.....	207
5.6.3.1. Resultados.....	207
5.6.3.2. Discussão dos resultados.....	210
5.6.4. Estudo IV. Modelo de pistas predictor do bem-estar psicológico.....	214
5.6.4.1. Resultados.....	214
5.6.4.2. Discussão dos resultados.....	222
Conclusões.....	229
1. Conclusões.....	231
2. Considerações finais.....	245
3. Limitações do estudo e implicações para futuras investigações.....	246
Referências Bibliográficas	249
Anexos.....	269
Anexo A. Questionário de recolha de dados para a primeira fase do estudo psicométrico da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta (realização da Análise Factorial Exploratória).....	271
Anexo B. Questionário de recolha de dados para os estudos empíricos II, III, IV e V do presente trabalho (análise diferencial e análises de pistas).....	277
Anexo C. Versão final da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta.....	293
Anexo D. Estudo qualitativo exploratório de apoio à construção da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta.....	297
Anexo E. Artigo científico, suportado no estudo V do presente trabalho, em fase de publicação.....	321

Índice de Quadros

	Páginas
Quadro 1. Estrutura conceptual do estudo com articulação das distintas dimensões de análise.....	74
Quadro 2. Composição final da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta, após a realização da AFC.....	295

Índice de Figuras

	Páginas
Figura 1. Estrutura factorial da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta resultante da AFC.....	92
Figura 2. Modelo predictor do <i>adiamento</i> como estratégia de gestão da incerteza.....	161
Figura 3. Modelo predictor da <i>abertura</i> como estratégia de gestão da incerteza.....	162
Figura 4. Modelo predictor da <i>focalização</i> como estratégia de gestão da incerteza.....	163
Figura 5. Modelo predictor da Resolução da Identidade Adulta.....	165
Figura 6. Modelo predictor do bem-estar psicológico.....	168
Figura 7. Efeitos de interacção para o adiamento.....	187
Figura 8. Modelo de pistas para a focalização como estratégia de gestão da incerteza.....	197
Figura 9. Modelo de pistas para a abertura como estratégia de gestão da incerteza.....	198
Figura 10. Modelo de pistas para o adiamento como estratégia de gestão da incerteza.....	201
Figura 11. Modelo de pistas para a resolução da identidade adulta.....	208
Figura 12. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico.....	215
Figura 13. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para os efeitos directos da percepção de apoio dos pais.....	217
Figura 14. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para as influências directas da auto-determinação/ auto-eficácia generalizada e para as influências, directas e indirectas, da força do ego.....	219
Figura 15. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para as trajectórias que partem da idade e do NSE.....	220
Figura 16. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para as estratégias de gestão da incerteza.....	221

Introdução

1. A transição para a vida adulta nas sociedades contemporâneas

Os percursos de transição para a vida adulta têm-se vindo a tornar, no decorrer das últimas décadas, mais longos, individualizados, não lineares, múltiplos e envoltos num clima de incerteza. Os marcadores sociais tradicionais definidores do momento da transição têm vindo a perder a sua força normativa e a esbater-se como linha de fronteira entre a juventude e a adultez, apesar de ainda a eles, por vezes, recorrermos como instrumentos de orientação. Actualmente, os percursos biográficos tendem a não reflectir normas culturais claramente definidoras de fases da vida e momentos de transição com base em critérios etários. Com a desconstrução do “curso de vida institucionalizado”, composto de etapas bem definidas (juventude, adultez e terceira idade) (Kohli, 1986), tais fases encontram-se em processo de redefinição sócio-cultural. As transições que lhes estão associadas cada vez dependem mais de um conjunto de decisões individuais com impacto nos próprios trajectos biográficos.

Por um lado, o processo de individualização, típico das sociedades ocidentais contemporâneas, esbateu as estruturas sócio-normativas de enquadramento dos percursos biográficos e abriu um maior espaço de autonomia individual na sua definição. Estes ambientes sócio-culturais crescentemente anómicos e incapazes de fornecer uma estrutura de enquadramento orientadora do processo de transição têm conduzido à necessidade de desenvolvimento, por parte dos jovens, de uma maior capacidade de agência que lhes permita a construção de percursos de transição pessoalmente significativos e auto-realizativos. Por outro lado, os níveis de incerteza, típicos das sociedades contemporâneas, têm vindo a dificultar a construção de projectos biográficos capazes de se projectarem num horizonte temporal alargado que compreenda uma dimensão de futuro de médio e longo prazo. Esta crescente incerteza faz-se especialmente sentir na transição para o mundo do trabalho onde a segurança e estabilidade que caracterizava as relações laborais foi substituída pela flexibilidade, precariedade e elevada escassez de oportunidades. Este facto vem dificultar a

coordenação individual das múltiplas transições inerentes ao percurso de transição para a vida adulta (como, por exemplo, a conquista da independência financeira e eventual concretização de projectos de conjugalidade e parentalidade). De acordo com Heinz (2009), a instabilidade sentida no processo de transição surge, precisamente, da tensão entre oportunidades incertas e precárias e a cultura de individualização (e mesmo de individualismo) que impõe a cada um a assumpção total de responsabilidade pelas decisões definidoras do seu percurso de vida (Côté, 2000). Os jovens são assim chamados a construir o seu processo desenvolvimental de transição para a vida adulta de forma individualizada (com apelo a critérios de ampla autonomia) num contexto sócio-cultural e económico marcado pela falta de oportunidades profissionais, precariedade e incerteza. Exortados a construir um projecto biográfico individualizado e autónomo, acabam por ter que se confrontar com uma gestão quotidiana da incerteza biográfica que frequentemente dificulta ou coarta a construção de um projecto de vida pessoalmente significativo e com uma dimensão de futuro.

O prolongamento crescente dos percursos de transição para a vida adulta constitui um sinal evidente da complexidade inerente ao desenvolvimento da condição de adulto num contexto anómico, instável e incerto. Este fenómeno chama-nos a atenção para o facto de as transições juvenis não constituírem um processo linear e *emergente* mas sim um processo *contingente* que reflete interacções complexas entre decisões individuais e estruturas de oportunidades enquadradas em itinerários sociais com maior ou menor nível de institucionalização e regulamentação (Heinz, 2009). A construção da condição de adulto é feita no âmbito de um determinado percurso desenvolvimental, situacional ou ecologicamente enquadrado, devendo ser perspectivada a partir de uma paradigma ecológico-construtivo-desenvolvimental. Tendo em conta a dimensão desenvolvimental, as trajectórias de transição para a vida adulta, consistirão em percursos tendentes à obtenção de níveis crescentes de autonomia, de diferenciação e integração psicológica de experiências de vida significativas, tendencialmente promotoras da condição de adulto. Por seu turno, a dimensão construtivista

do processo de transição conduz ao seu reconhecimento (à semelhança de toda a realidade humana) como produto da actividade *autopoiética* dos sujeitos (eg. Mahoney, 1991), através da qual vai sendo urdido um determinado sentido ou significado auto-biográfico. Os jovens em processo de transição para a vida adulta não serão meros receptáculos passivos de influências e condições externas inerentes ao processo de transição mas activos construtores de significado (Kegan, 1982) através da apropriação e organização idiossincrática da sua própria experiência biográfica ao longo de um processo desenvolvimental. O “mundo” de cada indivíduo, incluída a sua identidade adulta, será produto da sua capacidade de agência (auto-construção e auto-organização psicológicas) ecologicamente contextualizada. Desta forma reconhece-se a autonomia do sujeito no desenvolvimento da sua actividade *autopoiética*, de organização e construção dos seus trajectos de transição para a idade adulta ao longo de um processo dialéctico que se vai manifestando ao longo do tempo. Os pólos deste processo diacrónico são, por um lado, as estruturas psicológicas já desenvolvidas e consolidadas e, por outro, as exigências da realidade externa tal como idiossincraticamente experienciadas por cada indivíduo. Um processo de construção biográfica que se vai desenvolvendo ao longo de contínuos processos psicológicos de assimilação e acomodação (Piaget, 1952) ou de diferenciação e integração (Kegan, 1982). Por último, a dimensão ecológica dos processos de transição leva-nos a enquadrá-los num determinado contexto ambiental (Bronfenbrenner, 1996), num determinado tempo e lugar históricos. A acção individual é sempre “acção-em-contexto” (Menezes, 1999), enquadrada num ambiente sócio-cultural e económico determinado (*embeddedness*) (e.g., Kegan, 1982). É no espaço de intercepção do *dentro* e do *fora* que o indivíduo vai sucessivamente construindo e reconstruindo os seus investimentos tendentes à sua construção pessoal da identidade adulta. Esta será sempre o produto do movimento ou tensão dialéctica entre o *intrapsíquico* e o *extrapsíquico* (os contextos de vida com as suas características psicossociais) (Campos, Costa & Menezes, 1993). As trajectórias de transição pressuporão, assim, uma dimensão social, estando dependentes de estruturas

transpessoais ou contextuais como os recursos sociais de apoio, os grupos de pertença, a estrutura de oportunidades e constrangimentos em que o indivíduo esteja integrado (Menezes, 1999). Tais estruturas foram objecto de conceptualização e operacionalização no modelo da ecologia do desenvolvimento humano proposto por Bronfenbrenner (1996), com a sua consideração dos vários sistemas de enquadramento da acção e desenvolvimento humano. É neste contexto estruturador de oportunidades e constrangimentos que os jovens vão construindo o seu “mundo significacional” e a sua versão de pessoa adulta.

Olhando precisamente para as condições ambientais ou ecológicas em que actualmente ocorre o processo de transição para a vida adulta, assistimos a um conjunto de mudanças surgidas nos mercados de trabalho e nas políticas sociais das sociedades pós-industrializadas que conduziram a alterações significativas na forma de estruturar política e institucionalmente os percursos de vida, com particular impacto no final do período da adolescência e de transição para a vida adulta (e.g., Arnett, 2000, 2004; Côté, 1996, 1997, 2000, 2006; Furstenberg, Rumbaut & Settersten, 2005; Galland, 1995; Hendry & Kloep, 2007, 2012; Mills & Blossfeld, 2005). As propostas de resposta a estas alterações sócio-económicas e culturais por parte das abordagens psico-sociais, têm sido variadas. Algumas abordagens adoptam uma postura mais radical de crítica às próprias teorias dos estádios desenvolvimentais, insuficientes na sua capacidade explicativa das transições de vida de indivíduos, grupos e sub-grupos sociais que se desviam dos critérios normativos criados pela psicologia desenvolvimental (Hendry & Kloep, 2011a). Neste sentido, Hendry & Kloep (2007, 2011a, 2011b, 2012) propõem o abandono das “fases desenvolvimentais” como estádios universais de desenvolvimento (assentes em teorias universais) e sua substituição pelo estudo dos processos e mecanismos que governam as mudanças humanas em qualquer idade. Outras abordagens vêem no prolongamento do período de transição para a vida adulta o surgimento de uma nova fase do ciclo de vida enquadrada entre a adolescência e a adultez jovem. Contudo, a forma como a concebem não é unívoca nem isenta de polémica. Arnett (2000, 2004, 2006), no âmbito da sua

Teoria da Adultez Emergente, concebe-a como uma nova fase desenvolvimental com tarefas desenvolvimentais específicas, nomeadamente o processo de “recentramento”, ou seja, a substituição de uma estrutura de poder entre pais e filhos centrada no poder regulador dos pais para outra centrada na auto-regulação (Tanner, 2006; Tanner & Arnett, 2011). Côté, por outro lado, concebe a transformação dos percursos de transição para a vida adulta (e a nova fase de vida associada) como um mera extensão da moratória psicossocial (Côté, 2006). Já prevista por Erikson (1968, 1980, 1995) em casos excepcionais, agora tem-se vindo a generalizar (sem novas tarefas desenvolvimentais para além da construção identitária e do desenvolvimento de relações de intimidade), por força do prolongamento dos percursos escolares e das dificuldades de acesso ao mundo do trabalho.

Independentemente dessas diferenças, parece inequívoco que o processo de transição para a vida adulta se tem vindo a complexificar e individualizar, o que gera uma multiplicidade de formas de transição dificilmente enquadradas num modelo único e estandardizado, mesmo admitindo “excepções” e “desvios”. Constituem um produto da interacção entre factores estruturais diferenciados (ligados aos percursos escolares, recursos familiares e formas de organização do trabalho) e factores individuais associados à capacidade de agência dos indivíduos. É na intersecção destas duas forças determinantes dos percursos biográficos dos jovens que são tecidos os novos percursos de transição. Nesta perspectiva, o contexto dos factores estruturais definidores das condições de vida de cada sujeito (o seu estatuto social, o seu nível educacional, a sua estrutura de oportunidades e recursos) determina os recursos (individuais, materiais e sociais) que lhe permitam a construção de uma trajectória de transição auto-determinada e pessoalmente significativa.

À complexificação introduzida nos percursos de transição para a vida adulta pelo processo de individualização, acrescem os efeitos dos elevados níveis de incerteza que se vêm a sentir nas sociedades contemporâneas. Este incremento da incerteza é geralmente entendido como associado ao processo de globalização, o qual, de acordo com Mills &

Blossfeld (2005), pode ser conceptualizado a partir de quatro mudanças estruturais com impacto nos percursos de vida nas sociedades contemporâneas: (1) a internacionalização dos mercados a partir da queda da divisão do mundo em dois grandes blocos políticos e económicos (o bloco ocidental e o bloco de leste); (2) a intensificação da competitividade com base na desregulação dos mercados associada à privatização e liberalização económica no seio da generalidade dos países; (3) a acelerada difusão do conhecimento e da informação através de redes de comunicação globais; (4) a importância dos mercados e a sua dependência de choques e acontecimentos casuísticos que possam ter lugar em qualquer parte do mundo. A combinação e interligação destes factores, com as suas consequências ao nível da intensificação do ritmo de mudanças económicas e sociais e da aceleração das transações num mercado cada vez mais global e volátil, tem vindo a produzir níveis de incerteza sistémica sem precedentes. Contudo, o impacto desta incerteza tende a variar de país para país e de grupo social para grupo social. De acordo com Mills & Blossfeld (2005) os seus efeitos são institucionalmente filtrados. Um conjunto de instituições como os sistemas de emprego, os sistemas educativos, os sistemas familiares e os regimes de segurança social tendem a mediar os efeitos da incerteza para certos grupos sociais específicos e a distribuir os riscos presentes nas sociedades contemporâneas. Um dos grupos sociais institucionalmente menos protegido e logo mais afectado por esta incerteza é o dos jovens em processo de transição para a vida adulta. O seu impacto manifesta-se a vários níveis: ao nível do emprego, com a escassez de postos de trabalho para quem está a fazer a sua entrada no mercado de trabalho e a falta de segurança e estabilidade dos trabalhos disponíveis, conducentes a dificuldades de acesso à independência económica; ao nível do desamparo social por falta de uma rede de segurança social que proteja convenientemente estes jovens das incertezas e riscos com que se confrontam nesta fase das suas vidas; ao nível da falta de condições para a formação da própria família (por ausência de uma base económica estável que o permita) com o consequente adiamento de projectos de conjugalidade e parentalidade.

Para além disso, este grupo dos jovens em trânsito para a vida adulta não se apresenta como homogéneo no seu grau de vulnerabilidade perante as condições sócio-culturais e económicas em que o processo de transição tem lugar. A distribuição de riscos e incertezas inerentes ao processo de transição encontra-se dependente de determinantes sócio-estruturais tais como o seu nível sócio-económico de pertença. Em países do sul da Europa como Portugal, Espanha e Itália, caracterizados por um modelo de transição assente no apoio familiar, a rede de protecção institucional contra a incerteza é providenciada quase exclusivamente pela família. Desta forma a consistência e nível de apoio dependerá dos recursos familiares, desigualmente distribuídos pelos vários níveis sócio-económicos de pertença, o que conduz a que o processo de transição dos jovens das classes sociais mais desfavorecidas se encontre mais exposto à incerteza. Podemos dizer, então, que num contexto social fortemente individualizado, a micro-gestão ou gestão individual da incerteza biográfica, na transição para a vida adulta será fortemente influenciada pelos recursos dos jovens, tanto pessoais (capacidade de agência) como familiares (nível e qualidade do apoio familiar) disponíveis. Na sua componente pessoal, esta gestão remeterá para a capacidade de uso de estratégias de gestão da incerteza que conduza à capitalização ou aproveitamento das condições conjunturais em termos desenvolvimentais. A gestão da incerteza biográfica corresponderá, nesta fase do ciclo vital, à gestão dos itinerários de transição em face de um horizonte futuro incerto e imprevisível. Será esta gestão de um percurso de experiências pessoais contextualizadas (familiares, escolares, sociais, laborais), inseridas num âmbito cultural estruturado por um conjunto de normas, valores e ideologias geradoras de um determinado leque de oportunidades, limitações e constrangimentos, que permitirá o acesso a experiências de vida concretas pessoalmente significativas em termos desenvolvimentais. Estes itinerários de transição serão necessariamente povoados de múltiplas significações caracterizadas por um determinado modo de se relacionar com o mundo da formação, do trabalho e das relações. Os processos de transição para a vida adulta em condições de

crescente individualização e incerteza tendem a materializar-se num prolongamento (no tempo) e extensão (substantiva) da actividade de exploração de tal “mundo significacional”, ou seja, *dos* investimentos de vida do indivíduo (Campos & Coimbra, 1991). O ponto de chegada de tal processo consistirá na construção de uma versão mais ou menos idiossincrática de um modo crescentemente individualizado de ser adulto (de resolução da identidade adulta), actualmente cada vez mais afastado do cumprimento de marcadores sócio-culturais e mais próxima da concepção de um adulto *emancipado* investido num percurso de *individualização desenvolvimental* tendente à autonomização, realização pessoal e bem-estar psicológico (Arnett, 2001; Blatterer, 2007; Boutinet, 2000; Côté, 2000; Sousa, 2007, 2010).

2. Descrição do itinerário de exposição do presente estudo

Tendo em conta a breve introdução à complexa temática da transição para a vida adulta nas sociedades contemporâneas, o presente trabalho centrar-se-á no estudo da gestão da incerteza por parte dos jovens e seu impacto na sua resolução da identidade adulta e bem-estar psicológico. Divide-se em duas partes. Na primeira parte, procederemos a uma análise mais abrangente da problemática da incerteza e do risco neste período histórico da modernidade tardia e seu impacto na construção de itinerários diferenciados de transição para a vida adulta. Na segunda parte, apresenta-se um conjunto de cinco estudos que têm como objectivo central captar formas de gestão da incerteza na transição para a vida adulta e aferir o modo como a variação dos recursos pessoais e familiares dos jovens está associada à adopção dessas várias estratégias e, por intermédio destas, à sua resolução da identidade adulta e bem-estar psicológico. De forma a poder observar diferenças sócio-estruturais quanto à gestão da incerteza e factores associados, procedeu-se ainda a um estudo diferencial em função das habilitações académicas e idade dos jovens, dois factores que, associados, tendem

a consubstanciar dois distintos universos de transição para a vida adulta. Seguidamente elencam-se os estudos realizados.

1. No primeiro estudo, procedeu-se à criação de uma escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta, dada a inexistência de instrumento semelhante na literatura psicológica. Esta escala veio permitir que, a partir de uma abordagem quantitativa, se pudesse estudar a variação da gestão da incerteza em conjugação com outras variáveis relevantes para o processo de transição para a idade adulta em função de grupos sócio-demográficos de pertença.
2. O Segundo estudo consistiu na análise diferencial das variáveis em análise em função de dois factores sócio-demográficos de extrema relevância para os modos e ritmos de construção de itinerários de transição para a vida adulta: as habilitações académicas (reflexo de um percurso escolar mais ou menos longo) e a idade (factor onde se reflete o ritmo da transição);
3. O terceiro estudo pretendeu aferir, através da criação de modelos causais de pistas, o poder preditivo de um conjunto de variáveis independentes sobre o uso das várias estratégias de gestão da incerteza obtidas aquando da criação da escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta. As variáveis independentes e mediadoras utilizadas nestes modelos consistiram no apoio familiar e nos recursos pessoais desenvolvidos pelos jovens e que caracterizam o seu sentido de agência nesta fase das suas vidas;
4. Um quarto estudo consistiu na elaboração de modelos de pistas predictores da resolução da identidade adulta. As variáveis independentes e mediadoras consistiram no apoio familiar, nos recursos pessoais associados à capacidade de agência, na atitude individual perante a incerteza e nas estratégias utilizadas na sua gestão.

5. O quinto, e último estudo, consistiu na elaboração de modelos de pistas predictores do bem-estar psicológico dos jovens recorrendo às mesmas variáveis independentes e mediadoras atrás elencadas para o quarto estudo.

Estes estudos serão sucessivamente apresentados e os seus resultados discutidos à luz da literatura psicológica actual. Este trabalho termina com uma discussão global que pretende realçar a especificidade do processo de transição para a idade adulta neste período de incerteza. Por último, proceder-se-á ao elenco das limitações dos estudos apresentados e evidenciadas possíveis implicações para investigações futuras.

Parte I

A incerteza e seu impacto na transição para a vida adulta

Capítulo I

Da incerteza e do risco na Modernidade Tardia

1. Introdução

A dimensão da incerteza e do risco é de enorme saliência e relevância nas sociedades ocidentais contemporâneas, afectando a vida dos indivíduos em todas as suas dimensões – individual, relacional, social (e.g., Bauman, 2000, 2007; Beck, 1992, 2007; Beck & Beck-Gernsheim, 2002; Bonß & Zinn, 2003; Coimbra, 2005; Leccardi, 2005, 2006; Taylor-Gooby & Zinn, 2006; Zinn, 2008, 2009). Constituindo a incerteza uma invariante da existência humana (e.g., Bonß & Zinn, 2003; Coimbra, 2005), torna-se necessário analisar os fundamentos da sua relevância crescente nas sociedades contemporâneas, ou seja, proceder à sua contextualização neste período histórico da modernidade tardia. A problemática da certeza (ou falta dela) encontra-se intrinsecamente associada ao inacabamento ontogenético do ser humano que abre espaço e cria a necessidade de produção de “cultura”, ou seja, de um mundo simbólico a partir do qual seja possível a produção de um sentido e propósito condutor da acção humana. Neste sentido, a nossa existência passa por esta actividade incessante de produção de significado (*meaning making*) (e.g., Coimbra, 2005; Kegan, 1982) a partir da qual se torne possível derivar um mínimo de previsibilidade na qual basear as decisões de vida. Contudo, esta tarefa de produção activa de sentido que se vai tecendo na interacção dialéctica entre forças individuais e sociais pode assumir uma maior ou menor saliência em diferentes períodos históricos. Na Idade Média, por exemplo, a presença de uma mundividência ou grande meta-narrativa teocêntrica e inclusiva da qual se podia extrair um sentido para a existência humana, “libertava” os indivíduos e os grupos sociais da necessidade de activamente se envolverem nesse labor de contínua construção e reconstrução de um sentido

para as suas vidas (Coimbra, 2005). O mundo e a existência humana no seu seio eram percepcionados como organizados e previsíveis, possuindo uma ordem intrínseca fornecida pela grande meta-narrativa explicativa do seu curso. Tudo era ditado pela vontade e acção de um Deus possuidor de um plano ou propósito (sondável ou insondável) que inexoravelmente se impunha sobre a vida das suas criaturas. A obediência à vontade de Deus era a única via ou opção à disposição do ser humano como forma de atingir a sua salvação - seu propósito existencial. O destino individual era, assim, visto como pré-determinado e, consequentemente, *certo*. Com o advento da Modernidade, outras meta-narrativas emergiram, embora não tão impositivas e inclusivas (Coimbra, 2005): a narrativa democrática (após a Revolução Francesa) com os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade; ideologias políticas anunciando o advento de uma sociedade mais justa; as promessas da ciência e da tecnologia com a sua criação de uma ilusão de explicabilidade, certeza e controlabilidade dos processos naturais e sociais. Contudo, o carácter menos impositivo e inclusivo destas meta-narrativas emergentes já abriu espaço ao processo de individualização e à emancipação do sujeito psicológico, com o consequente alargamento do seu leque de opções e escolhas (Coimbra, 2005; Figueiredo, 2002). A construção de um sentido para a existência deixa de poder ser totalmente extraído de uma grande meta-narrativa colectiva e inclusiva e tal fardo passa a recair, pelo menos parcialmente, sobre o indivíduo.

Contudo, o processo de individualização que originou, num primeiro momento, a emergência do sujeito psicológico não conduziu, de forma imediata, a este indivíduo entregue a si próprio num confronto individual com a sua incerteza biográfica. Com a chegada do período da Modernidade e a confiança que foi depositada no progresso científico e tecnológico, surgiu a crença na crescente capacidade de controlo do mundo natural e humano. A prévia e predominante determinação dos percursos biográficos na base do grupo social de pertença e de laços sociais locais foi sendo progressivamente substituída por uma nova estrutura normativa do curso de vida – o “curso de vida institucionalizado” (Kohli, 1986). Foi

sendo, assim, introduzido um programa normativo orientador dos percursos de vida individuais que permitia o desenrolar de um estilo de vida institucionalmente legitimado e protegido através da instauração de sistemas de segurança social de larga escala (Kohli, 1986). Surge desta forma a ficção da possibilidade de organização de percursos de vida certos, seguros e previsíveis, assentes na integração dos indivíduos em grandes grupos sociais (classes) e em padrões de divisão do trabalho assentes nestas construções sociais tidas por “naturais” como, por exemplo, as relativas aos papéis de género. Contudo, a crescente incongruência entre a possibilidade de determinação individual dos percursos de vida e os constrangimentos sócio-institucionais que limitavam tal possibilidade vieram questionar a legitimidade do “curso de vida institucionalizado” (Kohli, 1986) e de uma biografia assente no “estatuto social” (Levy, 1996). Certezas relativas aos papéis de género começaram a ser desconstruídas por força do surgimento dos movimentos feministas que resultaram em mudanças normativas e práticas relativas ao papel da mulher no contexto da família e do mundo do trabalho. Transformações no mundo do trabalho, com introdução de uma crescente variabilidade e flexibilidade nas relações laborais, incrementando vínculos precários, produziram profundas alterações na “normal” relação entre empregado e empregador e nos próprios percursos profissionais institucionalizados (Sennett, 1998; Zinn, 2008). Transformações no mundo da família como consequência da emancipação da mulher e mutação nos papéis de género, da normalização da quebra de relações conjugais e do crescente reconhecimento de orientações sexuais não hétero-normativas conduziram à desconstrução do conceito de família “normal” e introduziram uma maior variabilidade de composições familiares. Todas estas transformações sociais conduziram à erosão da certeza associada ao “curso de vida institucionalizado” e introduziram maior variabilidade e imprevisibilidade nos percursos biográficos.

O fracasso do projecto de construção de certeza através do controlo e previsibilidade, alicerçado na racionalidade inerente ao desenvolvimento científico e tecnológico conduziu a

uma incerteza que adquire contornos sistémicos (Bonß & Zinn, 2003). De acordo com Coimbra (2005), esta é exacerbada pela conjugação de três ordens de fenómenos típicos da modernidade tardia: o défice de socialização; o “cientismo” como ideologia; o extremar do processo de individualização da vida social. O défice de socialização refere-se ao enfraquecimento de referências colectivas (as meta-narrativas anteriormente mencionadas), tanto ao nível primário (o da família) como ao nível secundário (da escola e da comunidade). As consequências deste défice reflectem-se na diminuição da inclusão e coesão social (tendo como uma das suas consequências a erosão do capital social e o resultante défice comunitário) (Putnam, 2000), assim como num sentimento de insegurança relativamente ao legado cultural a ser transmitido às novas gerações pelos representantes da geração adulta (Arendt, 1961). Quanto ao “cientismo” como ideologia, encontramos aqui perante as consequências paradoxais da racionalidade científica e sua extensão tecnológica. As elevadas expectativas de controlo criadas pela crença nas capacidades da ciência e da tecnologia conduziram ao agudizar da percepção de sucessivas gerações de novos riscos (como os ambientais e tecnológicos) (Beck, 1992). Adicionalmente, quanto mais informação e conhecimento é gerado, maiores são as expectativas de controlo da realidade, mas também maior é a percepção da insuficiência das mesmas, dado que novos riscos, novas incertezas, novos domínios do desconhecido são, por esta via, também gerados. Por último, o extremar do processo de individualização, com o radical subjectivismo que lhe vem associado, tende a extremar a responsabilidade individual pela forma como cada pessoa gere o seu percurso biográfico, levando a uma percepção dos processos de tomada de decisão como emanações exclusivas de capacidades ou debilidades pessoais. Este processo de absolutização da responsabilidade pessoal e a individualização dos riscos aumenta o confronto individual com a incerteza, percebida como exclusivamente dependente da capacidade de controlo e agência individual na sua confrontação com uma realidade externa complexa, anómica e fragmentada.

Aos três fenómenos atrás descritos como fontes externas de incerteza acrescenta-se uma outra fonte mais interna ou intra-psicológica – a dificuldade inerente à construção de significado como forma de simbolizar o mundo e nos orientarmos nele (Coimbra, 2005; Marris, 1996). Ora, a actividade de produção de significado é indispensável à produção de um sentido de coerência, consistência, previsibilidade e controlo sobre as nossas vidas e o mundo. Como afirma Coimbra (2005), a vida torna-se viável apenas na medida em que nos seja possível simbolizar a nossa experiência de estar no mundo. O vazio resultante da ausência dessa possibilidade não é humanamente tolerável e transforma a nossa experiência em algo *diabólico* (por oposição a *simbólico*) ou carente de sentido (Coimbra, 2005). Simbolizamos o mundo e a nossa experiência de vida a todos os níveis do funcionamento psicológico (das emoções, sentimentos, pensamentos e comportamentos), constituindo estes modos e linguagens distintos de produção e expressão de significado. Ora, num mundo caracterizado pela instabilidade, precariedade, constante mutação, indeterminação e incerteza, a capacidade de simbolização ou de produção de significado fica seriamente ameaçada. Sem um mínimo de estabilidade e de previsibilidade, torna-se difícil construir expectativas ou projectos de vida ao nível pessoal, relacional e grupal. Quando tal não ocorre, o indivíduo encontra-se perante a tarefa de gestão da incerteza na sua vida. De acordo com Marris (1996), a gestão individual da incerteza poderá passar por uma atitude de manutenção do leque de escolhas em aberto (dada a inexistência de um mínimo de certeza ou previsibilidade na qual basear uma tomada de decisão), por um retorno a algo que é percebido como certo ou familiar, ou mesmo pela queda num estado de desespero (próximo do que Seligman designou de *desânimo aprendido*) (Seligman, 1972).

2. A incerteza e seus efeitos ao nível da gestão biográfica

Do atrás exposto podemos afirmar que, nas sociedades actuais da modernidade tardia, a incerteza se apresenta como uma realidade sistémica que afecta a generalidade dos indivíduos. Nesse sentido, Bonß & Zinn (2003) acabam por equiparar a gestão biográfica à gestão da incerteza. Dado que qualquer acção intencional e teleologicamente dirigida à concretização de um objectivo ou projecto de vida só é possível ou viável quando assente numa base de certeza mínima, podemos afirmar que a gestão da incerteza se pode definir, em parte, como o processo da sua redução a níveis toleráveis que permitam a tomada de decisões e o exercício da acção humana. Este processo pode ser definido, de acordo com Zinn (2008), como a transformação de uma esfera de possibilidades num conjunto de expectativas compreendendo um número limitado de opções a partir das quais pode ser feita uma escolha cujas consequências podem ser avaliadas. Por outras palavras, e em termos de Bonß (1995), a certeza acontece quando “contingências ingeríveis” são redefinidas como “complexidades geríveis” ou manejáveis. Por este processo de redefinição procede-se a uma divisão entre o que é controlável e manejável, por um lado, e o incontrolável e não manejável, por outro, que dependerá de indivíduo para indivíduo em função dos recursos que possua e do seu estilo próprio de confronto com a incerteza. Zinn (2008), com base num estudo qualitativo onde foram entrevistados 20 participantes com idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos, desenvolveu e propôs um modelo de gestão da incerteza biográfica composto de 5 tipologias. Este modelo assenta nos seguintes pressupostos: (1) a obtenção de um certo grau ou nível de certeza biográfica ocorre sempre por um processo de remissão a normas de referência, ou seja, modelos culturalmente definidos do que seria a forma correcta de viver ou concepções de “normalidade”; (2) os acontecimentos inesperados são sempre atribuídos ou ao próprio indivíduo, na forma de riscos, ou a factos externos, na forma de perigos; (3) todas as expectativas são dirigidas ao futuro mas moduladas pela perspectiva temporal, podendo o

indivíduo albergar expectativas de curto até longo prazo que podem, inclusive, abarcar a totalidade do ciclo vital; (4) toda a acção tem que estar assente numa base segura que possa proteger o indivíduo de acontecimentos inesperados. Com base nestes pressupostos, o modelo de gestão biográfica proposto por Zinn (2008) compreende os seguintes tipos ou modos: *“tradicionalização”*, *aproximação*, *optimização*, *autonomização* e *contextualização*. O modo de *“tradicionalização”* remete para o cumprimento de normas sociais inscritas na tradição cultural. Possíveis desvios e acontecimentos inesperados não são aqui previstos e, em consequência, não são tomadas precauções caso eles ocorram. Incertezas biográficas são encaradas como perigos e, como não existe, numa forma de gestão biográfica assente em critérios de normalidade, espaço para as integrar, elas, quando ocorrem, assumem a qualidade de catástrofes. No modo de *aproximação*, a associação da conduta a normas dadas pela tradição já não é tão visível pois esta é objecto de interiorização e modificação em função das experiências práticas de vida. Em vez de um corpo de normas associadas à tradição, emerge uma ética geral definidora do que é certo e do que é errado que é objecto de implementação individual no contexto de uma determinada realidade biográfica. Os critérios normativos apresentam aqui a mesma validade inquestionável que era característica do modo de *“tradicionalização”*, contudo a sua aplicação é mediada por critérios de senso comum que têm em conta os contornos da realidade e permitem a abertura necessária para a gestão de situações ou problemas inesperados. Assim, e em contraste com o modo de *“tradicionalização”*, no modo de *aproximação* é reconhecida a possibilidade de ocorrência de acontecimentos inesperados. Trata-se, no entanto, de um reconhecimento bastante inespecífico, o que compromete precaver-se relativamente a tais acontecimentos. Tal como acontece no modo de *“tradicionalização”*, também aqui o futuro é tido como *certo*: naquele primeiro modo de gestão, porque futuro é uma reprodução do passado e do presente; no modo de *aproximação*, porque o futuro é determinado de acordo com um ideal ético. A incerteza e insegurança são residuais e pequenos desvios são meros contra-tempos no

caminho para o referido ideal. A assumpção de compromissos de longo prazo é pois vista como natural e isenta de problemas para ambos.

Os modos de *optimização* e *autonomização*, ao contrário dos anteriores, encontram-se assentes numa lógica de assumpção de riscos em contexto de mercado aberto e concorrencial. Os critérios de referência para a gestão biográfica têm em conta um determinado mecanismo de funcionamento da realidade. Podemos referir-nos aqui ao mecanismo de funcionamento dos mercados económicos, das relações laborais ou mesmo da escolha de parceiros conjugais quando dele extraímos uma determinada lei, mecanismo ou forma de funcionamento como pode ser a que deriva do princípio da competitividade. De acordo com este modo de gestão da certeza, a vida é vista como uma luta para a obtenção de sucesso ou para o evitamento do fracasso. No modo de *optimização*, a incerteza é percepcionada como um acidente ou como resultante de erros de cálculo ou imprudências que conduzem o sujeito a uma posição de “perdedor”. Neste modo de gestão da incerteza biográfica, as incertezas são entendidas como riscos não passíveis de serem totalmente calculados ou previstos dado que a possível ocorrência de “acidentes” pode conduzir ao fracasso um determinado empreendimento ou investimento pessoal que aparentemente, e à partida, parecia reunir todas as condições para o sucesso. A certeza torna-se, assim, uma condição nunca totalmente atingível dado que existe sempre a possibilidade do azar que leva ao fracasso no contexto da luta competitiva característica do funcionamento do “mercado”. No modo de *autonomização*, ocorre já uma dissociação ou emancipação relativamente a normas ou lógicas de mercado. Tal movimento dissociativo assenta no desenvolvimento da própria personalidade e da capacidade de acção autónoma com o objectivo de abrir espaços e possibilidades de realização individual. A incerteza biográfica é percepcionada, então, como um risco desenvolvimental resultando da oposição das normas ou padrões normativos externos a um movimento de auto-desenvolvimento e afirmação pessoal. Experiências negativas resultantes deste choque ou oposição podem, contudo, ser consideradas como experiências valiosas com carácter

desenvolvimental (experiências de aprendizagem que fortalecem e reforçam o modo de *autonomização*). Em termos de horizonte temporal, estes dois últimos modos de gestão da incerteza biográfica diferem dos dois primeiros na medida em que concebem o futuro como algo aberto que abarca a possibilidade de ocorrência de acontecimentos novos e inesperados. Embora tais acontecimentos apareçam sempre associados a um percurso desenvolvimental, a sua integração difere nestes dois modos de gestão da incerteza biográfica: no modo de *optimização* estamos perante uma lógica desenvolvimental adictiva e linear caracterizada por um acumular de competências e recursos optimizadores ou promotores das possibilidades de sucesso; no modo de *autonomização* encontramos uma lógica desenvolvimental mais integrativa onde as experiências pessoais que se vão sucedendo ao longo do ciclo de vida promovem o desenvolvimento da personalidade. Em contraste com os modos de “*tradicionalização*” e *aproximação*, onde a certeza era obtida por recurso a fontes externas (normas sócio-culturais), nos modos de *optimização* e *autonomização* a construção de uma certeza básica (indispensável à acção) advém de fontes internas – o desenvolvimento de competências acumuladas com vista à optimização ou da própria personalidade no sentido da autonomização.

Por último, o modo de *contextualização* constitui uma forma aberta de lidar com as normas e a realidade. Em função do contexto, determinadas normas orientadoras da acção podem ser adoptadas ou rejeitadas. Ambas as atitudes são possíveis, sem que haja um compromisso ou ligação exclusiva ou preferencial a um determinado modo de gestão da incerteza. A título de exemplo, neste modo, a adesão temporária a um modelo de família ou de emprego normativo são possíveis, caso as circunstâncias o permitam. Quando tal se torne impossível, outro modo de gestão da incerteza pode assumir preponderância. A incerteza biográfica é aqui entendida como um espaço de oportunidades associado ao risco, sempre presente, de poder ocorrer um resultado diferente do inicialmente previsto, por mais planificação e cuidado que tenha existido por parte do indivíduo. Aqui existe a consciência das

limitações do cálculo racional dos riscos e o perigo associado à gestão da incerteza é um perigo de segunda ordem, dado que associado a tais limitações. Contudo, o que torna distintivo este modo de gestão da incerteza não é a consciência de que o curso dos acontecimentos pode ser sempre diferente do previsto, mas sim o facto de tal consciência conduzir a uma mais flexível reinterpretação da situação em causa: enquanto no modo de *optimização* as limitações do cálculo racional dos riscos são sempre interpretadas de forma negativa como uma ausência de controlo sobre a realidade, no modo de *contextualização* as consequências imprevistas são objecto de uma interpretação positiva como oportunidades de acesso a experiências novas e imprevistas.

Embora alguns modos de gestão da incerteza biográfica possam ser mais adaptados a certos contextos sócio-históricos que outros, podemos considerar que, no presente momento da Modernidade Tardia, vários modos coexistem. Cada um apresenta problemas distintos, assim como consequências distintas na moldagem dos percursos de vida num contexto onde a incerteza se tornou sistémica. A vantagem dos modos de “*tradicionalização*” e *aproximação* consiste na sua capacidade de redução da complexidade, eficaz na construção de certeza para a orientação dos percursos de vida, contudo precludem a possibilidade de uma construção biográfica autónoma e individualizada. Já os modos de *optimização* e *autonomização* permitem esta construção, constituindo-se cada indivíduo como um departamento de planeamento biográfico (Beck, 1992). Num contexto de sucesso normativo, o facto de tanto os sucessos como os fracassos serem exclusivamente remetidos a uma esfera de responsabilidade individual constitui, contudo, um risco, já que a psychologização da gestão dos percursos de vida, associada à pressão social, aumenta a competitividade num ambiente incerto e hostil. Dado nem todos possuírem os mesmos recursos materiais, sociais e psicológicos devido a uma desigual distribuição dos mesmos, inevitavelmente surgirão “perdedores”. Nesses casos, a gestão do “fracasso” tenderá a assumir o carácter de crise psicológica devido à auto-culpabilização ou responsabilização do “perdedor”, apesar de poder

não ser mais do que uma vítima de circunstâncias ou condições externas adversas (e.g., ausência de recursos externos indispensáveis à obtenção de sucesso) – referimo-nos aqui ao fenómeno de culpabilização da vítima. Por último, o modo de *contextualização*, por contraposição aos modos de *optimização* e *autonomização*, abandona a perspectiva de desenvolvimento biográfico geral, que substitui por projectos biográficos individuais. Daí resulta uma maior flexibilidade na gestão de desenvolvimentos biográficos inesperados. Os indivíduos compreendem a natureza ilusória da gestão racional dos riscos, abrindo a sua planificação e gestão biográficas a processos emocionais e intuitivos. De acordo com Zinn (2009), neste modo de gestão da incerteza biográfica, a prevalência em muitos grupos e instituições sociais de uma lógica normativa e padronizada (como ocorre no exercício de inúmeras profissões), que exige obediência caso o indivíduo pretenda aí conduzir a sua acção de forma eficaz, pode constituir uma fonte de atrito. Daqui decorre que a possibilidade de desenvolvimento de um projecto biográfico individual também não escapa a constrangimentos externos e estruturas sociais conformadoras da acção individual.

3. Abordagens cognitivas e motivacionais à incerteza

A literatura psicológica tem sido, nas últimas décadas, bastante fértil na criação de um leque extremamente alargado e variado de abordagens à incerteza. Os trabalhos realizados cobrem várias áreas e dimensões de análise. No âmbito da psicologia cognitiva salienta-se os trabalhos sobre *persuasão* e os processos através dos quais a confiança influencia o *self* (Briñol & Petty, 2003; Briñol, DeMarree & Petty, 2010), sobre as consequências negativas decorrentes do exercício da liberdade num contexto que apresenta um número cada vez mais vasto de possibilidades de escolha (Schwartz, 2000, 2010), sobre os processos de auto-regulação em condições de justiça procedimental (Van den Bos, 2001), sobre o uso do instinto em face da incerteza situacional (Kruger, Wirtz & Miller, 2005) e sobre a orientação perante a incerteza

(Sorrentino, Seligman, & Battista, 2007; Szeto & Sorrentino, 2010). No âmbito motivacional, destaca-se aqui a Teoria da Gestão do Terror (Greenberg, Solomon, Pyszczynski, & Lyon, 1989), os trabalhos sobre o papel da incerteza sobre os processos de auto-avaliação (Swann & Ely, 1984), a abordagem aos estilos de auto-avaliação e sua relação com as dúvidas acerca de si próprio (Reich & Arkin, 2006) e a abordagem da teoria da *preparação* como processo indispensável à gestão e planificação de objectivos e projectos de vida (Carroll, 2010). Por último, no âmbito clínico, destaca-se os trabalhos acerca da relação entre a percepção de valor próprio e dúvidas acerca de si próprio como forma de reduzir o uso de estratégias de *coping* desadaptativas (Hermann, Leonardelli & Arkin, 2002), a abordagem à relação existente entre a dúvida acerca de si próprio e os mecanismos de defesa (Cramer, 2007) e os estudos sobre as implicações da auto-estima sobre a defensividade e a insegurança (Kernis, 2005).

De entre as abordagens à incerteza atrás mencionadas, seleccionamos duas pela sua maior pertinência para os processos de gestão da incerteza biográfica no processo de transição para a vida adulta: a abordagem relativa aos tipos de *orientação* perante a incerteza (Teoria da Orientação para a Incerteza) (Szeto & Sorrentino, 2010) e a abordagem da teoria da *preparação* para a incerteza (Carroll, 2010). Por um lado, o tipo de orientação perante a incerteza (*orientação para a certeza* ou *orientação para a incerteza*) terá efeitos relevantes nos processos de tomada de decisão dos jovens em trânsito para a vida adulta, influenciando o rumo das suas trajectórias biográficas. Por outro, os processos inerentes à *preparação* para o confronto com acontecimentos futuros em contexto de incerteza terão uma influência decisiva na forma como os jovens abordam os seus objectivos e projectos de vida nesta fase de transição. Seguidamente procedemos à exposição destas duas abordagens à incerteza.

3.1. A orientação para a incerteza

As abordagens psicológicas e sociológicas à temática da incerteza frequentemente centram-se nos efeitos negativos que esta exerce sobre a vida dos indivíduos ao conduzir a estados de dúvida, hesitação, indecisão, insegurança e medo. Nesta perspectiva, a resposta à incerteza percebida consiste na tentativa da sua redução a limites experienciados como controláveis de forma a obviar a tais efeitos. Contudo, não podemos perder de vista os aspectos positivos inerentes à condição de incerteza. Fromm (1947, p. 45) sublinhava a sua essencialidade como ingrediente indispensável ao processo de descoberta e de compreensão de nós próprios e do mundo que nos rodeia ao afirmar que “a procura de certeza bloqueia a busca de significado [...] a incerteza é a condição necessária que impele o homem a desenvolver os seus poderes”. Tendo em conta esta premissa, a *Teoria da Orientação para a Incerteza* postula que os efeitos da incerteza estão dependentes dos estilos de auto-regulação utilizados na sua abordagem (e.g., Szeto & Sorrentino, 2010). Esta teoria propõe a existência de dois estilos distintos de auto-regulação ao lidar com a incerteza: o *orientado para a incerteza* e o *orientado para a certeza*. Os indivíduos *orientados para a incerteza* são atraídos por situações de incerteza, confrontam-nas e tentam solucioná-las de forma persistente e sistemática. Trata-se de pessoas especialmente vocacionadas para se envolverem em actividades que permitem aprendizagens acerca de si próprias, preferindo informação relevante para a avaliação das suas capacidades (Sorrentino & Hewitt, 1984). Já os indivíduos *orientados para a certeza* tendem a ignorar situações onde a incerteza está envolvida. Por regra a sua estratégia neste tipo de situações envolve o uso de critérios heurísticos e de pouco esforço pessoal (como, por exemplo, o recurso a peritos ou o apoio em normas de grupo – Hodson & Sorrentino, 1997) ou a procura da manutenção de um estado de certeza através do recurso a conhecimentos previamente adquiridos com o objectivo de evitar estados de confusão inerentes ao confronto com a incerteza. Trata-se de pessoas motivadas por situações

onde a certeza prevalece, evitando aquelas que questionam as suas competências e implicam novas aprendizagens (especialmente acerca de si próprias) (Sorrentino & Hewitt, 1984). Têm uma preferência por estratégias de auto-confirmação do seu sistema de auto-conhecimento, buscando clarificação e certificação daquilo que já conhecem. De acordo com Sorrentino & Roney (2000), indivíduos *orientados para a incerteza* desenvolvem uma apetência pela auto-avaliação e procura da verdade mesmo que tal implique uma substancial reformulação do seu auto-conhecimento prévio e tenha potenciais efeitos negativos. Os indivíduos tendem, assim, a diferenciar-se na sua postura perante a auto-descoberta e o auto-conhecimento. Certos indivíduos tendem a possuir um impulso de exploração, descoberta e aprendizagem acerca de si próprios e do mundo que os rodeia, enquanto outros sentem-se mais à vontade com a estabilidade inerente ao já conhecido, preferindo não lidar com novas situações e oportunidades potenciadoras de confusão e ambiguidade.

No quadro desta teoria, o processamento da informação depende essencialmente do tipo de orientação perante a incerteza - um postulado que é contrário ao das abordagens que afirmam que o processamento da informação depende da relevância pessoal da mesma (e.g., Chaiken, 1980). Nesta óptica, quem possui uma *orientação para a incerteza* sente-se motivado e positivamente desafiado por situações de incerteza, dado o seu potencial de descoberta acerca de si e do mundo. Por seu turno, quem é *orientado para a certeza* sente especial motivação para se envolver em situações tidas como certas dado que constituem uma oportunidade para o reforço da clareza e certeza pessoal. Desta forma, quando a certeza ou incerteza de uma dada situação se emparelha com a orientação do indivíduo, este sente-se motivado para activamente se envolver na mesma e processará a informação relevante de forma sistemática ou pela via central. Nas situações de desemparelhamento os indivíduos reagirão de forma passiva e procederão a um processamento da informação de forma heurística e pelas vias periféricas. De acordo com esta perspectiva, a relevância pessoal da informação tem um papel meramente modulador da resposta: com o aumento de tal

relevância, o tipo de processamento de informação envolvido, seja ele sistemático ou heurístico, é concomitantemente acentuado; pelo contrário, quando a relevância pessoal diminui, o tipo de processamento envolvido tende também a decrescer.

Olhada a partir de uma perspectiva motivacional, a *Teoria da Orientação para a Incerteza*, apesar de se ter desenvolvido a partir da teoria da motivação para a realização postulada por Atkinson (e.g., Atkinson & Raynor, 1974), apresenta relevantes desenvolvimentos e reformulações relativamente à mesma. De acordo com a teoria da motivação para a realização, os indivíduos seriam motivados por uma de duas forças: a necessidade de sucesso ou o medo ao fracasso. Estas duas forças motivacionais actuariam de forma independente uma da outra e ambas existiriam simultaneamente no indivíduo. Desta forma, quem possuísse elevadas necessidades de sucesso e baixo medo ao fracasso seria um indivíduo orientado para a realização, evidenciando bom desempenho em tarefas potenciadoras de auto-realização. Por seu turno, indivíduos possuidores de baixas necessidades de realização e elevado medo de fracasso seriam motivados pelo medo a tal fracasso e exibiriam baixo desempenho em situações associadas à auto-realização pelo efeito dos altos níveis de ansiedade associados à possibilidade de fracasso. Neste processo, a situação interage com a motivação primária do indivíduo dado que tal motivação emerge apenas quando a situação se apresenta como pessoalmente valiosa e suscita o envolvimento emocional. Em tais casos, os indivíduos motivados para o sucesso exibirão um desempenho superior àqueles cuja primordial motivação é o medo do fracasso. Caso a situação não seja emocionalmente estimulante, as forças motivacionais (tanto para a obtenção de sucesso como para a fuga ao fracasso) não serão activadas e não se encontrarão diferenças entre os diferentes indivíduos. No contexto da sua teoria da motivação, Atkinson não forneceu resposta quanto ao que constituiria uma situação emocionalmente estimulante. Afirmou, contudo, e baseado nas teorias de expectativa-valor, que a motivação para a realização seria mais estimulada quando a dificuldade da tarefa fosse intermédia (por oposição a fácil ou difícil),

onde haveria um compromisso entre a expectativa e o valor do sucesso. Tal asserção foi reinterpretada por Trope (1975) e Weiner (1972), que assumem que as tarefas de dificuldade intermédia só são motivantes quando fornecem informação acerca do indivíduo em confronto com a tarefa, tendo maior valor informacional quanto à avaliação das suas competências (Trope & Brickman, 1975). Por seu lado Weiner (1972) explica o mesmo fenómeno pelo facto do sucesso ou fracasso em tarefas de dificuldade intermédia tender a ser preferencialmente atribuído a características próprias e não ao acaso ou a factores inerentes à tarefa em si, como ocorre no caso de tarefas fáceis ou difíceis. A *Teoria da Orientação para a Incerteza* chama a atenção para o facto de as tarefas de dificuldade intermédia serem precisamente aquelas que evidenciam maior incerteza quanto à sua possibilidade de sucesso ou fracasso (Sorrentino, Short & Raynor, 1984). Sorrentino, Shorter & Raynor (1984) demonstraram experimentalmente que a motivação para a realização não interagia com a situação para a determinação dos resultados do desempenho: era a orientação perante a incerteza que interagia com a situação e a motivação para a realização, determinando assim o desempenho. Desta forma, indivíduos *orientados para a incerteza* tenderiam a investir em actividades de dificuldade intermédia dado estas conterem maior índice de incerteza quanto ao seu resultado. Já os indivíduos *orientados para a certeza* tenderiam a investir em tarefas fáceis ou difíceis, dado estas conterem maior certeza quanto a um possível sucesso ou fracasso. A orientação perante a incerteza passa por estes autores a ser entendida como um factor de segunda ordem que explica e interfere nos tipos de interacção que ocorrem entre a motivação para a realização e a incerteza inerente à situação. Assim, é o envolvimento do sujeito em situações onde existe emparelhamento entre a orientação perante a incerteza e a incerteza situacional que activará a motivação para a realização levando à sua diferente expressão em indivíduos com motivação para o sucesso e outros com motivação para evitar o fracasso. Por contraposição, em caso de desemparelhamento, a passividade do indivíduo desactivará a

motivação para a realização conduzindo à sua não expressão, traduzindo-se isso num desempenho não tendente à obtenção de sucesso na tarefa.

3.1.1. A orientação para a incerteza no domínio interpessoal

A orientação para a incerteza como estilo de auto-regulação não se confina ao âmbito do eu (*self*) entendendo-se também para o domínio inter-relacional, afectando a forma como o indivíduo percepção e interage com os outros. Como já foi atrás afirmado, o processamento de informação encontra-se dependente do tipo de orientação para a incerteza e da própria incerteza inerente à situação em causa. Hodson & Sorrentino (2003) demonstraram ainda que a fonte da informação (se provém do grupo de pertença ou de outro grupo), assim como como a posição veiculada (se é a favor ou contra a posição ou atitude do indivíduo) tem efeito diferenciado na quantidade de processamento sistémico de informação que é processada por indivíduos *orientados para a certeza* e indivíduos *orientados para a incerteza*. Neste contexto, a informação pode ser considerada como congruente quando provém de um membro de grupo rival e está em desacordo com a posição do indivíduo ou quando provém do próprio grupo de pertença e está alinhada com a posição do indivíduo. Nestes casos, a informação é congruente com as expectativas pessoais e percebida como “certa”. Pelo contrário, a informação será tida como incongruente quando provenha de outro grupo e esteja de acordo com as posições pessoais acerca da temática em questão ou quando provenha do grupo de pertença e esteja em desacordo com as posições pessoais do indivíduo sobre tal temática. Nestes casos, a informação é incongruente com as expectativas pessoais e tida como “incerta”. Indivíduos *orientados para a incerteza* quando confrontados com informação incongruente tendem a fazer uma análise mais minuciosa dessa informação, a gerar um maior número de ideias acerca do tema e a envolverem-se num processamento sistemático da informação. Inversamente, indivíduos *orientados para a certeza* tendem a

proceder a este tipo de processamento sistemático da informação quando esta é congruente, gerando mais idéias e fazendo análises mais minuciosas e aprofundadas relativamente a este tipo de informação. Em conformidade com estes dados, Sorrentino, Seligman & Battista (2007) também demonstraram que quando os indivíduos se encontram motivados por uma ligação ao seu grupo de pertença, aqueles que são *orientados para a certeza* avaliam o seu grupo de forma mais positiva e tendem a julgar os seus próprios valores como mais próximos e equiparados aos valores do seu grupo de pertença, quando comparados com os indivíduos *orientados para a incerteza*. Resultados semelhantes foram encontrados em diversas culturas (e.g., Sorrentino & Hewitt, 1984).

3.2. A Preparação

Dada a maior ou menor incerteza que o futuro sempre invoca, os seres humanos acabam por estar constantemente envolvidos na antecipação de possíveis acontecimentos de forma a melhor se poderem adaptar às contínuas mudanças do ambiente em que vivem. Mesmo em situações de elevada incerteza e de contínuas mudanças nos contextos de vida, os dados empíricos evidenciam que os indivíduos possuem uma notável capacidade de ajustamento através da geração de respostas antecipatórias susceptíveis de lidar adaptativamente com as suas contingências de vida (Trommershäuser, Landy & Maloney, 2006). De um ponto de vista motivacional, Carroll e colaboradores (Carroll, Sweeny & Shepperd, 2006) propõem que a motivação para a preparação está por detrás do impulso para a elaboração de respostas antecipatórias a situações futuras. Preparação é aqui entendida como um objectivo adaptativo de se colocar em estado de prontidão para responder em ambientes externos instáveis, para melhor lidar com as potenciais fontes de mudança (Carroll et al., 2006). Neste contexto, a pessoa pode-se preparar tanto para lidar com potenciais ameaças e perigos como para o aproveitamento ou mesmo criação de novas oportunidades. A

preparação para um futuro imediato ou para um futuro relativamente distante apresenta, contudo, diferenças. Por um lado, a motivação para lidar com o futuro imediato tende a ser maior que a motivação para lidar com um futuro longínquo. Por outro, para ser eficaz, a preparação tem de ser capaz de prever as acções e suas prováveis consequências. Contudo, se esta previsão se estender demasiado no futuro terá como consequência um alargamento excessivo do leque de possibilidades e constrangimentos com o consequente esgotamento dos recursos mentais e debilitação da própria capacidade de acção.

De acordo com Carroll (2010), a preparação constitui uma necessidade básica do ser humano. O seu carácter de motivação humana básica reflecte-se nos seguintes aspectos: (a) ela determina processos cognitivos, afectivos e comportamentais; (b) ela determina padrões motivacionais específicos; (c) a sua falta acarreta efeitos negativos para a saúde física e o bem-estar psicológico; (d) tem implicações para além do nível meramente psicológico de análise. Olhemos de forma mais detalhada para cada um destes aspectos da preparação como factor motivacional.

Várias linhas de investigação tendem a sustentar, por exemplo, que a memória tem como uma das suas funções primordiais a preparação para acontecimentos de vida futuros. Esta função tende a orientar a forma como processamos a aquisição de conhecimentos, a sua representação e subsequente aplicação (Carroll, 2010; Higgins, 1996), gerando um estado de prontidão perceptual (Bruner, 1957). Investigações mais recentes sugerem também que a motivação para a preparação está na base de padrões automáticos de comportamentos sociais, nomeadamente aqueles que se consubstanciam na expressão de estereótipos (Cesario, Plaks & Higgins, 2006). Num passado mais longínquo, Jones & Gerrard (1967) já haviam afirmado que a sobrevivência e adaptação do indivíduo exigiam a confluência de várias tendências de acção em competição numa *orientação comportamental inequívoca* de forma a maximizar a preparação para responder a acontecimentos futuros incertos.

Carroll considera que as pessoas utilizam conhecimentos armazenados de modo a maximizar a sua preparação para enfrentar acontecimentos futuros incertos através de dois mecanismos: a consciência autonoética e a construção de expectativas (Carroll et al., 2006; Carroll, 2010).

A consciência autonoética como fomentadora da preparação parece constituir um mecanismo particularmente apto a traduzir o conhecimento adquirido em simulações e expectativas preparatórias de resultados futuros (Tulving, 1983). Ela permite-nos viagens mentais a experiências passadas assim como uma projecção temporal no futuro estimulando a preparação de futuros episódios de vida (Roberts, 2002). É esta projecção no futuro, através da construção de expectativas que se encontra na base da formação de intenções e construção de planos a realizar no futuro (Roberts, 2002; Tulving, 1983). De acordo com Roberts (2002), a capacidade de viajar mentalmente através da consciência autonoética dota o pensamento antecipatório de quatro particularidades ao serviço da preparação: a aprendizagem associada a reforços diferidos no tempo; aprendizagem associada a reforços diferenciados associados a baixos índices de resposta; o auto-controlo; a perspectiva temporal. A possibilidade de aprendizagem por reforços diferidos no tempo dota os indivíduos da capacidade de antecipação de consequências mesmo em situações onde existe um lapso considerável de tempo entre uma determinada resposta e a sua consequência; a capacidade de aprendizagem por reforço diferencial de baixos índices de resposta permite a antecipação de consequências de uma resposta prematura a um estímulo que requer uma resposta diferida no tempo – a antecipação de tais consequências permite a inibição de respostas prematuras em favor de respostas retardadas de forma a maximizar as compensações; a capacidade de auto-controlo apoia-se substancialmente na capacidade de proceder a uma diferenciação temporal entre um futuro mais imediato e um futuro distante, o que permite a preparação para desafios e exigências mais longínquas no tempo – esta associação entre auto-controlo e perspectiva temporal permite o ajustamento de expectativas e planos a ambientes e circunstâncias em

mutação, continuamente aprendendo a partir das sucessivas contingências ambientais de forma a maximizar os resultados das suas acções. A preparação será a força motivacional que conduz os indivíduos a regular as suas acções de forma a responder adequadamente a exigências e desafios ambientais futuros (Roberts, 2002; Suddendorf & Corballis, 1997).

As expectativas, formadas a partir de experiências passadas, traduzem-se num estado de preparação para dar resposta a ameaças e oportunidades futuras (Carroll et al., 2006; Roese, 1997). Tais experiências passadas terão saliência e valor como experiências preparatórias para acontecimentos futuros desde que sejam relevantes para o efeito. Assim, as preocupações de preparação orientam a selecção e construção das memórias ao atribuírem um valor desproporcional às memórias avaliadas como relevantes para a preparação para acontecimentos futuros. Em palavras de Carroll, as preocupações de preparação determinam o que é “memorável acerca das memórias” relativas a acontecimentos importantes passados, de forma a maximizar a preparação para acontecimentos futuros semelhantes (Carroll, 2010, p. 271). Indivíduos que passam por experiências de pico emocional (*peak experiences*), por exemplo, tendem a dar um peso desproporcional a estes momentos e aos momentos finais (que marcam o desfecho da experiência emocional) (Fredrickson, 2000) por terem maior relevância na preparação para experiências futuras semelhantes (Fredrickson, 2000). Paralelamente, mudanças quanto às perspectivas de futuro introduzirão mudanças nas expectativas (Carroll, 2010). De acordo com Carroll (2010) o acesso a nova informação pode assumir três formas. Primeiro, com a aproximação dos acontecimentos, os indivíduos têm acesso a informação mais precisa relativamente aos resultados das suas acções e aos processos inerentes, um facto que pode conduzir a uma alteração de expectativas com o objectivo de aumentar o rigor das previsões e consequentemente a prontidão para responder aos desafios iminentes. Em segundo lugar, o aproximar dos acontecimentos conduz a uma maior focalização na análise da informação existente como efeito da crescente responsabilidade experienciada relativamente ao desfecho de uma dada situação ou a

mudanças na forma como a situação é percebida. Os próprios estados de humor que se vão formando podem servir de indicador quanto à actuação do indivíduo e aos resultados que previsivelmente irão ser alcançados (e.g., um aumento de ansiedade pode estimular e direccionar a resposta a potenciais mudanças situacionais). Por um lado, a pressão inerente à responsabilidade promove uma atitude de auto-crítica ou auto-avaliação através da qual os indivíduos tendem a focalizar-se selectivamente nas fragilidades da sua posição em face dos desafios situacionais e a negligenciar os seus pontos fortes, levando-as a elaborar formas de resposta às fragilidades sentidas. Por outro lado, pode conduzir a uma transição de um estado de *desejabilidade* para um estado mais realista de *viabilidade* quanto à forma de perceber e elaborar a cadeia de acontecimentos numa dada situação.

Assim, processamento desta nova informação pode conduzir a uma reavaliação positiva ou negativa das expectativas pré-existentes. A reavaliação negativa pode representar uma tentativa de acomodar possíveis resultados tanto desejados como indesejados (Carroll, 2010). Tal acomodação pode assumir três formas: primeiro, como processo de acomodação de sentimentos de frustração ou arrependimento associados a resultados que fiquem aquém das expectativas iniciais; segundo, como uma forma de pensamento mágico com vista a acomodar resultados atribuíveis a azar ou má sorte; terceiro, como estratégia cognitiva associada a um pessimismo defensivo através do qual os indivíduos tendem a fazer previsões pessimistas, provocando um estado de ansiedade que acaba por ser canalizado para esforços tendentes a reduzir a probabilidade de ocorrência de resultados indesejados ou a mitigar as suas consequências. Estas reavaliações negativas constituem uma forma de preparação para o confronto com potenciais ameaças e têm precedência sobre a motivação de preparação para o aproveitamento de oportunidades (Carroll, 2010; Taylor, 1991). Quanto às reavaliações positivas, estas também podem ocorrer por distintos motivos. Primeiro, por intermédio de aquisição de nova informação que conduza a uma avaliação das expectativas iniciais como demasiado conservadoras. Esta nova informação pode advir da situação em si ou derivar da

presença de estados de humor positivos indiciadores da viabilidade de expectativas mais optimistas. Segundo, pela adopção de estratégias de *coping* proactivas promotoras de uma visão optimista relativamente à obtenção de resultados positivos e mobilizadoras de uma energia emocional positiva susceptível de transformar acontecimentos potencialmente estressores (ameaças) em desafios passíveis de serem dominados e ultrapassados. Em terceiro e por último, como consequência de uma resposta positiva a oportunidades disponíveis através da adopção e colocação em prática de um plano de acção tendente à concretização de objectivos definidos. Neste último caso, o investimento dirigido à prossecução de certo objectivo (depois de uma fase prévia de consideração de alternativas) tende a fomentar expectativas optimistas geradoras de um processamento de informação focalizado no objectivo em causa (Gollwitzer & Kinney, 1989). Por seu turno, a revisão optimista das expectativas tem o efeito de potenciar a preparação através do aproveitamento de oportunidades existentes ou mesmo da construção de novas oportunidades. Desta forma, e de acordo com Carroll (2010), a preparação serve de construto agregador dos vários processos de revisão de expectativas ao enquadrá-las num sistema motivacional unitário.

3.2.1. Padrões motivacionais de saciação e substituição

De acordo com Carroll (2010), a preparação influencia a activação de padrões específicos de saciação e substituição. A saciação corresponde à tendência de diminuição da motivação por efeito da satisfação de uma dada necessidade (Baumeister & Leary, 1995). Quanto à substituição, esta refere-se à possibilidade de intercâmbio entre meios igualmente susceptíveis de conduzir a um determinado resultado (Baumeister & Leary, 1995). Os objectivos que os indivíduos vão delineando para si na vida normalmente organizam-se de forma hierárquica de acordo com a prioridade que lhes é atribuída. Tal hierarquia de prioridades organiza-se em torno de um pequeno número de objectivos mais genéricos e de

natureza mais abstrata nos quais se enquadram inúmeros objectivos menores, de natureza mais concreta, distribuídos pelos vários domínios de vida e que se encontram funcionalmente ligados à realização dos objectivos mais genéricos (Carver, Scheier, & Weintraub, 1989; Klinger, 1975). Existe uma tendência para uma relativa permanência destes, dado que a sua constante mudança colocaria em causa a própria preparação para o confronto com os desafios da vida (Carroll, 2010; Klinger, 1975). Além disso, se os grandes objectivos de vida fossem demasiado numerosos, a sua realização simultânea poderia sobrecarregar o sistema mental ao ponto de impedir a realização de qualquer um deles (Schwartz, 2010). Assim, o investimento exclusivo num pequeno grupo de grandes objectivos distribuídos pelos vários domínios da vida canaliza de forma efectiva a actividade mental que, através da geração de objectivos menores ou subordinados, promove a construção de planos de acção tendentes à concretização dos grandes objectivos e torna mais eficaz a actividade de auto-regulação. A insistência na concretização destes objectivos, e respectiva relutância na sua substituição mesmo aquando do confronto com frustrações e contrariedades, previne a desistência prematura em contextos de incerteza (Austin & Vancouver, 1996; Klinger, 1975). A modulação desta tenacidade será, contudo, útil na medida em que prepare para o aproveitamento de novas oportunidades e objectivos realistas em substituição de outros, porventura irrealistas. A capacidade de adaptação exige assim a capacidade de distinção entre oportunidades e objectivos realistas e irrealistas, afastando o indivíduo destes últimos (Klinger, 1975; Polivy & Hermann, 2002). Os objectivos substitutos devem tender a ser semelhantes aos objectivos substituídos (Klinger, 1975; Markus, Cross, & Wurf, 1990) dado que tal reduz a pressão associada ao processo de revisão e substituição por efeito da minimização do espaço de tempo durante o qual o indivíduo se encontra imprevisto para se confrontar com o novo objectivo (Carroll, 2010). A pressão associada à substituição de objectivos irrealistas, dado envolver a necessidade de um tempo (mais ou menos longo) de preparação (aquisição das competências necessárias à sua concretização), tende a ser consideravelmente mais elevada (Markus et al., 1990). Assim,

sempre que possível, seria desejável a substituição do objectivo original por outro que lhe seja semelhante no que toca às competências exigidas para a sua efectivação de forma a reduzir a pressão associada ao processo de substituição (Klinger, 1975; Markus et al., 1990).

Os processos de saciação e substituição acima abordados têm reflexo também na promoção ou extinção das estratégias de *coping* utilizadas em face de situações adversas. Assim, a saciação corresponde a uma diminuição da motivação para gerar novas estratégias de *coping* já que as existentes satisfazem a necessidade de preparação para possíveis ameaças. Paralelamente, a motivação para a geração de novas estratégias de *coping* far-se-á sentir quando as estratégias até então adoptadas se revelem desadequadas e infrutíferas. Assim, e no que concerne à saciação, existe uma tendência para a manutenção de estratégias de controlo primárias, activas, centradas no problema, quando estas se manifestam eficazes, em vez do contínuo desenvolvimento de estratégias secundárias, centradas na emoção (Lazarus & Folkman, 1984; Rothbaum, Weisz & Snyder, 1982). As primeiras correspondem a uma avaliação positiva dos desafios e à adopção de uma atitude de optimismo, enquanto as segundas, como *coping* antecipatório, baseiam-se na saliência das ameaças ou a adopção de posturas pessimistas que visualizam o acontecimento gerador de *stress* como inevitável (Aspinwall & Taylor, 1998). Quando, as estratégias de *coping* existentes não se manifestam eficazes, nomeadamente na preparação para o confronto com o acontecimento gerador de *stress* (Carver, Scheier & Weintraub, 1989) ou quando as estratégias de controlo primárias já não servem a preparação para o confronto com acontecimentos *stressantes* inevitáveis ou incontroláveis (Rothbaum et al., 1982), impõe-se a sua substituição.

Para além destas estratégias usadas para o confronto com acontecimentos *stressores* específicos, os indivíduos também usam as suas visões do mundo, ou mundividências, como estratégia de *coping* genérica no confronto com a incerteza relativamente ao futuro. Os mesmos mecanismos de saciação e substituição se manifestam conforme este sistema de crenças se mostre eficaz ou não para lidar com as incertezas futuras (Landau, Greenberg &

Kosoloff, 2010). Quando confrontados com acontecimentos traumáticos que o contradizem, a sua reconstrução ou ampliação mostra-se necessária de forma a poder acomodar aquilo que anteriormente não era expectável e assim aumentar o nível de resiliência a situações traumáticas futuras (Meichenbaum, 1985).

3.2.2. Repercussões psicológicas da falta de preparação para o confronto com acontecimentos de vida

A falta de preparação para o confronto com os acontecimentos de vida, especialmente se continuada, pode conduzir a consequências adversas ao nível do bem-estar psicológico. Carroll (2010) explora tais efeitos negativos em manifestações de *stress* pós-traumático, depressão crónica e falta de esperança (*hopelessness*).

No que se refere ao *stress* pós-traumático, este pode resultar de acontecimentos traumáticos que violem de forma dramática as expectativas dos indivíduos (Meichenbaum, 1985). Tal violação de expectativas coloca em causa a visão do mundo pré-existente que sustentava as expectativas violadas. Em tais circunstâncias, a vítima pode entrar em estado de choque pelo efeito da destruição das crenças orientadoras da acção em situações de incerteza quanto ao futuro. A perda de formas de ver o mundo que eram centrais como instrumentos orientadores da acção pode deixar o indivíduo num estado de impreparação para o confronto com as exigências futuras da vida (Carroll, 2010). Em tais circunstâncias, a reconstrução da visão do mundo é indispensável para que sobre ela novas expectativas orientadoras da acção futura possam ser geradas. Carroll (2010) propõe que o processo de reconstrução de uma outra visão do mundo, nestes casos, é motivado pela necessidade de restauração do estado de preparação que foi drasticamente reduzido aquando da ocorrência da situação traumática. Posição que aparece alinhada com a teoria da inoculação do *stress* quando esta postula que o

processo de reviver o acontecimento traumático tem como propósito conduzir à reconstrução da visão do mundo destruída, de forma a que os indivíduos se tornem mais defensivos e resilientes (Meichenbaum, 1985). A nova visão do mundo a ser construída não serve apenas o propósito de explicar o acontecimento traumático inesperado mas também o de fazer com que o indivíduo incorpore a possibilidade de tais acontecimentos ocorrerem no futuro e, dessa forma, prepará-lo para essa possibilidade.

Quanto à depressão e ao desenvolvimento de estados de falta de esperança relativamente ao futuro, enquanto a privação temporária de preparação para lidar com certos acontecimentos e oportunidades pode conduzir a uma depressão reactiva, situações mais persistentes e prolongadas de falta de preparação podem levar a estados de depressão crónica (Carroll, 2010). Especificamente, a interrelação entre a activação, a duração e a qualidade do ajustamento a objectivos inatingíveis através da sua substituição por outros mais realistas e exequíveis constitui um factor determinante da probabilidade da mutação de episódios de depressão aguda em formas mais graves e crónicas de depressão (Klinger, 1975; Wrosch, Miller, Scheier & Brun de Pontet, 2007). O risco de desenvolvimento de depressão crónica aumenta, assim, quanto maior for o período de tempo que o indivíduo leva a desinvestir em objectivos irrealistas, quanto maior for o tempo dispendido a substituir tais objectivos por outros mais realistas e exequíveis, e em função da maior ou menor qualidade dos objectivos substitutos. Quanto maior a extensão de tempo em que o indivíduo continua investido e focalizado em objectivos inatingíveis, maior a extensão do seu estado depressivo, em detrimento da libertação de recursos psicológicos necessários para atender a oportunidades emergentes (Kuhl & Helle, 1986). Quanto mais rapidamente ocorrer o reinvestimento em objectivos substitutos mais rápido será o processo de recuperação do estado depressivo, assim como a restauração do estado de preparação para o aproveitamento de futuras oportunidades (Wrosch et al., 2007). É, contudo, desejável que os objectivos substitutos sejam não só exequíveis mas também tão atractivos quanto os objectivos substituídos e exijam o uso de

competências semelhantes às que estavam associadas à prossecução dos anteriores objectivos que se revelaram inatingíveis (Markus et al., 1990). De acordo com Carroll (2010), o processo de recuperação da depressão crónica envolverá necessariamente a mitigação destes factores de risco de forma a rapidamente se restaurar o estado de preparação para o aproveitamento de oportunidades futuras. O desinvestimento tardio, pelo contrário, acarreta custos psicológicos tanto a nível cognitivo como emocional, ocorrendo geralmente uma completa exaustão de recursos mentais e emocionais que seriam necessários ao processo de ajustamento pelo investimento em novos objectivos (Klinger, 1975; Polivy & Hermann, 2002). Conclui-se que a gestão estratégica do ajustamento através do rápido investimento em objectivos substitutos realistas tem efeitos benéficos imediatos para o bem-estar psicológico (Wrosch et al., 2007), fomentando ainda um estado de preparação para o confronto com acontecimentos futuros incertos (Carroll, 2010).

3.2.3. Implicações da preparação para além do domínio individual

As implicações da manutenção de um estado de preparação para o confronto com acontecimentos futuros incertos extravasam o domínio individual até agora abordado, extendendo-se aos níveis grupal, social e cultural. Tal é visível em múltiplos campos e situações. A capacidade para lidar com desastres naturais, ataques terroristas, as exigências de um mundo globalizado exponenciador de incertezas e riscos económicos, sociais e ambientais pressupõe um constante estado de preparação para lidar com o inesperado, antecipando, na medida do possível, cenários de cadeias de acontecimentos possíveis e reunindo os recursos necessários para lidar eficazmente com os mesmos. A nível cultural, por exemplo, uma das respostas que tem sido consistentemente observada ao aumento da incerteza relativamente ao futuro por força da ocorrência de acontecimentos traumáticos (no domínio, pessoal, social, económico, político) é a adesão a sistemas ideológicos e religiosos mais conservadores (e.g.,

Janoff-Bulman, 2004). O que se verifica aqui é o apelo à tradição como forma de resposta providenciadora de um sentimento de segurança em face de um futuro que se apresenta como inseguro, incerto, imprevisível e caótico. Trata-se de uma resposta defensiva às ameaças da incerteza através da afirmação de uma mundividência social, histórica e culturalmente legitimada.

Capítulo II

A transição para a vida adulta nas sociedades individualizadas da Modernidade tardia

1. Introdução

A meados do século XX, Erikson (1968) situava a construção da identidade psicossocial no período da adolescência. Nesta fase da vida de cada indivíduo, a sociedade conceder-lhe-ia uma *moratória psicossocial* de forma a permitir a realização das actividades exploratórias necessárias à formação de um sentido de identidade socialmente viável. A consolidação da identidade ao longo de um período exploratório conduziria o indivíduo à adopção de papéis e responsabilidades típicas da vida adulta. Na altura em que Erikson propõe a sua teoria do desenvolvimento psicossocial, os papéis e responsabilidades adultas encontravam-se bem definidos pela cultura vigente. Existiam marcadores sociais que delimitavam, de forma bastante precisa, a linha de fronteira entre a adolescência e a adultez. De acordo com Arnett (2006), tais marcadores consistiam, essencialmente, na assumpção de responsabilidades a nível ocupacional (ingresso num emprego estável) e a nível familiar (assumpção de papéis e responsabilidades conjugais e parentais). Desta forma, os indivíduos, após o período de exploração atrás referido, acabavam por fazer os seus investimentos na área ocupacional e relacional. Assim, cumpriam com as expectativas sociais relativas ao percurso de transição para a adultez. Ser adulto significava, então, o cumprimento dos marcadores sociais vigentes de transição para a vida adulta, estabelecidos no âmbito de um curso de vida socialmente estruturado e institucionalizado (Kohli, 1986).

Nas últimas décadas, contudo, tem-se verificado profundas modificações sociais que vieram influenciar, tanto o processo de construção da identidade como as formas de fazer a transição para a vida adulta. A este propósito, Côté (2000, 2006) refere a ocorrência de um processo de desestruturação cultural e de declínio de marcadores sociais. As instituições têm vindo a sofrer um significativo processo de transformação, o que tem conduzido à diminuição dos padrões normativos a partir dos quais a população extrai significado para a sua vida quotidiana. Um dos efeitos deste processo de desestruturação cultural é a desordem introduzida no padrão temporal do curso de vida dos indivíduos. Quem se encontra, actualmente, a fazer a sua transição para a adultez depara-se, por um lado, com menos restrições sociais e, por outro, com menos padrões culturais pelos quais nortear a sua vida. Desta forma, os indivíduos vêem-se forçados a tomar decisões de vida (conformadoras do seu sentido de identidade) na ausência de marcadores sociais bem definidos.

De facto, a modernidade tardia tem evidenciado um conjunto vasto de transformações estruturais que vieram influenciar os processos de construção da identidade e de transição para a vida adulta. Tais transformações têm-se verificado a vários níveis do funcionamento da sociedade impondo reestruturações em todas as dimensões de vida dos indivíduos. Olhemos mais de perto as mudanças que a sociedade contemporânea tem vindo a atravessar.

Começamos pelo permanente desenvolvimento científico e tecnológico, o qual tem sido um dos pilares fundamentais das sociedades contemporâneas. Uma cultura baseada no conhecimento e na tecnologia conduziu ao desenvolvimento exponencial dos “sistemas periciais” (Giddens, 1973, *in* Guerreiro & Abrantes, 2007) e da proliferação das profissões técnicas. No sentido de adquirir os conhecimentos e competências necessárias ao exercício de tais profissões, uma percentagem crescente dos jovens tende a permanecer por períodos cada vez mais longos nos sistemas de ensino. Um facto que conduz ao adiamento do momento de ingresso no mundo do trabalho e, conseqüentemente, do momento de aquisição de independência e autonomia do sistema familiar.

Outra das dinâmicas importantes da modernidade tardia é constituída pelo processo de globalização. Um processo multidimensional com repercussões a nível económico, social e cultural (e.g., Beck, 1992). Ao nível económico, a globalização conduziu a uma crescente interligação dos mercados das várias regiões do mundo. As empresas, cada vez mais, têm acesso aos mercados globais, o que aumentou a sua capacidade de desenvolvimento e expansão. Desta forma, foram-se desenvolvendo inúmeros impérios empresariais com domínio crescente sobre os mercados. O fluxo dos capitais e a mobilidade dos recursos humanos foi conduzindo à criação de redes ou comunidades económicas transnacionais que abrem novas perspectivas de emprego a certas camadas jovens da população (especialmente das mais qualificadas) e desemprego a outras. Ao nível social e cultural, a globalização acarretou um processo de uniformização. A facilidade de comunicação levou a uma maior circulação de padrões e produtos culturais oriundos, sobretudo, das culturas com maior capacidade de difusão das suas produções a nível global (Friedman, 2005). Tal facto conduziu a uma significativa reconfiguração social e cultural no contexto competitivo de um sistema global. A construção das identidades pessoais, assim como a transição para a vida adulta é feita, hoje, num quadro de referência global em tensão com modelos sociais e culturais locais (Castells, 2010).

Também o mundo do trabalho tem sido atravessado por grandes convulsões. A este nível, o modelo rígido constituído por grandes organizações empregadoras, geradoras de condições de trabalho standardizadas e propiciadoras de um sentimento de segurança laboral, foi substituído por uma multiplicidade de estruturas laborais mais versáteis e fortemente alicerçadas na formação profissional e na flexibilização dos vínculos contratuais. Fala-se da transição de uma economia industrial para outra baseada no conhecimento. A relativa segurança laboral é, agora, substituída por níveis crescentes de “flexibilização, desregulação e individualização das condições de trabalho” (Guerreiro & Abrantes, 2007, pp. 21-22). Um fenómeno que conduz a situações constantes de precariedade e instabilidade

laboral. Uma condição que afecta, particularmente, as camadas jovens da população. Os percursos laborais são, assim, caracterizados por contínuas quebras, mudanças, recuos (Pais, 2001). Machado Pais (2002), a este respeito, classifica os percursos de transição para a adultez como *labirínticos*: a instabilidade laboral traduz-se, geralmente, na alternância entre períodos de trabalho e períodos de desemprego (*trajectórias yo-yo*), num percurso, muitas vezes, povoado por *McJobs* (Coupland, 1991), *ganchos*, *tachos* e *biscates* (Pais, 2001); como consequência de tal instabilidade laboral, o processo de autonomização e independência física dos pais (abandono da casa paterna) pode traduzir-se em *trajectórias boomerang* (Pais, 2002) em que a um processo de saída da casa paterna muitas vezes sucede o seu retorno, aquando de uma impossibilidade financeira de suporte dos custos inerentes à manutenção de um local de residência próprio. Toda esta precariedade e incerteza característica da vida dos jovens em processo de transição para a vida adulta tem profundas implicações no processo de construção das suas identidades pessoais. Este processo assume um carácter mais incerto e prolongado no tempo. As condições sócio-estruturais mencionadas (precariedade laboral, ausência de apoios estruturais ao processo de autonomização) (Furlong & Cartmel, 1997) levam a que estes jovens se vejam confrontados com prolongadas situações de dependência ou semi-dependência relativamente às suas famílias de origem. Estas funcionam como suporte social e financeiro em alturas de impossibilidade de manutenção da independência financeira por parte dos jovens, os quais acabam por ser sentir aprisionados numa antecâmara da adultez (*arrested adulthood*, Côté, 2000), impossibilitados (por ausência de condições económicas) de assumir o estatuto pleno de adultos.

As mudanças inerentes a este período de modernidade tardia também têm repercussões ao nível da esfera de vida privada. Com a desestruturação cultural e o declínio dos marcadores sociais (Bauman, 2001, 2007; Côté, 2000; Côté & Levine, 2002), os indivíduos ficam entregues a si próprios. Valoriza-se, cada vez mais, a identidade pessoal construída a partir de um processo de “autonomização face às estruturas sociais em que os indivíduos

estão inseridos, como a família, a comunidade ou o contexto profissional” (Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 31). Os projectos e trajectos de vida são, assim, em larga medida, percepcionados como resultado de escolhas pessoais, assumindo um pendor extremamente individualista (Bauman, 2001, 2007; Côté, 2002). Trata-se de um fenómeno com particular incidência no percurso de transição para a vida adulta. Os jovens parecem tender a percepcionar o processo de construção da sua identidade adulta como decorrente do exercício exclusivo da sua liberdade individual. Também a vivência da intimidade é fortemente afectada por esta tónica individualista. De acordo com Giddens (1996), a tendência para a crescente igualdade entre casais conduziu ao surgimento de um ideal relacional por ele denominado de “relação pura”. Uma relação baseada não em parâmetros e constrangimentos sociais mas no seu próprio valor para os indivíduos que a constituem. Não estando balizadas por valores e parâmetros sociais, as relações de intimidade têm vindo a assumir uma grande diversidade de formas. Um fenómeno que tem conduzido à problematização do próprio conceito de família. Para além da família tradicional (constituída através do casamento, no seio do qual os filhos eram gerados), outras formas de família têm surgido: junção do casal, coabitação, gestação de filhos fora do casamento. Estas diferentes formas de vivência da intimidade parecem particularmente típicas dos jovens a efectuar o seu percurso para a vida adulta. Nesta fase da sua existência, eles acabam por adoptar vários modos de vida alternativos nos quais se enquadram a “vida a sós, em coabitação ou em comunidade” (Guerreiro & Abrantes, 2007, p. 33). Desta forma, observa-se a criação de um período (mais ou menos longo) que medeia entre a altura da saída da casa dos pais e o casamento ou assumpção da parentalidade. Um período preenchido pelos modos de vida alternativos acima referidos.

Como podemos ver, as mutações estruturais introduzidas pela modernidade tardia estão a ter profundas consequências tanto no processo de formação das identidades individuais como no percurso de transição para a adultez. Tanto um como outro ocorrem, actualmente, num contexto sócio-cultural marcado pelo desabamento de referências culturais

estáveis, pela vivência de um clima de incerteza e instabilidade (ao nível laboral e relacional), pela introdução de um pendor fortemente individualista na construção dos percursos de vida (Bauman, 2001, 2007; Beck, 1992; Côté, 2002; Arnett, 2000, 2004, 2006; Pais, 2002; Guerreiro & Abrantes, 2007).

2. A transição para a vida adulta em Portugal

Nas últimas décadas, o processo de transição para a vida adulta em Portugal sofreu profundas alterações. Em aspectos fundamentais, devido ao processo de globalização e ao desenvolvimento sócio-económico do país, testemunhamos a convergência dos modos de transição em Portugal relativamente a outros países da Europa ocidental: percursos educativos mais prolongados; entrada mais tardia e instável no mundo do trabalho; crescente homogeneização dos papéis de género. Neste sentido, podemos afirmar que Portugal se foi aproximando dos padrões de transição da Europa ocidental. Contudo, em função de fragilidades estruturais que conduziram a que certos autores considerassem o país como num estado de “modernização inacabada” (Machado & Costa, 1998) ou possuindo uma posição semi-periférica no sistema social global contemporâneo (Santos, 2001), o processo de transição em Portugal apresenta certas especificidades que podem ser enquadradas em três dimensões analíticas: percursos educativos; a transição da escola para o trabalho; o papel da família.

Percursos educativos. No que se refere aos percursos educativos, Portugal percorreu um longo caminho nos últimos 40 anos. Desde então, as trajetórias escolares tornaram-se cada vez mais prolongadas: a partir de um mínimo obrigatório de apenas quatro anos no sistema escolar (até a conclusão da quarta classe), os jovens portugueses têm hoje que permanecer no sistema de ensino um mínimo de 12 anos. A educação superior, que 40 anos atrás era um

privilégio de uma elite social, tem sido objecto de massificação. Assim, para uma proporção crescente de jovens (aqueles que passam pelo ensino superior), as vias de transição para a vida adulta estão sendo profundamente modificadas. O prolongamento dos percursos educativos tende, por um lado, a promover um atraso no processo de transição mas, por outro, promove uma maior capacidade de construção de uma "biografia de escolha" tendente à auto-realização - um facto que reforça o processo de individualização e contribuiu para a crescente destandardização e não-linearidade dos percursos de transição (e.g., Andrade, 2010; Cavalli, 1995; du Bois- Reymond, 2009; Galland, 1995; Guerreiro & Abrantes, 2005, 2007; Pais, 2001; Côté, 2002). Dito isto, não se deve esquecer, contudo, que a grande maioria dos jovens faz uma entrada precoce no mercado de trabalho. Vale a pena salientar que muitos desses jovens tendem a sentir, mais tarde, a necessidade de voltar para ao sistema de ensino a fim melhorar as suas qualificações como um meio para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais exigente com respeito às credenciais escolares exigidas. Entre estes dois percursos educativos mais clássicos, nas últimas duas décadas em Portugal, tem havido um ressurgimento de percursos educativos de pendor tecnológico e profissional, uma espécie de uma terceira via, que foi sendo reintroduzida devido a dois fatores principais: em primeiro lugar, pelas exigências da economia, cuja inovação e competitividade depende de capital humano equipado com um conjunto de novas competências e conhecimentos (Castells, 1998); em segundo lugar, pela contração do mercado de trabalho, com menos empregos disponíveis, o que leva à manutenção de muitos jovens em situação de desemprego em programas de aprendizagem (Neves, 2000).

Transição da escola para o mundo do trabalho. No que se refere às trajectórias de transição para o mundo do trabalho, estas apresentam, hoje, uma grande diversidade em função das mudanças ocorridas no mercado de trabalho (diversidade de vínculos laborais e de formas de organização do trabalho; escassez de oportunidades) e nas trajectórias escolares. Alguns jovens, tendo seguido uma trajetória escolar prolongada, gerem um percurso de

inserção profissional com uma entrada mais tardia e favorecida no mercado de trabalho, conseguindo bons salários (em comparação com os seus pares no contexto dos padrões salariais portugueses), alcançando uma "condição cosmopolita" (Peixoto, 1999) e extraíndo o capital económico e social inerente ao seu estatuto profissional. No entanto, as condições exigentes e competitivas associadas à sua ocupação profissional (por exemplo, a necessidade de trabalhar longas horas, atendimento de formação profissional exigida pela entidade empregadora), muitas vezes levam-nos a adiar para um futuro indefinido os projectos de conjugalidade e parentalidade (Andrade, 2010). A grande maioria dos jovens, no entanto, independentemente de ter credenciais de ensino médio ou superior, acaba por cair nas malhas de empregos precários, temporários e mal pagos ou no desemprego (no qual podem permanecer por longos períodos de tempo). A taxa de desemprego entre os jovens em Portugal tem vindo constantemente a aumentar, tendo atingido em 2013, o nível sem precedentes de 42% (consideravelmente superior à taxa da população em geral, que também atingiu o nível sem precedentes de 17,8 %). De acordo com Guerreiro & Abrantes (2005, 2007), a maioria desses jovens circulam numa "área cinzenta " de "ocupações flutuantes". Nesse sentido, a construção de identidades e biografias vem sendo tecida num espaço de descontinuidade e contradição entre a insegurança e a incerteza inerente ao mercado de trabalho e os valores da segurança, capacidade de planeamento e bem-estar nas esferas pessoal e familiar. As trajectórias lineares da escola para o trabalho tornaram-se obsoletas e ultrapassadas, dando origem a trajetórias "yo-yo" (Pais, 2002), com períodos de emprego precário intercalando com períodos de desemprego e de retorno à formação, como forma de aumentar as possibilidades de encontrar um novo lugar num mercado de trabalho cada vez mais exigente. A fim de caracterizar essas trajetórias flutuantes entre ocupações precárias e períodos de desemprego, a imprensa acaba de criar o termo "desempregados". Tal instabilidade ao nível do emprego coloca esses jovens num percurso de transição prolongado e

conduz ao adiamento para um futuro imprevisível a obtenção de um estatuto totalmente independente e autónomo que permita a realização dos seus sonhos e objetivos de vida.

O papel da família. No seio deste contexto de um mercado de trabalho precário, inseguro e incerto, a família de origem geralmente constitui a única rede de apoio ao processo de transição. Portugal é considerado como um país onde vigora um sistema de "segurança familiar" (Pais, 2001) (típico dos países do sul da Europa). O processo de transição para a idade adulta é essencialmente suportado pela família de origem, que tende a percecioná-lo como um projeto desenvolvimental conjunto (de toda a família) (Andrade, 2010; Scabini, Marta & Lanz, 2006). Tradicionalmente, a transição para a adultez estava associada à saída da casa dos pais, a fim de formar uma nova família, principalmente através do casamento. Embora este cenário possa ser considerado ainda dominante na atualidade, profundas mudanças têm ocorrido nas últimas décadas: o processo de transição da casa dos pais para um estatuto habitacional e uma vida independente tem sido cada vez mais atrasado levando a um longo período de convivência entre os jovens adultos e seus pais (Andrade, 2010; Coimbra & Mendonça, 2013; Mendonça & Fontaine, 2013). Tal transição tende a tornar-se cada vez mais complexa e diversificada, apresentando uma crescente variedade de modalidades. Por um lado, a falta de oportunidades de trabalho e a incapacidade inerente de alcançar uma posição de independência financeira leva esses jovens a prolongar a sua estadia na casa dos pais, vivendo num estado de dependência ou semi-dependência da família de origem (Andrade, 2010). Por outro, mudanças nos padrões culturais têm levado os jovens a olhar desfavoravelmente para a conjugalidade e parentalidade precoces. Estes dois fatores combinados contribuíram para um adiamento significativo de projectos de criação da própria família até que as condições financeiras necessárias (garantidas por uma posição profissional suficientemente estável), bem como a maturidade emocional e relacional indispensável sejam atingidas. Num contexto em que é cada vez mais difícil a independência financeira necessária para prosseguir uma vida autónoma, o apoio indispensável dos pais ao processo de transição

parece ter levado a novas interdependências e solidariedades intergeracionais (Andrade, 2010; Coimbra & Mendonça, 2013; Coimbra, Ribeiro & Fontaine, 2013). No entanto, se para alguns a convivência prolongada com os pais é uma escolha com base numa decisão consciente e deliberada de adiamento da assumpção de papéis e responsabilidades adultas como forma de estender o período de lazer e exploração identitária de forma despreocupada, para outros, tal convivência transforma-se num "destino " ou uma armadilha, devido à impossibilidade de opções alternativas, por falta de meios financeiros para colocá-las em prática, num processo de preparação para uma transição problemática. Dadas as actuais condições económicas adversas (falta de oportunidades de emprego), este período de coabitação tende a prolongar-se por muitos anos. Apesar de todos os elementos acima mencionados, os jovens portugueses, tal como ocorre noutros países, tendem a imaginar um futuro que, no que diz respeito a projectos familiares, é concebido como um período de estabilidade propício à constituição da própria família no contexto de uma casa própria, incluindo, na expressão de Kugerberg (1998), o "pacote familiar". O processo de transição tende actualmente a tornar-se mais complexo e a desdobrar-se em duas etapas: um primeiro período de liberdade individual, exploração, aventura e acumulação de experiência; e um segundo período de assumpção de responsabilidades adultas e alcance de um certo grau de estabilidade, tanto na esfera profissional como na familiar (Guerreiro & Abrantes, 2005, 2007). Segundo os mesmos autores, a fronteira simbólica entre estes dois períodos é normalmente alocada em torno de 30 anos de idade. O resultado deste processo acaba por ser a multiplicação das trajectórias de transição, que tende a ser um produto de duas ordens de factores: as preferências do próprio indivíduo e as suas circunstâncias familiares e económicas que podem favorecer ou coartar o exercício das preferências individuais e a tomada de decisões biográficas de forma autónoma de modo a construir uma "biografia de escolha".

3. A emergência da “adulter emergente”

O alargamento exponencial do período de transição para a vida adulta e a erosão das fronteiras rígidas e bem delimitadas entre a adolescência e a adulter levou a que certos autores (eg. Arnett, 2006) o passassem a considerar como um novo estágio de desenvolvimento com características distintivas quer da adolescência, quer da adulter. Um estágio baptizado por Arnett (2000, 2006) de “adulter emergente”.

Há cerca de trinta anos atrás, a grande maioria dos jovens, nos inícios da sua terceira década de existência (entre os 20 e os 24 anos de idade), começava, desde logo, a assumir papéis marcadamente adultos como o ingresso numa profissão estável e a assumpção de compromissos familiares (conjugalidade e parentalidade). O assumir de tais responsabilidades era um marcador inequívoco da sua transição para o mundo da adulter.

No decurso das três últimas décadas, vimos que tal cenário sofreu, nos países industrializados, uma acentuada mudança de modo que a assumpção das responsabilidades laborais e familiares acima descritas tivessem sofrido um atraso de quase uma década. Tal facto conduziu a que as tarefas exploratórias, tanto ao nível vocacional como ao nível das relações amorosas e da construção de uma visão relativamente estável do mundo, se tivessem estendido para bem dentro da década dos vinte anos de vida, com o prolongamento correspondente da tarefa de construção da identidade, anteriormente típica da adolescência (Erikson, 1980).

Paralelamente aos marcadores objectivos de transição para a adulter atrás referidos, também a consideração subjectiva dos jovens quanto ao seu estatuto identitário se modificou. De facto, a maioria dos jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, já não se percebe como adolescente mas também tem dificuldades em considerar-se adulto. Percepcionam-se como enquadrados numa fase de transição entre a adolescência e a adulter

É a este período que Arnett atribui o nome de *adulter emergente* por considerar que ele possui características distintivas próprias que o diferenciam qualitativamente quer da adolescência quer da *adulter*. Tais características seriam as seguintes: (a) trata-se de um período de explorações identitárias, especialmente nas áreas das relações amorosas e do trabalho; (b) é um período caracterizado pela instabilidade; (c) trata-se da altura da vida em que as pessoas se encontram mais focalizadas em si próprias; (d) trata-se de um período de vida em que os sujeitos sentem estar numa fase intermedia entre a adolescência e a *adulter*; (e) por fim, trata-se de uma época de abertura de possibilidades caracterizada por elevados sentimentos de optimismo e pela existência de inúmeras oportunidades de transformação da vida pessoal (Arnett, 2000, 2006).

Tal consideração deste período de vida como *qualitativamente* distinto do que o precede assim como do que o segue não é, contudo, isenta de controvérsia. Côté (2006), por exemplo, numa linha de investigação mais próxima das considerações eriksonianas do desenvolvimento psicossocial, visualiza este período de vida como uma mera extensão quantitativa da moratória psicossocial e das actividades exploratórias típicas da construção da identidade do jovem, segundo Erikson (1980). Esta extensão permitiria a resolução de tarefas identitárias que não teriam sido ainda concluídas dentro do período da adolescência. Também Hendry & Kloep (2007, 2011a, 2011b, 2012) assumem uma postura crítica relativamente à consideração da *adulter emergente* como uma nova fase desenvolvimental. No seu entender, a *adulter emergente* não é mais do que um exercício descritivo das condições em que a transição para a vida adulta tem lugar nas sociedades ocidentais industrializadas da modernidade tardia, sem uma devida ponderação de diferenças e especificidades sócio-culturais (e.g., Raffaelli, Lazarevic, Koller, Nsamenang, & Sharma, 2013). As suas objecções à teoria de Arnett são essencialmente de duas ordens. Em primeiro lugar, não consideram a *adulter* como um estágio desenvolvimental que se conquista ou atinge de forma completa, absoluta e irreversível, ao contrário de Arnett, mas olham o desenvolvimento humano como

específico e revelador de plasticidade. Desta forma, por um lado, no decurso do processo desenvolvimental, as várias esferas da vida não evoluem de igual forma (em grau e direcção) nem simultaneamente. Por outro, e de acordo com a perspectiva de Baltes (1997), o processo desenvolvimental é visto por Hendry & Kloep como não linear e reversível. Assim, o alcance de um determinado estágio desenvolvimental não pode ser visto como uma conquista definitiva e irreversível. Podem sempre ocorrer circunstâncias que conduzam a uma “regressão” a um estágio desenvolvimental anterior. Finalmente, dado o recuo de forças sócio-normativas como determinantes dos processos de transição desenvolvimental, a construção da identidade transforma-se num processo que se estende ao longo de todo o ciclo vital, envolvendo ciclos recorrentes de moratórias e investimentos (Hendry & Kloep, 2012). A consideração de *fases emergentes* deveria ser aplicada a todo o ciclo vital dado que, no seu decurso, nos encontramos quase sempre num estado de nos tornarmos algo, ou seja, de *emergência*. Nesta lógica, e de acordo com Fauske (1996), a juventude deixa de ser vista como um estágio desenvolvimental intermédio entre a infância e a adultez, passando esta última a poder ser olhada como uma espécie de juventude perpétua. De acordo com esta visão, a consideração de estádios desenvolvimentais como forma de organizar o processo desenvolvimental ao longo do ciclo vital perde a sua relevância. No entender destas perspectivas, o estudo das trajectórias desenvolvimentais (e a adultez emergente entre elas) teria a ganhar se nos centrassemos mais nos processos desenvolvimentais e não tanto na descrição de patamares ou estádios de desenvolvimento. Tal abordagem, teria a potencialidade de captar o fluxo não linear, dinâmico, plástico e reversível do desenvolvimento humano e, para o que aqui nos interessa, do processo de transição para o que denominamos de vida adulta.

Contudo, e independentemente de podermos considerar a adultez emergente como um novo período desenvolvimental ou uma mera extensão da moratória psicossocial, parece evidente que estamos perante um período de vida que foi adquirindo um conjunto de peculiaridades que o distinguem quer da adolescência quer da adultez jovem. Peculiaridades

que são consideradas por Arnett (2000) a nível demográfico, subjectivo e identitário. Ao nível demográfico, o adiamento da assumpção de responsabilidades conjugais e parentais por um período de quase uma década, transforma esta etapa de vida num tempo de grande experimentação e exploração de variadas experiências de vida (tanto no âmbito relacional como vocacional). Este facto contribuiu para a perda de normatividade dos percursos de vida neste período e para a consequente variabilidade, instabilidade e imprevisibilidade demográfica que se observa pelas contínuas mudanças do local de residência, de emprego, experiências de coabitação com parceiros românticos, mudanças de rumo dos percursos académicos e de formação profissional. Ao nível subjectivo, os adultos emergentes, como assinalado, percebem-se como adultos em certos aspectos, mas não noutros, como que ocupando um estágio intermédio entre a adolescência e a adultez jovem. Ao nível da construção da identidade, este período de vida transformou-se num tempo privilegiado para a exploração e eventual resolução das tarefas identitárias relacionadas com as áreas das relações amorosas, do trabalho e da construção de uma determinada visão do mundo – áreas de exploração que, apesar de se haverem iniciado no período anterior, adquirem agora um carácter mais focalizado e sério, por contraposição à tonalidade lúdica que possuíam na adolescência. Aliás, parece ser este último aspecto aquele que mais relevância possui para a determinação do estatuto de adulto: de acordo com os resultados das investigações de Arnett (2004) nos Estados Unidos e de Mendonça & Fontaine (2013) em Portugal, os adultos emergentes consideram que os marcadores mais importantes da transição para a adultez consistem em aspectos subjectivos como a aceitação de responsabilidade pelos próprios actos, a tomada de decisões individuais acerca de crenças e valores, o estabelecimento de uma relação igualitária com os progenitores, assim como a aquisição da independência financeira. Factores como o casamento ou o assumir de uma relação laboral estável não são tidos como os marcadores mais relevantes nesse processo de transição.

Tais resultados parecem ser corroborados por outra linha de investigação desenvolvida por Côté (2006), a partir da qual os aspectos ou marcadores subjectivos de transição para a adultez foram também realçados por esta população. De facto, e de acordo com Côté (2006), o período da modernidade tardia que actualmente vivemos caracteriza-se pelo seu elevado nível de anomia devido ao desaparecimento de marcadores sociais estáveis no processo de transição para a vida adulta. Nesta óptica, tanto as famílias como as instituições sociais, na sua generalidade, têm-se mostrado incapazes de fornecer padrões orientadores susceptíveis de impor um sentido de estrutura e organização a este processo. Tal facto, se, por um lado, tende a abrir o leque de caminhos e formas possíveis de transição para a adultez, por outro, pode tornar o processo de transição mais difícil e problemático ao requerer que os indivíduos sejam capazes de compensar, através de estratégias e recursos pessoais, a falta de apoio por parte de contextos institucionais fragmentados e anómicos. É neste contexto que se torna de vital importância que os sujeitos possuam um repertório de recursos pessoais que lhes permitam uma integração bem sucedida na sociedade adulta – recursos que Côté (2000, 2006) denomina de *capital de identidade*. Numa sociedade fragmentada e anómica, caracterizada por valores individualistas e onde é deixada a cada um a liberdade e responsabilidade de, a partir de recursos próprios, construir a sua trajectória de integração no mundo adulto, os critérios de demarcação do estágio da adultez acabam por recair, necessariamente, sobre factores subjectivos como os apontados por Arnett (2006): a tomada de decisões independentes; a aceitação da responsabilidade dos seus próprios actos; o alcance da independência financeira.

As condições de transição para a adultez que os adultos emergentes enfrentam podem ser aproveitadas positivamente para o desenvolvimento de identidades bem integradas (ao nível do *ego*, ao nível pessoal e a nível social) ou ter consequências negativas como quando os indivíduos acabam por aderir a identidades múltiplas, supletivas, profusamente disponibilizadas pela cultura juvenil através de um processo de imitação das modas e correntes do momento, abdicando do esforço necessário à construção de uma identidade

integrada. De facto, e olhando a situação pelo seu aspecto positivo, a possibilidade de uma moratória alargada (até aos 30 anos de idade e às vezes mais) no processo de construção da identidade, numa sociedade pouco estruturada, pode estimular o desenvolvimento do indivíduo a vários níveis: cognitivo, emocional e do ego. Para tal, torna-se necessário que o indivíduo vá tomando as decisões propícias a tal desenvolvimento, no contexto das oportunidades que o seu ambiente vai fornecendo. De facto, e de acordo com Côté (2000), os esforços individuais investidos adequadamente nas oportunidades de crescimento disponíveis tendem a lançar os sujeitos no caminho de percursos de vida bem sucedidos e pessoalmente satisfatórios. No decorrer de tais trajetórias, os indivíduos vão desenvolvendo um *capital de identidade* que lhes permite negociar de forma satisfatória os obstáculos e oportunidades com que se vão deparando. A esta forma de construção da identidade, Côté (2000) atribui a designação de *individualização desenvolvimental* (*developmental individualization*), dado envolver um percurso de vida caracterizado por um crescimento contínuo e deliberado. Pelo contrário, quando o sujeito meramente adere de forma pouco crítica às opções que a cultura popular juvenil coloca à sua disposição, abdicando do seu poder de agir de forma activa sobre o delineamento do seu futuro, cai num processo de *individualização supletiva* ou *por defeito* (*default individualization*, Côté, 2000).

Como vemos, as características das sociedades actuais, ao não apresentarem um elevado grau de estruturação, abrem um conjunto vasto de oportunidades de exercício da liberdade individual. Contudo, verifica-se que o uso construtivo desta liberdade exige, por parte dos indivíduos, a utilização de um conjunto vasto de recursos que lhes permite exercer um certo poder de auto-determinação no sentido da construção de itinerários de vida que sejam pessoalmente satisfatórios, significativos e que potenciem o desenvolvimento de um sentido de identidade bem estruturado e integrado. Com Fromm (1983) poderíamos dizer que a existência de uma *liberdade de* (inexistência de constrangimentos externos) implica que a pessoa saiba utilizar a sua *liberdade para*, ou seja, que tenha os recursos necessários para

construir identidades e projectos de vida nos quais se sinta realizado. Muitas vezes arcar com o ónus do exercício de uma *liberdade para* não se afigura fácil, daí observarmos a *fuga à liberdade* (Fromm, 1983) por parte de muitos, através, precisamente, da adopção de *identidades supletivas*, das quais obtêm, contudo, a ilusão de serem livres, dado que nada os prende, nem mesmo os seus próprios compromissos.

4. A “identidade” como instrumento de negociação da transição

Neste contexto da modernidade tardia, em que o processo de transição para a adultez assume um pendor fortemente individualista e é feito, geralmente, na ausência de um suporte institucional eficaz, é de extrema importância que os jovens possuam os recursos necessários para enfrentar e superar os desafios e obstáculos com que se confrontem. Côté (1996, 1997, 2000, 2006), a este propósito, apresentou o conceito de capital de identidade. Trata-se de um constructo que se refere aos recursos que o indivíduo está apto a utilizar nos processos de negociação para o acesso a bens sociais por ele almejados. De acordo com o autor, o capital de identidade pode ser tangível ou intangível. O primeiro refere-se a aspectos extrínsecos ao indivíduo como a sua capacidade financeira, a sua pertença a determinados grupos sociais, o nível sócio-económico (NSE) a que pertence, as credenciais obtidas a nível educacional; o segundo remete para atributos da personalidade ou competências adquiridas que incrementam a capacidade individual de negociação e intercâmbio proveitoso com outros sujeitos, grupos e instituições sociais. Numa sociedade onde a transição para a adultez se efectua num contexto marcado por elevados níveis de incerteza, imprevisibilidade e precariedade, o desenvolvimento de capital tangível e intangível revela-se de extrema importância. É ele que vai determinar a capacidade de agência do indivíduo – a sua habilidade para exercer um certo nível de controlo sobre o seu trajecto de vida. Como exemplos de capital intangível, Côté (2000) refere as *forças do ego* que englobam capacidades reflexivas e

de agência tais como a auto-estima, um *locus* de controlo interno, um sentido de propósito na vida, as capacidades de auto-actualização e de pensamento crítico, a auto-eficácia.

O capital de identidade tangível permitirá aos indivíduos aceder a e beneficiar de redes estruturais existentes no seu contexto sócio-cultural. Por seu lado, o capital de identidade intangível dotará o indivíduo duma capacidade de interacção com o seu contexto de vida que lhe permita extrair benefícios de tudo o que tal ambiente possa oferecer. Torna-se claro, contudo, que ambos se reforçam mutuamente: quanto mais se desenvolve um, mais facilmente se adquire e desenvolve o outro. No âmbito do desenvolvimento de um projecto de vida, no cenário dos processos de individualização compulsiva típicos da modernidade tardia, o desenvolvimento e acumulação de capital de identidade irá determinar o ponto em que cada sujeito se encontra no *continuum* que vai desde o pólo da *individualização supletiva* até ao pólo da *individualização desenvolvimental* (Côté, 2000). Além disso, no âmbito da relação dinâmica que se estabelece entre o indivíduo e o seu contexto, um menor capital de identidade será, ao mesmo tempo, causa e efeito de uma atitude de aceitação passiva das identidades *pré-fabricadas* que a sociedade de consumo coloca à disposição dos seus membros – algo que pode resultar na procrastinação da assumpção dos papéis e responsabilidades associados à identidade adulta. Estamos aqui no pólo da *individualização supletiva*, cuja dinâmica não favorece o desenvolvimento do capital identitário. Por seu lado, um maior capital de identidade pode ser, também, causa e efeito de uma atitude pró-activa de uso de estratégias de crescimento pessoal tendente ao desenvolvimento de projectos de vida viáveis e pessoalmente significativos numa comunidade de adultos. Estaríamos aqui na presença do pólo da *individualização desenvolvimental*, associada ao aumento progressivo deste capital identitário.

A teoria do capital de identidade postula, então, que os indivíduos podem compensar os défices estruturais ou institucionais das sociedades actuais através de investimentos identitários no decurso do seu processo de individualização compulsiva. Trata-se de um

modelo que permite observar e analisar variações individuais no processo de resolução da identidade e de transição para a vida adulta, em termos dos recursos que as pessoas vão desenvolvendo e dispondo no decurso da negociação das oportunidades e riscos com que se vão confrontando.

5. A dimensão da incerteza e sua gestão na transição para a vida adulta

Durante a vigência do “curso de vida institucionalizado” (Kohli, 1986), o percurso biográfico podia ser concebido como uma linha de desenvolvimento linear e sequencial composta por fases distintas com características e funções diferenciadas: a juventude como momento de preparação para o trabalho e constituição da própria família; a adultez como período de trabalho, constituição de família e educação dos filhos; a velhice como período de reforma. Nas sociedades contemporâneas a narrativa biográfica perdeu este carácter sequencial e linear e a sua ancoragem numa estrutura transmissora de sentido e continuidade ao curso de vida na sua globalidade. Em vez de fases sequenciais funcionalmente interligadas, o curso de vida parece, cada vez mais, ser composto por “episódios” fragmentados, cada qual com a sua própria estrutura temporal e limitado tanto em abrangência como em profundidade (Bauman, 2001, 2007).

Esta fractura do tempo biográfico tem um impacto directo na condição da “juventude” e no processo de transição para a vida adulta dada a relação dual que esta fase da vida possui com a dimensão temporal (Leccardi, 2005): por um lado, a condição de “jovem” encerra em si a ideia de limitação temporal – trata-se de uma fase ou condição destinada a ter uma conclusão ou resolução que permita subsequentemente a aquisição da condição de adulto; por outro, a sociedade exige dos jovens que delineiem e planeiem o seu tempo biográfico

através da construção de relações significativas com o tempo social – uma interligação significativa entre o tempo biográfico e o tempo histórico colectivo. O cumprimento destes dois pressupostos daria significado à condição da juventude no contexto de um ciclo vital sequencial e linearmente estruturado. A dimensão da planificação, típica da Modernidade, constituiria o cerne da construção da própria identidade e o princípio organizativo do percurso biográfico (Zinn, 2008, 2009). As dimensões temporais do passado, presente e futuro estariam interligadas por força da lógica de um plano de vida. Contudo, com a desestruturação do curso de vida, a interligação entre a planificação e a dimensão de futuro das biografias individuais entrou em crise. As narrativas biográficas da Modernidade Tardia viram-se forçadas a incorporar esta crise ou fractura temporal e a conceber o futuro como algo incerto e imprevisível que exige constante flexibilidade na forma de construção de percursos biográficos (Leccardi, 2005). A incerteza tornou-se, assim, uma dimensão inescapável das vidas dos jovens em trânsito para a vida adulta, arrastando consigo um conjunto de corolários como o carácter temporário de “episódios” ou projectos de vida, a falta de sentido inerente à construção de planos a longo prazo e a necessidade constante de proceder a revisões de objectivos propostos à luz de contínuas mudanças situacionais. As reacções dos jovens a esta dimensão de incerteza presente nas suas vidas são bastante variadas. Leccardi (2005), com base em estudos qualitativos realizados em Itália a partir de finais da década de 1970, captou diversos modos de lidar com a incerteza destes jovens, nesta fase do seu percurso biográfico. Uma primeira tendência de resposta à incerteza consistia na substituição de uma planificação a médio e longo prazo por guiões ou princípios orientadores da acção (mais genéricos e imprecisos) não vinculados à obtenção de resultados concretos e de algum modo medíveis. Trata-se de uma forma de “ direcção existencial” (Leccardi, 2005, p. 130) orientadora do percurso de vida num contexto em rápida mudança no seio da qual “pequenos” projectos, de curta duração temporal e facilmente reversíveis caso as circunstâncias o exijam, podem emergir. Este seria um modo de confronto com a incerteza mais típico de jovens com elevadas

habilitações académicas e boa capacidade de controlo (auto-controlo ou auto-regulação) sobre o seu tempo biográfico. Uma segunda estratégia de confronto com a incerteza estava associada ao “acaso” como ocorrência inesperada a ser abordada reflexivamente e transformada num recurso ou oportunidade para a acção. O que daqui resultaria seria uma abordagem à biografia como um trabalho em contínuo desenvolvimento. Este modo de confronto com a incerteza exigiria a habilidade para intuir as oportunidades que pudessem surgir (para não perder uma ocasião inesperada), assim como a flexibilidade necessária ao seu aproveitamento. Também neste modo de confronto com a incerteza, as oportunidades atrás referidas tendem a corresponder à concretização de objectivos “pequenos” ou “mínimos”. Um terceiro modo de lidar com a incerteza é semelhante ao anterior e encontra-se ligado à ideia de “sorte”. A sorte seria aqui entendida não como uma submissão ou rendição à incontrolabilidade biográfica mas como uma habilidade ou ferramenta (estratégia activa) de aproveitamento de oportunidades num ambiente sobre o qual se tem pouco ou nenhum controlo. Esta estratégia pressupõe o desenvolvimento de uma racionalidade dirigida ao aproveitamento de pequenas oportunidades confinadas à dimensão temporal biográfica do “presente” como forma de lidar com um futuro incerto, percebido como inalcançável, objecto de receio e não passível de planificação. O presente é, assim, vivenciado como estendido ou alargado e descontínuo, não abrindo espaço a uma dimensão biográfica de futuro. A percepção da incapacidade de aproveitamento de oportunidades e opções que se vão incessantemente desvelando no fluxo dos acontecimentos externos traduz uma sensação de impotência relativamente ao controlo do tempo biográfico e uma vivência dual simultânea e paradoxal do tempo: por um lado, o tempo (particularmente o tempo externo, do curso dos acontecimentos sociais) é vivenciado como um fluxo rápido e de direcção imprevisível; por outro, o tempo biográfico, interno, subjectivo é vivido como lento. Ocorre aqui uma disjunção entre estas duas ordens temporais, com percepção de estagnação do tempo interno. A atitude oposta caracteriza-se pela percepção de confluência entre tempo interno e tempo externo e

de capacidade de participação no fluxo do tempo externo. Aqui o jovem, dotado dos necessários recursos sócio-culturais, tem uma participação activa na construção da sua trajectória biográfica e possui um horizonte de iniciativas e objectivos de médio e longo prazo nos quais se encontra investido. Mesmo perante acontecimentos inesperados, existe a convicção na capacidade de recuperação de uma dimensão de planificação do futuro e de controlo sobre o tempo biográfico. No contexto deste superior grau de estruturação da trajectória biográfica, encontram-se também aqui os princípios gerais de orientação da acção, típicos do primeiro modo de confronto com a incerteza atrás descrito e que servem de antídoto contra a mesma.

Apesar da diversidade de formas de lidar com a incerteza que estes jovens possam colocar em prática, parece existir algo de comum quanto à forma de percepcionarem o ritmo do fluxo do tempo. De facto existe a percepção generalizada de que tal fluxo se desenrola a um ritmo extremamente acelerado. Paradoxalmente, existe também, para alguns, a percepção de que o tempo das transições transcorre a um ritmo angustiantemente lento. Esta contradição (presente em maior ou menor grau em função dos recursos e modos de confronto com a incerteza) acaba por lhes criar a sensação de não estarem preparados para acompanhar o acelerado ritmo das contínuas transformações sociais – a sensação de serem demasiadamente lentos para, de forma satisfatória, poderem construir os seus percursos biográficos no contexto de um ritmo externo tão acelerado. Daí decorre a vivência típica do “desperdício” do tempo, que se tem vindo a generalizar no seio das gerações que fazem a sua transição para a vida adulta. Trata-se de uma vivência geradora de elevados níveis de ansiedade e inquietação que estimulam uma procura impaciente de compensação do tempo “perdido” através de tentativas frenéticas de acompanhamento do passo do tempo externo. Paradoxalmente, uma consequência desta relação ansiogénica com o tempo acaba por ser a vivência da “falta” de tempo e a sensação de se estar a ser sobrecarregado por um número infindável de possíveis cursos de acção através dos quais parece impossível discernir um

itinerário biográfico. Tudo assume um carácter precário e temporário. Impõe-se a necessidade de se ter a mobilidade suficiente para aproveitar as oportunidades e possibilidades de acção assim que elas emergem mas também a sagacidade para as abandonar aquando do surgimento de novas oportunidades mais promissoras (Bauman, 1999, 2000). Contudo, frequentemente tais oportunidades revelam-se ilusórias na sua capacidade de corresponder à satisfação da necessidade de progressão biográfica, gerando um sentimento de frustração ou até de inadaptação à realidade externa. Ao mesmo tempo, o ritmo acelerado da vida vai convidando ao investimento sucessivo em projectos de curto prazo (“experiências”) que vão reforçando e atestando a capacidade de mobilidade e adaptabilidade a situações e desafios diversos. De acordo com Leccardi (2005), este tipo de vivência do tempo biográfico na ausência de um projecto de vida aproxima-se do conceito de *bricolage* proposto por Lévi-Strauss (1962). Um *bricoleur* seria aquele que realiza um trabalho com as suas próprias mãos de uma forma experimental, sem projecto, adaptando-se aos materiais disponíveis e construindo as suas próprias ferramentas à medida das necessidades e dos desafios que vão emergindo; nenhum elemento que vai sendo utilizado nesse labor paulatino se encontra ligado a um uso pré-definido e o resultado final encontra-se intimamente ligado às condições e meios momentaneamente ao dispor do artífice. Nesse processo, o resultado final pode muito bem ser distinto daquilo que era a intenção inicial.

Presos num presente alargado feito de “experiências” de vida descontínuas, os jovens em processo de transição para a adultez assumem a condição de “nómadas do presente” (Melucci, 1989). Não procuram a concretização de um objectivo ou projecto (biográfico) final; exploram continuamente envoltos em impermanência; não se preocupam com ideias de fronteira, com algo que se encontra à sua frente e necessita ser “confrontado”. A vida não é objecto de planificação e as decisões biográficas são tomadas ao sabor de desejos e necessidades situacionais (Rosa, 2003). Qualquer ligação entre momentos da construção biográfica não é estabelecida com base numa ideia prévia de projecto, podendo apenas

emergir a partir de uma reflexão *a posteriori* acerca do caminho percorrido. A experiência temporal e a experiência biográfica interligam-se em torno de um conjunto de “presentes” que geralmente apresentam poucas relações recíprocas (Bauman, 2007). A contínua experimentação e a capacidade de mobilidade de experiência para experiência fazem parte da primordial qualidade que a estes jovens é exigida – a flexibilidade (Sennett, 1998). Neste contexto, a ideia de estabelecimento de compromissos e responsabilidades de longo prazo não tem acolhimento e a existência apresenta-se “destemporalizada” (Leccardi, 2005). Esta situação não implica, no entanto, uma falta de consciência relativamente ao futuro ou um desligamento absoluto entre as dimensões temporais do passado, presente e futuro. Ela denota principalmente uma preferência pelo presente como resultado do uso de uma estratégia de construção biográfica adaptada ao ritmo rápido do tempo social e à elevada incerteza experienciada relativamente ao futuro.

No contexto deste processo de transição para a adultez complexo, marcado por níveis elevados de instabilidade e incerteza e caracterizado por descontinuidades das experiências biográficas, a família assume o indispensável papel de base segura a partir da qual as sucessivas explorações no mundo adulto são efectuadas. Ela constitui uma rede de segurança material e emocional contra os riscos e incertezas inerentes ao processo de transição que permite criar formas de continuidade temporal capazes de contrabalançar as descontinuidades características dos percursos biográficos de transição (Leccardi, 2005). Especialmente no contexto do modelo mediterrânico de transição, a família assume actualmente o papel de rede de suporte ao processo de transição individualizada dos jovens durante períodos extremamente prolongados de transição, através da disponibilização de formas flexíveis de apoio que lhes permitam o exercício das suas escolhas pessoais (o exercício de uma “biografia de escolha”). Só o apoio familiar torna disponível o tempo necessário para que os jovens procedam às escolhas e tomadas de decisão tendentes à expressão das suas potencialidades como indivíduos adultos.

6. Integração das abordagens à incerteza e do capital de identidade na resposta aos desafios da transição para a vida adulta

Lidar com um futuro incerto constitui uma tarefa fundamental no processo de gestão biográfica das novas gerações em trânsito para a vida adulta. De facto a incerteza assumiu-se como uma dimensão da vida nas sociedades contemporâneas de tal forma saliente que Bonß & Zinn (2003) equiparam gestão biográfica a gestão da incerteza. Em face de percursos de transição constituídos, muitas vezes por “episódios” ou “experiências” desconexas que não obedecem à lógica de um plano biográfico, o jovem em transição parece fazer uma espécie de navegação “à vista”, aproveitando pequenas oportunidades e cumprindo pequenos objectivos que se vão sucedendo, na ausência de uma teleologia que o conduza a um fim esperado, o estado adulto.

A questão torna-se ainda mais complexa quando a representação do que é ser adulto se encontra, também ela, em profunda redefinição e não assume contornos claros e precisos (Andrade, 2010; Blatterer, 2007; Boutinet, 2000; Côté, 2000, Sousa, 2010). A adultez típica do período de vigência do “curso de vida institucionalizado” remetia para uma ideia de “adulto padrão” (Sousa, 2010) como estatuto social a atingir depois de toda a preparação que constituía a fase da juventude. O atingir de tal estatuto estava socialmente bem definido através de marcadores normativos de transição para a vida adulta: o ingresso no mercado de trabalho e obtenção de estabilidade financeira e laboral, a assumpção de papéis conjugais e parentais através da criação da própria família. Esta representação tradicional ou *hegemónica* do adulto (Sousa, 2010), nascida da revolução industrial e tendo atingido o seu auge na primeira metade do século XX (Côté, 2000), com maior uniformização dos padrões de aquisição da condição de adulto, foi sendo progressivamente esbatida pela acção interligada de uma grande variedade de factores sócio-culturais anteriormente destacados: (1) as

mudanças no ingresso no mundo do trabalho, cada vez mais variadas, precárias e prolongadas; (2) a extensão do período de escolaridade e o entendimento da formação como algo contínuo que não se confina ao período da juventude; (3) o adiamento da constituição da própria família, ou por ausência de condições materiais e financeiras; (4) a possibilidade de programar a parentalidade de forma a conjugá-la com outros projectos e necessidades profissionais ou pessoais; (5) o surgimento de novos modelos conjugais e familiares; (6) a valorização da juventude e o desejo de prolongar um estilo de vida juvenil sem as responsabilidades e obrigações inerentes à assumpção de papéis conjugais e parentais; (7) o extremar de um estilo de vida assente no consumo e na satisfação de necessidades hedónicas geralmente associadas ao prolongamento da condição de “jovem” e à sua expressão como valor (e.g., Côté, 2000; Sousa, 2010).

A representação hegemónica do adulto vai sendo substituída por uma outra que Sousa (2010) denomina de “*emancipada*” ou “*positiva*”. Num outro sentido pode-se dizer com Blatterer (2007) que a adulez como *meta* foi substituída por uma adulez como *valor*. Nestas novas configurações, as anteriores noções de *passagem* para uma condição social fixa, estável e socialmente bem definida são substituídas pelas ideias de *percurso* e contínuo desenvolvimento tendente à realização pessoal. Arnett (2001) e Mendonça, Andrade & Fontaine (2009) apontavam como novos critérios de aquisição da condição de adulto a aceitação de responsabilidade por si próprio, a tomada de decisões de forma independente e a aquisição de independência financeira. É, desde logo, possível ser-se, em simultâneo, adulto e “jovem”: estar aberto à mudança e ao mesmo tempo ser responsável; viver apenas no presente mas ao mesmo tempo investir num futuro seguro; ser maduro mas não acomodado; improvisar mas saber o que se quer. Ser adulto neste sentido passa a ser um “estado de espírito” (Blatterer, 2007).

A construção da adulez ou a aquisição do estado de adulto torna-se, assim, mais individualizada e cada um vai construindo a sua versão do que é ser adulto, ancorada em

critérios mais subjectivos e valores individuais. A construção de si como adulto fica cada vez mais entregue ao próprio indivíduo e exige uma constante atitude reflexiva. Tais circunstâncias conduzem, no entender de Côté, ao nascimento de um “bravo novo adulto” (*a brave new adult*) (Côté, 2000) capaz de se auto-definir, auto-regular e construir um itinerário biográfico auto-realizativo ao longo de uma trajectória de individualização desenvolvimental em confronto com um horizonte de futuro incerto. A adultez passa a constituir um espaço plástico de contínua definição e redefinição identitária: um contínuo *tornar-se*, uma perpétua *emergência* com sucessivos momentos de transição nos vários domínios específicos da existência que se evidenciam como não lineares e reversíveis (Hendry & Kloep, 2007, 2012).

A auto-realização assume-se aqui como valor norteador da aquisição da condição de adulto e orientador do percurso biográfico. A condição indispensável para lidar com os desafios e obstáculos inerentes à realização pessoal como indivíduo adulto passa pela construção de um sentido de agência, através do desenvolvimento de capital de identidade, que permita negociar eficaz e satisfatoriamente transições biográficas (Côté, 2000). O desenvolvimento da capacidade de agência tornou-se um imperativo para processos de transição que se realizam num contexto sócio-cultural caracterizado por elevados níveis de anomia associados a uma individualização compulsiva (Bauman, 2001; Beck, 1992; Côté, 2000) dos modos e percursos biográficos. Se, por um lado, a falta de estrutura externa aumenta o leque de possíveis caminhos e formas de transição para a idade adulta, por outro, pode também constituir um factor de complexificação e problematização da transição. Daí o imperativo de desenvolvimento da capacidade de agência do indivíduo como recurso organizador e norteador do seu percurso biográfico apto a compensar a falta de referências sócio-normativas.

Às exigências colocadas pelo processo de individualização, acrescem as que advêm do generalizado clima de incerteza relativamente ao futuro (Bauman, 2001, 2007; Bonß & Zinn, 2003; Guerreiro & Abrantes, 2007; Heinz, 2009; Leccardi, 2005, Zinn, 2008). A ausência de

meta-narrativas integradoras e dotadoras de significado à experiência biográfica (formas de simbolizar o mundo e os percursos biográficos), o défice de socialização com o recuo do papel orientador das gerações mais velhas sobre os percursos dos jovens em trânsito para a vida adulta, assim como a geração descontrolada (e aparentemente paradoxal) de riscos e incertezas característica de sociedades dependentes do avanço científico e tecnológico, como forma de dominar e controlar os fenómenos naturais e sociais, vieram aumentar a percepção de incerteza vivenciada nas sociedades contemporâneas (Coimbra, 2005). Acresce a tudo isto toda a volatilidade, precariedade e imprevisibilidade que caracteriza o mundo das relações laborais e mesmo familiares, assim como o agudizar da incerteza promovido pelo processo de individualização acima referido. Neste contexto onde a incerteza se instalou e adquiriu um carácter sistémico, o curso dos acontecimentos e os resultados das decisões pessoais e coletivas tendem a ser cada vez mais imprevisíveis e muitas vezes dependentes de fatores que são desconhecidos no momento do processo de tomada de decisão. Na verdade, muitas vezes, inesperados acontecimentos futuros têm uma forte influência nos resultados finais das nossas decisões iniciais. Este fenómeno produz uma sensação de incontrolabilidade sobre os resultados dessas acções e o evoluir dos percursos biográficos. As suas consequências refletem-se em várias dimensões da organização dos percursos de vida: na (in)capacidade de articular passado, presente e futuro numa narrativa biográfica coerente (e consequente “presentificação” da existência); na (in)capacidade de estabelecer metas e fazer planos a longo prazo; na necessidade de rever (ou adiar) constantemente os planos e projectos de vida construídos à luz de mudanças contextuais; nas possíveis dificuldades ligadas ao processo de individuação durante um período de co-habitação com a família de origem cada vez mais prolongado; na necessidade de se beneficiar de um apoio familiar extremamente prolongado ao processo de transição para a vida adulta, que pode durar até à quarta década de vida.

A gestão biográfica, na fase de transição para a idade adulta encontra-se, assim, fortemente alicerçada e dependente dos modos ou estratégias de gestão da incerteza

biográfica (Bonß & Zinn, 2003). O sucesso do processo de transição dependerá, em grande medida, dos recursos de “navegação” num clima incerto e de horizonte indefinido. De entre estes recursos, as estratégias de gestão da incerteza e sua activação terão impacto tanto no evoluir do percurso biográfico como no desenvolvimento de novos recursos necessários para superar novos obstáculos e aproveitar as novas oportunidades na tarefa de construção de identidades adultas e viáveis. Lidar com a incerteza pressuporá para uns, os mais *orientados para a certeza*, a adopção de posturas mais conservadoras tendentes a defender e afirmar o que lhes é mais familiar, certo, claro e ausente de ambiguidade. Outros, contudo, mais *orientados para a incerteza*, tenderão a confrontá-la com uma atitude de maior entusiasmo e a aproveitá-la como veículo de descoberta e de exploração de novas e inesperadas possibilidades de auto-realização num horizonte biográfico mais aberto à mudança (Szeto & Sorrentino, 2010). Parece-nos também ineludível que a tarefa de gestão da incerteza no período de transição para a vida adulta dependerá das tarefas de *preparação* para os desafios da vida adulta (Carroll, 2010). Um estado de *preparação* que parece ter adquirido um carácter contínuo ou permanente, o que parece constituir uma contradição semântica dado que, por definição, a preparação deveria assumir um carácter limitado no tempo, terminando quando o indivíduo atingisse o estado de “preparado”. Contudo, este carácter definitivo e temporalmente circunscrito do processo de *preparação* não se coaduna com circunstâncias de vida em constante e imprevisível mutação, que exigem a sua extensão indefinida no tempo. A *preparação* institui-se como estado permanente de alerta e antecipação do incerto. Nas distintas formas de gerir a incerteza, a partir da perspectiva da *preparação*, agregar-se-ão processos psicológicos associados à gestão de objectivos e projectos de vida no contexto de um futuro incerto: capacidade de antecipação de possíveis acontecimentos como forma adaptativa de lidar com um ambiente em constante mutação; geração de respostas antecipatórias a possíveis ocorrências futuras; prontidão para abandonar objectivos e projectos que se revelem inexecutáveis e sua substituição por outros de igual valor realizativo

mas mais realistas; avaliação e possível revisão de formas de ver o mundo e expectativas que se revelem irrealistas; avaliação reflexiva de decisões tomadas e seus resultados; consideração e avaliação de alternativas de acção e focalização nas que se revelem como mais promissoras; utilização da consciência auto-noética como veículo de antecipação e simulação de acontecimentos futuros.

Por último, o desenvolvimento deste novo adulto exige um processo desenvolvimental longo e necessariamente assente na capacidade de apoio familiar prolongado, o qual se revela fulcral como base segura e rede de segurança contra os riscos inerentes ao processo de transição. Este apoio familiar constituirá também a base a partir da qual o jovem poderá desenvolver os recursos de capital de identidade necessários para ultrapassar os obstáculos e negociar satisfatoriamente as oportunidades com que necessariamente se deparará no seu trajecto para a vida adulta. O desenvolvimento destes últimos recursos revela-se fundamental nesta fase dado que constituirão uma estrutura interna orientadora da acção num contexto social cada vez mais anómico e individualizado. O suporte e base de apoio familiar conjugado com a capacidade de agência associada ao desenvolvimento e acumulação de capital de identidade tenderá a conduzir a uma forma de confronto e de gestão da incerteza biográfica capaz de potenciar a resolução da identidade adulta e promover a auto-realização (o bem-estar psicológico em sentido *eudaimónico*) (Cfr. Quadro 1).

Quadro 1. Estrutura conceptual do estudo com articulação das distintas dimensões de análise.

Fase do ciclo vital	“Adulter emergente”/ Fase alargada de transição para a vida adulta				BEP ¹	RIA ²
Dimensões de análise	Estrutura de Apoio	Individualização	Incerteza			
			<i>Orientação perante a incerteza</i>	<i>Preparação para a vida adulta</i>		
Recursos	Apoio familiar tangível	Capital de identidade tangível	Orientação para a certeza (menor tolerância à incerteza)	Estratégias de gestão da incerteza biográfica		
	Apoio familiar intangível	Capital de identidade intangível	Orientação para a incerteza (maior tolerância à incerteza)			

¹ Bem-estar psicológico

² Resolução da identidade adulta

7. Programa e objectivos do presente estudo

O presente estudo tem como objectivo primordial observar e captar as distintas formas de gerir a incerteza biográfica usadas pelos jovens em trânsito para a vida adulta, os seus factores de variação e o seu impacto na assumpção da adultez e no seu bem-estar. Assim, pretende-se, por um lado, aferir a influência que tanto os recursos familiares (em forma de

apoio tangível e intangível) como os recursos individuais na forma de capital de identidade, têm como factores capazes de potenciar o uso das várias estratégias de gestão da incerteza. Por outro lado, pretende-se observar como os recursos familiares e pessoais se articulam com as várias formas de gestão da incerteza biográfica de forma a potenciar a resolução da identidade adulta e o bem-estar psicológico. Dado que a individualização dos processos de transição não preclude a influência de factores estruturais, foi nosso objectivo, ainda, observar possíveis diferenças nas variáveis em estudo em função de duas variáveis sócio-demográficas, as habilitações académicas e a idade que, conjuntamente, potenciam a construção de dois universos de transição distintos (tanto nas suas modalidades como nos tempos de concretização dos vários movimentos de transição). Seguidamente expomos o programa de investigação conduzido nos seus sucessivos momentos.

Este trabalho subdivide-se em cinco estudos. Um primeiro estudo teve como objectivo a construção de um questionário destinado a captar as estratégias de gestão da incerteza na transição para a vida adulta. Dada a inexistência na literatura psicológica de tal instrumento, este assume-se como imprescindível como forma de permitir uma abordagem quantitativa a esta temática. A base de trabalho para a construção deste instrumento foi extraída dos elementos teóricos constantes das abordagens à incerteza até ao momento expostas. Uma outra base para a sua construção consistiu na realização e análise de entrevistas exploratórias que tiveram como objectivo captar a percepção de incerteza biográfica por parte de jovens na fase de transição para a vida adulta, assim como estratégias de gestão da incerteza por eles utilizadas.

Um segundo estudo consistiu na observação de diferenças nas variáveis em estudo em função das habilitações académicas e da idade dos jovens potencialmente estruturantes de dois grandes universos de transição para a vida adulta: o dos jovens que fazem uma transição que passa pelo ensino superior e o dos jovens que saem mais cedo do sistema de ensino (aquando do término do ensino básico ou secundário). A relevância desta diferenciação advém

do facto de ela ter uma influência decisiva no tempo e no modo de realização da transição para o mundo do trabalho e de operacionalização de subseqüentes transições (como a relativa à concretização de projectos familiares).

Num terceiro estudo pretendeu aferir-se a forma como as estratégias de gestão da incerteza são influenciadas pelos recursos pessoais (capital de identidade) e familiares à disposição dos jovens.

No quarto e quinto estudos, pretendeu-se avaliar o impacto que tanto os recursos pessoais como familiares têm, respectivamente, na resolução da identidade adulta e no bem-estar dos jovens, assim como perceber o papel mediador que as diferentes estratégias de gestão da incerteza podem desempenhar nesta relação, num contexto de transição marcadamente anómico e instável.

Parte II

Estudos empíricos

Capítulo I

Estudo I

Construção de um instrumento de avaliação das estratégias de gestão da incerteza dos jovens em transição para a vida adulta¹

1 . Introdução

A inexistência na literatura psicológica de um instrumento que permita captar as estratégias de gestão da incerteza dos jovens em trânsito para a vida adulta, e sua imprescindibilidade a uma abordagem quantitativa a esta temática, conduziu-nos à realização do presente estudo que teve precisamente como objectivo a construção de uma escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta. Para a construção dos itens da escala partimos da ampla literatura no domínio, abordada na parte introdutória do presente trabalho. Contudo, num momento prévio à construção do instrumento com base na revisão da literatura, sentimos a necessidade de aferir qualitativamente, junto de alguns jovens que se encontram na fase de transição para a vida adulta, a sua percepção da incerteza e respectiva repercussão ao nível da gestão biográfica. Procedemos à apresentação deste estudo qualitativo² prévio em anexo, para o qual aqui remetemos (Anexo C). Nesta breve introdução limitar-nos-emos a uma descrição sumária dos seus mais relevantes resultados para efeito da construção da escala de gestão da incerteza nesta fase do percurso biográfico. Assim, o estudo qualitativo exploratório permitiu observar que a incerteza parece ser ubíqua e uma dimensão

¹ Oliveira, J. E. & Fontaine, A. M. (2014). Uncertainty management in the transition to adulthood scale: Psychometric properties. Manuscrito em preparação.

² O estudo serviu de base à seguinte publicação: Oliveira, J. E. & Fontaine, A. M. (2012). Uncertainty management in the transition to adulthood. In Eugenia Scabini & Giovanna Rossi (Eds.), *Family transitions and families in transition* (pp. 111-124). Milano: Vita e Pensiero.

extremamente saliente das experiências de vida dos jovens que fazem o seu percurso de transição para a vida adulta. Esta incerteza que permeia várias esferas da sua vida tem consequências profundas a diversos níveis: (1) na capacidade ou dificuldade de articular passado, presente e futuro numa narrativa biográfica coerente; (2) na capacidade ou dificuldade de estabelecer metas e fazer planos a longo prazo; (3) na necessidade de rever constantemente os planos de vida actuais à luz de mudanças contextuais; (4) nas dificuldades ligadas ao processo de autonomia/ individuação (associadas a frequentes fracassos de projectos profissionais e familiares) e consequente utilidade ou necessidade de se beneficiar de um apoio familiar prolongado, que se pode estender até aos trinta anos de idade ou mais além. Estes diversos aspectos serão seguidamente analisados.

As várias dimensões, aqui analisadas, em que se reflete a gestão da incerteza no período de transição para a vida adulta, assim como as contribuições da literatura sobre o impacto e as formas de confronto com a incerteza serviram de base à construção da escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta. No que se refere à contribuição da literatura sobre a incerteza, foi dado especial relevo ao conjunto de abordagens explicitadas na primeira parte deste estudo: aos estudos qualitativos de Leccardi (2005, 2007) sobre os modos de abordar a incerteza na transição para a vida adulta; à *teoria da orientação para a incerteza* (e.g., Sorrentino & Hewitt, 1984; Sorrentino & Roney, 2000; Szeto & Sorrentino, 2010); à *teoria da preparação* (e.g., Carroll, 2010; Carroll, Sweeny, & Shepperd, 2006); à perspectiva sócio-histórica de Zinn sobre os modos de confronto e gestão da incerteza (Zinn, 2008, 2009).

2. Método

2.1. Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário sócio-demográfico e a uma Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta composta por 81 itens (Cfr. Anexo A), destinados a captar os modos ou estratégias de gestão da incerteza nesta fase da sua vida. O questionário sócio-demográfico solicitava informação sobre a idade, sexo, escolaridade e ocupação dos respondentes, bem como o nível de escolaridade e a ocupação dos pais. As respostas ao questionário foram efectuadas através de uma escala tipo Likert com uma amplitude de resposta de 1 a 6: 1 (não tem nada a ver comigo); 2 (pouco parecido comigo); 3 (um bocadinho parecido comigo); 4 (parecido comigo); 5 (muito parecido comigo); 6 (exactamente como eu).

2.2. Participantes

Quatrocentos e trinta e oito jovens participaram no estudo. As suas idades variaram entre 18 e 30 anos. Quanto ao sexo, 36% dos participantes são do sexo masculino e 74% do sexo feminino. Quanto a habilitações académicas, 70% dos participantes são estudantes universitários ou já concluíram uma licenciatura e 30% têm um nível de escolaridade até ao 12º ano. No que reporta à idade, 70% dos participantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos e 30% têm idades que oscilam entre os 24 e os 30 anos. Por último o NSE dos participantes, avaliado de acordo com o critério de Graffar (1956) está distribuído da seguinte forma: 41,2% dos participantes pertence ao NSE baixo, 43,5% ao NSE médio e 15,3% ao NSE alto.

Os dados foram recolhidos por administrações individuais e coletivas de questionários. Em todas as situações, as informações sobre o estudo e as instruções para preenchimento do questionário foram uniformizadas. A participação no estudo foi voluntária e o anonimato garantido.

2.3. Procedimento de construção da escala

A partir da revisão da literatura e dos dados obtidos através do estudo qualitativo prévio, procedeu-se à elaboração dos itens da escala. Seguiu-se a análise semântica dos mesmos a fim de aferir a sua compreensibilidade por parte da população-alvo. No decurso deste procedimento, uma versão preliminar da escala foi administrada a 15 jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade e com variadas habilitações académicas (desde o ensino básico ao superior). Simultaneamente foi conduzida uma avaliação de juízes com o objectivo de proceder à análise de construto. Esta avaliação contou com a participação de professores e investigadores universitários da área da psicologia cuja especialidade se centra nos estudos da adolescência e transição para a vida adulta. Um critério de concordância mínima de 80% entre os juízes foi utilizado para decidir sobre a pertinência de cada item ao construto e sua manutenção na escala. Através destes dois procedimentos (análise semântica e de construto), foram reformulados os itens de interpretação dúbia e eliminados os que foram objecto de discordância por parte da maioria dos juízes. Desta forma, chegou-se a uma primeira versão da escala composta por 81 itens (Cfr. Anexo A do presente trabalho).

2.4. Procedimento de análise de dados

Após recolha dos dados, a validação psicométrica da escala passou pelo tratamento e limpeza dos dados, pela realização de uma análise factorial exploratória (AFE) e pela aferição da consistência interna dos factores por recurso ao índice do alfa de Cronbach (α). O *software* estatístico usado nas análises consistiu no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, v. 18, SPSS Inc, Chicago, IL). Seguidamente foi realizada uma análise factorial confirmatória (AFC) com uso do *software* Amos (v. 20, SPSS Inc, Chicago, IL).

2.4.1. Tratamento dos dados

No que concerne ao tratamento e limpeza dos dados, foram realizadas análises de distribuição de frequências por forma a avaliar questões de multicolinearidade, normalidade (homocedasticidade e linearidade), omissão de dados e presença de *outliers* (valores excessivamente afastados da média). Os dados apresentaram-se precisos, não se observando erros no registo dos valores nem nas medidas de média e desvio-padrão. Não foram também observadas situações de multicolinearidade ou singularidade. Os casos omissos ascenderam a 1,9% e foram excluídos por recurso ao procedimento de *Listwise Deletion*. A presença de *outliers* multivariados foi avaliada pela distância de Mahalanobis, tendo-se eliminado 4 sujeitos.

2.4.2. Análise Factorial Exploratória

Seguidamente levou-se a cabo a análise factorial exploratória (AFE), com extração dos factores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação varimax. Foram

retidos os factores com *eigenvalue* superior a 1, de acordo com a informação dada pelo *Scree Plot* e a percentagem de variância retida, em consonância com orientações de Maroco (2007). A avaliação da validade da AFE foi efectuada de acordo com o critério KMO (Keiser-Meyer-Olkin), tendo-se observado um KMO = .752 (valor considerado médio) (Maroco, 2007). Também o teste da esfericidade de Bartlett se revelou significativo. Os dados foram, consequentemente, considerados factoriáveis. No decorrer do procedimento, itens com pesos factoriais inferiores a .30, diferenças inter-factoriais inferiores a .10 e comunalidades inferiores a .50 foram eliminados.

2.4.2.1. Resultados da AFE

A solução final da AFE, tendo-se seguido o critério do *eigenvalue* superior a 1 e as indicações do *Scree Plot*, assim como eliminado os itens com pesos factoriais inferiores a .30, com diferenças de pesos inter-factoriais inferiores a .10, permitiu reter 39 itens distribuídos por 5 factores. Na Tabela 1. pode-se observar a distribuição dos pesos factoriais de cada item pelos 5 factores obtidos. Esta estrutura da escala apresentava uma variância explicada de 43.06%.

O primeiro factor parece remeter para uma focalização em investimentos biográficos pessoalmente significativos, em função de prioridades claras e na base de uma planificação cuidada, reunindo os recursos necessários (pessoais e familiares) para o alcance dos objectivo propostos: “focalizo a minha actuação na concretização dos meus objectivos de vida”; “procuro ir aumentando os meus conhecimentos e recursos de forma a tornar-me cada vez mais competitivo”; “planifico cuidadosamente o que devo fazer para atingir os meus objectivos”; “procuro ajuda na minha rede de relações”; “estabeleço prioridades de objectivos a atingir”; “sigo os conselhos de pessoas mais velhas e experientes em quem tenho confiança”; “invisto no presente de forma a poder colher os frutos no futuro”; “procuro ter o maior

controlo possível sobre a minha vida”; “olho para aquilo que acontece a outros jovens para tirar lições para a minha própria vida”; “acredito que, com o andar do tempo, vou conseguir alcançar os meus objectivos”; “recurso à ajuda da minha família para enfrentar os desafios que se me colocam neste momento da minha vida”; “invisto em projectos de vida que me transmitem um sentimento de segurança”; “na vida, sigo o exemplo dos meus pais”. Tendo em conta o forte centramento dos recursos e do investimento na concretização de objectivos claros e prioritários, com base numa planificação cuidada, apelidamos este factor de **focalização**.

O segundo factor aponta para uma dispersão de explorações e investimentos por parte dos jovens com apelo à criatividade como forma de enfrentar os desafios vivenciais: “envolvo-me em vários projectos ao mesmo tempo”; “procuro situações novas e desafiantes”; “exploro diferentes estilos de vida”; “experimento diferentes projectos alternativos”; “procuro formas inovadoras e criativas para lidar com as situações e desafios da vida”; “mantenho vários projectos em aberto”; “procuro projectos alternativos quando os actuais se mostram difíceis de realizar”; “sou flexível na minha forma de encarar o futuro”. Como se pode apreciar, este factor apela à abertura e flexibilidade como forma de enfrentar a incerteza e denominamo-lo **abertura**.

O terceiro factor encerra uma ideia de concentração no presente, sem consideração de grandes planos e projectos com uma projecção no futuro, encarado como um lugar longínquo onde, eventualmente, um dia, os objectivos de vida se concretizarão: “centro-me no presente e não penso muito no futuro”; “relativizo os meus projectos e objectivos de vida”; “não faço planos para o futuro”; “não penso num grande projecto de vida e prefiro dedicar-me a diferentes projectos mais restritos que se vão sucedendo”; “acredito que, na minha vida, tudo se vai conjugar de forma a permitir a concretização dos meus objectivos”; “defino os meus objectivos a partir das oportunidades que me vão surgindo”; “para mim não existem decisões erradas pois todas as decisões conduzem a novas oportunidades”; “encaro o meu futuro como

a altura em que poderei realizar os meus objectivos de vida”. **Centração no presente** foi a denominação atribuída a este factor.

O quarto factor remete para uma ideia de comparação social e aprendizagem vicariante, com procura de pistas e caminhos para a própria vida através de uma observação atenta do que se passa pessoas da mesma coorte etária. Uma segunda ideia que transparece dos itens é a de procura de aconselhamento por parte de amigos e pessoas mais velhas e experientes. Enquanto se sente não dominar certos projectos vivenciais, o indivíduo, reserva a sua focalização em áreas percebidas mais sólidas e estáveis, porventura mais familiares: “Obtenho o máximo de informação de forma a lidar melhor com situações de incerteza”; “estou atento ao que acontece aos outros e daí tiro lições para a minha própria vida”; “evito correr riscos”; “procuro conselho dos meus amigos quando tenho que tomar uma decisão importante para a minha vida”; “procuro aprender aquilo que é necessário para me aproximar do meu ideal de vida”; “apoio-me nas áreas da minha vida que me oferecem maior estabilidade”. Revelando este factor um esforço de incorporação do saber experiencial quer da coorte etária quer de pessoas mais velhas e experientes, como forma de auxílio à gestão biográfica própria, denominamo-lo **navegação por aprendizagem vicariante**.

O quinto factor aponta, de forma clara, para o adiamento de decisões e projectos de vida para um tempo futuro em que o indivíduo se sinta preparado para os implementar ou que percepcione estarem reunidas as condições para tal: “adio as minhas grandes decisões de vida para uma altura em que as possa concretizar”; “adio os meus projectos de vida até que me sinta preparado para os pôr em prática”; “adio os meus projectos de vida até surgirem as circunstâncias adequadas para os concretizar”; “vou redefinindo os meus sonhos e objectivos em função das circunstâncias da vida”; “evito assumir compromissos que limitem a minha liberdade de escolha”. Sendo o adiamento a ideia mais forte que subjaz aos itens pertencentes a este factor, denominamo-lo precisamente **adiamento**.

2.4.3. Consistência interna

Depois de determinados os factores, foi avaliada a sua consistência interna através do índice de alfa de Cronbach. Os valores obtidos foram os seguintes: Factor 1 ($\alpha=.80$), Factor 2 ($\alpha=.74$), Factor 3 ($\alpha=.79$), Factor 4 ($\alpha=.62$), Factor 5 ($\alpha=.75$). Como se pode verificar, o Factor 4 apresenta um valor de alfa de Cronbach bastante reduzido. Ainda assim, foi decidido mantê-lo por forma a fazê-lo integrar a subsequente análise factorial confirmatória (AFC).

Tabela 1. Pesos factoriais da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta na estrutura composta por 5 factores.

Itens	Factores				
	1	2	3	4	5
gi53	,775	-,082	-,108	-,057	-,011
gi9	,753	,052	-,200	,217	,057
gi57	,731	,206	-,202	,157	,068
gi75	,564	,224	,147	-,020	,044
gi25	,531	,317	-,081	-,072	,181
gi60	,503	,192	,085	,035	,221
gi46	,494	,092	,056	,112	-,074
gi62	,480	-,019	,014	,319	,080
gi64	,438	-,211	,120	,153	-,067
gi61	,411	-,098	-,015	-,147	-,044
gi40	,398	,047	,104	,045	-,229
gi65	,371	,007	-,112	,132	-,049
gi44	,340	,237	-,072	,236	-,166
gi39	-,152	,722	-,073	,300	-,050
gi11	,097	,696	,090	,078	,064
gi55	,104	,681	-,046	-,123	,095
gi80	,131	,635	,097	,267	,127
gi10	,067	,625	-,145	,222	,042
gi30	,114	,608	-,118	,140	-,121
gi52	,071	,506	,153	-,070	,037
gi5	-,051	,445	-,060	,075	-,275
gi21	,318	-,041	,731	,079	,161
gi32	,281	,022	,722	,041	,120
gi74	-,020	,374	,648	-,006	-,272
gi22	-,076	,131	,636	,063	-,017
gi71	,332	-,008	,550	,195	-,041
gi63	-,085	,198	,517	,023	,128
gi70	-,121	,258	,487	-,094	,114
gi16	,041	-,121	,390	,073	-,006
gi81	,038	-,025	-,103	,666	,027
gi19	,184	,004	,156	,608	-,280
gi47	,036	-,325	,152	,543	-,049
gi8	,140	-,069	,089	,541	,098
gi23	,297	,138	,199	,504	,102
gi36	,262	-,174	,182	,484	,065
gi48	-,270	,163	,149	,131	,766
gi42	,071	,175	,075	-,220	,752
gi66	,111	-,097	-,036	-,057	,637
gi2	,132	,212	,141	,232	,633
gi	-,069	,104	,097	-,072	,309

2.4.4. Análise fatorial confirmatória (AFC)

Para fins de validação cruzada, foi realizada uma análise fatorial confirmatória (AFC) com uma outra amostra de jovens, com a administração de uma escala composta pelos itens retidos pela AFE. Foi utilizado o critério de probabilidade máxima (ML) na execução da AFC. O ajustamento dos modelos testados aos dados recolhidos foi avaliado por recurso a índices de modelos de equações estruturais: a estatística do χ^2 , que compara a matrix de variância-covariância implícita no modelo com a matrix de variância-covariância observada nos dados; o índice comparativo do ajustamento (CFI), que compara o modelo especificado com um modelo nulo sem trajectórias ou variáveis latentes; a raiz do erro quadrático médio de aproximação (RMSEA), que compara a matrix de variância-covariância implícita no modelo com a matrix de variância-covariância observada nos dados, ajustada para o tamanho da amostra e para a complexidade do modelo. Um bom ajustamento é representado por um valor de χ^2/gf inferior a 3 (Schermelel-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003), um CFI de 0,90 ou superior (Bentler, 1990), um RMSEA de 0,08 ou inferior (Kline, 2006; Quintana & Maxwell, 1999; Schermellel-Engel et al., 2003). Também foi usado o resíduo quadrático médio (SRMR), semelhante ao RMSEA e para o qual valores de 0,08 ou abaixo são considerados aceitáveis (Schermelel-Engel et al., 2003). Devido ao facto de o índice de χ^2 poder não se encontrar ajustado ao tamanho da amostra ou à complexidade do modelo, em modelos mais complexos um rácio de χ^2/gf superior a 3 pode não ser problemático desde que o CFI e o RMSEA indiquem um ajustamento adequado (Keith, 2006).

2.4.4.1. Amostra

A amostra utilizada para a realização da AFC foi composta por 620 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade, de ambos os sexos, pertencentes a três níveis sócio-económicos³ (alto, médio e baixo) e distribuídos por dois níveis de escolaridade (até ao 12º ano de escolaridade; superior ao 12º ano de escolaridade). No que concerne às características sócio-demográficas, a amostra encontra-se distribuída da seguinte forma: 266 homens (42,9 %), 354 mulheres (57,1 %); 122 sujeitos de nível sócio-económico (NSE) alto (20,1 %), 209 Sujeitos de NSE médio (34,4 %) e 277 Sujeitos de NSE baixo (45,6 %); 415 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos (67,4 %) e 201 sujeitos com idades compreendidas entre os 25 e os 30 anos (32,6 %); 211 sujeitos com habilitações académicas até ao 12º ano de escolaridade (34,5 %) e 401 sujeitos com habilitações superiores ao 12º ano (65,5 %).

2.4.4.2. Resultados da AFC

A AFC da estrutura de cinco factores obtida através da AFE foi então realizada. Os índices de ajustamento obtidos não foram satisfatórios (CFI = 0,643; RMSEA = 0,110). A re-especificação do modelo envolveu a eliminação dos itens com cargas factoriais mais baixas (< 0,4). Este procedimento conduziu à eliminação de dois dos cinco factores da estrutura original obtida pela AFE: a **centração no presente** e a **navegação por aprendizagem vicariante**. Alguns itens pertencentes aos factores conservados pela AFC foram também eliminados. No factor **focalização** foram eliminados os seguintes itens: “planifico cuidadosamente o que devo fazer para atingir os meus objectivos”; “procuro ter o maior controlo possível sobre a minha vida”;

³ O NSE foi avaliado a partir da profissão e do nível educacional do pai e da mãe dos participantes, de acordo com o critério de Graffar (1956).

“invisto em projectos de vida que me transmitem um sentimento de segurança”; “na vida, sigo o exemplo dos meus pais”. No factor **abertura** foram objecto de eliminação os itens “procuro projectos alternativos quando os actuais se mostram difíceis de realizar” e “sou flexível na minha forma de encarar o futuro”. Por último, no factor **adiamento**, procedeu-se à eliminação dos itens “vou redefinindo os meus sonhos e objectivos em função das circunstâncias da vida” e “evito assumir compromissos que limitem a minha liberdade de escolha”.

A re-especificação do modelo conduziu, assim, a uma estrutura composta por três factores e com bons índices de ajustamento ($\chi^2/df = 2,23$; CFI = ,93; RMSEA = ,06; SRMR = ,054), após se ter procedido à correlação entre os erros de medida dos itens gi18 e gi6, gi39 e gi33, gi6 e gi33, gi27 e gi7, gi13 e gi19, seguindo as sugestões dos índices de modificação (Figura 1). Dado que os grupos de itens cujos erros deveriam ser correlacionados refletiam conteúdos substancialmente idênticos, a re-especificação foi introduzida.

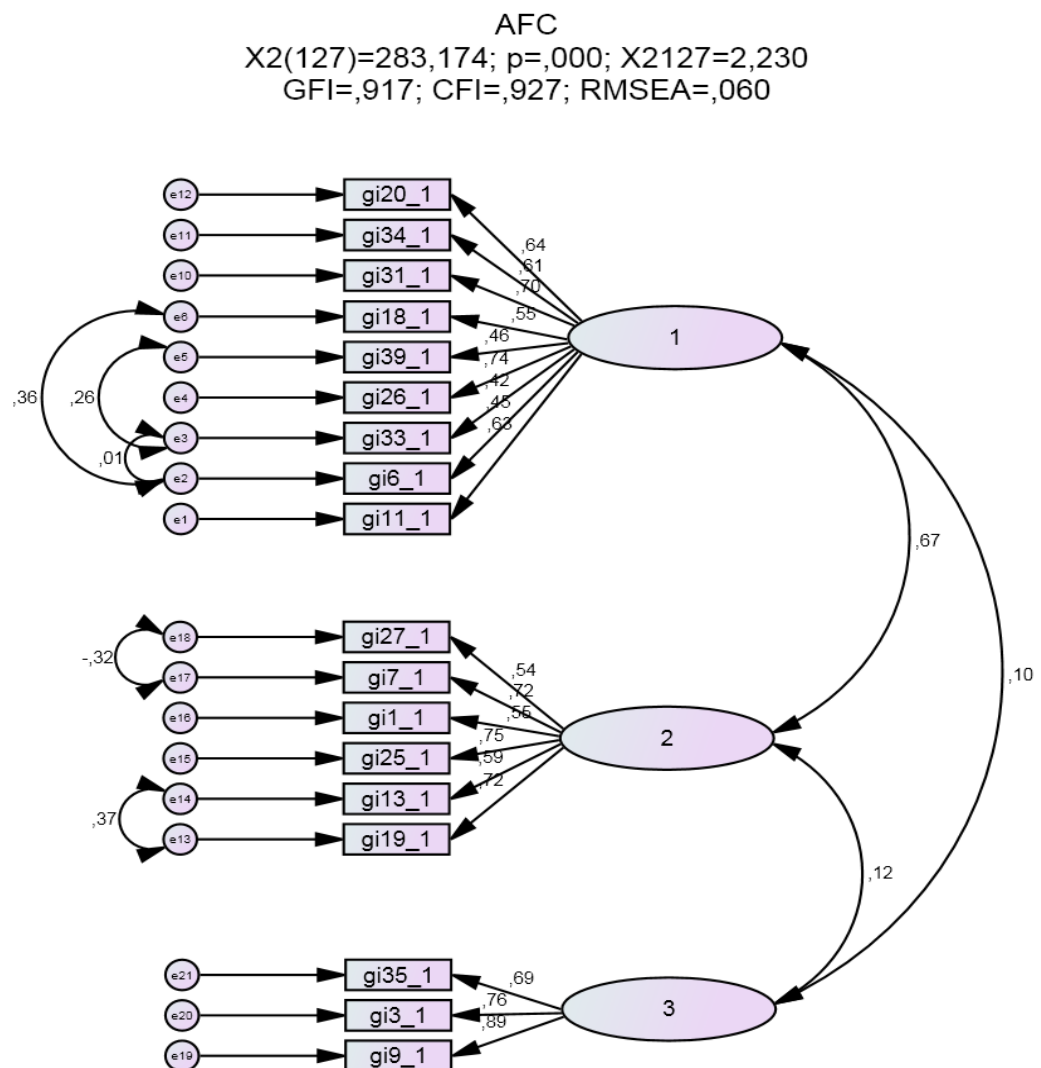
A estrutura final da escala conservou 18 dos 39 itens que a compunham. Estes itens encontram-se agrupados em três factores: **focalização** (9 itens), **abertura** (6 itens) e **adiamento** (3 itens) (Cfr. Figura 1).

A estratégia de *focalização* é formada pelos itens gi20, gi34, gi31, gi18, gi39, gi26, gi33, gi6 e gi11. Esta estratégia encontra-se centrada na definição e implementação de metas e objectivos, no estabelecimento de prioridades, no desenvolvimento de recursos pessoais, na procura de aconselhamento e apoio, e na posse de um sentimento de optimismo em relação ao futuro. A estratégia de *abertura* é formada pelos itens gi27, gi7, gi1, gi25, gi13 e gi19. Trata-se de uma estratégia caracterizada pela exploração de diferentes estilos de vida, a experimentação de projectos de vida alternativos, o uso de formas inovadoras e criativas de abordar os desafios da vida, a busca de novos desafios, investimento simultâneo em vários projetos, e manutenção de projetos de vida em aberto. Por último, a estratégia de *adiamento* compreende os itens gi35, gi3 e gi9. Esta estratégia envolve o adiamento de decisões e projectos de vida até que a pessoa se sinta preparada para assumi-los ou até que as

circunstâncias sejam percebidas como favoráveis à sua implementação (Cfr. Quadro 2 em Anexo C).

Os valores relativos à consistência interna dos factores podem-se considerar bons ($>.80$): adiamento (α de Cronbach = 0,81); abertura (α de Cronbach = 0,82); focalização (α de Cronbach = 0,81).

Figura 1. Estrutura factorial da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta resultante da AFC.



3. Discussão

A Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta apresenta uma estrutura factorial final composta por três factores ou dimensões de gestão da incerteza. O primeiro factor, que apelidamos de “**focalização**”, é composto por um conjunto de 9 itens que apontam para a planificação da acção em torno de objectivos e projectos pessoais definidos e tidos como prioritários nesta fase do percurso biográfico e à reunião das condições (recursos pessoais e apoio externo) percebidas como necessárias à sua concretização. Os vários componentes deste fator incluem a definição de metas e estabelecimento de prioridades de objectivos a atingir, o investimento em capital humano (melhoria de conhecimentos e competências para enfrentar os desafios da vida), o investimento presente em projectos que possam resultar em dividendos futuros, o recurso a aconselhamento e apoio de outras pessoas, a observação das experiências de outros jovens a fim de aí retirarem aprendizagens, o recurso ao apoio familiar e da rede de relações e, por fim, a posse de um sentimento de confiança relativamente à capacidade de concretização dos objectivos propostos.

Esta estratégia de gestão da incerteza parece apresentar dois componentes ou dimensões que se articulam por forma a poder garantir a concretização das metas desejadas. Primeiro, parece evidente um processo de “focalização” num número aparentemente restrito de objectivos a atingir (seleccionados em função da sua prioridade, grau de importância e expectativa de impacto positivo no futuro), evitando a dispersão da atenção e das energias por um vasto número de objectivos ou investimentos. Este grau de definição de objectivos e metas pessoais parece denotar já um certo índice de resolução da identidade, já que exige desenvolvimento de uma capacidade de agência (Côté, 2000) que permita a estabilização e solidificação da vontade relativamente a um primeiro delineamento do percurso biográfico futuro. A segunda dimensão reúne precisamente os recursos pessoais e externos necessários à concretização dos objectivos e projectos definidos. Tais recursos são relativamente amplos e

envolvem factores pessoais e sociais percebidos como necessários ao processo de *preparação* para uma acção racional e planificada que garanta eficácia e sucesso na concretização dos objectivos pré-determinados. Desde logo, os recursos pessoais a que esta estratégia apela passam pelo aumento de competências próprias (investimento em capital humano) de forma a aumentar a capacidade competitiva no contexto de um mercado de oportunidades exíguo e altamente concorrencial. Transparece aqui a tomada de consciência de que num mercado de oportunidades aberto e extremamente competitivo, somente os mais bem preparados conseguirão alcançar posições profissionais e sociais relevantes e pessoalmente satisfactorias. A contínua actualização de conhecimentos e competências pessoais como forma de responder eficazmente às exigências de um mundo em constante mutação exige uma capacidade de adaptação constante a circunstâncias e desafios que se vão sucedendo a um ritmo acelerado e marcado por grande imprevisibilidade. Contudo, trata-se de uma adaptação instrumental necessária à concretização de objectivos previamente delineados e mantidos como norteadores da acção: os instrumentos da acção vão sendo refinados e desenvolvidos por forma a que o sujeito adquira o grau de competitividade necessária à concretização de objectivos consolidados. Por último, a manutenção de um sentimento de confiança na capacidade de concretização dos objectivos de vida propostos constitui um forte factor motivacional estimulador da perseverança indispensável à ultrapassagem dos obstáculos com que o jovem se possa confrontar.

Os recursos externos a que esta estratégia de gestão da incerteza faz apelo são também variados. Desde logo, surge o recurso ao aconselhamento por parte de pessoas mais velhas e experientes. A ausência de um percurso normativo despoleta a necessidade de referências orientadoras do processo de tomada de decisões de vida e uma confiança nos saberes acumulados por pessoas maduras como forma de enfrentar um futuro percebido como incerto no que respeita à contínua (ou descontínua) progressão dos percursos biográficos. Por seu lado, a atenção que recai sobre as experiências vividas por outros jovens

denota a necessidade de recurso a um processo de comparação social como forma de extrair informações relevantes à tomada de decisões pessoais nesta fase do ciclo vital. O apoio da rede relacional dependerá do capital social do jovem, o qual variará, em quantidade e qualidade, em função de múltiplos factores como o NSE da família (e capital social associado), o percurso escolar e profissional, o local de residência e mesmo características de personalidade (determinantes de uma maior ou menor propensão e capacidade de criação de uma rede alargada de relações). A referência ao apoio familiar corrobora o modelo mediterrânico de transição para a vida adulta (e.g., Guerreiro & Abrantes, 2007; Leccardi, 2005; Pais, 2002; Scabini, Marta & Lanz, 2006). Num modelo de transição onde o apoio estatal é praticamente inexistente, o sucesso do processo de transição para a vida adulta dependerá substancialmente da quantidade e qualidade do apoio familiar (e.g., emocional, financeiro, social). Ora, tal apoio está associado ao uso da “focalização” como estratégia de gestão da incerteza, onde o jovem (de forma pessoal ou consultando a família) procede à definição das metas (inclusive estabelecendo prioridades) e faz uma avaliação dos recursos necessários (tanto pessoais como externos) para as atingir. Neste contexto, o objectivo do apoio familiar requerido encontra-se explicitado e a família pode avaliar a sua pertinência e a sua capacidade para o providenciar. Percebe-se neste ponto que o modelo mediterrânico de transição para a vida adulta pode ser propriamente considerado um “empreendimento familiar conjunto” (Lanz & Tagliabue, 2007; Scabini, Marta & Lanz, 2006).

Como podemos observar a estratégia de “focalização” exige a congregação de um conjunto amplo de recursos pessoais e sociais para a sua implementação. O apelo a estruturas familiares e sociais de apoio remetem para uma ideia de “ancoragem” social desta estratégia. O contexto social assume-se como estrutura de referência e apoio à gestão biográfica em face de um horizonte de incerteza.

O segundo fator que compõe a Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta aponta para uma estratégia de gestão da incerteza caracterizada por uma maior

abertura e dispersão dos objectos de exploração e investimento: a exploração de diferentes estilos de vida; a experimentação de projectos de vida alternativos; o uso de formas inovadoras e criativas de abordar os desafios da vida; a busca de novos desafios; o investimento simultâneo em vários projetos; a manutenção de projetos de vida em aberto. Denominamos esta estratégia “**abertura**” porque ela expressa uma atitude de acolhimento de um horizonte alargado e indefinido de possibilidades de acção. Os objectos de exploração e investimento encontram-se aqui mais dispersos, espelhando a exploração inerente ao processo de resolução identitária típico da nova fase do ciclo de vida denominada por Arnett (2000) *adulthood emergente*. Nesta fase, os *adultos emergentes* parecem não ter pressa em assumir compromissos e responsabilidades adultas, prolongando a condição juvenil da moratória psicossocial, possibilitada pelo contexto social com vista à resolução identitária (Côté, 2000). Podemos também associar o prolongamento desta fase de exploração ao aumento da incerteza que rodeia o processo de transição para a idade adulta. Tal incerteza leva a assumir uma posição flexível em relação às circunstâncias da vida através da manutenção de metas e projetos em aberto e susceptíveis a reformulações ou mesmo a abandono caso as circunstâncias se revelem desfavoráveis à sua implementação (Carroll, 2010). Se a identidade, que se encontra em processo de resolução, não assumir uma qualidade fixa ou rígida e, pelo contrário, se estabelecer como aberta à mudança e contínua renovação, a acção individual pode assumir um carácter mais maleável e fluído, em sintonia com um ambiente em constante mudança (Bauman, 2001; Bonß & Zinn, 2003). Neste caso, o indivíduo, através do uso da sua criatividade e capacidade de mudança ou flexibilidade, pode mesmo adquirir uma percepção de capacidade de promover a mudança e, assim, obter uma certa sensação de controlo sobre o ambiente externo. Neste sentido, o uso desta estratégia pode ser a expressão de uma tentativa de gestão (diluição) dos riscos inerentes à incerteza quanto à concretização de objectivos propostos: a dispersão de investimentos poderá aumentar a possibilidade de, pelo menos, algum ou alguns deles darem frutos. Num contexto social que

impõe constrangimentos ao acesso ao mundo adulto, o uso desta estratégia pode ser encarado como uma procura de soluções e caminhos possíveis para ultrapassar constrangimentos externos no processo de conquista da condição de adulto. Comparativamente com a estratégia de “focalização”, a “abertura” assume, assim, o carácter imprevisível do ambiente em que o indivíduo se enquadra, ao qual responde não através de uma flexibilização instrumental (desenvolvimento da versatilidade e eficácia dos meios para atingir os objectivos pré-definidos) mas de uma dispersão e flexibilização substantiva dos próprios objectivos.

Duas consequências parecem decorrer da flexibilização substantiva característica desta estratégia de gestão da incerteza. Por um lado, os recursos pessoais a que ela faz apelo já não assentam preferencialmente na capacidade de planificação mas sim no uso da criatividade e da capacidade de inovação como instrumento de superação de desafios inesperados inerentes a uma trajectória de vida com horizonte substancialmente mais indefinido. Parece tratar-se de uma estratégia com uma forte componente de “orientação para a incerteza”, onde o jovem espera poder lidar com a incerteza capitalizando os seus recursos através do uso da criatividade, inovação, empreendedorismo e dispersão dos objectos de investimento. Por outro, a “ancoragem” social característica da estratégia de “focalização” não é aqui visível. Podemos estar aqui em presença de uma estratégia mais individualista onde a presença de uma estrutura social de referência poderia vir a percepcionar-se como controlo e assumir-se como obstáculo à livre tomada de decisões biográficas assentes numa liberdade pessoal ampla e auto-referenciada. Ao contrário da lógica da planificação, onde a construção de sentido da acção (a sua *simbolização*) ocorre *a priori*, aqui tal construção de sentido parece poder ser construída apenas *a posterior*, a partir daquilo que vai resultando de uma exploração e investimento em objectos dispersos. A lógica da acção não será já a do controlo e da segurança mas sim a da contínua inovação sobre um horizonte de futuro aberto e indefinido. Não podemos deduzir, contudo, que esta estratégia pressupõe uma ausência total de

planificação, mas tal planificação tenderá manifestar-se na coordenação estratégica da operacionalização de diversas explorações e investimentos mais sectoriais.

A terceira e última estratégia de gestão da incerteza consiste no “adiamento” de decisões e projectos de vida para um tempo futuro em que o sujeito se sinta preparado ou as circunstâncias se mostrem favoráveis à sua implementação. Esta estratégia envolve uma atitude aparentemente mais passiva comparativamente com o cariz activo das estratégias de “focalização” e “abertura”. Podemos considerar que constitui uma estratégia supletiva usada pelo indivíduo em situações ou circunstâncias em que ele se sente impreparado para agir no sentido da procura de concretização dos seus objectivos de vida. Apesar da espera e do adiamento poderem ser, por vezes, inevitáveis na presença de circunstâncias externas extremamente desfavoráveis à concretização de certos objectivos de vida, quando o seu uso tende a ser generalizado e prolongado no tempo, pode acarretar resultados prejudiciais. Neste último caso poderemos estar na presença da procrastinação que, apesar de reduzir a ansiedade, é disfuncional e ineficaz na resolução de problemas em geral e na gestão da incerteza biográfica em particular. O “adiamento”, se convertido em procrastinação, pode denotar um estado de paralisação do indivíduo decorrente da assumpção de uma incapacidade para lidar com os desafios e obstáculos inerentes ao processo de transição para a vida adulta num contexto marcado pela incerteza e imprevisibilidade. Olhada por este prisma negativo, o “adiamento” pode conduzir ao que Côté (2000) denomina *individualização supletiva*, abandonando explorações e investimentos tendentes à construção de uma identidade auto-referenciada (assente em valores, objectivos e critérios pessoalmente significativos) e assumindo uma atitude de adesão e consumo passivo de *identidades* padronizadas e comercialmente disponibilizadas pela cultura vigente. De facto, a construção de percursos biográficos individualizados no contexto de um ambiente incerto e em constante mutação exige um grau mais elevado de capacidade de agência que se traduza no exercício de

explorações e investimentos tendentes à procura e materialização de uma trajetória de vida pessoalmente significativa e auto-realizativa (Côté, 2000).

As duas primeiras estratégias de gestão da incerteza (“focalização” e “abertura”) poderão ter consequências distintas no próprio processo de construção da identidade e nas dificuldades e perigos que lhe estão associados. A “focalização” parece expressar um grau superior de estruturação, obtida pela adesão à lógica da planificação e pela ancoragem em apoios sociais. Ao invés, a “abertura” apresenta um maior nível de dispersão e fragmentação, assim como uma menor dependência de apoios sociais. Esta última estratégia, se confere maior flexibilidade e capacidade adaptativa a um ambiente incerto e em constante mutação, parece colocar maiores exigências ao indivíduo se este pretender construir um sentido ou manter uma coerência global. O uso exclusivo de ambas as estratégias apresenta potencialidades e riscos. O uso exclusivo e prolongado da “abertura” pode levar a um estado de busca e experimentação perpétuas, sem nunca se comprometer com algo que assuma um carácter mais definido e definitivo. Poderá assistir-se aqui a uma extensão indefinida do estatuto de moratória (Marcia, 1966) ou de busca (*searchers*) (Josselson, 1996) que poderá, inclusive, conduzir a um estado de difusão (Marcia, 1966) ou deriva (Josselson, 1996) caso o indivíduo se veja incapaz de dar sentido e coerência pessoal ao seu percurso.

A estratégia de “focalização”, pela sua maior estruturação, pode, em casos extremos, assumir uma rigidez que diminua a capacidade adaptativa do indivíduo a um ambiente mutante e incerto. Estaríamos perante uma estratégia típica de indivíduos *foreclosure* (Marcia, 1966) ou guardiães (Josselson, 1996). O principal risco desta estratégia seria o de impor um modo de simbolização (de construção de sentido) da acção e, consequentemente, de construção identitária estritamente *prospectivo* ou delineado *a priori*. Num mundo caracterizado pela incerteza e constante mutação, que vai frequentemente exigindo reconstruções e reformulações identitárias, tal forma de produção de sentido do percurso biográfico nem sempre é possível. Pode conduzir a que o indivíduo acabe por se confrontar

com barreiras contextuais ou *desmentidos* da realidade relativamente a uma construção identitária que se revela desadaptativa a uma realidade aberta, mutante, incerta e com um horizonte de futuro indefinido. Contudo, quando a estratégia de “focalização” é precedida pela actividade exploratória e experimental mais característica da “abertura”, poderemos estar perante indivíduos *achievers* (Marcia, 1966) ou *pathfinders* (Josselson, 1996), cuja actividade exploratória tem valor instrumental como forma, em tempo útil, de encontrar investimentos significativos para a definição de si como membro participativo de uma comunidade de adultos. Contudo, nas sociedades contemporâneas, o atingir do estatuto de *achiever* ou *pathfinder* pode não possuir o carácter definitivo que inicialmente lhe foi atribuído. Dada a maior quantidade de mutações e transições biográficas a que os indivíduos actualmente se encontram sujeitos, parece ineludível a necessidade de novo recurso a uma estratégia de “abertura” aquando do surgimento de novos períodos de transição (no âmbito profissional ou familiar), seguidos de novas focalizações. No contexto de um mundo incerto, fluído e em constante mutação, os percursos biográficos parecem sugerir a necessidade de um retorno aos processos de construção identitária *de per si* (a exploração e o investimento) e do abandono da análise da construção da identidade por recurso ao conceito de estatutos identitários, formas mais rígidas e sequencialmente organizadas de definição do percurso de construção da identidade. Sucessivas explorações e investimentos vão ocorrendo, cujos ritmos e conteúdos são dificilmente previsíveis. Para além disso, a actual desarticulação entre várias esferas ou domínios de vida (como a que pode ocorrer entre escola e trabalho ou trabalho e família) conduz a que os indivíduos tendam, frequentemente, a apresentar ritmos e desenvolvimentos biográficos distintos e não coordenados entre si, em vários domínios das suas vidas (Hendry & Kloep, 2007, 2012).

A linha interpretativa das várias estratégias de gestão da incerteza até ao momento desenvolvida conduz-nos a não postular, *a priori*, o carácter mutuamente exclusivo das mesmas. Pensamos que as várias estratégias de gestão da incerteza apresentadas poderão ser

interpretadas como integradas num todo orgânico que se expressa em três fases ou momentos intercalados e sistematicamente interligados. A título de exemplo, o uso temporalmente limitado da estratégia de “adiamento” poderá conduzir à estratégia de “abertura” e esta à de “focalização”; aquando do surgimento de circunstâncias que tornem o uso da “focalização” ineficaz, esta estratégia pode dar lugar a novo “adiamento” ou à “abertura”. O desenvolvimento de percursos biográficos num contexto marcadamente individualizado e incerto que oferece constantes desafios e obstáculos à concretização de projectos de vida, de acordo com uma lógica linear e susceptível de planificação, leva a que tenhamos que conceber que as estratégias de gestão da incerteza se sucedam e intercambiem em função das contingências de vida, sem que se possa vislumbrar uma relação linear de sucessividade entre elas. Para além disso, dada a desarticulação actualmente existente entre os vários domínios da vida (por exemplo, a desarticulação entre formação, emprego e constituição da própria família), temos que conceber que um mesmo indivíduo possa usar, em simultâneo, em domínios diferenciados da sua vida, mais do que uma destas estratégias. O carácter incerto e não estandardizado dos percursos biográficos tende a aumentar os momentos de transição, de crise e de agudização da incerteza. A distinta qualidade de cada um desses períodos, em função dos desafios que coloca e dos recursos exigidos para a sua superação, pode potenciar o uso diferenciado, simultâneo ou sucessivo das estratégias de gestão da incerteza por parte de um mesmo indivíduo.

Como pudemos observar, a estrutura da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta permitiu captar três estratégias de gestão da incerteza nesta fase do ciclo vital que podem ser utilizadas em simultâneo ou não, em função dos desafios e obstáculos contextuais que se possam apresentar e dos recursos pessoais e familiares que possam estar à disposição dos jovens. Permitem captar, de modo fiel e válido, modalidades de gestão da incerteza com impacto na forma como a condição de adulto se materializa. Fortemente individualizados, abertos e indefiníveis de acordo com critérios sócio-culturais tradicionais,

tanto os percursos de transição como os modos de assumpção da condição de adulto enquadram-se melhor numa lógica de auto-desenvolvimento e auto-realização de horizonte aberto que se projecta para o tempo biográfico da adultez, numa lógica de *individualização desenvolvimental* (Blatterer, 2007; Côté, 2000; Sousa, 2010).

Capítulo II

A gestão da incerteza - determinantes e repercussões

1. Introdução

No contexto de sociedades individualizadas, assume-se o pressuposto que os jovens devem assumir a responsabilidade de conduzir os seus trajectos de transição para a vida adulta. No exercício da sua capacidade de auto-determinação, cabe-lhes a tomada de decisões num conjunto amplo de esferas da sua vida com repercussão nos seus *itinerários* de transição: tipo e duração do percurso educativo; estilo de vida; forma e momento de entrada no mercado de trabalho; escolha do momento de saída de casa dos pais; escolha do momento de formação da própria família. Naturalmente, tais escolhas e decisões não podem ser remetidas ao exercício de uma liberdade individual entendida em termos abstractos e absolutos. O exercício da capacidade de auto-determinação é sempre contextualizado e condicionado por factores associados às circunstâncias de vida de cada indivíduo. É no contexto de circunstâncias e condicionamentos vivenciais que cada jovem é chamado a explorar, identificar e investir na construção de *itinerários* de transição que lhe pareçam promissores (em termos de construção de um percurso biográfico pessoalmente significativo e auto-realizativo) e a negociar as múltiplas transições conducentes à condição de adulto. Na realidade, assistimos a um processo de “individualização estruturada” (Evans & Heinz, 1994; Roberts, 1997; Furlong & Cartmel, 2007) que afecta desigualmente os jovens em trânsito para a vida adulta e o seu acesso a itinerários de transição mais ou menos vantajosos em função de condições sócio-estruturais como o seu nível sócio-económico de pertença (Bynner, 2005). A negociação das múltiplas transições implícitas no trajecto para a vida adulta é sempre efectuada na tensão dialéctica entre a capacidade de agência e factores sócio-estruturais.

A metáfora da *navegação* tem vindo a ser profusamente utilizada como forma de caracterizar o processo de gestão da transição através do exercício da capacidade de agência dos jovens, expressa nas suas múltiplas decisões e escolhas relativas aos itinerários de transição e aos modos de interligação e integração dos seus percursos biográficos em vários domínios vivenciais (e.g., du Bois Reymond, 2009; Evans & Furlong, 1997; Heinz, 2009). A complexidade do processo de navegação nas sociedades contemporâneas advém do facto de os percursos biográficos se desenvolverem num contexto sócio-económico e cultural em contínua mudança, potenciadora dos riscos associados às decisões e escolhas a serem tomadas e à incerteza quanto aos resultados a que tais escolhas e decisões conduzirão (Beck, 1992). As “sociedades de risco” contemporâneas têm vindo, assim, a acentuar o carácter contingente das acções individuais e a incapacidade de previsibilidade dos percursos biográficos. Neste contexto, a *navegação* para a adultez apresenta-se como um desafio exigente que tende a materializar-se em itinerários que se apresentam frequentemente fragmentados num contexto de uma estrutura de oportunidades (especialmente no mundo do trabalho) em constante mutação. O resultado mais visível desta navegação para a adultez de forma individualizada nestas condições consiste na “destandardização” do próprio processo de transição, caracterizado pela perda de valor dos critérios etários como definidores e orientadores dos momentos de transição, pela profusão dos itinerários e pela própria mutação dos critérios de aquisição da condição de adulto (Andrade, 2010; Blatterer, 2007; du Bois-Reymond, 2009; Hendry & Kloep, 2007, 2012; Sousa, 2007, 2010). A complexificação introduzida pela destandardização do processo de transição reflecte-se, desde logo, no seu exponencial prolongamento, ao ponto se surgir a necessidade de se conceptualizar uma nova fase do ciclo vital correspondente ao período de transição para a vida adulta, como ocorre na proposta “adultez emergente” de Arnett (2000). O prolongamento da fase situada entre a adolescência e a vida adulta, e consequente alargamento da fase de juventude, vêm intimamente associados à extensão dos percursos educativos exigidos por um mercado de

trabalho cada vez mais exíguo ao nível das oportunidades que oferece e que reivindica níveis crescentes de especialização e capacidade competitiva. Nem todos os jovens têm, contudo, a oportunidade de usufruir deste período alargado de exploração e preparação para o ingresso na vida adulta. A este nível, os estudos sobre a juventude continuam a estabelecer a diferença entre percursos de transição *rápidos* e *lentos* (e.g., du Bois Reymond, 2009), sendo os primeiros caracterizados por uma saída prematura do sistema de ensino e um ingresso mais precoce no mercado de trabalho e os segundos por uma permanência mais prolongada no sistema de ensino (passando pelo ensino superior) como forma de aumento da capacidade competitiva e potenciação do acesso a posições laborais mais vantajosas. Esta diferenciação dos percursos de transição está fortemente associada ao nível sócio-económico da família de origem e às suas possibilidades de investimento no projecto educativo dos filhos, podendo considerar-se a “adulter emergente” uma fase intimamente relacionada com percursos de transição mais prolongados. A destandardização dos percursos de transição não é, contudo, unívoca: por um lado, o alongamento dos percursos de transição, com o elevado nível de exploração identitária que comporta, constituiria um factor promotor de crescente individualização, diferenciação e diversidade destes percursos; por outro, tendo em conta a influência de factores sócio-estruturais (como o nível sócio-económico) na diferenciação dos itinerários de transição, podemos reconhecer a existência de diferentes formas de destandardização influenciadas por distintos graus de acesso a percursos educativos mais longos e a formas de transição para o mercado de trabalho mais vantajosas (du Bois-Reymond, 2009).

A “destandardização” do processo de transição vem ainda questionar a conceptualização do ciclo vital num modelo de fases que se sucedem no tempo de forma linear (du Bois-Reymond, 2009; Hendry & Kloep, 2012). De facto, os dados empíricos têm vindo a apontar para o surgimento de “biografias yo-yo” (du Bois Reymond, 2009; Pais, 2001) nas quais os indivíduos vão alternando entre fases do ciclo de vida: indivíduos que, depois de

integrados no mercado de trabalho por um período mais ou menos longo, caem nas malhas do desemprego e voltam a ingressar no sistema de ensino; pessoas que, depois de sair de casa dos pais, vivendo de forma independente e até construindo um projecto de conjugalidade e parentalidade, voltam (depois de uma ruptura familiar e/ou vivência de dificuldades económicas) à casa dos pais e a uma eventual condição de dependência financeira dos mesmos; pessoas casadas que, depois de um divórcio, voltam a assumir um estilo de vida juvenil. Juventude e adultez passam a ser, assim, categorias reversíveis que se podem alternar ao longo do percurso biográfico – um fenómeno que acaba por pôr em questão o conceito de “adultez” e consequentemente o próprio conceito de “transição para a vida adulta” nas suas acepções tradicionais (e.g., Blatterer, 2007; du Bois Reymond & Chisholm, 2006). Por um lado, os indivíduos podem percepcionar-se simultaneamente como jovens e adultos em domínios paralelos de vida (Hendry & Kloep, 2007, 2012), por outro, as transições apresentam-se como reversíveis, podendo paradoxalmente conceber-se, em alternância, processos de transição quer da juventude para a adultez, quer desta para a juventude ou, pelo menos, para condições e estilos de vida mais “tipicamente” juvenis (Blatterer, 2007; Hendry & Kloep, 2007, 2012).

Paradoxalmente, as condições e formas de destandardização do processo de transição para a vida adulta potenciaram a emergência de novos padrões standardizados (du Bois-Reymond, 2009). Desde logo, o mercado de trabalho das actuais “sociedades do conhecimento” exige um capital humano altamente qualificado, conduzindo à necessidade de um maior investimento na educação dos jovens ao nível pós-secundário. A redução dos postos de trabalho para trabalhadores não qualificados tem vindo a colocar os jovens sem formação superior numa situação que comporta mais riscos e imprevisibilidade no acesso a um mercado de trabalho (Weis, 2009). A tendência para o prolongamento dos percursos educativos tem-se vindo a transformar, assim, num padrão emergente que caracteriza e enforma os processos de transição. Este prolongamento, associado à fragilidade dos vínculos laborais, conduz, por sua

vez, a um padrão de adiamento de outras transições como a concretização de projectos de conjugalidade e parentalidade.

2. Recursos de navegação da transição

No contexto de movimentos de destandardização e re-standardização, tornar-se adulto depende de decisões individuais do adulto emergente. Este fenómeno, se por um lado aumenta o leque de possíveis caminhos, por outro também pode tornar a transição mais difícil e problemática. Na verdade, exige uma capacidade individual de compensação, através do uso estratégico de recursos pessoais e familiares, da falta de orientação social e institucional. Neste contexto, é de vital importância que os adultos emergentes desenvolvam e assegurem um repertório de recursos (habilidades, atitudes, valores, capital social) que lhes permita gradualmente moverem-se de uma posição de dependência da família de origem para uma de autonomia e independência associada à sua integração na comunidade adulta (Eccles, Templeton, Barber, & Stone, 2003). Nas últimas décadas, o campo da psicologia positiva tem sido prolífico na investigação dos recursos de navegação que são determinantes para uma passagem bem-sucedida pela adolescência e para a transição para a vida adulta (e.g., Eccles & Gootman, 2002; Eccles, Templeton, Barber, & Stone, 2003). Eccles & Gootman (2002), no âmbito de uma revisão de estudos sobre o desenvolvimento positivo no período da adolescência e de transição para a adultez, organizaram os recursos psicológicos e sociais fundamentais em torno de três categorias gerais: recursos intelectuais, psicológicos e sociais. Os recursos intelectuais incluem, entre outros, competências essenciais de gestão do percurso vocacional e de vida, boas competências de tomada de decisão e de resolução de problemas, capacidade de planificação. Os recursos psicológicos incluem elementos como uma boa saúde mental, auto-estima, competências de auto-regulação emocional, motivação para a realização,

confiança nas próprias capacidades com vista à concretização de objectivos, optimismo temperado com realismo, uma identidade pessoal e social coerente e positiva, um forte carácter moral. Por fim, os recursos sociais incluem um bom relacionamento com os pais, colegas e outros adultos, assim como um forte sentimento de ligação a redes e instituições sociais.

Numa outra conceptualização destes recursos, desenvolvida no contexto dos estudos sobre a identidade, Côté (1996, 1997, 2000, 2006) introduziu o conceito de capital de identidade para denominar os recursos psicossociais necessárias para uma transição bem sucedida para a vida adulta. A ligação destes recursos à consolidação da identidade vem de uma conceptualização da adulez emergente como uma extensão da moratória institucionalizada, associada à tarefa de desenvolvimento da resolução da identidade: um período privilegiado para o desenvolvimento dos recursos necessários para uma transição bem sucedida para a vida adulta por meio da consolidação da identidade (Côté, 1996, 2000, 2006 ; Côté & Levine, 2002; Schwartz, 2001).

Como já tivemos oportunidade de referir, o *capital de identidade* pode assumir um carácter tangível ou intangível (Côté, 1997, 2000). O capital tangível assume uma maior visibilidade social e pode consistir em credenciais académicas (capital humano), pertença a certos grupos ou instituições (capital social), padrões de linguagem e comunicação (capital linguístico), estatuto social da família (capital cultural). O capital social e o capital humano constituem indicadores de integração estável numa determinada comunidade legitimadora de um sentido de identidade social (Côté, 1996, 1997). O capital cultural vem geralmente associado ao estatuto social da família (Côté, 1996). Contudo, para indivíduos que se vão estabelecendo de forma autónoma na comunidade de adultos (beneficiando, porventura, de um processo de mobilidade social ascendente), este tipo de capital poderá referir-se ao seu próprio estatuto social (Schwartz, 2001). O capital linguístico tende a estar associado ao capital humano ou académico dado que, geralmente, a capacidade de uso de padrões linguísticos

mais sofisticados se encontra na posse de indivíduos de nível académico mais elevado (Schwartz, 2001). A possibilidade de inclusão de capital financeiro (por si só) neste inventário de capital identitário tangível foi afastada por Côté (1996, 1997) pelo facto de ele constituir, geralmente, uma função do estatuto social e de não se ter revelado como preditor da aquisição de outras modalidades de capital de identidade.

Por seu lado, o capital intangível remete para a posse de certos atributos psicológicos como auto-estima, um sentido de propósito na vida, força do ego, *locus* de controlo interno, assim como competências específicas na posse do indivíduo. Da posse de capital de identidade intangível resultará o sentido de *agência*, auto-direcção e livre exercício da capacidade de escolha que Erikson (1968) considerou de grande relevância para a formação de um sentido de coerência identitária no contexto das sociedades pós-industriais. Este sentido de *agência* pode ser definido como a assumpção de responsabilidade pelo evoluir do próprio percurso biográfico, baseado na crença do controlo sobre as decisões pessoais e suas consequências, assim como na confiança na capacidade individual de ultrapassar os obstáculos que possam surgir nesse processo de construção do curso de vida desejado (Côté & Levine, 2002). Um paralelismo pode ser estabelecido entre capital de identidade tangível e recursos sociais, assim como entre capital de identidade intangível e recursos intelectuais e psicológicos presentes na categorização de Eccles & Gootman (2002). Considerando-se que estes recursos (de natureza mais social ou psicológica) estão, nesta fase da vida, intimamente associados com a resolução da identidade, iremos referir-nos a eles, no presente trabalho, como recursos de capital de identidade, usando a terminologia da teoria do capital de identidade para os descrever e discutir.

Nos movimentos de destandardização e re-standardização acima descritos, a margem de autonomia no delineamento dos percursos de transição, ou seja, o espaço de “navegação” encontra-se dependente da presença de recursos pessoais e condições sócio-estruturais que permitam uma integração pessoalmente satisfatória e bem sucedida na comunidade adulta.

Os recursos pessoais traduzidos num sólido sentido de agência permitirão a negociação e capitalização de recursos sociais indispensáveis à construção de itinerários de transição pessoalmente significativos no contexto fortemente desestruturado das actuais sociedades pós-industriais. É neste sentido que Côté (1997, 2000) considera indispensável o desenvolvimento de um *capital de identidade* que dote o indivíduo de uma capacidade de agência que lhe permita a navegação da transição de forma auto-determinada e auto-regulada. O desenvolvimento e acumulação de *capital de identidade* será indiciador de um processo de *individualização desenvolvimental*, ou seja, de aproveitamento do período prolongado de transição para a vida adulta para a formação de um sentido de identidade estável e viável, que sirva de sustentação a investimentos adultos (Schwartz, Côté & Arnett, 2005). O desenvolvimento de capital identitário será fruto de explorações e investimentos em várias esferas de vida, como as da educação (de forma a conquistar credenciais académicas), do trabalho (com vista à aquisição de experiência profissional) e das relações (desenvolvimento da capacidade de construção de relações de intimidade). A abordagem proactiva destes desafios vivenciais resultará potencialmente na formação de uma estrutura identitária sólida e coerente para a negociação de recursos indispensáveis à integração na vida adulta e orientação do percurso biográfico (Côté, 1997, 2000; Côté & Levine, 2002; Schwartz, Côté & Arnett, 2005). Uma abordagem mais passiva ou procrastinadora dos desafios inerentes ao processo de transição poderá, inversamente, conduzir a dificuldades de formação de uma identidade sólida e coerente, com a resultante diminuição da capacidade de aproveitamento das oportunidades desenvolvimentais oferecidas pelo contexto de transição. Aqui estaríamos no pólo da *individualização supletiva (default individualization)* (Côté, 1997, 2000; Côté & Levine, 2002; Schwartz, Côté & Arnett, 2005) em que o percurso biográfico se desenrola ao sabor das circunstâncias e dos impulsos momentâneos, com a consequente diminuição da capacidade de agência por parte do indivíduo. Pode conduzir ao não aproveitamento de oportunidades de desenvolvimento de capital humano, de obtenção de credenciais

académicas e profissionais, de competências para lidar com os desafios da vida adulta. O resultado será a manutenção de um estado de falta de preparação para a tomada de decisões relevantes conducentes à assumpção de papéis e responsabilidades adultas (Carroll, 2010; Côté, 2000).

A relação existente entre capital de identidade tangível e intangível pode ser enquadrada no debate clássico acerca da relação entre agência e estrutura, como determinantes do comportamento humano, que remonta a Durkheim (1982). Na sua tentativa de distanciar a sociologia de variáveis psicológicas, Durkheim postulou a necessidade de explicação do comportamento humano com recurso a “factos sociais”, ou seja, manifestações de padrões normativos de pensamentos e comportamentos (Durkheim, 1982; Côté & Levine, 2002). Estruturas sociais como a classe social ou o género constituiriam determinantes do comportamento individual, sem necessidade de recurso a factores psicológicos como elementos explicativos e diferenciadores do mesmo. Por seu lado, a tradição dos estudos psicológicos tendeu a olhar as estruturas sociais como meras resultantes ou emanações de características e necessidades psicológicas, não lhes reconhecendo uma dimensão própria e independente. Na sua conceptualização da teoria do capital de identidade, Côté (1997, 2000) integra duas dimensões de análise do comportamento humano: agência e estrutura. Partindo de uma tradição da psicologia social denominada “perspectiva da personalidade e estrutura social” (House, 1977), Côté configura a identidade como passível de três níveis de análise: o da personalidade, envolvendo uma dimensão intrapsíquica tradicionalmente estudada pela psicologia desenvolvimental, pela psicologia cognitiva e pela psicanálise (o nível do *self*); o da interacção, compreendendo padrões concretos de comportamento em contexto de interacção pessoal; o da estrutura social, que remete para os sistemas políticos e económicos que definem a estrutura normativa de uma determinada sociedade (nível macro-sociológico de análise). Este entendimento multidimensional da identidade reflecte-se na seguinte taxonomia: o conceito de *identidade social* designa a posição de um determinado indivíduo na

estrutura social; o conceito de *identidade pessoal* remete para os aspectos mais concretos da experiência individual em contexto de interacção social; por último, o conceito de *identidade do ego* refere-se à experiência subjectiva de continuidade temporal característica da personalidade. Ao nível da sua *identidade social*, o indivíduo encontra-se particularmente influenciado por factores culturais e papéis sociais que o pressionam a enquadrar-se em determinados “moldes” identitários socialmente disponibilizados. Ao nível da *identidade pessoal*, os indivíduos são chamados a enquadrar-se numa determinada posição inter-relacional que resulta da interacção entre as prescrições da sua *identidade social* e a singularidade e idiosincrasia da sua história de vida. Por último, ao nível da *identidade do ego*, o indivíduo é directamente afectado por factores intra-psicológicos e disposições biológicas. No contexto de tal enquadramento teórico da identidade, o sentido de *agência* individual é entendido como a capacidade de influência de factores intra-psicológicos sobre o comportamento social. Desta forma, o estudo da interacção entre factores estruturais e factores de agência no comportamento dos indivíduos implica a operacionalização da capacidade de agência em termos de diferenças individuais no que toca a determinadas características ou disposições psicológicas. Por outro lado, e simultaneamente, exige-se o reconhecimento da influência das estruturas sociais como factores capazes de facilitar ou dificultar o exercício da capacidade de agência dos indivíduos.

2.1. Recursos pessoais

De forma a proceder ao estudo empírico do efeito da capacidade de agência sobre a formação da identidade, Côté (1997) procedeu à sua operacionalização utilizando uma medida compósita extraída da utilização simultânea dos seguintes construtos psicológicos: auto-estima, propósito na vida, *locus* de controlo interno e força do ego. Esta escala composta por

quatro sub-escalas destinadas a medir estes construtos foi denominada *The Multi-Measure Agentic Personality Scale* (Côté, 1997). A capacidade de agência, assim operacionalizada, evidenciou estar positivamente relacionada com a consolidação identitária e negativamente relacionada com a difusão da identidade (Schwartz, 2006). No que respeita à relação entre a capacidade de agência e seus possíveis determinantes sócio-estruturais, Côté (1997) observou que ela não se apresenta associada ao nível sócio-económico familiar dos jovens por ele estudados. Refira-se, contudo, que a amostra do estudo em questão consistia apenas de estudantes universitários, apesar de neste grupo estarem representados os vários níveis sócio-económicos. Estes resultados foram interpretados como um sinal de que, no que respeita a jovens enquadrados num contexto universitário, o sentido de agência pode, potencialmente, suprimir os efeitos de desvantagens sócio-económicas pré-existentes sobre a formação de relevantes componentes identitários (os associados à capacidade de agência). Num estudo subsequente, foi possível observar que os estudantes que suportavam eles próprios os custos da sua formação universitária evidenciavam uma mais rápida transição para a vida adulta, tendo em consideração a sua auto-percepção como indivíduos adultos e a sua capacidade de integração na comunidade adulta, quando comparados com os seus pares cujos estudos eram financiados pelos pais (Côté & Levine, 1997). Adicionalmente, a medida da capacidade de agência revelou-se como mais relevante do que medidas estruturais, como a educação e o rendimento dos pais, na predição de efeitos de longo prazo (seguimento longitudinal a 10 anos) ao nível da satisfação com o emprego e com o progresso em termos de desenvolvimento pessoal, assim como ao nível da existência de uma relação estreita entre as suas circunstâncias de vida presentes e as expectativas prévias relativamente ao desenrolar do percurso biográfico (Côté, 1997). Tais resultados foram entendidos como evidência da capacidade dos jovens para suplantar potenciais obstáculos estruturais à auto-determinação dos seus percursos biográficos através do exercício da capacidade de agência.

2.1.1. Recursos pessoais considerados no presente estudo

A capacidade de agência foi, até ao momento e no contexto da teoria do capital de identidade, operacionalizada com recurso à *Multi-measure Agentive Personality Scale* que, como atrás se referiu, integra medidas de auto-estima, sentido de propósito na vida, *locus* de controlo interno e força do ego (Côté, 1997). No âmbito do presente estudo, decidimos substituir as medidas de auto-estima, sentido de propósito na vida e *locus* de controlo interno pelas medidas de auto-determinação e auto-eficácia generalizada. Esta substituição foi suportada por duas ordens de razões. Por um lado, pretendeu-se proceder ao teste de novas medidas de forma a aferir os seus efeitos como índices da capacidade de agência. Por outro lado, as medidas introduzidas aparentam possuir uma íntima relação com as exigências de navegação para a vida adulta num contexto social fortemente individualizado e imbuído de incerteza. Por sua vez, a força do ego foi mantida como índice da capacidade de agência dada a sua relevância como recurso de gestão da transição num ambiente sócio-económico adverso que apela a uma elevada capacidade de auto-disciplina, auto-organização, resiliência e capacidade de adiamento da gratificação. A pertinência do uso destas medidas será objecto de análise e sustentação quando seguidamente procedermos à sua apresentação.

2.1.1.1. A auto-eficácia

No âmbito da teoria social-cognitiva, ao ser humano é atribuída a capacidade de exercício de controlo sobre a natureza e qualidade da sua vida (Bandura, 1997). Em vez de um ser meramente reactivo às forças do meio ambiente ou dirigido por impulsos inconscientes, cada indivíduo é tido como auto-organizador, pró-activo, auto-reflexivo e auto-regulador do seu comportamento e funcionamento psicológico global (Bandura, 1989). O ser humano funciona de acordo com o princípio da *reciprocidade triádica*, o qual postula que os factores inerentes ao indivíduo (cognição, emoção, aspectos biológicos), ao seu comportamento, assim como às condições ambientais interagem reciprocamente. Desta forma, o indivíduo não só reage cognitiva, emocional e comportamentalmente aos acontecimentos externos, como possui a aptidão de, através das suas capacidades cognitivas, exercer controlo sobre o seu comportamento de forma a mudar o ambiente externo, o que por sua vez, vai ter repercussões em si próprio a nível cognitivo, afectivo e mesmo biológico. Tal modelo de causalidade recíproca não assume, contudo, que os três elementos mencionados possuam em todas as situações igual força, nem que as influências recíprocas ocorram sempre de forma simultânea. De qualquer forma, devido às interacções e influências recíprocas entre as três instâncias, as pessoas são simultaneamente produtoras e produtos dos meios ambientes onde estão inseridas. É neste quadro de determinismo recíproco que se torna importante a posse de um conjunto de capacidades (capacidades simbólicas, de auto-reflexão, auto-regulação e de aprendizagem vicariante) que permitam ao indivíduo exercer um certo grau de controlo sobre o seu ambiente.

Tendo em conta os pressupostos atrás expostos, no âmbito da teoria social cognitiva o indivíduo é visto como um ser livre, com capacidade de auto-determinação. Uma auto-determinação que, de acordo com Bandura (eg. 1989), não é incompatível com a noção de determinismo: a liberdade não é concebida de forma negativa, como a ausência de coerções e

condicionalismos externos, mas sim de forma positiva como a possibilidade de influência do indivíduo sobre tais condicionalismos. Assim, e em face das mesmas condições ambientais, as pessoas que desenvolveram capacidades para atingir certos objectivos através da auto-regulação da sua motivação e comportamento ou que são capazes de negociar objectivos alternativos tendem a ser mais bem sucedidas nos seus empreendimentos comparativamente com aquelas que são mais rígidas ou possuem meios mais limitados de actuação sobre os seus ambientes externos (Bandura, 1989). O *self* será, assim, “em parte, moldado através do exercício contínuo da auto-influência” (Bandura, 1989, p. 1182) sobre as próprias condições de vida.

2.1.1.1.1. A auto-eficácia: definição

De acordo com a teoria da auto-eficácia (Bandura, 1977, 1989), a forma como as pessoas percebem e interpretam os acontecimentos, nomeadamente os resultados das suas acções, produz efeitos nas suas crenças pessoais, as quais, por sua vez, terão um papel determinante nos seus comportamentos subsequentes. Os indivíduos são, assim, detentores de um sistema pessoal que os habilita a exercer um determinado nível de controlo sobre os seus pensamentos, sentimentos e acções, o que, por sua vez, lhes abrirá espaço para a modificação dos seus próprios contextos de vida. As crenças pessoais assumem-se então como um poderoso factor motivacional. De entre tais crenças usadas como mecanismo de controlo sobre o contexto vivencial, têm, para Bandura (eg. 1989), especial relevância as crenças de auto-eficácia, ou seja, as crenças da pessoa nas suas capacidades de exercer controlo sobre os acontecimentos que afectam as suas vidas. Tais crenças operam na acção do indivíduo através de processos motivacionais, cognitivos, afectivos e de selecção – os denominados processos mediadores activados pela auto-eficácia que, adiante, analisaremos.

Quanto aos *processos motivacionais*, Bandura (1989) afirma que o nível de motivação do indivíduo é determinado pelas suas crenças de auto-eficácia. Algo que se vai reflectir na quantidade de esforço que o sujeito vai despende na concretização de um determinado objectivo ou no tempo em que vai perseverar em face de obstáculos encontrados. Quanto mais firmes forem as crenças do indivíduo nas suas capacidades pessoais, maior será o seu esforço e perseverança para a superação de obstáculos e dificuldades que lhe surjam pela frente. Pelo contrário, se o sujeito se vê imerso em dúvidas relativamente às suas próprias capacidades, ele tenderá a despende menos esforço e a desistir mais facilmente dos objectivos e tarefas propostas. Dado que a realidade quotidiana se encontra repleta de dificuldades, obstáculos e adversidades, é de extrema importância que os indivíduos se encontrem dotadas de um forte sentido de auto-eficácia que lhes permita exercer o esforço e a perseverança necessária ao sucesso dos seus empreendimentos. De acordo com Bandura (1989), é imprescindível um determinado grau de “resiliência” das crenças pessoais de auto-eficácia.

Bandura faz notar que as crenças de auto-eficácia afectam os *processos cognitivos*, ou seja, os padrões de pensamento das pessoas, os quais podem ser de modo a auxiliá-las ou debilitá-las na prossecução dos seus objectivos. De acordo com Bandura, grande parte do comportamento humano é regulado por pensamentos prévios que envolvem o estabelecimento de objectivos e a antecipação do percurso a seguir para os alcançar. Ora, o estabelecimento de tais objectivos é influenciado pelas considerações pessoais que o indivíduo alberga relativamente às suas capacidades. Desta forma, quanto maior for o seu sentido de auto-eficácia mais ele se sentirá confiante para o estabelecimento de metas elevadas e maior será o seu investimento na definição dos percursos para as alcançar. Com efeito, uma das principais potencialidades da capacidade de pensar é a possibilidade do indivíduo prever acontecimentos e cenários futuros, facto que lhe vai permitir a criação de meios e formas de exercer controlo sobre acontecimentos que afectam a sua vida quotidiana. Dado que os

pensamentos ou julgamentos inferenciais relativamente a ocorrências futuras se baseiam em informações relativamente à realidade e que são, frequentemente, caracterizados por certos níveis de ambiguidade e incerteza, o processamento da informação deverá assumir um carácter multidimensional de modo a gerar hipóteses tanto mais abrangentes e realistas quanto possível. Tais hipóteses serão subsequentemente submetidas ao teste da realidade, acabando por ser ou não corroboradas por esta. De acordo com Bandura (1989), a posse de um elevado sentido de eficácia pessoal, em face de falhas de julgamento, ajuda o indivíduo a permanecer focalizado no seu empreendimento, retendo as aprendizagens que lhe foram proporcionadas pelo confronto com a realidade. Nestas situações, as pessoas que possuem um elevado grau de confiança nas suas capacidades de resolução de problemas tendem a manter-se altamente eficientes no exercício do seu pensamento analítico em face de situações complexas perante as quais têm que tomar decisões. Por seu turno, os indivíduos imersos em dúvidas quanto às suas capacidades tendem a manifestar-se erráticos no exercício deste pensamento. A qualidade do pensamento analítico irá assim influenciar a qualidade da acção dos indivíduos tendente à concretização dos seus objectivos.

Os *processos afectivos*, de acordo com Bandura (1989, 1997), são afectados pelas crenças que os indivíduos albergam relativamente às suas capacidades pessoais. A quantidade de *stress* sentida perante situações ameaçadoras ou desafiantes, assim como os estados depressivos após vivência de situações problemáticas dependem também do sentimento de auto-eficácia que os indivíduos possuem para enfrentar e, em última instância, ultrapassar satisfatoriamente tais situações (Maddux & Meier, 1995). Por seu turno, os estados afectivos exercem, também eles, uma influência directa sobre o comportamento. Esta influência pode ocorrer também de forma indirecta, através do papel mediador dos pensamentos e crenças do sujeito: os estados afectivos terão, assim influência na forma de pensar do indivíduo, a qual irá seguidamente influenciar as suas acções. Bandura (1989) concebe, assim, as ameaças do ambiente percebidas pelo sujeito não como uma característica das situações sentidas

como ameaçadoras mas como uma propriedade relacional nascida do encontro entre estas e as capacidades de *coping* que o indivíduo sente possuir para as enfrentar. Assim, as pessoas que crêem ter a capacidade para exercer controlo sobre situações potencialmente ameaçadoras tendem a não produzir pensamentos de apreensão perante as mesmas. Desta forma não se sentirão afectivamente perturbadas ao confrontá-las. Pelo contrário, quando as pessoas sentem não possuir as capacidades para enfrentar situações potencialmente ameaçadoras, acabam por experienciar sentimentos de *stress* e ansiedade (Jerusalem & Mittag, 1995; Jerusalem & Schwarzer, 1992). A ruminação relativamente à sentida falta de recursos pessoais para ultrapassar tais situações produz uma sensação de constrangimento que, ultimamente, vai limitar a sua capacidade de resposta. Vemos, então, que a capacidade de *coping* percebida pelo sujeito é um factor cognitivo, mediador entre situações potencialmente ameaçadoras e o estado de ansiedade vivenciado. Outro factor cognitivo mediador dos estados de ansiedade consiste na crença de auto-eficácia para controlar o aparecimento de pensamentos intrusivos e perturbadores que possam surgir em tais situações. A auto-eficácia para o exercício de controlo sobre certos processos cognitivos (pensamentos) torna-se outro factor crucial na regulação de estados afectivos gerados a partir daqueles.

Por último, também os *processos selectivos* activados pelos sujeitos exercem uma enorme influência sobre o curso das suas vidas. As pessoas têm a capacidade de activamente irem seleccionando e construindo os ambientes em que vivem. As crenças de auto-eficácia permitem a selecção de situações e ambientes sobre os quais os sujeitos podem exercer um certo grau de controlo, assim como evitar aquelas situações para as quais sentem não possuir as necessárias capacidades de *coping*. Ao seleccionar os ambientes e situações desafiadoras para as quais crêem possuir os recursos e capacidades adequadas, os indivíduos criam as condições necessárias ao desenvolvimento contínuo das suas próprias competências, valores e interesses – algo que irá potenciar o seu desenvolvimento em termos globais. Assim, estes

indivíduos, ao desenvolverem paulatinamente as suas competências e recursos pessoais tenderão a incrementar as suas crenças de auto-eficácia e, conseqüentemente, a proporem-se objectivos e empreendimentos cada vez mais elevados e exigentes para os quais se sentem progressivamente mais bem preparados. Ao contrário, os sujeitos que através dos seus processos de selecção tendem a afastar-se de situações desafiantes e potencialmente impulsionadoras do desenvolvimento das suas competências e interesses, acabam por não desenvolver as suas crenças de auto-eficácia e, desta forma, por minar o seu processo de mudança e crescimento psicológico.

2.1.1.1.3. Fontes da auto-eficácia

De acordo com os pressupostos da teoria da reciprocidade triádica, as crenças de auto-eficácia têm na sua fonte um conjunto de quatro factores: (a) experiências directas de realização; (b) experiências vicariantes; (c) persuasão verbal; (d) reacções fisiológicas e estados emocionais.

De acordo com Bandura (eg. 1977), as experiências directas de realização são um factor de grande influência sobre as crenças de auto-eficácia. As experiências de sucesso elevam as expectativas de mestria para a realização de tarefas futuras análogas. Inversamente, falhanços sucessivos tendem a baixar as crenças de auto-eficácia. Contudo, para que as experiências de sucesso fortaleçam o sentimento de auto-eficácia, elas têm que cumprir com um par de atributos: terem sido alcançadas em situações semelhantes àquela com que, actualmente, o sujeito se confronta; possuírem um nível de dificuldade suficiente para exigir do sujeito uma mobilização dos seus recursos para além daquilo que seria necessário na realização de tarefas por si consideradas fáceis. De facto, as experiências de sucesso neste último tipo de tarefas não são de molde a criar um sentimento de auto-eficácia capaz de transmitir ao sujeito a resiliência necessária à ultrapassagem de obstáculos e dificuldades impostas por situações

desafiantes actuais. Só a partir de experiências de sucesso em situações desafiantes poderão ser desenvolvidas as capacidades de auto-reflexão e auto-regulação da pessoa, das quais depende a eficácia do seu comportamento (Fontaine, 2005). A principal fonte de auto-eficácia consiste, então, nas experiências directas e concretas de sucesso na realização de tarefas mobilizadoras dos recursos pessoais.

Uma segunda fonte de auto-eficácia consiste em experiências indirectas ou vicariantes de sucesso. A observação do sucesso de outros na realização de determinadas tarefas pode transmitir ao sujeito a crença na sua capacidade para imitar as estratégias por eles utilizadas e assim obter o mesmo nível de eficácia em semelhantes situações. Contudo, também aqui, um conjunto de condições tem que ser preenchido para que a observação do comportamento alheio possa desenvolver o sentido de auto-eficácia pessoal: em primeiro lugar, aqueles que o sujeito observa devem ser modelos sociais relativamente próximos do sujeito em termos de um conjunto mais ou menos vasto de características (eg. semelhanças físicas, sociais, experiências de vida, etc.); em segundo lugar, as competências exibidas por aqueles que o sujeito observa devem ser vistas por este como pessoalmente acessíveis; por último, os modelos devem ainda possuir um conjunto de competências a que o sujeito aspira, assim como uma atitude de perseverança conducente à superação dos obstáculos com que se confronta. Reunindo-se estas condições, as experiências vicariantes poderão ter um efeito de desenvolvimento da percepção de eficácia pessoal; inversamente, a observação de modelos que, apesar dos seus esforços e perseverança, não conseguem obter sucesso nas tarefas em que se encontram envolvidos pode levar a uma diminuição da eficácia pessoal percebida pelo sujeito observador.

Uma terceira fonte de desenvolvimento da auto-eficácia consiste na persuasão verbal por parte de figuras relevantes ou significativas para o sujeito. Assim, se alguém em quem o sujeito confia e a cujas opiniões atribui valor exprimir a sua confiança nas capacidades deste para o alcance de determinado objectivo, o sujeito tenderá a mobilizar um maior esforço e a

ser mais perseverante no sentido de atingir o objectivo pretendido. Não obstante, é importante notar que a permanência da crença de auto-eficácia assim gerada dependerá, a médio e longo prazo, da sua confirmação através de experiências directas de sucesso. Caso estas não ocorram, o sentimento de auto-eficácia criado através de persuasão verbal tenderá a enfraquecer.

Por último, Bandura aponta as reacções fisiológicas e os estados emocionais como outra fonte de auto-eficácia. Neste sentido, a posse de um estado de humor positivo, assim como de sentimentos de bem-estar tende a incrementar a percepção de eficácia pessoal. Pelo contrário, a existência de sentimentos de dúvida, a experiência de fadiga e desânimo tendem a induzir um sentimento de vulnerabilidade e de falta de confiança nas capacidades pessoais. Vemos, assim, que as pessoas se baseiam também nos seus estados somáticos e afectivos para julgar as suas capacidades percebidas. Contudo, não estamos aqui perante uma influência directa: a informação proveniente dos estados somáticos e afectivos do sujeito é alvo de tratamento (interpretação) e integração cognitiva. Desta forma, os sujeitos possuidores de um sentido de auto-eficácia elevada proporcionados por experiências de vida anteriores tenderão a utilizar as informações provenientes dos seus estados somáticos e afectivos como impulsionadoras do desenvolvimento da sua percepção de eficácia pessoal. Os indivíduos possuidores de um fraco sentido de auto-eficácia, por seu lado, tenderão a interpretar os seus estados emocionais e somáticos como debilitadores ou indutores de maiores dúvidas relativamente às suas capacidades.

2.1.1.1.4. A auto-eficácia generalizada na transição para a vida adulta

As crenças de auto-eficácia foram inicialmente concebidas, no contexto da teoria social cognitiva, como possuindo um carácter específico. Elas deveriam dirigir-se a um desafio preciso e a medição do desempenho pessoal deveria ser aferida de forma micro-analítica

tendo em conta a congruência entre tais crenças e o desempenho no âmbito desse desafio específico (Bandura, 1982). Contudo, a ampla generalização da teoria da auto-eficácia a uma cada vez maior multiplicidade de domínios da vida, conduziu a que Jerusalem & Schwarzer (1992) desenvolvessem uma escala de auto-eficácia generalizada assente no pressuposto da existência de crenças mais globais na capacidade própria para enfrentar um conjunto alargado de obstáculos e desafios de vida. A auto-eficácia generalizada encontra-se, assim, associada a crenças optimistas nas próprias capacidades para lidar com uma ampla variedade de dificuldades e exigências da vida. De entre os estudos realizados no âmbito da auto-eficácia generalizada, salientamos aqui uma investigação já clássica levada a cabo por Jerusalem & Mittag (1995), na qual os autores aferiram o papel daquela no processo de migração de jovens adultos da antiga Alemanha de Leste para zonas da antiga Alemanha Ocidental após a queda do muro de Berlim. Os resultados evidenciaram que os indivíduos com maior auto-eficácia generalizada apresentavam menores índices de ansiedade e menores queixas de saúde, depois de controlados os possíveis efeitos de interacção de outros factores como a condição laboral ou o facto de terem um companheiro ou companheira. Verificou-se, assim, que em períodos de transição de vida potencialmente geradores de *stress* a posse de um sentido de auto-eficácia generalizada pode potenciar a capacidade adaptativa dos indivíduos.

Como anteriormente havíamos referido, e de acordo com a teoria do capital de identidade (Côté, 2000, 2006), é de fundamental importância que, no contexto de uma sociedade em constante mutação caracterizada por elevados níveis de incerteza, imprevisibilidade e falta de apoios institucionais à realização de tarefas identitárias, os indivíduos desenvolvam um elevado capital de identidade. Como se viu, o capital de que os indivíduos podem dispor pode ser tangível ou intangível. Este último, de acordo com Côté, assume uma grande importância dado permitir ao sujeito adaptar-se a condições do meio social diferentes e assim continuar a exercer o controlo sobre o mesmo, no sentido de conseguir alcançar os seus objectivos. De entre os elementos do capital de identidade

intangível, parece-nos que a auto-eficácia generalizada pode assumir um papel preponderante no processo de adaptação dos sujeitos às condições sócio-económicas da modernidade tardia. De facto, as exigências da vida moderna impõem ao indivíduo a necessidade de aquisição de um poder de controlo sobre as suas condições externas suficiente para a realização de objectivos auto-propostos. O exercício desta auto-determinação dependerá tanto da posse de habilidades e competências para lidar com as exigências do meio como da posse de fortes crenças de auto-eficácia que lhe permitam o exercício do esforço e a manutenção da perseverança necessárias à realização de tarefas desafiantes e à superação de obstáculos que possam surgir. Embora a definição de objectivos dependa também de outros factores, de acordo com Bandura (1989), as crenças de auto-eficácia terão ainda um papel determinante na escolha do nível de exigência dos objectivos a atingir: quanto mais fortes aquelas forem, mais tenderá o indivíduo a escolher objectivos ambiciosos e com elevado grau de exigência.

No período de transição para a vida adulta, durante o qual o sujeito se confronta com tarefas de construção da identidade bastante exigentes em vários domínios da sua vida (no âmbito vocacional, familiar, de aquisição de autonomia e responsabilidade pela sua própria vida), as crenças de auto-eficácia generalizada poderão ter um papel decisivo na escolha dos objectivos a atingir, os quais poderão ser mais ou menos ambiciosos em função das capacidades pessoais percebidas, assim como das expectativas de resultado alimentadas. A própria percepção pessoal como adulto pode ser influenciada pelas crenças de auto-eficácia para alcançar os critérios por ele próprio eleitos para a definição do estado de adultez.

Tendo em conta o contexto de imprevisibilidade e incerteza característico das sociedades actuais, parece assim assumir especial relevo a posse de um sentido de auto-eficácia generalizada que induza no indivíduo a confiança necessária nas suas próprias capacidades para enfrentar os mais diversos obstáculos e adversidades com que se pode ver confrontado. O desenvolvimento e a posse de um forte sentido de auto-eficácia pode ser,

então, um recurso (capital) intangível inestimável para o confronto com as exigências inerentes à construção da identidade neste período histórico da modernidade tardia.

2.1.1.2. A auto-determinação

Neste período histórico da modernidade tardia caracterizado por um marcado processo de individualização, assim como por uma acentuada incerteza relativamente ao futuro, a construção de identidades viáveis, capazes de lidar eficazmente com as exigências, obstáculos e desafios colocados pelo ambiente socio-económico e cultural assume-se como um problema com crescente relevância. De acordo com Ryan & Deci (2004, 2005), tal decorre de dois aspectos característicos das sociedades de mercado actuais: primeiro, o âmbito de possíveis identidades a serem adoptados é mais alargado que em qualquer período histórico anterior; em segundo lugar a possibilidade de escolha dada aos indivíduos para adoptarem diferentes identidades é bastante vasta. O abrandamento de constrangimentos sociais baseados em factores sócio-demográficos como a classe social, o género, a religião, leva a que os indivíduos tenham que construir as suas identidades a partir de escolhas pessoais num contexto social e económico que coloca à sua disposição uma enorme panóplia de possibilidades. A maior saliência da questão identitária nos processos de transição para a vida adulta nas sociedades actuais advém dos riscos associados à não existência de caminhos claros e bem definidos de entrada na idade adulta. No contexto das sociedades actuais, a identidade transforma-se frequentemente numa questão aberta (Ryan & Deci, 2004) sujeita a contínuas reformulações e transformações. Contudo, e paradoxalmente, a resolução da identidade, ou seja, o estabelecimento de uma identidade segura e sólida parece ser uma exigência mais marcante para o confronto com os desafios e a negociação de oportunidades inerentes à transição para a vida adulta num contexto cada vez mais individualizado, incerto e anómico (Côté, 2000; Erikson, 1968).

De acordo com a teoria da auto-determinação, a aquisição ou construção de um sentido de identidade processa-se através de um processo de assimilação. Através deste processo, os indivíduos encontram-se naturalmente inclinados a explorar e imitar papéis e práticas sociais, incorporando-os no seu repertório identitário. Como a vastidão de papéis e práticas sociais não pode ser objecto de incorporação por um só indivíduo e como existem restrições familiares e sociais em acção, o processo de aquisição ou construção identitária torna-se um processo complexo de co-construção onde interagem preferências e interesses individuais, pressões e constrangimentos sociais e sistemas de estímulos e recompensas (Ryan & Deci, 2004, 2008). É nesta interacção entre indivíduo e ambiente que as identidades individuais se forjam.

Neste processo dialéctico ou interactivo de construção identitária, duas forças motivacionais podem estar em jogo: a *motivação intrínseca* e a *motivação extrínseca*. No caso da motivação intrínseca, a construção da identidade parece surgir a partir das inclinações, curiosidades e interesses do indivíduo. A motivação intrínseca constitui o protótipo da actividade autónoma ou auto-determinada no contexto da qual as acções são sentidas como intrinsecamente gratificantes e satisfactorias (Ryan & Deci, 2000, 2005). As oportunidades de experiência de motivação intrínseca acabam por desempenhar um papel significativo na construção e manutenção de certas identidades (Ryan & Deci, 2005). Contudo, o processo de transformação de interesses, inclinações e curiosidades próprias em identidades pode ser bastante complexo. Tal requiere a existência de condições ambientais que permitam e apoiem a expressão de tais inclinações naturais, de forma a que elas se mantenham e sobrevivam ao confronto com os obstáculos externos que possam surgir. Tal geralmente acontece aquando da ocorrência de actividades optimamente desafiantes acompanhadas de apoio e reforços positivos, e sem que exista um controlo excessivo por parte de outros. O apoio interpessoal revela-se como preponderante na facilitação do processo de transformação de curiosidades, interesses e inclinações internas em relevantes dimensões identitárias. No contexto da teoria

da auto-determinação, este processo recebe a denominação de diferenciação da motivação intrínseca (Ryan & Deci, 2005).

Contudo, tendo em conta que a construção de uma identidade adulta acarreta necessariamente a adopção de papéis, responsabilidades e tarefas que não decorrem da motivação intrínseca do indivíduo (Ryan, 1995), a interiorização de valores, papéis e formas de actuação transmitidos pelo ambiente sócio-cultural (a sua adopção e transformação em formas de auto-regulação) desempenha um papel de extrema relevância na construção identitária (Ryan & Deci, 2005). De acordo com a teoria da auto-determinação, a variação na dimensão e qualidade da interiorização desta motivação extrínseca explicará a diferença entre uma identidade que é vivida como autêntica, vital e empenhada e outra vivida como alienada, desinvestida e internamente conflituosa (Ryan & Deci, 2005). Desde logo, há que referir as situações em que tal interiorização nem sequer ocorre. Nestes casos, o indivíduo não revelará qualquer tipo de motivação para incorporar na sua identidade os papéis, obrigações e actividades experienciados como irrelevantes ou sem valor para a construção de um sentido de si como pessoa. Quando, contudo, o indivíduo percepção certos tipos de comportamentos como pelo menos instrumentalmente associados a objectivos ou resultados por ele desejados, algum tipo de interiorização terá que ocorrer. A forma menos interiorizada de motivação é denominada *regulação externa*. Trata-se de um tipo de auto-regulação que envolve intencionalidade e iniciativa comportamental mas onde a causa da acção é sentida como externa. Nestas situações de regulação externa, o indivíduo age essencialmente em função de recompensas e punições externas. A única interiorização aqui requerida refere-se à incorporação da informação relevante para uma negociação eficaz das contingências ambientais. Do ponto de vista da atribuição causal, o *locus* de controlo percebido é puramente externo e encontra-se dependente da presença das causas externas para a sua manutenção. Apesar de esta forma de motivação poder ser bastante poderosa, como atestam as investigações clássicas sobre condicionamento operante, a sua debilidade consiste na sua

manutenção e transferência (Deci & Ryan, 1985). Dada a sua dependência relativamente a contingências ambientais (reforços e punições), ocorre uma menor tendência para a sua interiorização e, conseqüentemente, uma menor tendência para a sua repetição em situações futuras em que o mecanismo de controlo externo não esteja presente. Ryan & Deci (2005) falam aqui de uma relação inversa entre a força da experiência de controlo externo e a probabilidade de interiorização e identificação, por parte do indivíduo, com o comportamento ou valor em causa. O controlo externo tende assim a minar o desenvolvimento de um sentimento de valor pessoal associado a determinada tarefa e, conseqüentemente, a prejudicar a sua sustentabilidade na ausência de pressões externas. No contínuo da autonomia relativa que um indivíduo pode exibir no seu comportamento, o nível seguinte de interiorização é denominado *introjecção*. Trata-se de uma forma de interiorização parcial em que a regulação foi internalizada mas não aceite como própria. Nesta situação, as contingências iniciais, típicas da *regulação externa*, são agora representadas como próprias conduzindo a que o indivíduo aplique de forma intra-psíquica os reforços e punições que haviam começado por ser aplicados num contexto inter-pessoal pelos agentes de socialização. Tais reforços e punições vêm associados a sentimentos de auto-estima e a auto-apreciações cujo efeito emocional e afectivo serve de regulador do comportamento. Um indivíduo tende, assim, a investir numa certa actividade ou a adoptar certo papel de forma a aumentar ou manter a sua auto-estima. A regulação introjectada envolve então a presença de um processo de pressão interna com recurso a contingências associadas a uma auto-avaliação que, num momento prévio, havia sido objecto de controlo externo através da administração de afecto e apreço condicional. O nível seguinte de interiorização é o da *regulação identificada*. Alguém que se identifique com certo papel ou actividade atribui-lhe conscientemente valor e significado pessoal. As actividades reguladas através da identificação são já em larga medida autónomas, ou seja, acompanhadas da experiência de exercício de vontade e liberdade. Nestas situações, a teoria da auto-determinação propõe que o exercício da vontade inerente à

regulação identificada promove não só uma maior qualidade do investimento (com maior persistência e esforço) como também resulta em experiências positivas associadas a sentimentos de satisfação, sentido de propósito e bem-estar (Ryan & Deci, 2001). As identificações podem, contudo, manifestar-se como relativamente isoladas (compartimentalizadas) ou integradas com outras identificações, valores e necessidades do eu (*self*). Neste último caso estamos já na presença de um nível mais elevado de interiorização denominado *regulação integrada*, onde existe uma total adesão do indivíduo aos valores, papéis e actividades objecto de identificação. Trata-se da forma mais autónoma de comportamento intencional extrinsecamente motivado. Apesar de constituir uma forma de regulação comportamental autónoma e completamente auto-determinada, a regulação integrada continua a diferir da motivação intrínseca na medida em que as actividades aqui envolvidas não nascem do interesse e satisfação intrínseca que proporcionam ao indivíduo. O valor de tais actividades emana da sua instrumentalidade ou utilidade para a prossecução de objectivos ou afirmação de valores pessoalmente relevantes. Como se pode verificar através da análise dos vários tipos de motivação descritos, estamos na presença de um *continuum* de autonomia relativa que vai desde o seu nível mais elevado (a motivação intrínseca) até ao seu nível mais baixo (a ausência de motivação).

2.1.1.2.1. O papel da socialização no desenvolvimento da auto-determinação e na regulação identitária

De acordo com a teoria da auto-determinação, quanto maior a interiorização e aceitação como próprio de um determinado valor ou papel, mais representativo ele será de uma dimensão pessoalmente relevante da identidade. A interiorização refere-se ao processo de assimilação, transformação e assumpção como próprios de valores, papéis, atitudes e comportamentos culturalmente transmitidos (Deci & Ryan, 1985). Olhada pela perspectiva do

ambiente ou contexto de vida do indivíduo, a interiorização é fruto do processo de socialização. Desta forma, as práticas de socialização a que certo indivíduo se encontra sujeito serão predictoras do grau de interiorização de valores, normas e papéis caracterizadores do grupo ou ambiente social em que ele se insere. Olhando a interiorização como um processo motivacional ao serviço da satisfação de necessidades básicas do indivíduo, a formação de identidades em torno de sistemas organizados de objectivos e afiliações encontra-se também ela ao serviço da satisfação dessas mesmas necessidades (Deci & Ryan, 2000). Três necessidades humanas básicas são postuladas pela teoria da auto-determinação: a necessidade de pertença ou de estar em relação (*relatedness*), que conduz a que os indivíduos construam as suas identidades primordialmente com o objectivo de assegurar, manter e consolidar a sua conexão a grupos sociais, adoptando papéis, aderindo a crenças e assumindo práticas que sejam apreciadas por outros e, dessa forma, desenvolvendo experiências relacionais minimamente seguras (Deci & Ryan, 2000); a necessidade de competência, que leva ao investimento em actividades optimamente desafiantes e à aquisição de competências geradoras de um sentimento de eficácia (Ryan & Deci, 2005); a necessidade de autonomia, através da construção de identidades susceptíveis de exprimirem interesses, valores e capacidades pessoais (Ryan & Deci, 2005). O processo de desenvolvimento identitário como resposta a estas necessidades básicas acaba por ser relativamente complexo e dinâmico ao envolver a interacção ou confronto dialéctico entre as características, interesses e inclinações do indivíduo e o repertório de possibilidades e constrangimentos ambientais que se encontra ao seu dispor. Dependendo do tipo de interacção ou confronto com as forças ambientais, as identidades que se vão forjando e assumindo podem adquirir um carácter mais activo (expressivas de inclinações pessoais num ambiente propício ao seu desenvolvimento e concretização), mais defensivo (aquando da adopção de identidades ou afiliações grupais como forma de evitar sentimentos de vulnerabilidade ou de obter poder sobre outros), ou

mesmo mais reactivo (aquando da adopção de identidades como forma de oposição a autoridades externas) (Deci & Ryan, 2000; Ryan & Deci, 2005).

A interiorização como processo motivacional encontra-se, assim, ao serviço da satisfação das necessidades básicas do indivíduo. No que respeita à necessidade de pertença ou relacional (*relatedness*), os indivíduos tendem a procurar o seu próprio lugar no contexto de grupos e organizações através da interiorização de valores e práticas grupais, tornando-os parte integrante da sua identidade. Para que tal aconteça é necessário, contudo, que exista, por parte do indivíduo, um sentimento de atracção ou proximidade a tais grupos e organizações como agentes de socialização.

Para além destes casos de construção identitária por adesão grupal, o processo de interiorização como determinante da construção da identidade resultará da interacção dinâmica entre o indivíduo e o ambiente como forma de resposta às necessidades inter-relacionadas de pertença, autonomia e competência (Ryan & Deci, 2005). Nesta dinâmica, os factores de socialização adquirem uma relevância fulcral ao promoverem níveis mais ou menos elevados de interiorização. Casos haverá em que a interiorização nem sequer ocorre, levando a que os indivíduos não se sintam minimamente motivados para incorporar certas identidades sociais. Esta situação poderá ocorrer pela acção dos agentes de socialização (e.g., a família) quando estes desvalorizam certas actividades e papéis, são inconsistentes na administração de recompensas e punições relacionadas com tais actividades e papéis ou transmitem uma ideia de incompetência quando o indivíduo faz incursões nessas áreas. Noutras situações o nível de interiorização é bastante limitado, como aquele que ocorre na consequência do uso de formas de socialização coerciva, com o uso de punições e recompensas como estratégia de controlo comportamental. Nestes casos, a interiorização tende a ser bastante pobre, pouco contribuindo para o sistema de comportamentos com relevância para a identidade. Devido ao fraco nível de interiorização, os comportamentos em causa geralmente necessitam de controlo contingencial para serem activados e correspondem a formas externas de regulação. Para

além disso, o uso de práticas de socialização baseadas no controlo externo através de punições e recompensas tende a prejudicar o desenvolvimento de formas internas de auto-regulação ao não estimular o processo de identificação e assimilação das práticas em causa. Por seu lado, formas de socialização através de práticas moderadamente controladoras poderão promover a introjecção mas já não formas mais profundas de interiorização. Assim, se os agentes de socialização utilizarem contingentemente a administração de afecto e segurança emocional (dando e retirando), como forma de motivar e controlar certos comportamentos e práticas, é previsível que ocorra uma introjecção dos mesmos comportamentos e práticas dado que elas terão um valor instrumental para assegurar a auto-estima do indivíduo. Na estimulação da introjecção, o afecto e a atenção concedidos assumem um carácter contingente relativamente ao sucesso a atingir em certas práticas e papéis, promovendo um bem-estar meramente passageiro associado à satisfação da necessidade de pertença ou relacional e com completa desconsideração da necessidade de autonomia. Quanto às formas de regulação identificada e integrada, estas serão estimuladas por práticas de socialização promotoras da autonomia. Tais práticas envolvem uma utilização mínima de controlo externo (contingencial), estão sintonizadas com o quadro de referência do indivíduo alvo do processo de socialização, envolvem formas empáticas de estabelecimento de limites, apoio e aconselhamento, assim como o providenciar de espaços de escolha relevantes no que concerne aos papéis, comportamentos e domínios de acção a serem cultivados e investidos (Grolnick, Gurland, Jacob, & Decourcey, 2002). Por último, o vasto corpo de investigação dedicado às influências ambientais sobre a motivação intrínseca aponta no sentido de que o apoio à autonomia, a ocorrência de situações optimamente desafiantes, assim como a obtenção de respostas informativas (isentas de preocupações de controlo) são condições promotoras do desenvolvimento e manutenção deste tipo de motivação (e.g., Ryan & Deci, 2000). Por regra, e no que respeita ao desenvolvimento da identidade, a transmutação de interesses pessoais em

dimensões identitárias significativas é indicador da presença de uma base de apoio sólida ao desenvolvimento da autonomia e competência do indivíduo (Ryan & Deci, 2005).

2.1.1.2.2. Auto-determinação e bem-estar psicológico na transição para a vida adulta

O bem-estar, no âmbito da investigação psicológica tem tradicionalmente sido enfocado a partir de duas grandes perspectivas: a perspectiva hedónica, associada a uma ideia de satisfação e prazer (Kahneman, Diener & Schwartz, 1999); a perspectiva eudaimónica, associada à ideia de auto-realização (Waterman, 1993). Quer se olhe de uma perspectiva ou de outra, observa-se uma forte relação entre a identidade e as suas formas de regulação e o bem-estar. Especificamente, e no que concerne às formas de regulação da identidade tal como são concebidas pela teoria da auto-determinação, quanto maior é a interiorização de valores, práticas e objectivos a atingir (elementos basilares da construção identitária), tanto maior será a experiência de bem-estar, tanto na sua dimensão hedónica (afecto positivo e satisfação com a vida) como na sua dimensão eudaimónica (vitalidade, auto-actualização, ausência de conflitos internos, qualidade das relações e experiência de vida) (Ryan & Deci, 2001).

Na fase de transição para a vida adulta, o apoio à autonomia por parte dos pais evidenciou efeitos positivos ao nível da auto-estima, da auto-regulação, da saúde mental e das atribuições de causalidade. Para além disso, o apoio à autonomia encontra-se também associado a índices mais elevados de vitalidade e auto-actualização. Em contraste, a percepção de fraco apoio à autonomia, por parte dos pais, vem geralmente associada a maiores dificuldades inerentes ao processo de separação-individuação (Grolnick, Ryan & Deci, 1991; Roth, Assor, Niemiec, Ryan, & Deci, 2009).

2.1.1.3. Capacidade de auto-regulação

A capacidade de auto-regulação está associada às funções executivas do eu (*self*) e compreende a sua actividade consciente e intencional responsável pela planificação, iniciação e revisão de cognições e comportamentos, envolvendo o exercício de auto-controlo (Schmeichel & Baumeister, 2004). Trata-se da acção do indivíduo sobre si próprio com o objectivo de controlar as suas respostas aos estímulos ambientais de forma a obter um resultado desejado. Assim, o desenvolvimento das capacidades executivas do *self* tem como função permitir a própria auto-regulação e potenciar a adaptação do indivíduo ao seu entorno (Barkley, 2001). A relação entre auto-regulação e auto-controlo é muito estreita, ao ponto de os dois termos serem frequentemente usados como sinónimos. Contudo, e se quisermos ser mais precisos, devemos olhar a auto-regulação como um conceito mais lato que envolve a alteração de respostas do *self* tanto conscientes como inconscientes. Já o conceito de auto-controlo vem associado a processos deliberados e conscientes de alteração de respostas, sendo muitas vezes usado num sentido ainda mais estrito como capacidade de inibição de impulsos indesejados (Schmeichel & Baumeister, 2004). Um outro conceito que frequentemente vem associado à auto-regulação e ao auto-controlo é o de auto-disciplina. Este constructo possui um alcance ainda mais restrito e específico que o de auto-controlo, referindo-se a objectivos de aperfeiçoamento pessoal geralmente para o cumprimento de normas, costumes e exigências sociais.

O conceito de controlo é central a todas as abordagens à função executiva do *self*. A investigação psicológica desde cedo postulou o controlo como uma necessidade do ser humano (Baumeister & Vohs, 2005). A teoria dos estados reactivos de Brehm (1966, *in* Baumeister & Vohs, 2005), ao testar o desejo de controlo, observou que os indivíduos resistem à sua privação e que quando percebem a sua falta reagem de forma a readquiri-lo, para assim manterem a liberdade de terem um leque de opções de acção à sua disposição.

Aquando da privação repetida e prolongada de controlo, os indivíduos podem desistir das tentativas de o reconquistar e exibir padrões de desânimo aprendido (Seligman, 1972). Seligman observou que quando os organismos não têm a oportunidade de fazer com que as suas acções atinjam resultados desejados (percepção de falta de controlo) geralmente desistem da produção de novos padrões de resposta tendentes a ultrapassar a situação indesejável ou aversiva. Uma postura que, no extremo, pode conduzir um indivíduo a uma situação de falta de capacidade ou motivação para sair de uma situação indesejável mesmo quando esta se torne evitável.

Contudo, e apesar do forte impulso ou necessidade de controlo que o ser humano manifesta, o exercício do mesmo sobre grande parte das contingências da vida revela-se impossível. É interessante, todavia, notar que os indivíduos têm tendência a sobrestimar a sua capacidade de controlo sobre as circunstâncias da vida. Um fenómeno que Langer (1975) denominou “ilusões de controlo”. Mesmo em situações onde a previsão de acontecimentos se revela impossível (impossibilidade de controlo), os seres humanos tentam formar padrões de ocorrências, o que os conduz à construção de ilusões de previsibilidade e controlo e, ultimamente à possibilidade de tomada de decisões irracionais, irrealistas e ineficazes. Não obstante, as ilusões de controlo estão também associadas a resultados positivos. Desde logo, observa-se uma correlação entre a percepção de falta de controlo e estados depressivos (e.g., Alloy & Abramson, 1979). No mesmo sentido, a produção teórica e empírica sobre auto-eficácia (e.g. Bandura, 1977, 1989) demonstra que quando os indivíduos possuem confiança na sua capacidade de colocar em marcha os comportamentos necessários à produção de mudanças positivas nas suas vidas (crenças de controlo) tendem a ser mais bem sucedidos na concretização dos seus objectivos.

Uma importante distinção no que concerne ao exercício da auto-regulação é a que distingue entre processos de controlo primários e secundários (e.g., Rothbaum, Weisz & Snyder, 1982). Os processos primários têm em vista a alteração do ambiente para se adequar

ao *self* enquanto os secundários visam o inverso. Ambos os tipos de controlo são exercidos pelos indivíduos, havendo, contudo, circunstâncias em que um se mostra mais apropriado que o outro. Dada a dificuldade ou mesmo impossibilidade de mudar muitas das circunstâncias de vida, os processos de controlo secundário tendem a prevalecer sobre os de controlo primário, levando a que a resposta mais adaptativa às discrepâncias entre as circunstâncias do ambiente e as necessidades e desejos do *self* consista na introdução de mudanças ao nível deste último (Baumeister & Vohs, 2005).

Questão também relevante para o exercício da auto-regulação e controlo diz respeito à sua *força*, ou seja, aos recursos internos disponíveis para inibir, descartar ou alterar respostas despoletadas por processos fisiológicos, forças do hábito, aprendizagens ou pressões situacionais (Schmeichel & Baumeister, 2004). Tais recursos são entendidos como limitados e susceptíveis de serem esgotados. O esgotamento de tais recursos vem geralmente associado às exigências auto-regulatórias e à quantidade de decisões que o indivíduo se vê forçado a tomar. Embora o exercício regular e equilibrado do auto-controlo tende a desenvolver e aumentar a força de auto-regulação.

A própria teoria da auto-determinação, anteriormente abordada, trouxe contribuições relevantes para a análise do auto-controlo. Ao estudar as consequências resultantes da prossecução de objectivos a partir de motivações intrínsecas (presença de controlo) e extrínsecas (ausência de controlo), Kasser & Ryan (1993) observaram que as pessoas auto-determinadas (procurando a concretização de objectivos associados a uma motivação intrínseca) manifestavam níveis mais elevados de saúde e bem-estar, por contraposição às extrinsecamente motivadas (não auto-determinadas), as quais evidenciavam níveis mais elevados de ansiedade e depressão.

Como se pode observar, a percepção de controlo é fundamental para a eficácia na concretização de objectivos e obtenção de níveis mais elevados de bem-estar psicológico,

mesmo em situações em que existem enviesamentos no sentido de uma sobrestimação desse mesmo controlo.

2.1.1.3.1. Adiamento da gratificação

A investigação sobre adiamento da gratificação tem sido de enorme relevância para o estudo da auto-regulação e auto-controlo. Trata-se de uma das formas mais importantes de auto-regulação dado que implica a suspensão da gratificação imediata de fortes impulsos em prol da prossecução de outros objectivos ou obtenção de outros resultados mais gratificantes, mas que só se materializarão de forma diferida num futuro mais ou menos longínquo. Metcalfe & Mischel (1999), no contexto do seu modelo “quente-frio” de auto-regulação, procederam à distinção entre cognições quentes e frias. As primeiras focam-se nos aspectos gratificantes e prazenteiros de determinados objectos, enquanto as segundas tendem a focar-se nos seus aspectos conceptuais ou simbólicos. Metcalfe & Mischel (1999) observaram que o processo de transformação de cognições “quentes” em “frias” constitui um forte predictor de adiamento da gratificação em crianças. Outras estratégias que se mostraram relevantes para o adiamento da gratificação, no âmbito do mesmo estudo, incluíam a distração e a remoção para fora do alcance da vista do objecto estimulante do impulso de gratificação.

A capacidade de adiamento da gratificação tem também importantes consequências ao nível do bem-estar. Ao analisar os efeitos ao longo do tempo do adiamento da gratificação, Mischel, Shoda & Peake (1988) observaram que a capacidade de adiamento da gratificação na infância era predictora de bom ajustamento na adolescência em termos de rendimento académico, competências sociais e na superior capacidade de lidar com frustrações. Por seu lado, Tangney & Baumeister (citados em Baumeister & Vohs, 2005) observaram que o auto-controlo aparece associado a uma grande variedade de índices de saúde física e bem-estar

psicológico, nomeadamente, menos perturbações alimentares, menor índice de abuso de álcool, maiores índices de auto-estima, estilos de vinculação mais seguros.

2.1.1.3.2. Os efeitos do retorno na auto-regulação

Um olhar relevante sobre os processos de auto-regulação e controlo tem em consideração o resultado ou retorno das acções humanas e o efeito que este exerce na capacidade de regulação em acções futuras. Uma perspectiva clássica sobre esta temática é a que nos é oferecida pelos modelos de teste-operação-teste-saída (*test-operate-test-exit*, TOTE) de Carver e Scheier (Carver & Scheier, 1998). Na fase inicial de teste, o indivíduo avalia a sua corrente situação relativamente a uma determinada dimensão ou questão vivencial comparando-a com aquilo que considera desejável ou ideal. Na seguinte fase operativa, a pessoa coloca em marcha os esforços necessários para progredir em direcção à situação ideal ou desejável. Subsequentemente, seguem-se novas fases de teste, avaliação ou monitorização do progresso. Quando, finalmente, um teste ou avaliação revela o alcance do estado ou objectivo desejado, o processo alcança o seu termo e chega-se à fase de saída. Trata-se de um processo que pode envolver inúmeras complexidades. Desde logo, o estabelecimento de padrões de realização a serem atingidos pode constituir em si um problema: se tais padrões forem demasiado elevados, o indivíduo corre o risco de não os atingir; se forem demasiadamente modestos, ocorre o risco de o resultado final ser menos realizativo ou satisfactorio. O nível de auto-estima do indivíduo pode exercer grande influência neste processo de estabelecimento de padrões: indivíduos com auto-estima elevada podem ter a tendência a propor-se padrões de realização demasiado elevados e, conseqüentemente, com menos probabilidade de serem atingidos; ao invés, pessoas com baixos níveis de auto-estima podem adoptar uma postura demasiado cautelosa e estabelecer padrões mais modestos, logo mais facilmente atingíveis mas também com menor potencialidade de proporcionar níveis

elevados de satisfação e auto-realização (Baumeister, Heatherton & Tice, 1993). Também variáveis relacionadas com traços de personalidade podem ter influência neste processo de estabelecimento de padrões de realização. A título de exemplo, o perfeccionismo, como traço de personalidade, encontra-se frequentemente associado ao estabelecimento de objectivos ou padrões de realização demasiado elevados e irrealistas. Outras complexidades associadas ao estabelecimento de padrões de realização ou objectivos a atingir advém do facto de estes serem de ordem inconsciente. Nestes casos, tanto a activação como todo o processo operativo tendente à concretização de certos objectivos podem ocorrer de forma automática (não intencional) e sem consciência por parte do indivíduo (Chartrand & Bargh, 1996). Contudo, e apesar de se tratar de um processo inconsciente, o sucesso ou fracasso no alcance destes objectivos pode ter efeitos ao níveis do humor, do desenvolvimento pessoal e na activação inconsciente de outros objectivos subsequentes ((Baumeister & Vohs, 2005; Chartrand & Bargh, 1996).

Quando uma discrepância é encontrada entre a percepção que a pessoa tem do seu estado actual e o estado desejado, a fase operativa do processo entra em acção. Uma teoria com valor explicativo desta fase do processo foi elaborada por Gollwitzer (1999). Trata-se de uma teoria explicativa do processo de implementação de intenções. O alcance de objectivos é aqui conceptualizado como uma função da implementação de intenções como forma de iniciar a acção e ultrapassar os obstáculos que possam surgir. Estas intenções diferenciam-se dos próprios objectivos a atingir na medida em que são meramente instrumentais para o alcance dos mesmos. Os benefícios das intenções de implementação consistem na estimulação da construção de representações mentais hipotéticas do desenrolar da situação e na promoção da automaticidade das acções a desenvolver para o alcance do objectivo final. Ainda tendo em conta o modelo TOTE de auto-regulação, a sua fase de avaliação (teste) da discrepância entre o estado actual e o desejável revela-se de crucial importância. O exercício de uma monitorização insuficiente pode resultar em falhas de auto-regulação, nomeadamente na sua

suspensão mesmo antes de o objectivo ou padrão de realização ter sido atingido (Kirschenbaum, 1987).

2.1.1.3.3. Auto-controlo e bem-estar

As teorias contemporâneas da auto-regulação visam compreender como os indivíduos, durante períodos de tempo mais ou menos longos, resistem às tentações de satisfação imediata dos seus impulsos, persistem esforçadamente na tentativa de concretização dos objectivos e projectos de vida, avaliam opções ou alternativas de acção de forma a escolher as que melhor se adequam à concretização dos seus objectivos (Baumeister & Vohs, 2005). A capacidade de auto-regulação tornou-se particularmente relevante nas sociedades contemporâneas em função dos elevados níveis de individualização e incerteza que apresentam. Por um lado, os indivíduos, actualmente, confrontam-se com um leque extremamente vasto de escolhas e decisões a tomar em todos os domínios das suas vidas, comparativamente com épocas históricas passadas. Relativamente a este ponto, Schwartz (2005) fala de uma “tirania da escolha”. Por outro, a identidade é, nas sociedades individualizadas do mundo contemporâneo, em grande medida fruto das capacidades de auto-regulação (Baumeister & Vohs, 2005). A construção e sustentação da identidade é, actualmente, uma tarefa e responsabilidade que recai sobre o indivíduo, sem que existam fortes referências sócio-normativas que o constringam nesta tarefa. É claro que esta capacidade de auto-construção não é absoluta nem se encontra igualmente distribuída por todos os grupos ou sectores da sociedade. Furlong & Cartmel (1997), entre outros, chamam a atenção para um conjunto de constrangimentos sociais inerentes à determinação dos percursos biográficos como, por exemplo, os que advêm da desigual distribuição de recursos pelas diferentes classes sociais. Sobre este tema, já Beck (1992), ao caracterizar a “sociedade de risco”, havia chamado a atenção para o facto de a riqueza e os riscos estarem inversamente

distribuídos pelas classes sociais: enquanto a riqueza se acumula no topo da pirâmide social, os riscos acumulam-se na sua base. De acordo com Beck (1992), este facto faz com que os riscos tenham o efeito reforçador da estrutura de classes sociais e das desigualdades que lhe são inerentes. A pobreza constituirá, neste sentido, um factor de atracção de riscos, enquanto que a riqueza permite comprar segurança e liberdade relativamente aos mesmos riscos. Contudo, mesmo tendo em conta os diferentes efeitos do processo de individualização sobre os indivíduos de diferentes classes sociais (em função da referida distribuição invertida de riscos e recursos), parece indiscutível que todos (na medida dos seus recursos) assumem, hoje em dia, o fardo de se definirem como pessoas adultas – a obrigação de definição da sua própria identidade. Esta crescente liberdade generalizada relativamente à construção das nossas identidades se, por um lado, abre o leque de possibilidades de auto-definição, por outro, exige de cada uma capacidade para o fazer num contexto cada vez mais anómico a este respeito. A construção da identidade acaba, assim, por ser um fardo ou uma tarefa árdua que exige a posse de um vasto leque de recursos psico-sociais, precisamente o leque de recursos que Côté denominou de “capital de identidade” (e.g., Côté, 2000). Lograr uma identidade auto-realizada ou em processo de auto-realização (de conquista de bem-estar psicológico em sentido *eudaimónico* ou de auto-realização) constitui, actualmente, um desafio rodeado de enormes exigências. A este respeito, um dos recursos psicológicos mais relevantes para o confronto com tão exigente desafio consiste precisamente na capacidade de auto-regulação e auto-controlo (Baumeister & Vohs, 2005).

1.4. Recursos familiares

Para além do desenvolvimento de recursos pessoais indispensáveis à gestão de um processo de transição crescentemente individualizado, os jovens, actualmente, têm vindo a

necessitar e a beneficiar de um apoio familiar superior ao concedido a gerações anteriores. Por um lado, as actuais gerações em trânsito para a vida adulta necessitam de maior apoio material de forma a suportar os itinerários prolongados de transição. Por outro, a família de origem dispõe, actualmente, de maiores recursos que pode canalizar para este apoio, comparativamente com gerações anteriores (Brannen, Moss & Mooney, 2004). Neste sentido, pode-se afirmar que a circunstância de os jovens actualmente beneficiarem de períodos prolongados de transição se deve, em grande medida, ao facto de as famílias assumirem o encargo de providenciarem os recursos necessários à ampliação do período de navegação para a vida adulta (Scabini, Marta & Lanz, 2006). O papel da família como estrutura de suporte ao processo de transição é especialmente notório no modelo de transição mediterrânico, característico dos países do sul da Europa, no qual o apoio estatal aos jovens em processo de integração na vida adulta é bastante escasso ou praticamente inexistente. Também devido a especificidades culturais, nestes países o processo de transição tende a ser percepcionado como um empreendimento familiar que envolve os esforços e recursos de tanto pais como filhos (Scabini, Marta & Lanz, 2006). O apoio ao processo de transição tende a ser entendido pelos pais como tendo dois objectivos essenciais: o fomento da independência do jovem; e o providenciar de uma rede de segurança contra os riscos e incertezas gerados pelo contexto sócio-económico das sociedades contemporâneas (Swartz & O'Brien, 2009).

Partindo destas duas ordens de objectivos que estão na base do apoio familiar ao processo de transição para a vida adulta, é-nos possível proceder a uma divisão do mesmo em duas modalidades: um apoio de carácter tangível (de pendor mais material) e outro intangível (apoio à autonomia). Relativamente ao apoio tangível tem-se verificado um crescente aumento do apoio financeiro dos pais tendente a suportar custos de educação, estágios profissionais, alojamento, períodos de exploração e procura de emprego. Este apoio diverge, contudo, de país para país em função da extensão do apoio estatal concedido aos jovens (e.g., Cook & Fustenberg, 2002). Em países do sul da Europa, onde o apoio estatal é escasso e existe

uma tradição cultural de assistência familiar, o apoio financeiro da família assume um carácter mais substancial e continuado. É claro, contudo, que o providenciamento deste apoio depende também da capacidade financeira das famílias. A este respeito, observa-se, naturalmente, que a maior assistência financeira é proporcionada por famílias possuidoras de maiores recursos financeiros (pertencentes a níveis sócio-económicos mais elevados) (Brannen, Moss & Mooney, 2004). Trata-se de uma desigualdade na prestação de apoio ao processo de transição que tende a exacerbar o impacto da família de origem no mesmo e a conduzir à reprodução de desigualdades sociais (Swartz & O'Brien, 2009). Assim, se os processos de transição se têm vindo a prolongar e a caracterizar por índices mais elevados de exploração, experimentação e capacidade de escolha, eles exigem, por parte da família, os recursos materiais necessários a cobrir os custos de vida e as despesas inerentes à experimentação de itinerários de transição alternativos. A capacidade de experimentação e de escolha encontra-se então necessariamente condicionada pela capacidade de apoio financeiro da família.

Um segundo tipo de apoio familiar tangível e muito típico nos países do sul da Europa consiste na tradição de residência na casa da família de origem durante o período de transição para a vida adulta. Trata-se de um recurso habitacional que permite, por um lado, a manutenção do nível de vida dos jovens (obviando a custos com habitação própria e permitindo a manutenção dos seus estilos de vida e padrões de consumo associados) e, por outro, uma manutenção mais prolongada no sistema de ensino com a consequente possibilidade de obtenção de credenciais académicas superiores (White, 1994). Em países onde o apoio estatal ao processo de transição se apresenta como residual (como ocorre em todo o sul da Europa), a possibilidade de uma prolongada permanência na casa dos pais constitui uma relevante rede de segurança contra os riscos e incertezas inerentes ao processo de transição, permitindo a libertação de recursos para a actividade de exploração e experimentação de vias de transição para a adultez. Saliente-se ainda que, ao contrário do que poderia ser o entendimento comum, a manutenção de um estado de dependência ou semi-

dependência dos jovens que vivem em casa dos pais não preclui o processo desenvolvimental tendente à sua emancipação e obtenção da condição de adultos (Coimbra & Mendonça, 2013; Coimbra, Ribeiro & Fontaine, 2013; Mendonça & Fontaine, 2013; Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brien, 2009). Apesar de usufruírem de uma condição residencial mais protegida (que evita o dispêndio de recursos com habitação própria) que os obriga a partilhar um espaço vivencial físico com a família de origem não deixam de realizar as transições necessárias à integração na comunidade de adultos.

Retomando aqui a abordagem do *capital de identidade* ao processo de transição para a vida adulta (Côte, 1997, 2000,), relembramos que, de acordo com esta teoria, o nível sócio-económico da família de origem (com o capital económico, social e cultural que lhe está associado), assim como as transferências de recursos que esta faz para os filhos que se encontram nesta fase do seu ciclo vital constituem elementos do seu capital de identidade tangível. São recursos de que eles dispõem para a ultrapassagem de obstáculos e negociação de oportunidades inerentes ao processo de transição, ou seja, constituem recursos de navegação para a vida adulta. Como acima tivemos oportunidade de observar, estes recursos familiares, que constituem elementos do seu capital de identidade tangível, constituem ainda instrumentos que favorecem a aquisição de demais componentes de capital de identidade tangível, como sejam as credenciais académicas decorrentes de percursos educativos prolongados que podem ser determinantes no sucesso da transição para o mundo do trabalho.

Para além do apoio familiar tangível, há ainda a considerar o apoio intangível. De facto o apoio prolongado ao processo de transição não se esgota nos aspectos mais instrumentais até agora abordados. Um dos critérios essenciais definidores da condição de adulto consiste no alcance da desejada independência da família de origem e na gestão autónoma do próprio percurso biográfico. O alcance deste objectivo encontra-se integrado num processo de amadurecimento (compreendendo a consolidação identitária e a preparação para a assumpção de relações de intimidade) que, para além de apoio instrumental, necessita de um

ambiente familiar que proporcione apoio emocional e ao desenvolvimento da autonomia (Swartz & O'Brien, 2009). Este apoio intangível encontra-se intimamente associado à qualidade das relações afectivas entre pais e filhos. Se durante muito tempo, a literatura salientou as dimensões de conflito e tensão entre pais e filhos na fase da adolescência e de transição para a vida adulta (Swartz & O'Brien, 2009), os resultados da investigação contemporânea têm evidenciado níveis elevados de solidariedade, afecto, comunicação e consenso (Bengtson, Biblarz & Roberts, 2002; Scabini, Marta & Lanz, 2006). A este respeito, no contexto das sociedades europeias contemporâneas, a evolução da relação entre pais e filhos nesta fase da vida dos jovens, tem vindo a ser entendida como menos focada numa lógica de separação dos filhos em relação aos pais. O desenvolvimento desta relação parece obedecer mais a uma lógica de reestruturação de modo a que, por um lado, se estimule a autonomização dos filhos e, por outro, haja espaço para um apoio parental continuado ao processo de transição para a vida adulta (Scabini, Marta & Lanz, 2006). Os países do sul da Europa são paradigmáticos relativamente a este ponto. Por um lado, os filhos beneficiam de um espaço de autonomia que lhes permite o livre desenvolvimento da sua actividade social, sexual, assim como do estilo de vida desejado. Por outro, continuam a beneficiar de apoio familiar instrumental, tanto na modalidade de apoio financeiro como na possibilidade de continuar a habitar a casa dos pais até encontrarem as condições e desenvolverem a motivação para a abandonar. É no contexto desta reestruturação da relação entre pais e filhos que se desenvolve o processo de transição para a vida adulta como um empreendimento desenvolvimental conjunto (Scabini, Marta & Lanz, 2006). Trata-se de um contexto relacional que, por um lado, permite a exploração necessária que conduza a crescentes níveis de autonomia e, por outro, proporciona um apoio emocional e instrumental tendente a diminuir os riscos inerentes a tal actividade exploratória. A qualidade da relação entre pais e filhos, assim como os sentimentos de solidariedade e coesão durante o período de transição para a vida adulta revelaram, ainda, ter repercussões

positivas de longo prazo no que concerne à auto-realização, bem-estar e auto-estima dos jovens (Bengtson, Biblarz & Roberts, 2002).

1.5. Confronto com a incerteza e recursos para a sua gestão

Como pudemos observar aquando da exposição da Teoria da Orientação para a Incerteza podemos conceber duas formas opostas de confronto com a incerteza: uma que é receptiva à incerteza como estímulo motivador da acção (*orientação para a incerteza*); outra que a vê como algo aversivo e um estímulo motivador para a procura de certeza e de familiaridade (*orientação para a certeza*). A segunda orientação (para a certeza) pode ser reveladora de um certo grau de *intolerância à incerteza*, ou seja, a existência de características disposicionais resultantes de um conjunto negativo de crenças relativamente à incerteza e suas implicações (Dugas & Robichaud, 2007; Sexton & Dugas, 2009). A intolerância à incerteza encontra-se presente no espectro das perturbações de ansiedade. Elevados níveis de intolerância à incerteza foram encontrados em pessoas que padecem de ansiedade generalizada (Dugas, Gagnon, Ladouceur, & Freeston, 1998), elevados índices de preocupação (Buhr & Dugas, 2002), perfeccionismo e percepção de controlo (Buhr & Dugas, 2006), sensibilidade à ansiedade e percepção de responsabilidade (Dugas, Gosselin & Ladouceur, 2001), atitudes disfuncionais (Dugas, Schwartz & Francis, 2004), crenças positivas acerca da preocupação, orientação negativa perante os problemas e evitamento cognitivo (Dugas et al., 1998). Com base nestes dados, a intolerância à incerteza foi considerada uma vulnerabilidade cognitiva associada à preocupação e à ansiedade generalizada (Koerner & Dugas, 2008). Num contexto social onde a incerteza é prevalente, a intolerância a essa mesma incerteza consistirá um factor extremamente debilitante da capacidade de acção dos indivíduos. Num ambiente de incerteza sistémica é desejável que os indivíduos sejam capazes de acomodar e aprender a viver com um certo grau de incerteza psicológica (Côté, 2000). Caso contrário, vêm a sua

capacidade de acção paralisada, podendo mesmo sucumbir a estados de pânico ou de desânimo aprendido. Pensamos que um dos antídotos a esta vulnerabilidade consiste no desenvolvimento de uma forte capacidade de agência (capital de identidade intangível), ou seja, uma forte estrutura identitária que dote o indivíduo de referências organizativas internas e o torne menos vulnerável a condições ambientais adversas.

No que se refere à gestão da incerteza na fase de transição para a vida adulta, ela será abordada a partir das dimensões ou estratégias reveladas na Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta. Três estratégias de gestão foram então propostas: adiamento, abertura e focalização. Como hipótese, a ser adiante testada nos estudos quantitativos que realizamos, prevemos que o uso das estratégias de gestão da incerteza se encontre associado aos níveis de capital de identidade assim como aos índices de tolerância à incerteza.

4. Impacto dos recursos de navegação da transição no bem-estar psicológico e na resolução da identidade adulta

Dada a complexidade e os perigos que rodeiam actualmente o processo de transição para a vida adulta, a conquista de um sentimento de bem-estar psicológico pode constituir uma tarefa problemática. As dificuldades vêm geralmente associadas à construção de um sentido de identidade pessoalmente significativo e viável num contexto social fortemente individualizado e incerto.

A construção da identidade, tal como concebida por Erikson (1968), implicará a integração de três componentes ou dimensões psico-sociais: uma componente subjectiva ou intra-psicológica (a identidade do ego); uma componente pessoal (compreendendo estilos comportamentais e repertórios caracteriológicos que diferenciam os indivíduos entre si); e uma componente social (compreendendo papéis e estatutos reconhecidos no seio de uma

determinada comunidade ou sociedade). Durante a fase de construção da identidade, todos estas componentes devem-se agregar e integrar de forma a proporcionar a resolução satisfatória da identidade. Quando tal não acontece surge uma crise caracterizada por um sentimento de confusão identitária, desregulação comportamental e caracteriológica, e ausência de papéis e estatutos socialmente reconhecidos e legitimados. Desta forma, a resolução da identidade ocorre quando papéis sociais são adquiridos, uma estabilização do comportamento e da personalidade é atingida e um sentido sólido de identidade do ego é desenvolvido (Côté & Levine, 2002). A construção identitária é feita nesta inter-relação entre as dimensões sociais e psicológicas da existência humana. Neste sentido, quando o contexto social facilita a aquisição de identidades sociais viáveis e o indivíduo desenvolve um sentido de identidade coerente e funcional a nível comportamental e egóico, estão criadas as condições para o surgimento do sentido de continuidade espaço-temporal que caracteriza a identidade. O estabelecimento de um forte sentido de identidade do ego servirá, então, de factor protector do indivíduo contra vicissitudes, conflitos e tensões externas.

O desenvolvimento da identidade encontra-se, assim, fortemente ligado às condições do contexto sócio-cultural (Côté, 1996, 2000). Estas condições têm vindo a sofrer profundas modificações ao longo da história. De acordo com Côté (1996, 2000), nas sociedades pré-modernas, a identidade adulta era fortemente determinada por características ou atributos sociais (raça, sexo, estatuto social); nas sociedades da primeira modernidade, a identidade passa já a depender mais de elementos pessoais como o esforço, as competências e o mérito (socialmente legitimados e valorizados); por último, nas sociedades da modernidade tardia, a identidade torna-se algo a ser gerido com base nas impressões e aparências veiculadas. A identidade como gestão das aparências é, assim, fruto de uma sociedade anómica e desestruturada que não fornece referências nem apoio ao processo de transição para a vida adulta. Esta falta de estrutura externa à criação de um sentido de identidade forte e viável torna os jovens vulneráveis às inúmeras manipulações de uma sociedade de massas que veio

substituir o vazio deixado pelo processo de desestruturação sócio-cultural. Na falta de referências e apoios institucionais (familiares, grupais, sociais) ao processo de transição, as referências para a construção da identidade acabam por ser fornecidas (vendidas) pelas indústrias das nossas sociedades massificadas, difusoras de uma cultura *pop* que vai mantendo os jovens num estado de prolongada menoridade face ao mundo adulto (Côté, 2000). Proliferam, assim, identidades socialmente condicionadas para o consumo, para agradar aos demais, para a gestão das impressões e da aparência, e para a gratificação sensorial.

Ora, neste mundo em constante mutação, individualizado e dominado por uma cultura de massas, a tarefa de construção de uma identidade bem integrada, sólida e viável por parte do indivíduo transforma-se numa tarefa extremamente exigente. Por um lado, é da responsabilidade de cada um a criação da sua estrutura identitária, na ausência de referências e apoios externos. Por outro, tal estrutura identitária não pode mais adquirir um carácter fechado e definitivo pois contínuas mudanças, quer a nível social quer a nível dos percursos biográficos individuais, exigem uma contínua reconstrução identitária no âmbito de um horizonte de futuro aberto e indefinido. O exercício da liberdade pessoal em tal contexto de vida, se, por um lado, abre incomensuravelmente o leque de oportunidades de auto-realização, por outro, requer do indivíduo a posse e operacionalização de vastos recursos psicológicos. Especificamente, cada pessoa confronta-se com a necessidade contínua de reflectir sobre e avaliar as suas escolhas e as suas relações com os outros, de usar a sua consciência auto-noética para antecipar cenários futuros de forma a melhor orientar as suas decisões no presente, de assumir total responsabilidade pelas suas decisões e respectivas consequências, de ultrapassar obstáculos estruturais que possam impedir a concretização dos seus objectivos. Podemos afirmar que cada indivíduo tem que continuamente investir na sua *preparação* (Carroll, 2010) para o confronto pessoal com um mundo individualizado e incerto: planear, gerir a realização de objectivos e projectos, situar-se estrategicamente perante uma estrutura de oportunidades em constante mutação (e que exige constante adaptação

individual) substituindo objectivos e expectativas em função de critérios de exequibilidade, desenvolver uma auto-disciplina e auto-controlo flexível e apto a responder às exigências das mutantes circunstâncias sociais e biográficas.

As elevadas exigências que são, assim, colocadas à tarefa de gestão biográfica dos jovens conduz a que cada vez um maior número apresente um estatuto identitário de difusão ou moratória (Côté, 2000). A difusão pode aparecer como uma estratégia adaptativa a um contexto económico e sócio-cultural onde se torna extremamente difícil atingir o estatuto de realização da identidade (*identity achievement*), embora esta estratégia possa vir a ser prejudicial, a médio e longo prazo, tanto para o indivíduo como para a sociedade (Côté, 2000). Josselson (1996), no âmbito da sua investigação longitudinal sobre o processo de construção identitária de um grupo de mulheres, denomina estes indivíduos como *à deriva* (*drifters*). A permanência prolongada num estado de moratória psicossocial consiste noutra das respostas dos jovens perante as dificuldades inerentes ao processo de transição para a vida adulta. Também aqui, contudo, existe o perigo de uma permanência indefinida num processo de transição sem fim à vista que transforma os indivíduos em *exploradores crónicos* (Josselson, 1996). Tanto a exploração crónica como a deriva reflectem as dificuldades de construção identitária num contexto de transição para a vida adulta individualizado, incerto, e com poucos apoios institucionais. De acordo com Josselson (1996), tanto os exploradores crónicos como aqueles que se encontram à deriva apresentam um conjunto de características semelhantes: a geração e formulação frequente de objectivos e desejos que tendem a ter uma duração curta e ser rapidamente abandonados; afirmação de convicções pessoais que tendem a não passar de entusiasmos passageiros; experenciação de excitações momentâneas que tendem a não passar de propósitos mal concebidos; em dadas alturas eles aparentam saber o que querem, contudo, tal certeza tende a ser transitória e acaba por dar lugar a outro plano ou projecto impulsivo. Estamos aqui perante dificuldades na formação e manutenção de um sentido

estável do *self*, numa quase incapacidade de formação de uma identidade sólida a partir da qual construir projectos de vida.

O bem-estar psicológico, ou a sua ausência, encontra-se, nesta fase da vida destes jovens, fortemente associado às dificuldades de construção identitária. Sem uma estrutura social de apoio e orientação dos percursos de transição para a adultez, os jovens tendem a vivenciar uma crescente confusão e a sentirem-se perdidos quanto ao papel a desempenhar na sociedade. Uma confusão da identidade que parece cada vez mais prolongada no tempo e que se reflecte em períodos de transição extremamente longos. Uma esperada “maturidade” em função da idade de certos indivíduos vem, frequentemente, a revelar-se em “imaturidade” psicossocial, por comparação com gerações anteriores. Contudo, este fenómeno tende a ser percepcionado como “normal” (não visto como excepção ou desvio) no contexto das condições patogénicas (no que se refere à construção identitária) das sociedades contemporâneas. A linha diferenciadora entre características identitárias e perturbações associadas à identidade tende, assim, a esbater-se. Considera-se que estamos perante estas últimas apenas quando certas características da personalidade assumem um carácter inflexível, mal adaptativo e disfuncional que conduz a limitações funcionais e mal-estar psicológico. Contudo, mesmo tendo em conta a relativa “normalidade” de muitos destes sintomas de disfuncionalidade e perturbação identitária, muitos jovens experienciam graves perturbações da personalidade associadas a dificuldades de formação de um sentido de identidade sólido e bem integrado. O resultado destas perturbações exprime-se de forma variada: na incapacidade de tomar decisões; na incapacidade de construção de relações de intimidade; na posse de uma perspectiva temporal biográfica distorcida ou na desconsideração da dimensão temporal como estrutura de construção do percurso biográfico; na incapacidade de trabalhar e de construir percursos vocacionais pessoal e socialmente significativos; na escolha de identidades negativas como reacção a papéis sociais e familiares tradicionais (Côté, 2000).

Tendo em conta que a condição de adulto se tem vindo a afastar de uma representação “hegemónica” ou tradicional e a aproximar-se de uma outra denominada por Sousa (2010) de “emancipada” ou “positiva”, a transição para a vida adulta tem-se vindo a afastar de uma ideia de passagem para uma condição fixa, estável e socialmente bem definida e a aproximar-se de uma ideia de ascensão a uma fase da vida presentemente representada como mais dinâmica e associada à noção de *percurso* e contínuo desenvolvimento tendente à realização pessoal (Sousa, 2010; Blatterer, 2007). Atendendo a esta transformação da condição de adulto, no presente estudo utilizamos uma perspectiva *eudaimónica* do bem-estar psicológico, associada ao desenvolvimento do potencial humano (e.g., Ryan & Deci, 2001; Waterman, 1993). Contrariamente à perspectiva *hedónica*, que se focaliza na temática do prazer e da felicidade (Kahneman, Diener & Schwarz, 1999), a perspectiva *eudaimónica* concebe o bem-estar como algo que vai além da mera obtenção de prazer e pressupõe o esforço tendente à actualização do potencial individual ou à auto-realização (e.g., Ryan & Deci, 2001; Ryff & Keyes, 1995). Desta forma, o olhar *eudaimónico* sobre o bem-estar encontra-se mais próximo das teorias que concebem o ciclo vital como um processo desenvolvimental pautado por múltiplos desafios ao longo do seu percurso. A título de exemplo, se tomarmos em consideração a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (Erikson, 1968, 1980, 1995) verificamos que a trajectória de desenvolvimento psicossocial ao longo do ciclo vital é constituída por uma sequência de estádios desenvolvimentais cada qual encerrando um desafio para o crescimento e desenvolvimento do potencial humano. De acordo com Erikson, o resultado do confronto com tais desafios poderá ser positivo (superação) ou negativo (não superação). Tendo em consideração a fase desenvolvimental que é objecto do presente estudo (transição para a vida adulta/ *adulter emergente*), o desafio desenvolvimental com que estes jovens se confrontam consiste na formação de um sentido de identidade sólido que lhes permita o posterior confronto com os subsequentes desafios desenvolvimentais da intimidade e generatividade (Erikson, 1968, 1980). A superação deste desafio conduzirá à formação de

uma estrutura identitária sólida aos níveis intra-pessoal, inter-relacional e social; já a sua não superação conduzirá a um estado de confusão identitária. Côté (2000), a nosso ver, acaba por expressar a mesma ideia ao conceber duas trajectórias de individualização ao longo do processo de transição para a vida adulta: a individualização desenvolvimental e a individualização supletiva. A primeira traduzirá uma ideia de consolidação identitária, enquanto a segunda se encontra próxima do conceito eriksoniano de confusão da identidade.

5. Estudos empíricos

Seguidamente serão apresentados os estudos empíricos realizados com o objectivo de aferir os determinantes pessoais e familiares das formas de gestão da incerteza na transição para a vida adulta, assim como as suas repercussões ao nível da resolução da identidade adulta e bem-estar psicológico dos jovens. Com a intenção de captar variações em função do seu nível académico e idade que, articulados, tendem a conduzir a dois universos de transição diferenciados, procedemos ainda a um estudo diferencial das variáveis em análise em função daqueles dois factores. A sequência da apresentação dos estudos será a seguinte:

1. Estudo diferencial em função do nível académico e idade dos jovens (Estudo 2 do presente trabalho);
2. Estudo de modelos de pistas preditivos das várias estratégias de gestão da incerteza (Estudo 3);
3. Estudo de modelo de pistas predictivo da resolução da identidade adulta (Estudo 4);
4. Estudo de modelo de pistas predictivo do bem-estar psicológico dos jovens (Estudo 5).

Num primeiro momento, proceder-se-á a uma breve introdução a cada estudo com formulação de hipóteses. Seguidamente será apresentada a parte metodológica (comum a todos os estudos). Por último, os resultados e sua discussão voltarão a ser apresentados de forma individualizada para cada estudo.

5.1. Estudo 2. Estudo diferencial

Nas actuais “sociedades do conhecimento”, o capital humano constitui-se como um elemento fundamental do capital de identidade tangível. A aquisição de conhecimento e respectivas credenciais académicas terá uma influência decisiva na capacidade de negociação de trajectórias de transição para a vida adulta, com especial relevo no que respeita à transição para o mundo do trabalho, ao expandir o leque de oportunidades à disposição dos jovens (e.g., du Bois-Reymond, 2009). A posse de credenciais académicas contém a potencialidade de gerar uma gama mais alargada de respostas alternativas aos desafios colocados pelo processo de transição, seja através da dotação de uma maior capacidade para aproveitar os vários tipos de apoio que a família possa disponibilizar, seja através da maior capacidade de criativamente desenvolver novos tipos de capital social e cultural alicerçada numa maior motivação para o contínuo desenvolvimento de novos conhecimentos e recursos (Csikszentmihalyi, 1997) que se traduzirão num incremento da capacidade de acção.

No entanto, há sempre que considerar a existência de dificuldades sócio-estruturais que são difíceis de superar somente através da capacidade de agência pessoal. Na realidade, pode-se constatar que a relação entre nível sócio-económico e credenciais académicas ainda subsiste, embora de uma maneira mais subtil, mesmo num contexto de massificação do ensino. Segundo Weis (2009), esta relação pode ser observada em três grandes áreas: na determinação e legitimação do que constitui conhecimento oficial e sua distribuição; no papel dos recursos familiares; e na produção de identidades sociais e culturais. Quanto à primeira grande área de análise, uma discriminação subtil ocorre através da diferente valorização cultural associada, por um lado, ao conhecimento “puro” ou “académico”, mais facilmente acessível às elites sociais e, por outro, ao conhecimento “aplicado” ou “profissional” culturalmente tido como mais apropriado às classes sociais menos privilegiados (Weis,

McCarthy, & Dimitriadis, 2006). Para além disso, foi observada uma tendência para fornecer aos alunos provenientes das classes operárias tarefas de aprendizagem altamente estruturadas e mais fortemente assentes em processos de memorização enquanto os alunos pertencentes às elites sociais eram confrontados com tarefas de aprendizagem mais intelectualmente desafiadoras, conduzindo à criação de uma cultura de excelência no seio destes últimos (Anyon, 1981). No que respeita ao papel desempenhado pelos recursos familiares (recursos financeiros, sociais, culturais), verifica-se que estes podem estimular ou impedir o estabelecimento de relações estreitas e positivas com o universo escolar, assim como com outras famílias de companheiros de escola dos seus filhos (Lareau, 1987). Também o capital cultural da família pode favorecer o desenvolvimento nas crianças de um sentido de poder e merecimento que estimula uma atitude em relação à aprendizagem que favorece um desempenho académico superior. Por fim, no que diz respeito à produção de identidades sociais e culturais, verifica-se que estruturas sócio-económicas e culturais como o nível sócio-económico de pertença influenciam a configuração de identidades adultas (e.g., Weis, 2004; Willis, 1977). Quatro décadas atrás, Willis (1977) havia chamado a atenção para a resistência dos jovens pertencentes à classe operária, da zona industrial das Midlands em Inglaterra, à cultura escolar, como forma de reprodução e afirmação de uma identidade cujas fontes se encontram no seu meio cultural. Menor acesso a credenciais académicas em tempos de uma economia em constante mudança, que exige a aprendizagem contínua e actualização de competências, acaba, frequentemente, por conduzir, a longo prazo a trajetórias de vida marcadas por marginalização social e profissional. Weis (2004), observou que muitos destes jovens acabam, por volta dos seus trinta anos de idade, a viver em condições de pobreza, sem emprego fixo, auferindo baixas remunerações e a viver em casa dos pais ou actuais namoradas (Weis, 2004).

Um dos padrões mais significativos de variabilidade no processo de transição está associado ao comprimento das trajetórias escolares. A partir da escolha entre um percurso

escolar que não excede a escolaridade obrigatória ou outro que passa pela frequência do ensino superior, dois universos diferenciados de transição são criados (Banks, Bates, Breakwell, Bynner, Emler, Jamieson, & Roberts, 1992; Bynner & Parsons, 2002). O grupo dos jovens que não acede ao ensino superior acaba por fazer uma tentativa de entrada precoce no mercado de trabalho. Este grupo (os *fast trackers*) actualmente tende a exibir um nível educacional insuficiente no contexto de um mercado de trabalho que, cada vez mais, exige elevados níveis de competências especializadas e consequentemente a enfrentar riscos mais elevados no que se refere à sua inserção profissional, por comparação com gerações anteriores (du Bois-Reymond, 2009). De facto, trata-se do grupo de jovens que, em Portugal tem vindo a apresentar taxas de desemprego mais elevadas (Pais, 2001). Pelo seu lado, os jovens que passam pelo ensino superior investem em percursos escolares mais longos e exibem trajectórias de transição mais lentas (*slow trackers*). Este grupo de jovens acaba por beneficiar de um alargamento de opções e oportunidades durante o processo de transição, factor que tende a acentuar a não-linearidade, destandardização e individualização das suas trajectórias de transição (Cavalli, 1995; Galland, 1995; Pais, 2001). Contudo, mesmo este último grupo, hoje em dia, está longe de enfrentar um processo de transição suave e isento de riscos: o prolongamento das trajectórias escolares não conduz necessariamente ao ingresso, no curto prazo, em empregos estáveis, o que, posteriormente, conduz ao adiamento da formação da própria família (Guerreiro & Abrantes, 2005; Mauritti, 2002). No entanto, a opção ou inevitabilidade de acesso a estes dois universos de transição exerce uma poderosa influência no tempo e condições de acesso à condição de adulto e desenvolvimento de projectos profissionais e familiares. Apesar da possibilidade de uma relação não linear entre o nível académico dos jovens e a sua percepção de preparação para a assumpção de papéis e responsabilidades adultas, espera-se-se que os titulares de credenciais de ensino superior tendam a perceber-se como melhor posicionados para competir pelas ocupações profissionais mais cobiçadas (Côté & Allahar, 2007) e a apresentar níveis mais elevados de

capital de identidade, o que lhes permite negociar mais favoravelmente o processo de transição num clima sócio-económico extremamente competitivo e frequentemente hostil, particularmente no domínio profissional. No entanto, percursos escolares mais longos tenderão também a conduzir ao adiamento da assumpção de papéis e responsabilidades adultas (nos domínios profissional e familiar) e à consequente manutenção de um prolongado estado de dependência ou semi-dependência da família de origem. Comparativamente, os jovens na posse de níveis educacionais mais baixos tenderão a cessar as suas actividades de exploração identitária mais cedo e mais rapidamente procurar concretizar os seus objectivos associados à aquisição da condição de adulto, tanto no domínio profissional como familiar. Este grupo de jovens, geralmente de famílias sem recursos para um auxílio prolongado ao processo de transição, acaba por ter que se confrontar com condições de transição mais voláteis, precárias e incertas. A acrescer a um apoio familiar mais débil, estes jovens encontram-se privados de um recurso de capital de identidade tangível (credenciais de ensino superior) que lhes poderia ser útil como instrumento de negociação da transição para o mercado de trabalho. Esses dois fatores, em articulação, podem conduzir à materialização de trajectórias de transição marcadamente incertas, pautadas por níveis elevados de risco e indutoras de um sentimento de desamparo e incontrolabilidade sobre o rumo do percurso biográfico.

No entanto, a este respeito, os estudos empíricos das últimas décadas têm-se focalizado principalmente no grupo de jovens que tem vindo a realizar trajectórias longas de transição - uma parte da população a quem tem sido concedida a oportunidade de adiar a aquisição da autonomia financeira e, portanto, a assumpção de papéis e responsabilidades adultas. A fim de prestar atenção à "metade esquecida" (*the forgotten half* – os jovens que não têm oportunidade de prosseguir estudos superiores), o presente estudo visa captar possíveis diferenças entre estes dois grupos de jovens relativamente às variáveis em estudo.

Tendo em conta as considerações e dados empíricos atrás expostos colocamos as seguintes hipóteses quanto a possíveis diferenças que se possam evidenciar entre os jovens relativamente às variáveis dependentes em estudo em função das suas habilitações académicas e idade.

Hipótese 1: espera-se que os jovens detentores de habilitações académicas de nível superior apresentem níveis mais elevados de percepção de apoio dos pais, de capital de identidade intangível, de tolerância à incerteza e uso de estratégias activas para a sua gestão, assim como de bem-estar psicológico;

Hipótese 2: os jovens com habilitações académicas mais baixas tenderão a apresentar níveis mais elevados de intolerância à incerteza e índices mais elevados de adiamento como estratégia de gestão da incerteza.

Hipótese 3: o grupo de jovens com menores habilitações académicas tenderá a apresentar índices mais elevados de resolução da identidade adulta numa idade mais precoce.

Hipótese 4: possuindo elevados níveis de optimismo relativamente ao futuro (como observado pelos estudos da *adulter emergente*), o grupo de jovens mais novo apresentará índices mais elevados de auto-determinação e auto-eficácia generalizada, e mais baixos de força do ego, que se pressupõe venha a ser reforçada no decorrer do confronto com os desafios do processo de transição.

5.2. Estudo 3. Modelos de pistas predictivos das estratégias de gestão da incerteza

No contexto de percursos de transição para a vida adulta fortemente individualizados e construídos em confronto com um horizonte de incerteza relativamente ao futuro, a gestão biográfica dependerá grandemente das estratégias de gestão da incerteza utilizadas. Pensamos que o uso de estratégias activas de confronto com a incerteza proporcionará um maior índice de adaptabilidade dos jovens a um contexto de transição fortemente individualizado e indutor de incerteza quanto à orientação dos percursos biográficos. A relação entre o capital de identidade acumulado e as estratégias utilizadas para lidar com a incerteza possuirão necessariamente uma relação de interdependência: umas influenciarão e reforçarão as outras. Contudo, no presente estudo pretendemos testar de que forma um determinado montante de capital de identidade tangível (operacionalizado através do nível de escolaridade) e intangível (operacionalizado através da auto-determinação, auto-eficácia generalizada e força do ego) desenvolvido e acumulado influencia as diferentes estratégias de gestão da incerteza. A posse de um forte sentido de agência (associado à posse de capital de identidade) tenderá a compensar a ausência de uma estrutura sócio-normativa orientadora do processo de transição (Côté, 1997, 2000). O capital de identidade acumulado poderá ter, assim, uma influência decisiva no tipo de estratégia de gestão da incerteza a ser operacionalizada pelos jovens em trânsito para a vida adulta. Quanto mais forte o sentido de identidade adquirido, em termos de auto-determinação, auto-eficácia generalizada, força do ego e capital humano, maior capacidade e motivação existirá para a utilização de estratégias activas de gestão da incerteza.

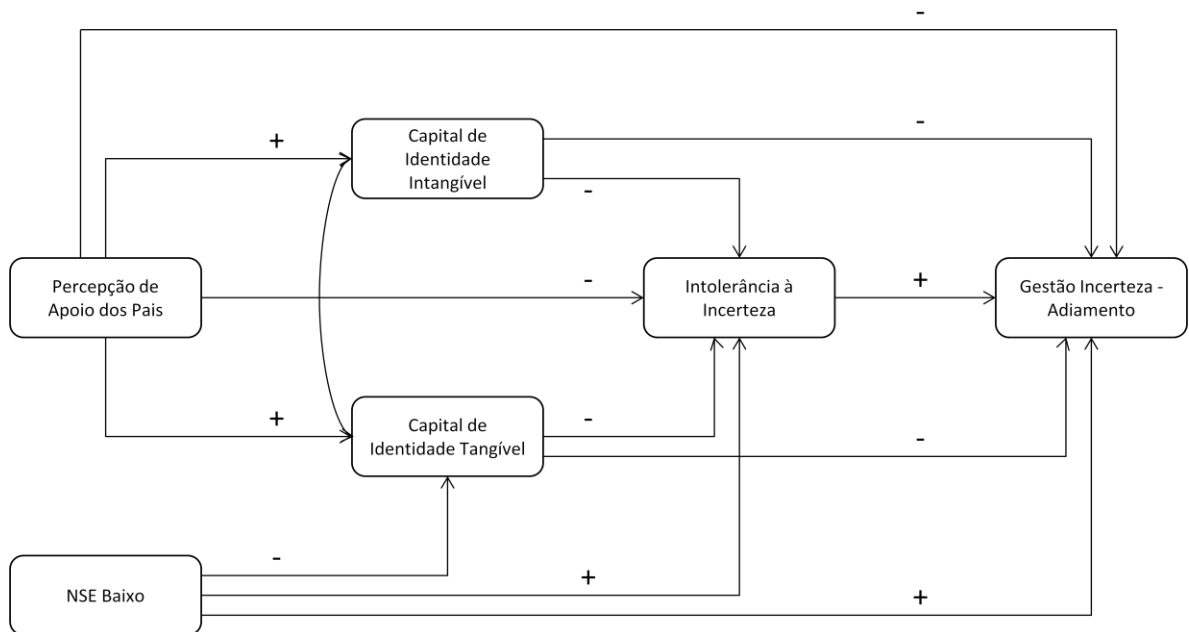
No contexto de um modelo mediterrânico de transição onde esta está fortemente dependente do apoio familiar, e acaba até por ser assumida como um projecto familiar conjunto (Scabini, Marta & Lanz, 2006), colocamos a hipótese de a gestão da incerteza estar

também extremamente dependente dos recursos e apoios familiares disponibilizados. Por um lado, o apoio parental intangível (especialmente o apoio à autonomia) será determinante para o desenvolvimento do sentido de agência dos jovens (e.g., Grolnick, Gurland, Jacob & DeCoursey, 2002; Pomerantz, Grolnick, & Price, 2005; Pomerantz & Ruble, 1998). Por outro, o apoio tangível associado ao nível sócio-económico (enquadrado por Côté no próprio conceito de capital de identidade tangível) poderá ter uma relevância instrumental decisiva ao dotar o jovem de outros tipos de capital (financeiro, social, cultural e humano) necessários à colocação em prática dos seus projectos de vida (e.g., Brannen, 2006; Cook & Furstenberg, 2002; Kohli, 1999; Lanz & Tagliabue, 2007; Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009).

Nesta óptica, pretendemos testar modelos causais predictivos das várias estratégias de gestão da incerteza utilizando como variáveis predictoras o apoio familiar e o capital de identidade acumulado à disposição dos jovens. Este último assumirá nos modelos propostos o papel de variável mediadora. Seguidamente, apresentamos de forma mais pormenorizada (com recurso a elementos gráficos) os modelos causais predictivos das diferentes estratégias de gestão da incerteza.

Adiamento. Quanto ao *adiamento*, como estratégia de gestão da incerteza, colocamos a hipótese de ele resultar, essencialmente, da falta de recursos, próprios e familiares, para lidar com certos desafios e obstáculos com que o jovem se confronta no seu trajecto de transição para a vida adulta. Esta falta de recursos tenderá a conduzir a um sentimento de menor tolerância à incerteza e à incapacidade percepcionada de lidar, no momento presente, com desafios e tarefas sentidas como fora da capacidade de controlo do indivíduo – uma percepção de falta de preparação para o confronto com tais desafios e tarefas (Carroll, 2010) (Cfr. Figura 2).

Figura 2. Modelo predictor do *adiamento* como estratégia de gestão da incerteza.



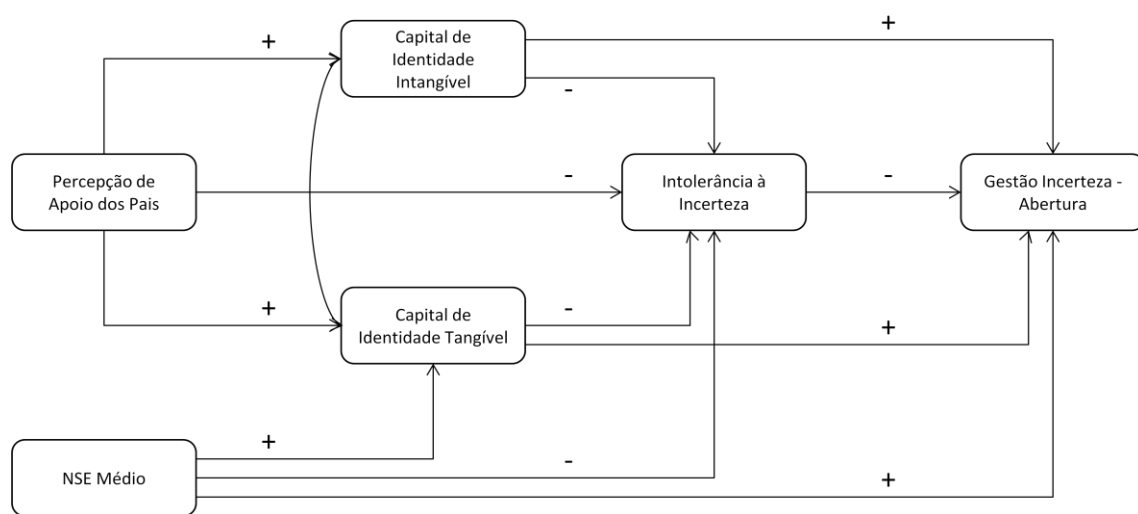
O sinal "+" denota uma relação positiva entre as variáveis.

O sinal "-" denota uma relação negativa entre as variáveis.

Abertura. Quanto à *abertura* como estratégia de gestão da incerteza, propomos que ela seja predominantemente determinada pela presença de capital de identidade intangível (capacidade de agência), cujo desenvolvimento é estimulado pelo apoio parental (especialmente na forma de apoio à autonomia). É esperado que a presença de capital de identidade tenha um efeito positivo sobre esta estratégia ao promover uma maior capacidade de tolerância à incerteza. Colocamos ainda a hipótese de a pertença a um NSE médio poder conduzir ao uso desta estratégia de gestão da incerteza: por um lado, o desejo de mobilidade social ascendente destas famílias conduz, frequentemente, a um sólido investimento no capital humano dos jovens (num projecto educativo que os conduz ao ensino superior). Por outro, a falta de suficientes recursos familiares para apoiar instrumentalmente os jovens na concretização dos seus objectivos e projectos de vida pode conduzir a que estes tenham que

adoptar uma atitude mais aberta de confronto com os desafios e obstáculos que vão emergindo no seu percurso de transição (procurando soluções alternativas, explorando diferentes vias, usando a sua criatividade para superar obstáculos, investindo em diferentes projectos) (Cfr. Figura 3).

Figura 3. Modelo predictor da *abertura* como estratégia de gestão da incerteza.

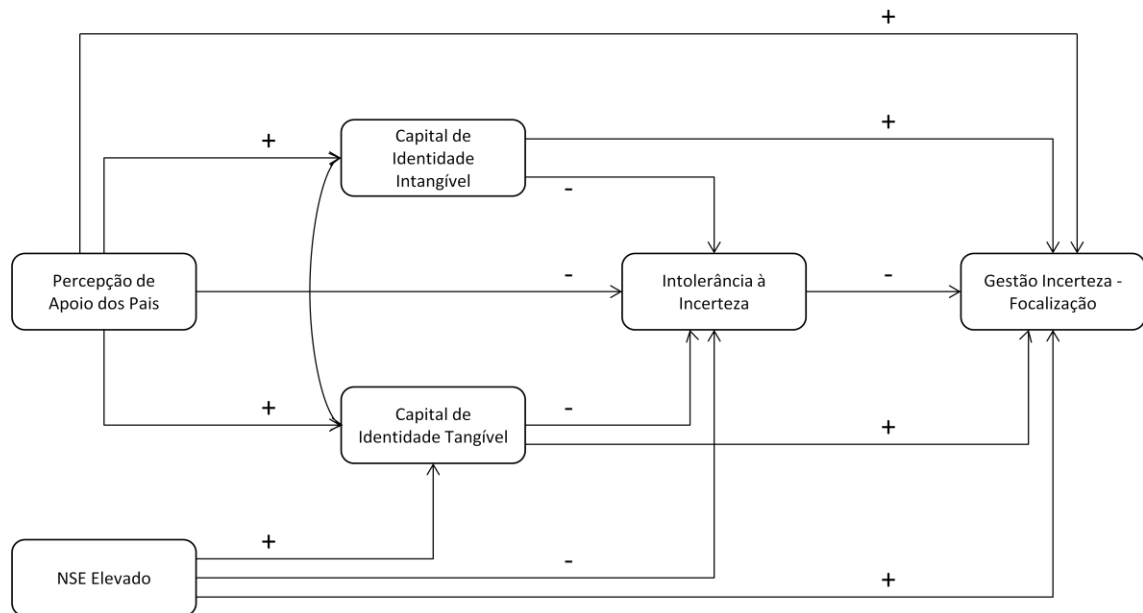


O sinal “+” denota uma relação positiva entre as variáveis.

O sinal “-” denota uma relação negativa entre as variáveis.

Focalização. A *focalização*, tal como a abertura, dependerá da reunião de um conjunto de condições: apoio tangível e intangível dos pais, capital de identidade (tangível e intangível), presença de um certo nível de tolerância à incerteza. Pensamos, contudo, que a colocação em prática desta estratégia exigirá, muitas vezes, um nível de apoio tangível familiar (com a associada protecção contra os riscos inerentes ao processo de transição) cuja disponibilidade poderá encontrar-se somente em famílias de NSE elevado (Cfr. Figura 4).

Figura 4. Modelo predictor da *focalização* como estratégia de gestão da incerteza.



O sinal “+” denota uma relação positiva entre as variáveis.

O sinal “-” denota uma relação negativa entre as variáveis.

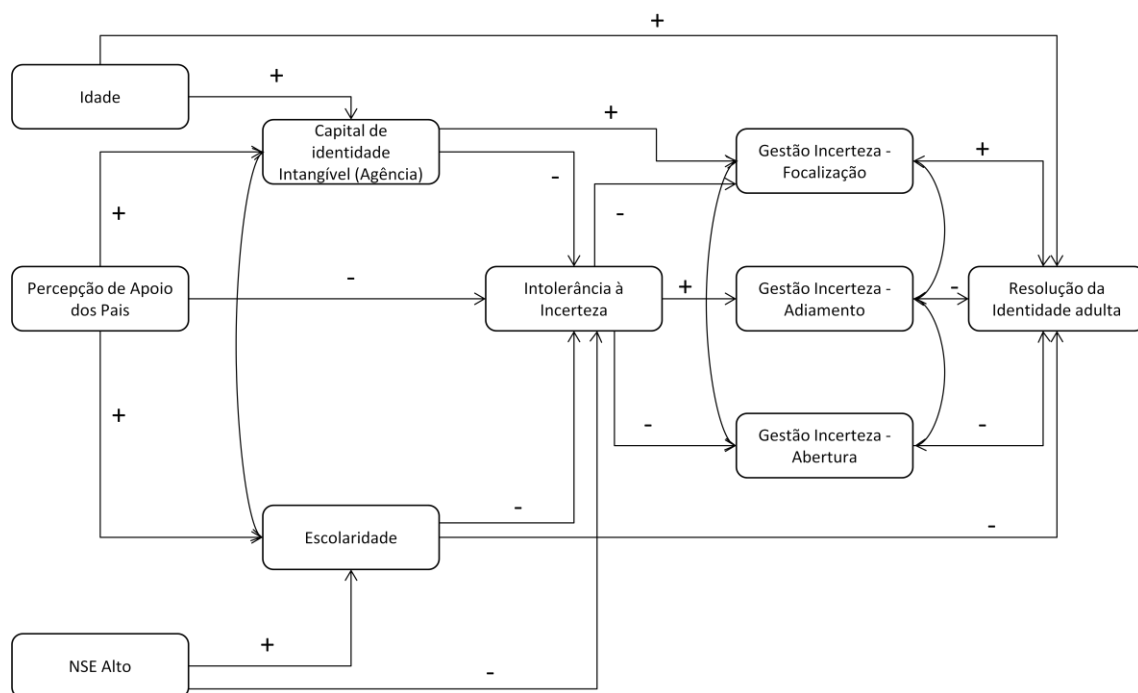
5.3. Estudo 4. Modelo de pistas predictivo da resolução da identidade adulta

De acordo com os actuais critérios mais subjectivos de representação da adultez (Arnett, 2000, 2004, 2006; Blatterer, 2007; Côté, 2000, 2006; Sousa, 2007, 2010), a resolução da identidade adulta tenderá a depender do desenvolvimento e acumulação de um capital de identidade que dote o indivíduo da percepção da capacidade para lidar com os desafios inerentes à sua auto-realização como adulto (Côté & Levine, 2002; Schwartz, 2006; Schwartz, Côté & Arnett, 2005), ou seja, da posse de recursos psicológicos indispensáveis à concretização dos objectivos e projectos que o indivíduo pretende começar a concretizar ao iniciar a sua integração nesta nova fase da sua vida.

Dada a importância do apoio familiar nesta fase de transição, tanto na sua vertente de apoio tangível como na vertente de estimulação do processo de autonomização dos jovens, esperamos também que este se encontre associado à sua resolução da identidade adulta. Por um lado, o apoio familiar tangível ou instrumental proporcionado pela família permite aos jovens beneficiar de um leque mais alargado de opções biográficas, dado que se encontram protegidos contra os riscos de instabilidade económica (e.g., Brannen, 2006; Cook & Furstenberg, 2002; Kohli, 1999; Lanz & Tagliabue, 2007; Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009). Por outro, espera-se que o apoio intangível esteja mais intimamente associado ao desenvolvimento de capital de identidade intangível, bem como ao uso de estratégias activas de gestão da incerteza ao promover a iniciativa (por exemplo, Grolnick, Gurland, Jacob & DeCoursey, 2002; Pomerantz, Grolnick, & Price, 2005; Pomerantz & Ruble, 1998) e sentimentos de competência (e.g., Ng, Kenney-Benson, e Pomerantz, 2004; Nolen-Hoeksema, Wolfson, Mumme, e Guskin, 1995; Pomerantz, Grolnick, & Price, 2005; Pomerantz & Ruble, 1998) para o confronto com responsabilidades adultas.

Partindo ainda do pressuposto de que a gestão biográfica na fase de transição para a vida adulta se faz num contexto imbuído de elevados níveis de incerteza, colocamos a hipótese de a resolução da identidade adulta estar associada a uma certa capacidade de tolerância à incerteza e ao uso de estratégias activas de gestão da mesma. Com base nestes pressupostos colocamos a hipótese de a resolução da identidade adulta se encontrar fortemente alicerçada no apoio familiar, o qual exercerá a sua influência naquela através da mediação do capital de identidade, da capacidade de tolerância à incerteza e do uso de estratégias activas de gestão da mesma.

Figura 5. Modelo predictor da Resolução da Identidade Adulta.



O sinal “+” denota uma relação positiva entre as variáveis.

O sinal “-” denota uma relação negativa entre as variáveis.

5.4. Estudo 5. Modelo de pistas predictivo do bem-estar psicológico

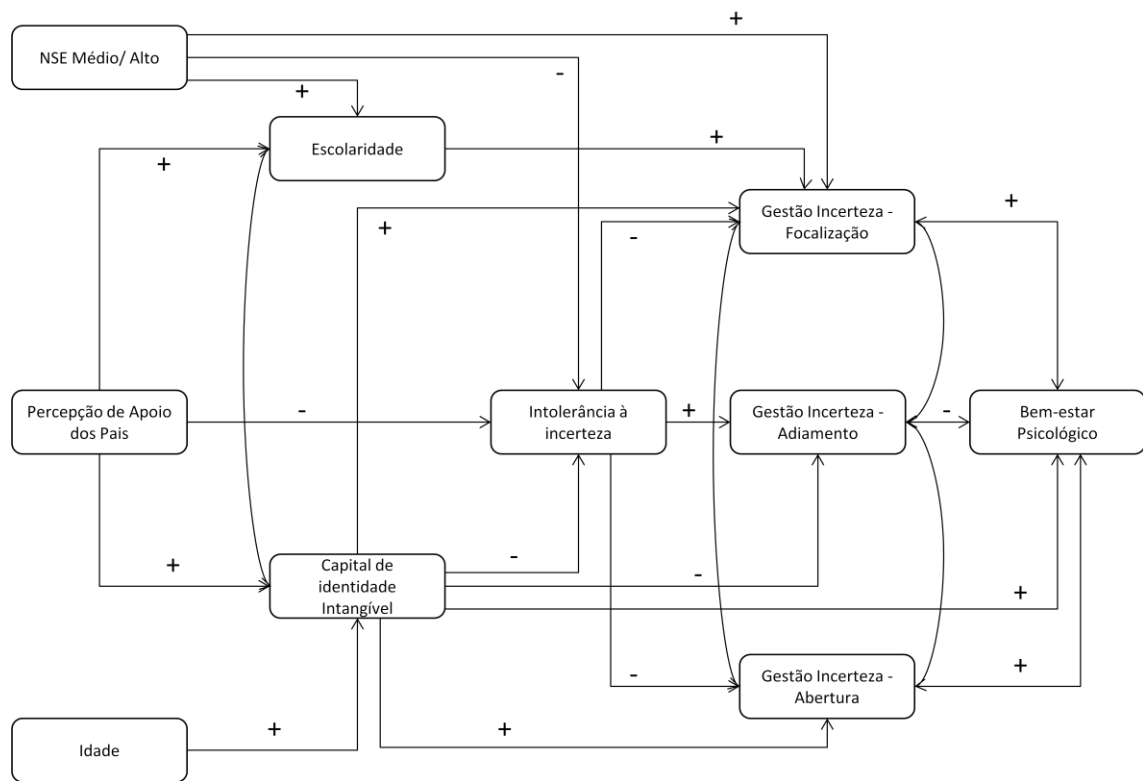
No presente estudo, o bem-estar será operacionalizado de acordo com uma perspectiva *eudaimónica* ou de concretização do potencial humano. Como hipótese de trabalho, propomos que o sentimento de auto-realização ou de bem-estar psicológico esteja fortemente associado ao apoio familiar ao processo de transição através do papel mediador do capital de identidade (tangível e intangível), da capacidade de tolerância à incerteza e do uso de estratégias activas para a sua gestão.

Quanto ao papel mediador do capital de identidade entre o apoio familiar e o bem-estar psicológico, baseamos a nossa hipótese nas seguintes premissas: em primeiro lugar, reconhecemos a importância crucial do apoio familiar no seu duplo papel de financiador do processo de transição e factor de estímulo ao desenvolvimento da autonomia dos jovens (e.g., Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009); em segundo lugar, dada a crescente individualização das trajetórias de transição (expressas em biografias de escolha), espera-se que o apoio familiar opere indirectamente, por intermédio do estímulo ao desenvolvimento das capacidades de agência dos jovens (e.g., Côté, 2000; du Bois-Reymond, 2009); em terceiro lugar e, finalmente, espera-se que seja através da sua capacidade de agência que os jovens se mostrem capazes de negociar com sucesso a sua transição para a vida adulta e alcançar o sentimento de realização individual que está na base do seu bem-estar psicológico, através da construção de itinerários de individualização desenvolvimental (Côté & Levine, 2002; Schwartz, 2006; Schwartz, Côté & Arnett, 2005).

Quanto ao papel mediador da intolerância à incerteza e do uso de estratégias de gestão da incerteza, baseamos esta nossa hipótese nos seguintes pressupostos: por um lado, tanto a (in)tolerância à incerteza como os modos de gestão da incerteza tenderão a depender dos recursos (familiares e pessoais) à disposição dos jovens como capital necessário à

negociação de oportunidades e ultrapassagem de potenciais dificuldades inerentes ao processo de transição; por outro lado, espera-se que a capacidade de acomodação da incerteza (tolerância à incerteza) e as estratégias usadas na sua gestão venham a afectar os níveis de bem-estar dos jovens. Tanto os recursos familiares (expressos no apoio familiar ao empreendimento da transição) como os recursos pessoais (capital de identidade dotador de um sentido de agência) constituem instrumentos valiosos colocados ao serviço da gestão da transição por meio de negociação de desafios e oportunidades ambientais. Dado que a navegação da transição para a vida adulta implica, no tempo presente, lidar com um ambiente incerto e volátil e um futuro dificilmente previsível, uma quantidade significativa do trabalho de navegação será dedicada à gestão da incerteza biográfica (Bonß & Zinn, 2003; Leccardi, 2005, 2006; Zinn, 2008). Uma transição bem sucedida, traduzida num sentimento de auto-realização (no centro do bem-estar psicológico), irá substancialmente depender da capacidade de tolerar e gerir eficazmente a própria incerteza biográfica. Tendo isto em consideração, esperamos que a relação entre o apoio familiar e o capital de identidade (sentido de agência), por um lado, e o bem-estar psicológico, por outro, seja parcialmente mediada pela capacidade de acomodação da incerteza biográfica (menores níveis de intolerância à incerteza) e das estratégias utilizadas na sua gestão.

Figura 6. Modelo predictor do bem-estar psicológico.



O sinal "+" denota uma relação positiva entre as variáveis.
O sinal "-" denota uma relação negativa entre as variáveis.

5.5. Método

5.5.1. Plano de observação e variáveis

Os presentes estudos seguem um plano de observação transversal. Nos estudos diferenciais, as variáveis dependentes consistem na percepção de apoio dos pais, auto-determinação, auto-eficácia generalizada, força do ego, intolerância à incerteza, gestão da incerteza, bem-estar psicológico e resolução da identidade adulta. Como variáveis independentes tomaram-se em consideração as seguintes variáveis sócio-demográficas: idade (um primeiro grupo formado por jovens com idades entre os 18 e os 24 anos e um segundo grupo com idades compreendidas entre os 24 e os 30 anos) e nível académico (um grupo de sujeitos com habilitações académicas até ao 12º ano de escolaridade e outro com sujeitos com habilitações superiores ao 12º ano). Nos modelos causais predictivos das estratégias de gestão da incerteza, foram tidas como variáveis independentes o apoio familiar (tangível e intangível); como mediadoras o capital de identidade (tangível e intangível) e a intolerância à incerteza; como dependentes, as várias estratégias de gestão da incerteza (*focalização, abertura e adiamento*). Nos modelos causais predictivos do bem-estar psicológico e da resolução da identidade adulta, foram tomadas como variáveis independentes o apoio familiar (tangível e intangível); como mediadoras o capital de identidade (tangível e intangível), a intolerância à incerteza e as estratégias de gestão da incerteza; como dependentes, a resolução da identidade adulta e o bem-estar psicológico.

5.5.2. Amostra

A amostra é composta por 620 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade, de ambos os sexos, pertencentes a três níveis sócio-económicos⁴ (alto, médio e baixo) e distribuídos por dois níveis de escolaridade (até ao 12º ano de escolaridade; superior ao 12º ano de escolaridade). No que concerne às características sócio-demográficas, a amostra encontra-se distribuída da seguinte forma: 266 homens (42,9 %), 354 mulheres (57,1 %); 122 sujeitos de nível sócio-económico (NSE) alto (20,1 %), 209 Sujeitos de NSE médio (34,4 %) e 277 Sujeitos de NSE baixo (45,6 %); 415 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos (67,4 %) e 201 sujeitos com idades compreendidas entre os 25 e os 30 anos (32,6 %); 211 sujeitos com habilitações académicas até ao 12º ano de escolaridade (34,5 %) e 401 sujeitos com habilitações superiores ao 12º ano (65,5 %).

5.5.3. Procedimento

Todos os instrumentos utilizados foram objecto de uma primeira administração a 20 sujeitos, à qual se seguiu uma reflexão falada a partir da qual se logrou a redacção final dos itens. De forma a avaliar a qualidade psicométrica dos questionários, procedeu-se, primeiramente à avaliação do poder discriminativo dos itens baseada na análise da distribuição da percentagem de respostas pelas seis alternativas propostas. Os itens que reuniam uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, foram eliminados. Seguidamente, foram realizadas análises factoriais confirmatórias a fim de se confirmar as estruturas factoriais das escalas. Durante este procedimento, como critério de eliminação dos itens, utilizou-se uma saturação inferior 0.50. O ajustamento dos modelos testados aos dados recolhidos foi avaliado por recurso a

⁴ O NSE foi avaliado a partir da profissão e do nível educacional do pai e da mãe (Cfr. Anexo 1).

índices de modelos de equações estruturais: a estatística do χ^2 , que compara a matrix de variância-covariância implícita no modelo com a matrix de variância-covariância observada nos dados; o índice comparativo do ajustamento (CFI), que compara o modelo especificado com um modelo nulo sem trajectórias ou variáveis latentes; a raiz do erro quadrático médio de aproximação (RMSEA), que compara a matrix de variância-covariância implícita no modelo com a matrix de variância-covariância observada nos dados, ajustada para o tamanho da amostra e para a complexidade do modelo. Um bom ajustamento é representado por um valor de χ^2/gl inferior a 3 (Schermelel-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003), um CFI de 0,90 ou superior (Bentler, 1990), um RMSEA de 0,08 ou inferior (Kline, 2011; Schermelleh-Engel et al., 2003). Também foi usado o resíduo quadrático médio (SRMR), semelhante ao RMSEA e para o qual valores de 0,08 ou abaixo são considerados aceitáveis (Schermelel-Engel et al., 2003). Devido ao facto de o índice de χ^2 poder não se encontrar ajustado ao tamanho da amostra ou à complexidade do modelo, em modelos mais complexos um rácio de χ^2/gl superior a 3 pode não ser problemático desde que o CFI e o RMSEA indiquem um ajustamento adequado (Keith, 2006).

Por último, de forma a avaliar a fidelidade dos instrumentos, foi aferida a consistência interna das suas dimensões factoriais (*alpha de Cronbach*). Durante este procedimento foram eliminados os itens que contribuíam para uma redução significativa da consistência interna.

Os itens dos questionários utilizados (à excepção do questionário sócio-demográfico) apresentavam-se sob a forma de afirmação relativamente à qual os sujeitos tinham de se situar numa escala de *Lickert* em 6 níveis: 1 (discordo totalmente); 2 (discordo bastante); 3 (discordo ligeiramente); 4 (concordo ligeiramente); 5 (concordo bastante); 6 (concordo totalmente).

No contexto do estudo diferencial, num primeiro momento, a fim de não só detectar diferenças entre os grupos de sujeitos em estudo (em função da idade e habilitações académicas) mas também aferir a possível existência de efeitos de interacção entre as

variáveis demográficas mencionadas sobre as variáveis dependentes em estudo, foram realizadas MANOVAS. As ANOVAS seguidamente realizadas permitiram proceder à análise diferencial dos resultados.

Por último, e no que se refere aos modelos predictivos das estratégias de gestão da incerteza, da resolução da identidade adulta e do bem-estar psicológico, foram, num momento prévio, realizadas regressões hierárquicas a fim de aferir o valor preditivo das variáveis em estudo sobre aquelas variáveis dependentes. O resultado das análises de regressão serviu de base à construção dos modelos de pistas causais. Estes modelos foram testados com recurso ao software AMOS (v.20, SPSS Inc, Chicago, IL). Os seus parâmetros foram estimados utilizando o procedimento de máxima verossimilhança (ML). O Ajustamento dos modelos foi aferido com recurso aos mesmos índices de ajustamento utilizados para as Análises Factoriais Confirmatórias e acima mencionados. Dado os modelos apresentarem múltiplas mediações, a fim de testar a significância dos efeitos indirectos totais e específicos, foi utilizado o procedimento de re-amostragem por *bootstrapping*. Por fazerem parte do mesmo construto teórico e se apresentarem correlacionados, foram introduzidas correlações, por um lado, entre os vários elementos do capital de identidade e, por outro, entre as estratégias de gestão da incerteza, a fim de controlar o seu possível impacto sobre os efeitos mediadores (Preacher & Hayes, 2008). De acordo com as recomendações Preacher e Hayes (2008) e Shrout & Bolger (2002), o seguinte procedimento de reamostragem por *bootstrapping* foi utilizado: a criação de 2000 amostras aleatórias com reposição. O procedimento foi realizado usando o *software* SPSS (v.20, SPSS Inc, Chicago, IL) com uma macro fornecida por Preacher & Hayes (2008). Levando-se em conta os critérios de Shrout & Bolger (2002), se o intervalo de confiança de 95% para as estimativas de um efeito indireto não contém zero, pode-se concluir que o efeito indireto é estatisticamente significativo ao nível de 0,05.

5.5.4. Instrumentos

Seguidamente apresentam-se os instrumentos utilizados na presente investigação e a avaliação das suas características psicométricas: questionário sócio-demográfico; escala de auto-eficácia generalizada; escala de auto-determinação; escala de força do ego; escala de percepção de apoio dos pais; escala de intolerância à incerteza; escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta; índice de resolução da identidade adulta; escala de bem-estar psicológico.

5.5.4.1. Variáveis sócio-demográficas

5.5.4.1.1. Questionário sócio-demográfico

O questionário sócio-demográfico permitiu recolher as informações demográficas necessárias à caracterização das variáveis independentes da amostra (idade e habilitações académicas) e subsequente análise diferencial dos resultados obtidos para as variáveis dependentes.

5.5.4.2. Percepção de apoio dos pais

5.5.4.2.1. Escala de percepção de apoio dos pais

A escala de Percepção de Apoio do Pais, na sua versão para jovens que se encontram na fase final da adolescência ou que já tenham passado esta fase, tem como função avaliar a percepção que os jovens têm dos pais relativamente a três dimensões de apoio: apoio à

autonomia, calor humano e envolvimento (Niemiec, Lynch, Vansteenkiste, Bernstein, Deci & Ryan, 2006). A escala é composta de 21 itens: 9 respeitantes à dimensão de apoio à autonomia; 6 relativos à dimensão calor humano; e 6 respeitantes à dimensão envolvimento. Na sua versão original, a escala subdivide-se em duas partes, uma referente à percepção de apoio do pai e outra referente à percepção de apoio da mãe. Dado que no presente estudo não era nosso objectivo proceder a uma análise diferencial do apoio dos pais (aferir separadamente o apoio do pai e da mãe), uma só versão da escala foi administrada onde foi solicitado aos participantes que respondessem aos itens do questionário tendo em consideração a sua percepção conjunta dos pais (pai e mãe) relativamente às dimensões de apoio em análise.

5.5.4.2.1.1. Poder discriminativo dos itens

Dado que em nenhum dos itens se observou uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta individualmente consideradas, todos os itens iniciais da escala foram mantidos após esta análise preliminar.

5.5.4.2.1.2. Estrutura factorial e consistência interna

Com o propósito de confirmar a estrutura factorial do instrumento, foi realizada uma análise factorial confirmatória (AFC). A AFC permitiu reter dois dos factores originais da escala, o apoio à autonomia e o calor humano, agregados num factor de segunda ordem para o qual mantivemos a designação genérica de *percepção de apoio dos pais* (englobando o *apoio à autonomia* e o *calor humano*). Os itens destes dois factores com um índice de saturação inferior a 0,5 foram eliminados. A dimensão de apoio à autonomia ficou composta por seis

itens; a de calor humano por quatro; e o factor de segunda ordem que agrega as duas anteriores dimensões ficou, consequentemente, composto por 10 itens. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfatórios: $\chi^2/gl = 5$ ($p < 0,001$); CFI = 0,95; RMSEA = 0,08; SRMR = 0,045.

De forma a avaliar a fidelidade do instrumento, foi aferida a consistência interna das suas dimensões factoriais (*alpha de Cronbach*). Os valores obtidos podem-se considerar satisfatórios, oscilando de razoável ($> .70$) a bom ($> .80$): *Apoio à autonomia* (α de Cronbach = 0,87); *Calor humano* (α de Cronbach = 0,74); *Percepção de apoio dos pais* (agregando *apoio à autonomia* e *calor humano*) (α de Cronbach = 0,89).

5.5.4.3. Capital de identidade intangível

5.5.4.3.1. Escala de auto-determinação

A escala de auto-determinação tem por objectivo aferir diferenças individuais quanto ao estilo de auto-regulação no que respeita a esta variável motivacional (a auto-determinação) (Sheldon, 1995; Sheldon, Ryan & Reis, 1996). A capacidade de auto-determinação é considerada uma qualidade relativamente consistente do indivíduo e reflecte (1) uma maior consciência relativamente aos próprios sentimentos e sentido de si, (2) posse de sentimentos de possibilidade de escolha no que diz respeito ao comportamento a adoptar. A escala de auto-determinação é composta por 10 itens distribuídos por duas sub-escalas (cada uma com 5 itens) que reflectem as duas dimensões acima enunciadas: uma primeira sub-escala refere-se à consciência acerca de si próprio; a segunda reflecte o nível de escolha percebido nas acções pessoais. As sub-escalas podem ser usadas separadamente ou podem ser agregadas numa dimensão global.

5.5.4.3.1.1. Poder discriminativo dos itens

De acordo com o critério utilizado para a avaliação do poder discriminativo dos itens, nenhum deles foi eliminado por não se verificar uma percentagem de respostas superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta.

5.5.4.3.1.2. Estrutura factorial e consistência interna

A análise factorial confirmatória realizada permitiu reter uma dimensão global de auto-determinação que agregou as duas sub-dimensões do construto (com 3 itens pertencentes a cada sub-dimensão). Os restantes itens foram eliminados por evidenciarem índices de saturação inferiores a 0,50. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfatórios: $\chi^2/\text{gl} = 2,42$ ($p < 0,05$); CFI = 0,99; RMSEA = 0,048; SRMR = 0,020.

O valor relativo à consistência interna é bom ($> .80$): α de Cronbach = 0,84.

5.5.4.3.2. Escala de Auto-eficácia Generalizada Percebida

A Escala de Auto-eficácia Generalizada Percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1995) consiste num instrumento que visa captar as crenças optimistas quanto à capacidade de lidar com um conjunto abrangente de indutores de *stress*. A escala possui uma configuração actual composta por 10 itens e uma estrutura unifactorial. A sua adaptação para a população portuguesa foi efectuada por Coimbra & Fontaine (1999).

5.5.4.3.2.1. Poder discriminativo dos itens

Dado nenhum dos itens ter obtido uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, nenhum dos itens iniciais foi, por esta via, eliminado.

5.5.4.3.2.2. Estrutura factorial e consistência interna

A análise factorial confirmatória permitiu reter 9 dos 10 itens da escala em torno de um único factor. Um item foi eliminado por apresentar um índice de saturação inferior a 0,50. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfactórios: $\chi^2/df = 4,3$ ($p < 0,001$); CFI = 0,95; RMSEA = 0,073; SRMR = 0,041.

O valor relativo à consistência interna do instrumento pode-se considerar bom ($> .80$): α de Cronbach = 0,83.

5.5.4.3.3. Escala de Força do Ego

A força do ego foi medida com utilização da Escala de Força do Ego (Epstein, 1983), composta por 26 itens. A escala mede até que ponto os participantes são resilientes e possuem capacidade de perseverança em face de adversidades.

5.5.4.3.3.1. Poder discriminativo dos itens

Dado nenhum dos itens ter obtido uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, nenhum dos itens iniciais foi eliminado.

5.5.4.3.3.2. Estrutura factorial e consistência interna

A análise factorial confirmatória permitiu obter uma estrutura unifactorial do instrumento, com uma composição final de 12 itens. Os restantes itens integrantes da versão original da escala foram eliminados por evidenciarem índices de saturação inferiores a 0,50. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfatórios: $\chi^2/df = 4,8$ ($p < 0,001$); CFI = 0,90; RMSEA = 0,079; SRMR = 0,052.

O valor relativo à consistência interna do instrumento pode-se considerar bom ($> .80$): α de Cronbach = 0,83.

5.5.4.3.4. Escala agregando a auto-determinação e a auto-eficácia generalizada

Por motivos de parcimónia, procurou-se obter uma única variável representativa do capital de identidade intangível a ser utilizada nos modelos de pistas. Tendo em conta a correlação entre os vários elementos deste tipo de capital de identidade utilizados no presente estudo (auto-determinação, auto-eficácia generalizada e força do ego), foi testado um factor de segunda ordem que os englobasse. Este factor de segunda ordem foi obtido apenas para as

variáveis auto-determinação e auto-eficácia generalizada. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfatórios: $\chi^2/gl = 4,9$ ($p < 0,001$); CFI = 0,90; RMSEA = 0,08; SRMR = 0,064.

O valor relativo à consistência interna do instrumento é aceitável ($> .70$): α de Cronbach = 0,77.

Este procedimento conduziu a que, nos modelos de pistas causais, o capital de identidade intangível ficasse representado por duas variáveis: uma agregando a auto-determinação e a auto-eficácia generalizada; uma segunda correspondente à força do ego.

5.5.4.4. Orientação perante a incerteza e gestão da incerteza

5.5.4.4.1. Escala de Intolerância à Incerteza

A Escala de Intolerância à Incerteza é composta por 27 itens que avaliam uma característica disposicional dos indivíduos resultante de crenças negativas relativamente à incerteza e suas implicações (Buhr & Dugas, 2002; Dugas & Robichaud, 2007). A escala possui uma estrutura com quatro dimensões: desejo de previsibilidade; paralisia perante a incerteza; mal-estar associado à incerteza; crenças inflexíveis acerca da incerteza.

5.5.4.4.1.1. Poder discriminativo dos itens

Dado nenhum dos itens ter obtido uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, nenhum dos itens iniciais foi eliminado.

5.5.4.4.1.2. Estrutura factorial e consistência interna

A análise factorial confirmatória revelou a existência dos quatro factores ou dimensões acima referidas. Dado que a escala pode ser utilizada como um indicador global de intolerância à incerteza, foi introduzido e testado um factor de segunda ordem ao qual as quatro dimensões iniciais se encontram associadas. Foi, assim, encontrada uma estrutura factorial com um factor de segunda ordem e composta por 22 itens agrupados em quatro dimensões de primeira ordem. Os restantes itens integrantes da versão original da escala foram eliminados por evidenciarem índices de saturação inferiores a 0,50. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfactórios: $\chi^2/\text{gl} = 4,7$ ($p < 0,001$); CFI = 0,91; RMSEA = 0,079; SRMR = 0,057.

O valor relativo à consistência interna do instrumento pode-se considerar muito bom ($> .90$): α de Cronbach = 0,94.

5.5.4.4.2. Escala de Gestão da Incerteza na Transição para Vida Adulta

A Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta foi criada no âmbito do presente estudo com a finalidade de captar diferentes estratégias de gestão da incerteza relativamente ao futuro por parte de jovens em processo de transição para a adultez.

5.5.4.4.2.1. Poder discriminativo dos itens

Dado nenhum dos itens ter obtido uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, nenhum dos itens iniciais foi eliminado.

5.5.4.4.2.2. Estrutura factorial e consistência interna

A escala é composta por 18 itens agrupados em três factores: adiamento (3 itens), abertura (6 itens) e focalização (9 itens). Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfactorios: $\chi^2/gl = 2,2$ ($p < 0,001$); CFI = 0,93; RMSEA = 0,060; SRMR = 0,054. Os valores relativos à consistência interna dos factores podem-se considerar bons ($> .80$): adiamento (α de Cronbach = 0,81); abertura (α de Cronbach = 0,82); focalização (α de Cronbach = 0,81).

5.5.4.5. Bem-estar psicológico

5.5.4.5.1. Escala de Bem-Estar Psicológico

A Escala de Bem-estar Psicológico mede o nível de bem-estar entendido numa acepção *eudaimónica* ou de realização do potencial humano (Ryff & Keyes, 1995). A escala é composta por seis factores ou dimensões do bem-estar: auto-aceitação; relações positivas com os outros; autonomia; domínio do meio; propósito na vida; crescimento pessoal.

5.5.4.5.1.1. Poder discriminativo dos itens

Dado nenhum dos itens ter obtido uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, nenhum dos itens iniciais foi eliminado.

5.5.4.5.1.2. Estrutura factorial e consistência interna

Através da análise factorial confirmatória, chegou-se à seguinte estrutura: uma escala composta por nove itens divididos por 4 factores – autonomia (2 itens), domínio do meio (2 itens), relações positivas (2 itens), aceitação de si (3 itens). Dado que se pretendia obter uma medida do bem-estar psicológico em termos globais, os factores acima referidos foram agrupados num factor de segunda ordem. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfactorios: $\chi^2/df = 11,14$ ($p < 0,001$); CFI = 0,96; RMSEA = 0,075; SRMR = 0,049. O valor relativo à consistência interna do instrumento (como medida global) pode-se considerar bom ($> .80$): α de Cronbach = 0,82.

5.5.4.6. Resolução da identidade adulta

5.5.4.6.1. Índice de resolução da identidade adulta

O *Índice de resolução da identidade adulta* é fruto da adaptação do *Identity Stage Resolution Index* (ISRI) (Côté, 1997). Trata-se de uma escala destinada a aferir o grau de resolução da identidade adulta e, na sua versão original, é composta por 2 factores: a *escala de resolução da identidade adulta* (*Adult Identity Resolution Scale*, AIRS), destinada a captar a

percepção de já se ser adulto; a *escala de resolução da identidade comunitária* (*Community Identity Resolution Scale*, CIRS), destinada a captar a percepção de já se possuir uma identidade socialmente integrada.

5.5.4.6.1.1. Poder discriminativo dos itens

Dado nenhum dos itens ter obtido uma percentagem superior a 70% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, nenhum dos itens iniciais foi eliminado.

5.5.4.6.1.2. Estrutura factorial e consistência interna

A análise factorial confirmatória revelou a presença dos mesmos factores identificados na escala original: um factor de *resolução da identidade adulta* (com 4 itens, e outro de *resolução da identidade comunitária* (com 3 itens). De forma a obter o *Índice de Resolução da Identidade Adulta* (um compósito dos dois factores anteriores), um factor de segunda ordem foi testado na AFC. Os índices de ajustamento da estrutura factorial obtida são satisfactórios: $\chi^2/\text{gl} = 9,16$ ($p < 0,001$); CFI = 0,99; RMSEA = 0,068; SRMR = 0,030. O valor relativo à consistência interna do instrumento (como medida global) pode-se considerar bom ($> .80$): α de Cronbach = 0,85.

5.6. Resultados e sua Discussão

Neste capítulo apresentaremos os resultados separadamente em função das questões de investigação. Iniciaremos com a apresentação de resultados relativos às diferenças entre grupos de jovens em função do seu nível acadêmico e idade, seguido dos modelos predictores das diferentes estratégias de gestão da incerteza e, por fim, dos modelos predictores da resolução da identidade adulta e do bem-estar psicológico. A discussão dos diferentes resultados será apresentada imediatamente a seguir à apresentação dos mesmos, de forma a facilitar a leitura.

Para que se possa apreciar os valores de resposta às variáveis em estudo, assim como as suas correlações, procede-se à apresentação preliminar de uma tabela contendo medidas de estatística descritiva e correlações entre variáveis (Cfr. Tabela 2).

Tabela 2. Estatísticas descritivas e correlações entre as variáveis.

Variável	M	DP	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<i>Apoio familiar</i>												
1. Percepção de apoio dos pais (apoio à autonomia e calor humano)	4.33	.68	1									
<i>Capital de identidade intangível</i>												
2. Força do ego	4.03	.83	.18**	1								
3. Auto-determinação	4.16	1.00	.19**	.14**	1							
4. Auto-eficácia generalizada	4.24	.75	.22**	.12**	.29**	1						
5. Medida agregada de Auto-determinação e Auto-eficácia generalizada	4.20	.71	.26**	.16**	.86**	.74**	1					
<i>Estratégias de gestão da incerteza</i>												
6. Focalização	4.34	.73	.33**	.07	.10*	.45**	.31**	1				
7. Abertura	3.79	.91	.19**	.01	.11**	.32**	.25**	.55**	1			
8. Adiamento	3.53	1.11	-.01	-.08*	-.21**	.05	-.12**	.13**	.18**	1		
<i>Bem-estar psicológico</i>												
9. Medida global de bem-estar psicológico	4.59	.74	.40**	.33**	.36**	.53**	.54**	.43**	.30**	-.09*	1	
<i>Resolução da identidade adulta</i>												
10. Índice de resolução da identidade adulta	4.31	.93	.28**	.26**	.20**	.36**	.33**	.22**	.15**	.03	.31**	1

* $p<.05$. ** $p<.01$.

5.6.1. Estudo II. Diferenças entre grupos

5.6.1.1. Resultados

5.6.1.1.1. Diferenças em função do nível académico e da idade

A fim de detetar possíveis efeitos dos factores nível académico e idade sobre as variáveis dependentes em estudo, procedeu-se a uma análise multivariada de variância (MANOVA). Os resultados da MANOVA evidenciaram que o efeito do factor nível académico é de dimensão elevada e significativo sobre as variáveis dependentes, sendo a potência do teste também muito boa (Traço de Pillai = 0,109 $F(12,595) = 6,073$; $p < 0,001$; $\eta_p^2 = 0,109$; Potência = 1,000). A idade evidenciou também um efeito de dimensão elevada e significativo, apresentando o teste uma potência muito boa (Traço de Pillai = 0,061 $F(12,595) = 3,220$; $p < 0,001$; $\eta_p^2 = 0,061$; Potência = 0,996). Finalmente, a interacção entre os factores teve também um efeito elevado e estatisticamente significativo, com uma potência do teste muito boa (Traço de Pillai = 0,055 $F(12,595) = 2,906$; $p < 0,001$; $\eta_p^2 = 0,055$; Potência = 0,990). Seguidamente foram efectuadas análises de variância (ANOVA) a fim de detectar diferenças relativamente às variáveis dependentes em estudo em função dos factores sócio-demográficos mencionados.

5.6.1.1.1.1. Efeitos de interacção

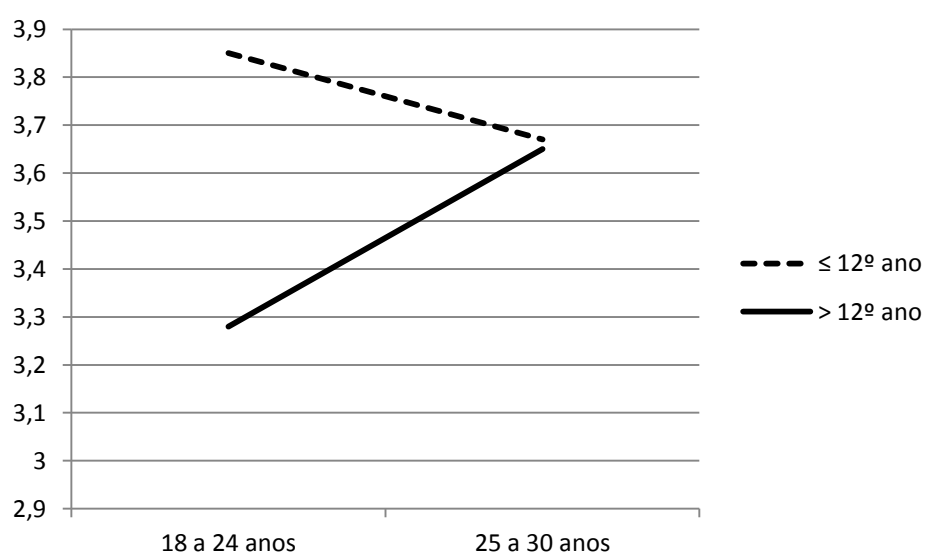
Foram observados efeitos de interacção entre os factores nível académico e idade no que respeita ao adiamento como estratégia de gestão da incerteza (Cfr. Tabela 3). O uso desta estratégia é mais comum entre o grupo de participantes mais novos, com habilitações até ao 12º ano de escolaridade.

Tabela 3. Efeitos de interacção entre escolaridade e idade.

		Idade						
		18 a 24 anos		25 a 30 anos				
		Escolaridade						
Variável		≤ 12º	> 12º	≤ 12º	> 12º	F	g.l.	Sig.
Dependente		ano	ano	ano	ano			
Gestão da	M	3,85	3,28	3,67	3,65	8,21	1	0,004
incerteza -								
Adiamento	DP	1,10	1,06	1,13	1,13			

Não há diferenças entre os participantes mais velhos em função do nível de escolaridade enquanto esta diferença é acentuada nos mais novos. São os participantes mais novos com habilitações académicas além do 12º ano que usam menos esta estratégia enquanto os mais novos com menos habilitações as usam mais. Os mais velhos situam-se numa posição intermédia, como o ilustra a Figura 7.

Figura 7. Efeitos de interacção para o adiamento.



5.6.1.1.1.2. Diferenças em função do nível académico

As análises de variância (ANOVA) efectuadas revelaram diferenças em função do percurso escolar quanto à percepção de apoio dos pais, à resolução da identidade adulta, ao bem-estar psicológico, à intolerância à incerteza, à estratégia de gestão da incerteza *focalização* e a dois elementos do capital de identidade intangível (auto-determinação e força do ego).

Como se pode verificar pela Tabela 4, os participantes com escolaridade ao nível do ensino superior revelam maiores índices no que respeita à percepção de apoio dos pais, bem-estar psicológico, focalização, auto-determinação e força do ego. Já os participantes com nível de escolaridade até ao 12º ano apresentam níveis superiores quanto à resolução da identidade adulta e à intolerância à incerteza.

Tabela 4. Diferenças em função das habilitações académicas.

Variável Dependente	Até 12º ano		Mais que 12º ano		F	g.l.	Sig.
	M	DP	M	DP			
<i>Percepção de apoio dos pais</i>	4,21	0,72	4,41	0,65	12,13	1	0,001
<i>Intolerância à incerteza</i>	2,99	0,86	2,77	0,79	10,39	1	0,001
<i>Focalização</i>	4,23	0,77	4,39	0,71	6,75	1	0,010
<i>Auto-determinação</i>	4,02	1,18	4,25	0,89	7,46	1	0,006
<i>Força do ego</i>	3,92	0,85	4,09	0,83	5,89	1	0,016
<i>Bem-estar psicológico</i>	4,43	0,74	4,69	0,73	17,77	1	0,000
<i>Índice de resolução da identidade adulta</i>	4,47	0,96	4,23	0,91	8,78	1	0,003

5.6.1.1.1.3. Diferenças em função da idade

As diferenças encontradas através das ANOVAS, tendo em conta a idade dos sujeitos reportam-se às variáveis *auto-determinação*, *força do ego* e *índice de resolução da identidade adulta* (Cfr. Tabela 5). Quanto à auto-determinação, observa-se que o valor mais elevado é o do grupo dos participantes mais novos. Já no que respeita à força do ego e ao índice de resolução da identidade adulta, o grupo mais velho apresenta valores mais elevados.

Tabela 5. Diferenças em função da idade.

Variável Dependente	18 a 24 anos		25 a 30 anos		F	g.l.	Sig.
	M	DP	M	DP			
<i>Auto-determinação</i>	4,23	0,96	4,02	1,09	6,26	1	0,013
<i>Força do ego</i>	3,96	0,82	4,20	0,82	11,81	1	0,001
<i>Índice de resolução da identidade adulta</i>	4,24	0,93	4,46	0,90	7,90	1	0,005

5.6.1.2. Discussão dos resultados

Os resultados da ANOVA evidenciaram um leque vasto de diferenças em função das habilitações académicas dos participantes. A única variável em que os indivíduos com nível de escolaridade até ao 12º ano superam os seus pares com habilitações ao nível do ensino superior é a resolução da identidade adulta, confirmando a nossa hipótese (Hipótese 3). Prevíamos que um percurso escolar mais curto conduziria ao confronto precoce com as tarefas de transição para a vida adulta e, conseqüentemente, a uma adopção precoce de papéis e responsabilidades adultas. Tal facto contribuirá para um mais célere desenvolvimento da percepção de si como adulto, assim como da percepção do reconhecimento por parte dos outros relativamente à sua condição de

adulto. Ao invés, uma permanência mais longa no sistema de ensino (com ingresso no ensino superior) acaba por induzir uma percepção de se estar ainda em processo de preparação para a assumpção de responsabilidades adultas, nomeadamente ao nível profissional. A aquisição da independência financeira desempenhará aqui um papel fundamental. De acordo com Arnett (2001), esta será um dos critérios com maior relevo para a percepção de si como adulto nas sociedades actuais do mundo ocidental. Trata-se de uma condição material indispensável ao desenvolvimento de outros critérios relevantes da representação da adultez como seja a conquista da autonomia relativamente à família de origem. Ao enveredar por trajectos académicos mais longos, a generalidade dos jovens acaba por estender por igual período a sua condição de dependência ou semi-dependência económica da família, factor que substancialmente contribui para o seu menor índice de resolução da identidade adulta.

Regra geral, os indivíduos que fazem um percurso académico que se estende pelo ensino superior apresentam melhores índices relativamente a dois elementos do capital de identidade intangível estudados (auto-determinação e força do ego), menor intolerância à incerteza e maior uso da focalização como estratégia de gestão da incerteza, uma mais elevada percepção de apoio dos pais e níveis mais elevados de bem-estar psicológico. Estas diferenças confirmam parte substancial das nossas hipóteses (Hipóteses 1, 2 e 3). Relativamente às hipóteses levantadas apenas não foram confirmadas as diferenças relativamente à auto-eficácia generalizada e ao maior uso, por parte de jovens com estudos ao nível do ensino superior, da *abertura*, como estratégia activa de gestão da incerteza. As diferenças encontradas podem ser consideradas o reflexo de dois modelos de trajectória para a vida adulta (*individualização desenvolvimental* vs *individualização supletiva*) distintos em função da extensão do percurso escolar ou académico. Embora os percursos de transição possam ser influenciados por múltiplos factores que não apenas o percurso escolar (e.g., Guerreiro & Abrantes, 2007; Shanahan, 2000), este parece ter relevância decisiva, já que parece associado ao desenvolvimento de recursos pessoais envolvidos no processo de negociação de oportunidades e obstáculos inerentes à transição. Desde logo, um

padrão associativo parece emergir a partir das variáveis em análise: uma associação entre as credenciais académicas e o apoio intangível dos pais (apoio à autonomia e calor humano), o desenvolvimento de capital de identidade intangível (auto-determinação e força do ego), a relação com a incerteza e sua gestão (maior tolerância à incerteza e uso da focalização como forma de gestão da incerteza) e, por último, o bem-estar psicológico. Contudo, esta hipótese associativa só poderá ser alvo de apreciação no âmbito das análises de pistas que compõem os restantes estudos do presente trabalho.

Os jovens cuja trajectória académica passa pelo ensino superior parecem beneficiar de um clima familiar caracterizado por níveis mais elevados de aceitação e apoio à autonomia que terá servido de base estruturada ao desenvolvimento de um projecto de vida orientado para a auto-realização, no qual se insere o percurso académico. Este percurso fornece experiências que podem também favorecer o desenvolvimento de um sentido de agência (materializado em índices elevados de auto-determinação e força do ego) capaz de dotar a identidade de uma estrutura motivacional e de auto-regulação caracterizadas por um forte sentido de auto-orientação num ambiente social crescentemente incerto, individualizado e anómico. A maior tolerância à incerteza quanto ao futuro de jovens que sabem dispor de mais recursos (induzida pelo contexto académico, sócio-económico e cultural) permite o uso de uma estratégia activa de gestão da incerteza (focalização) em que adoptam um estilo de auto-regulação orientado para a concretização de objectivos e projectos de uma forma estruturada, através de uma cuidadosa planificação e implementação de um plano de acção. O que parece ocorrer nesta fase de transição para a vida adulta, no que à gestão da incerteza diz respeito, é uma replicação de um *modus operandi* já utilizado num percurso de vida que conduziu estes jovens à concretização do objectivo de obtenção de habilitações académicas de nível superior.

Olhando todos estes factores de forma associada, parece natural que também o nível de bem-estar psicológico dos jovens que adquirem habilitações ao nível do ensino superior seja superior aos seus pares que não excedem o nível de ensino secundário (Hipótese 1). Por um lado,

a realização de um curso superior pode, desde logo, corresponder ao cumprimento de uma meta pessoal e socialmente valorizada, capaz de contribuir para um sentimento de auto-realização. Por outro, o cumprimento desta meta pode reforçar uma forma de auto-regulação transmissora de um sentido de competência, autonomia, domínio do meio e propósito na vida como componentes do próprio bem-estar psicológico.

No que se refere às diferenças em função da idade de jovens entre os 18 e os 30 anos, verifica-se que o grupo dos mais novos (18 a 24 anos) possui índices mais elevados de auto-determinação do que o grupo mais velhos (25 a 30 anos) que, por seu lado, exibe maiores níveis de força do ego e de resolução da identidade adulta, o que confirma a nossa Hipótese 3 e parcialmente a Hipótese 4. O nível mais baixo de auto-determinação percebido pelo grupo dos jovens com idades entre os 25 e os 30 anos, pode dever-se a um ajustamento à realidade destas percepções no confronto com os obstáculos e constrangimentos que o entorno coloca à livre manifestação e concretização de desejos, interesses e objectivos associados à motivação intrínseca, ou pelo menos à regulação identificada. O processo de negociação da transição vai exigindo, muitas vezes, a substituição de interesses e objectivos associados a uma motivação intrínseca (pela impossibilidade da sua realização) por outros mais próximos da motivação extrínseca ou hétero-regulada. Acresce a isto o facto de a sucessiva assumpção de papéis e responsabilidades adultas trazer consigo a necessidade de cumprir com obrigações que nem sempre correspondem aos interesses e desejos pessoais. A assumpção progressiva de papéis e responsabilidades adultas acaba, assim, por transformar a liberdade ou capacidade de auto-determinação juvenil, com contornos latos e com poucos constrangimentos (característica do grupo de jovens mais novo), numa liberdade crescentemente mais constrangida por responsabilidades e obrigações associadas a um estilo de vida adulto.

Também um acumular de experiência de vida pode explicar os níveis mais elevados de força do ego e de resolução da identidade adulta exibidos pelo grupo mais velho. O incremento da capacidade de auto-regulação e auto-controlo (capacidade de adiamento da gratificação,

tolerância ao fracasso, perseverança em face de obstáculos) vem associado ao sucessivo confronto com desafios e dificuldades ao longo do processo de transição e mostra-se necessário a uma gestão biográfica num contexto complexo que apresenta imensos obstáculos à concretização dos objectivos e projectos de vida num contexto sócio-económico e cultural individualizado e incerto. Já o índice mais elevado de resolução da identidade adulta poderá estar associado à aquisição da independência financeira e familiar e subsequente assumpção de papéis e responsabilidades adultas, mesmo se ainda não de forma permanente.

Encontramos apenas um efeito de interacção entre a idade e as habilitações académicas relativamente ao *adiamento* como estratégia de gestão da incerteza. Como se pode observar pelos resultados obtidos, o uso do adiamento é mais elevado no grupo dos indivíduos mais novos e com menores habilitações académicas (comparativamente com o grupo dos mais jovens com maiores habilitações académicas) e no grupo dos mais velhos, que a este respeito não se diferenciam entre si em função das suas habilitações académicas. Este resultado pode indiciar que o uso desta estratégia é prevalente no período em que deveria ser feita a transição para o mundo do trabalho (no fim da formação académica), e com tal intensidade que indicia que a pessoa se sente menos preparada para tal, o que ocorre naqueles que não fazem um percurso universitário. Trata-se da travessia de um período mais ou menos longo de adaptação a uma realidade exigente e onde escasseiam as oportunidades de trabalho. Os investimentos são, assim, adiados, até ao aparecimento das ansiadas oportunidades que correspondam aos interesses vocacionais próprios, ou até conseguir a adaptação dos recursos próprios às oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho. O processo de transição da escola para o mundo do trabalho pode constituir, assim, um período problemático ou de crise, de maior ou menor duração temporal, onde os objectivos e expectativas dos jovens relativamente ao seu percurso de vida (profissional, familiar) se confrontam com o leque de oportunidades e constrangimentos ambientais à sua realização. Este confronto, quando aparece mais cedo na vida de jovens com menores recursos parece exigir um período de pausa, mais ou menos prolongado, para avaliação da maior ou menor

complementaridade entre objectivos próprios e oportunidades ambientais, no âmbito da negociação do processo de transição para o mundo do trabalho. Esta negociação envolverá a avaliação do realismo ou exequibilidade de objectivos e expectativas construídas ao longo do período escolar ou de formação e a sua eventual substituição por objectivos e expectativas mais realistas (Carroll, 2010). Neste contexto, o uso da estratégia de adiamento de decisões de vida será funcional para permitir este processo de ajustamento que poderá envolver, subsequentemente, a exploração de novas oportunidades, a experimentação e a procura de soluções criativas (para lidar com os desafios desta transição e toda a incerteza que lhe está subjacente), a diversificação de investimentos, ou seja, o uso da estratégia de *abertura* como forma de gerir tal incerteza. Este compasso de espera poderá dar então lugar a uma estratégia de gestão da incerteza mais activa (a *abertura*), que conduzirá, eventualmente a ulteriores investimentos mais estruturados, focalizados e ajustados às condições do mercado de trabalho (*focalização*). Neste sentido, o *adiamento*, acaba por ser uma forma de gestão do percurso de transição em grande medida estimulada e mesmo imposta por condições externas adversas, caracterizadas pela escassez de oportunidades de prossecução dos projectos profissionais antecipados para alcançar uma independência financeira que está na base da possibilidade de concretização de outros projectos de vida (e.g., projectos de conjugalidade e parentalidade) (e.g., Côté, 2000, 2006; Côté & Allahar, 1994; Leccardi, 2005, 2006). A estratégia de adiamento acaba por ser tão generalizada nas gerações actuais do mundo ocidental que Côté & Allahar (1994) as denominou de gerações “em espera” (*generation on hold*). O adiamento como gestão da incerteza na transição para a vida adulta torna-se, assim, a característica marcante de uma “geração em espera”, imposta por uma sociedade que não oferece oportunidades de ingresso no “mundo adulto”.

5.6.2. Estudo III. Modelos predictores das estratégias de gestão da incerteza

5.6.2.1. Resultados

Os modelos causais construídos pretenderam aferir o valor predictivo quer de variáveis estruturais (NSE, escolaridade, idade), quer de variáveis psicológicas (percepção de apoio dos pais, intolerância à incerteza e os vários elementos do capital de identidade intangível utilizados no presente estudo – auto-eficácia generalizada, auto-determinação, força do ego) nas três modalidades de gestão da incerteza obtidas aquando da construção da escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta evidenciadas neste estudo (focalização, abertura e adiamento).

5.6.2.1.1. Modelo de predição da estratégia de focalização

Aquando da primeira estimativa, o modelo hipotetizado não apresentou índices de ajustamento aceitáveis devido à existência de trajectórias de associação não significativas entre variáveis. A subsequente remoção destas permitiu ao modelo exibir bons índices de ajustamento ($\chi^2/df = 1,04$; CFI = ,99; RMSEA = ,008; SRMR = ,018).

De uma forma geral, o modelo causal predictivo do uso da estratégia de focalização (Figura 8) parece estar fortemente alicerçado no apoio familiar intangível e em dois dos elementos do capital de identidade intangível: a auto-eficácia generalizada/ auto-determinação, agregados numa única variável para efeito de estimação do modelo de pistas, como referido na parte metodológica do estudo. Estas duas últimas formas de capital de identidade constituem-se como mediadoras, entre a percepção de apoio dos pais e o uso desta estratégia de gestão da incerteza. Já a trajectória preditiva que parte da percepção de apoio dos pais, e que tem como

mediadores sucessivos a força do ego e a intolerância à incerteza, apresentou-se como não significativa, não afectando, contudo, a significância dos efeitos de mediação globalmente considerados (Cfr. Tabela 6). A percepção de apoio dos pais constitui ainda um predictor positivo directo da *focalização*.

Um segundo aspecto de extrema relevância consiste no facto de o uso da focalização ser directa e positivamente influenciado pela intolerância à incerteza. Este facto conduz a que a percepção de apoio dos pais e a auto-determinação/ auto-eficácia generalizada (predictores negativos da intolerância à incerteza) sejam também, por esta via, predictores negativos da focalização. Um resultado aparentemente paradoxal, uma vez que as mesmas variáveis predictoras apresentam vias de influência positivas e negativas, em simultâneo, sobre o uso desta estratégia de gestão da incerteza. Pensamos, contudo, que tal paradoxo é apenas aparente e adiante procederemos à sua discussão com recurso à Teoria da Orientação para a Incerteza (Szeto & Sorrentino, 2010).

Por último, chama-se a atenção para o facto de o capital social, económico e cultural associado às classes média e alta se constituir também como promotor do uso da estratégia de focalização.

Os predictores considerados no modelo são responsáveis por 34% da variância da *focalização*.

Figura 8. Modelo de pistas para a focalização como estratégia de gestão da incerteza.

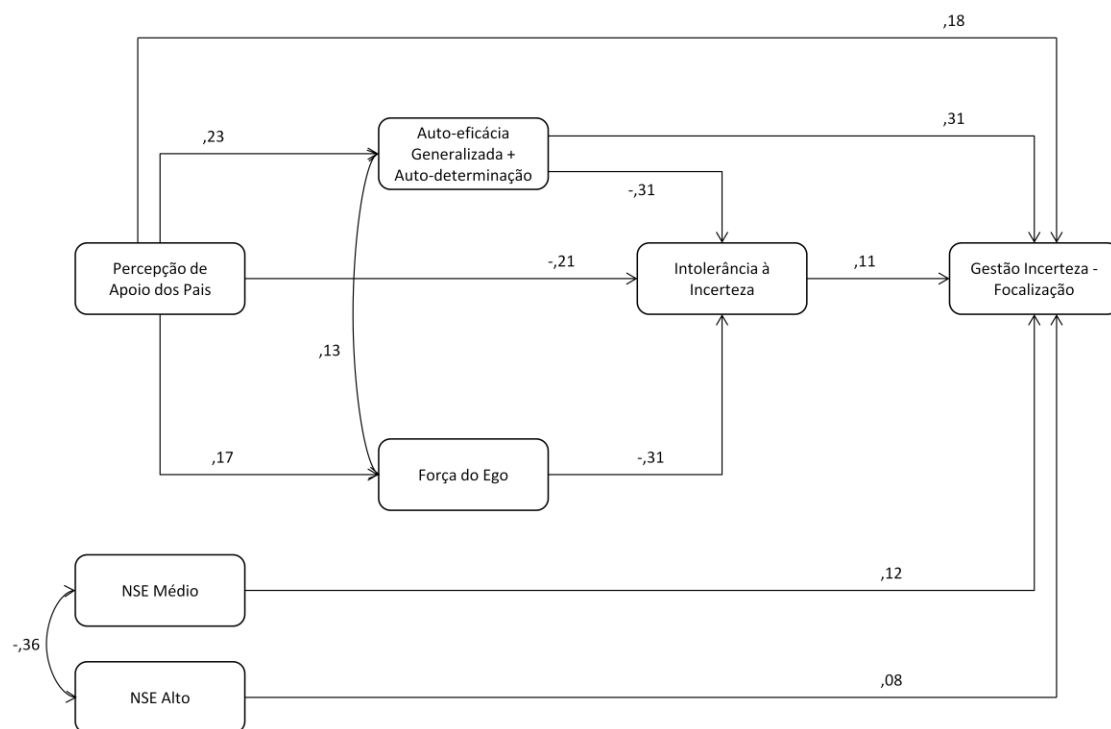


Tabela 6. Efeitos indirectos do modelo de pistas predictor do uso da estratégia

Focalização.

Variáveis independentes e dependentes	Trajectória de mediação	B	SE	Bootstrapping IC corrigido de 95% para efeito indirecto médio	
				Inferior	Superior
Percepção de apoio dos pais > Focalização	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada	.082	.016	.052	.118
	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada > Intolerância à incerteza	-.014	.006	-.029	-.005
	Força do ego > Intolerância à incerteza ¹	.005	.007	-.006	.022
	Total	.034	.021	.000	.076

¹ Trajectória de mediação não significativa.

5.6.2.1.2. Modelo predictor da estratégia de abertura

A primeira estimativa do modelo hipotetizado não apresentou índices de ajustamento aceitáveis devido à existência de trajectórias de associação não significativas entre variáveis. Com a remoção destas foi possível obter bons índices de ajustamento ($\chi^2/df = 1,32$; CFI = ,99; RMSEA = ,023; SRMR = ,023).

Como se pode observar pela figura 9, a configuração estrutural do modelo de pistas para a *abertura* como estratégia de gestão da incerteza possui semelhanças processuais com o modelo apresentado para a estratégia de *focalização*. Três diferenças são, contudo, observadas: no modelo presente, o NSE alto não é predictor directo da adopção desta estratégia; nem o é a percepção de apoio dos pais; nem, por último, a intolerância à incerteza se constitui predictor da *abertura* como estratégia de gestão da incerteza. Procedemos seguidamente à análise parcelar deste modelo.

Figura 9. Modelo de pistas para a abertura como estratégia de gestão da incerteza.

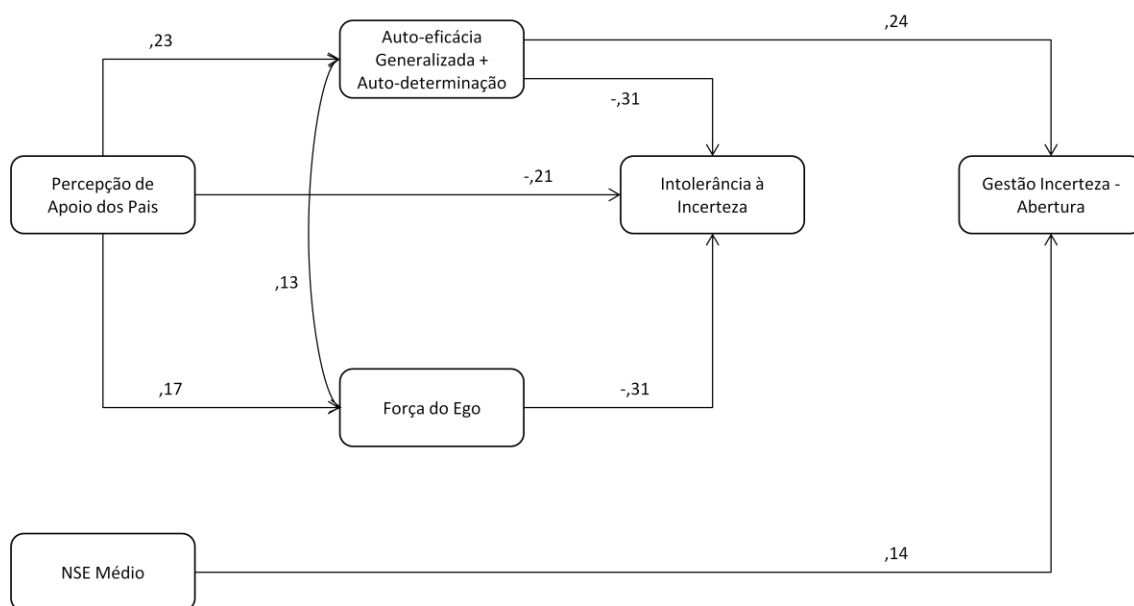


Tabela 7. Efeitos indirectos do modelo de pistas predictor do uso da estratégia *abertura*.

Variáveis independentes e dependentes	Trajectória de mediação	B	SE	Bootstrapping IC corrigido de 95% para efeito indirecto médio	
				Inferior	Superior
Percepção de apoio dos pais > Abertura	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada	.070	.019	.038	.113

Tal como acontece na estratégia de *focalização*, também aqui o apoio intangível da família tem uma influência indirecta múltipla no uso da estratégia *abertura* ao promover várias trajectórias predictivas da mesma. Como se pode observar, e já atrás foi salientado, trata-se de trajectórias estruturalmente idênticas ao do modelo de *focalização*. Começamos por salientar o papel do apoio intangível dos pais na promoção da auto-determinação/ auto-eficácia generalizada, que se constituem, subsequentemente como os mais fortes predictores do uso desta estratégia de gestão da incerteza. Como acontecia no modelo anterior, predictor da estratégia de focalização, também a força do ego (que reflecte capacidade de auto-regulação e auto-controlo) é fortemente promovida pela percepção de apoio dos pais.

O aspecto mais saliente do modelo predictor do uso da abertura como estratégia de gestão da incerteza consiste no facto de esta se encontrar dissociada da intolerância à incerteza, não contribuindo esta última variável, nem positiva, nem negativamente para o uso daquela.

Finalmente, chamamos a atenção para a influência directa que a pertença ao NSE médio pode ter gestão da incerteza através do uso desta estratégia. Trata-se de uma influência ténue mas, pensamos nós, socialmente significativa e que adiante será objecto de análise na discussão destes resultados.

Os predictores considerados no modelo são responsáveis por 27% da variância da *abertura*.

5.6.2.1.3. Modelo predictor da estratégia de adiamento

A primeira estimativa do modelo revelou maus índices de ajustamento pela presença de trajectórias de associação não significativas entre variáveis. A remoção de tais associações permitiu ao modelo exibir bons índices de ajustamento ($\chi^2/df = 2,36$; CFI = ,98; RMSEA = ,047; SRMR = ,045).

Reportando-nos ao *adiamento* como estratégia de gestão da incerteza, verificamos, desde logo, que a configuração processual do seu modelo causal difere da das estratégias *focalização* e *abertura*. De um modo geral, e como se pode observar pela figura 10, podemos afirmar que o uso desta estratégia é influenciado directamente por duas vias: de forma positiva pela intolerância à incerteza; de forma negativa pela posse de níveis mais elevados de escolaridade. Indirectamente, esta forma de gestão da incerteza é influenciada negativamente por três vias distintas: pelo efeito que o apoio intangível dos pais exerce sobre a intolerância à incerteza; pelo efeito do apoio intangível dos pais sobre a força do ego, ele próprio predictor negativo da intolerância à incerteza; pelo impacto que o apoio intangível dos pais exerce sobre a auto-determinação/ auto-eficácia generalizada, as quais repercutem negativamente sobre a intolerância à incerteza. Ressalta-se que o mais forte predictor directo e positivo do uso desta estratégia consiste na *intolerância à incerteza*.

Os predictores considerados no modelo são responsáveis por 31% da variância do *adiamento*.

Figura 10. Modelo de pistas para o adiamento como estratégia de gestão da incerteza.

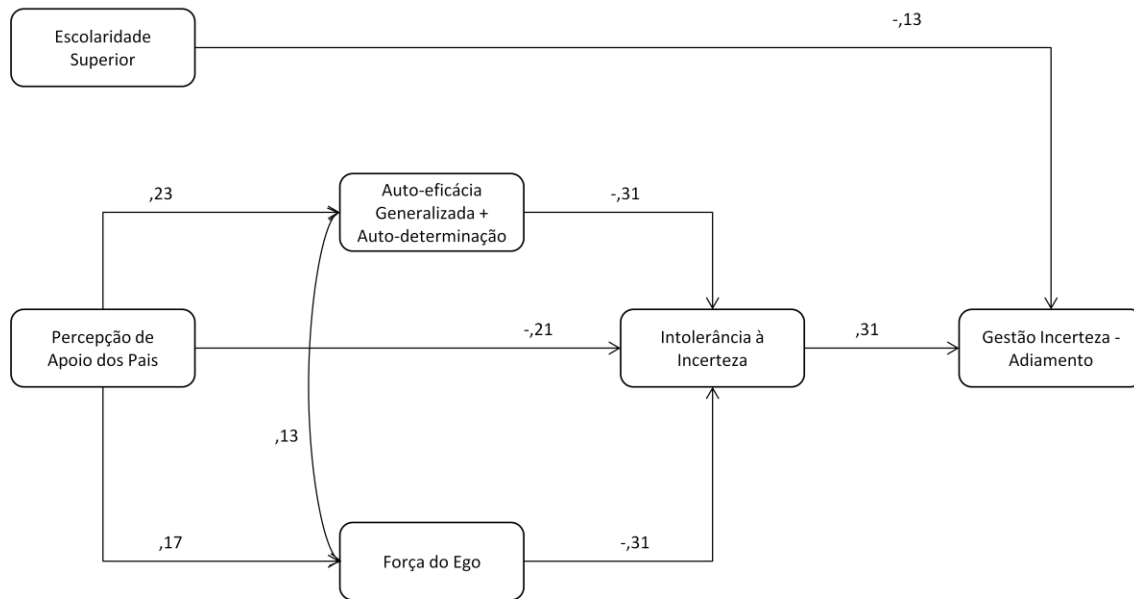


Tabela 8. Efeitos indirectos do modelo de pistas predictor do uso da estratégia

Adiamento.

Variáveis independentes e dependentes	Trajectória de mediação	B	SE	Bootstrapping IC corrigido de 95% para efeito indirecto médio	
				Inferior	Superior
Percepção de apoio dos pais > Adiamento	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada > Intolerância à incerteza	-.049	.012	-.080	-.030
	Força do ego > Intolerância à incerteza	-.026	.010	-.052	-.010
	Total	-.177	.035	-.252	-.114

5.6.2.2. Discussão dos resultados

Como se pode observar pelos modelos de pistas causais, e olhando para os aspectos que são comuns a todos os modelos, tanto a percepção de apoio intangível dos pais como o capital de identidade intangível do jovem (operacionalizado através das variáveis auto-determinação/ auto-eficácia generalizada) constituem, directa ou indirectamente, os mais fortes predictores, quer positivos, quer negativos, das várias estratégias de gestão da incerteza na fase de transição para a vida adulta. A auto-determinação/ auto-eficácia generalizada são os mais fortes predictores directos quer da focalização, quer da abertura como estratégias de gestão da incerteza e o apoio parental intangível predictor directo da primeira estratégia e indirecto da segunda, via capital de identidade intangível. Deste modo, no caso das estratégias activas de gestão da incerteza, pode-se afirmar que a capacidade de agência inerente à posse de capital de identidade intangível e o apoio parental intangível (aliás instrumental para o desenvolvimento da capacidade de agência) constituem elementos indispensáveis à preparação do indivíduo para fazer face aos desafios de um futuro que se apresenta como incerto e imprevisível no contexto de uma sociedade fortemente individualizada. Tal efeito positivo não foi observado relativamente ao uso do adiamento como estratégia passiva de gestão da incerteza. Esta última podendo-se mostrar reveladora de falta de preparação para lidar construtiva e proactivamente com certos desafios, numa fase da vida que cada vez mais exige uma gestão biográfica complexa num contexto de ausência de padrões normativos orientadores externos.

Tais resultados parecem evidenciar que, num contexto social caracterizado por elevados índices de individualização e incerteza, o desenvolvimento e exercício da capacidade de agência, como recurso imaterial ou intangível de gestão biográfica, possui uma relevância superior aos recursos materiais que possam ser disponibilizados pela família. A suportar esta última evidência, podemos verificar, pelos modelos causais apresentados, que o nível socioeconómico (indicador dos recursos económicos, sociais e culturais da família) tem uma relevância menor como

predictor do uso de estratégias activas de gestão da incerteza embora também contribua de algum modo ao processo de transição. Parece-nos, assim, legítimo realçar a relevância do apoio familiar intangível dada a sua associação à capacidade de lidar activa e construtivamente com a incerteza por parte do jovem que se encontra em trânsito para a vida adulta.. Por sua vez, a capacidade de agência do indivíduo tem também um papel relevante: permite aproveitar os recursos tangíveis à sua disposição e transformá-los em elementos potenciadores do aproveitamento de oportunidades e da ultrapassagem de dificuldades e obstáculos através do uso de estratégias activas de gestão da incerteza.

Curiosamente, o capital de identidade tangível (neste estudo operacionalizado através das habilitações académicas), só desempenha o papel de predictor negativo do uso do adiamento como estratégia de gestão da incerteza. A extensão da escolaridade através do ingresso em cursos superiores pode ser, por si só, um factor promotor da percepção de se estar no presente a investir de forma activa na construção de uma dimensão importante da identidade (digamos, a identidade vocacional), não sendo necessário tomar de momento outras decisões para a concretização dos projectos adultos. Por um lado, o investimento na concretização deste objectivo transmitirá uma sensação de envolvimento activo no processo de construção biográfica (a concretização de um objectivo desejado). Por outro, a obtenção de credenciais educativas superiores, pode ser percebido como tendo valor instrumental para a concretização de objectivos de vida subsequentes ao nível profissional e de construção do estilo de vida desejado. Desta forma, a prossecução de estudos superiores pode contribuir para o sentimento de se estar activa e construtivamente a trabalhar no desenvolvimento e concretização de um projecto de vida, legitimando o adiamento de outros investimentos, o que contraria ideia de adiamento ou procrastinação. Assim, interpretado, este fenómeno coloca a hipótese de uso simultâneo das várias estratégias de gestão da incerteza como forma eficaz de lidar com os múltiplos desafios inerentes ao processo de transição. Assim, e pelo menos enquanto o indivíduo se encontra activamente investido no seu projecto de obtenção de formação superior, ele poderá sentir-se

envolvido, por um lado numa experiência de *fluxo* (Csikszentmihalyi, 1997) e, por outro, a contribuir para a sua preparação dirigida à concretização de futuros objectivos de vida pessoalmente significativos (Carroll, 2010). A correlação moderada entre o recurso a estratégias de focalização e adiamento ($r = .13$) não põe de parte a possibilidade do seu uso simultâneo relativamente aos diversos investimentos possíveis neste período de transição.

Um aspecto que é fulcral a todos os modelos apresentados consiste no papel mediador que a intolerância à incerteza desempenha no impacto que o apoio parental intangível e o capital de identidade intangível têm sobre as várias estratégias de gestão da incerteza. O forte impacto negativo que tanto o apoio parental intangível como o capital de identidade intangível exercem sobre a intolerância à incerteza mantém-se estável e transversal a todos os modelos. Já o impacto que a intolerância à incerteza tem sobre a gestão da incerteza apresenta uma interessante variação. O impacto positivo mais forte da intolerância à incerteza recai sobre o adiamento como estratégia de gestão da incerteza. A intolerância à incerteza pode ser entendida como possível indicador de um estilo de auto-regulação orientado para a certeza (Szeto & Sorrentino, 2010) ou de um estado (desejavelmente passageiro) de falta de preparação (Carroll, 2010) para o confronto com um elevado índice de incerteza e imprevisibilidade presente em determinado momento da vida. Como consequência, existe uma propensão para o adiamento como forma de gerir a incerteza. Caso a intolerância se deva a um sentimento de falta de preparação, o indivíduo tenderá a adiar certas decisões de vida até que se sinta preparado para as tomar. Caso a intolerância se deva a um estilo de auto-regulação orientado para a certeza, o adiamento poderá ter como função a implementação de um período de espera até que as circunstâncias de vida adquiram um carácter mais certo e previsível. É nesta linha que se percebe a relação positiva entre a intolerância à incerteza e a estratégia de focalização. Apesar de mais fraco, tal impacto poderá ser revelador de uma relação entre esta estratégia de gestão da incerteza e um estilo de auto-regulação orientado para a certeza (Szeto & Sorrentino, 2010). Qualquer preparação, planificação, estabelecimento de prioridades, reunião de recursos e apoio para a prossecução de

objectivos precisos, que está na base da estratégia de focalização, aumenta a percepção do indivíduo de possuir algum controlo sobre o curso dos acontecimentos de vida com base num programa de actuação previamente definido ao qual vêm associadas expectativas precisas de consequências positivas. O uso desta estratégia parece ter como objectivo associado também a redução da incerteza relativamente ao futuro. Daí o valor predictivo da intolerância à incerteza sobre o uso da focalização como estratégia de gestão da incerteza.

Por último, verifica-se a ausência de repercussão da intolerância à incerteza sobre a gestão da incerteza através da abertura. O uso desta estratégia é, assim previsto, essencialmente pela auto-determinação/ auto-eficácia generalizada, como elementos representativos do sentido de agência do indivíduo. Tratando-se de uma estratégia de gestão da incerteza mais próxima de um estilo de auto-regulação orientado para a incerteza (mais assente na exploração, experimentação, procura de novos desafios, diversificação de objectivos e projectos a concretizar, procura de formas inovadoras e criativas de lidar com os desafios da vida), ela parece assentar essencialmente na motivação intrínseca e na confiança nas próprias capacidades para resolver as situações desafiantes e potencialmente inesperadas que a vida possa gerar. Por um lado, o sentido de auto-determinação é potenciador da exploração de interesses, necessidades e valores próprios e da procura de situações desafiantes onde tais aspectos intrínsecos do *self* se possam concretizar e materializar (Ryan & Deci, 2004, 2005). Por outro, a posse de um sentido de auto-eficácia gerador de uma postura de confiança e optimismo quanto à capacidade de lidar com situações de vida desafiantes também pode potenciar a adopção de uma atitude exploratória e de diversificação dos investimentos de vida.

Dos elementos até agora apresentados só a menor sensibilidade das estratégias de abertura à intolerância a incerteza e o impacto directo do apoio familiar intangível na estratégia de focalização permitem diferenciar a adopção preferencial de uma dessas estratégias activas de gestão da incerteza em detrimento da outra. A influência directa da auto-determinação/ auto-eficácia ou indirecta do apoio familiar intangível não parecem diferenciar a escolha preferencial

da gestão da incerteza através das estratégias de abertura e de focalização. Considerando a forte correlação entre estas duas estratégias de gestão da incerteza, uma hipótese explicativa apontaria para a possibilidade do seu uso simultâneo como forma flexível e adaptativa de resposta aos desafios colocados pelo processo de transição para a vida adulta. De facto, um processo de transição que se evidencia como destandardizado, não linear, reversível e feito de avanços e recuos sectoriais (específicos a cada dimensão de vida (Hendry & Kloep, 2007, 2012) tenderá a exigir a utilização simultânea destas duas estratégias activas de gestão da incerteza, já que o seu uso pode variar conforme as fases do processo em áreas distintas nesta fase de transição para a idade adulta.

5.6.3. Estudo IV. Modelo de pistas predictor da resolução da identidade adulta

5.6.3.1. Resultados

Considerou-se, no modelo teórico, não só a correlação entre as duas variáveis do capital de identidade intangível, mas também entre as estratégias de gestão da incerteza. Aquando da primeira estimativa, o modelo hipotetizado apresentou maus índices de ajustamento devido à existência de trajectórias de associação não significativas entre variáveis. Com a remoção destas, foram alcançados bons índices de ajustamento ($\chi^2/df = 2,09$; CFI = ,97; RMSEA = ,042; SRMR = ,42).

De acordo com o diagrama causal apresentado na figura 11, pode-se observar que a resolução da identidade adulta é predita directa e indirectamente por três determinantes iniciais: a percepção de apoio dos pais (na forma de apoio à autonomia e calor humano), a idade e o NSE alto. Determinantes estes que permitirão o desenvolvimento de recursos psicológicos (capital de identidade intangível, operacionalizado através da auto-determinação/ auto-eficácia generalizada e força do ego) e de capital de identidade tangível (nível de escolaridade) necessários para dotar os jovens que fazem a sua transição para a vida adulta de um sentido de capacidade e competência para enfrentar os desafios inerentes a esta nova fase da sua vida. Embora existam relações entre estas variáveis e as estratégias de gestão da incerteza e a intolerância à incerteza, conforme já observado no estudo anterior, constata-se desde já que nem as estratégias de gestão da incerteza, nem a intolerância à incerteza exercem qualquer efeito mediador na relação entre as variáveis supra-mencionadas e a resolução da identidade adulta, contrariando as nossas previsões.

Figura 11. Modelo de pistas para a resolução da identidade adulta.

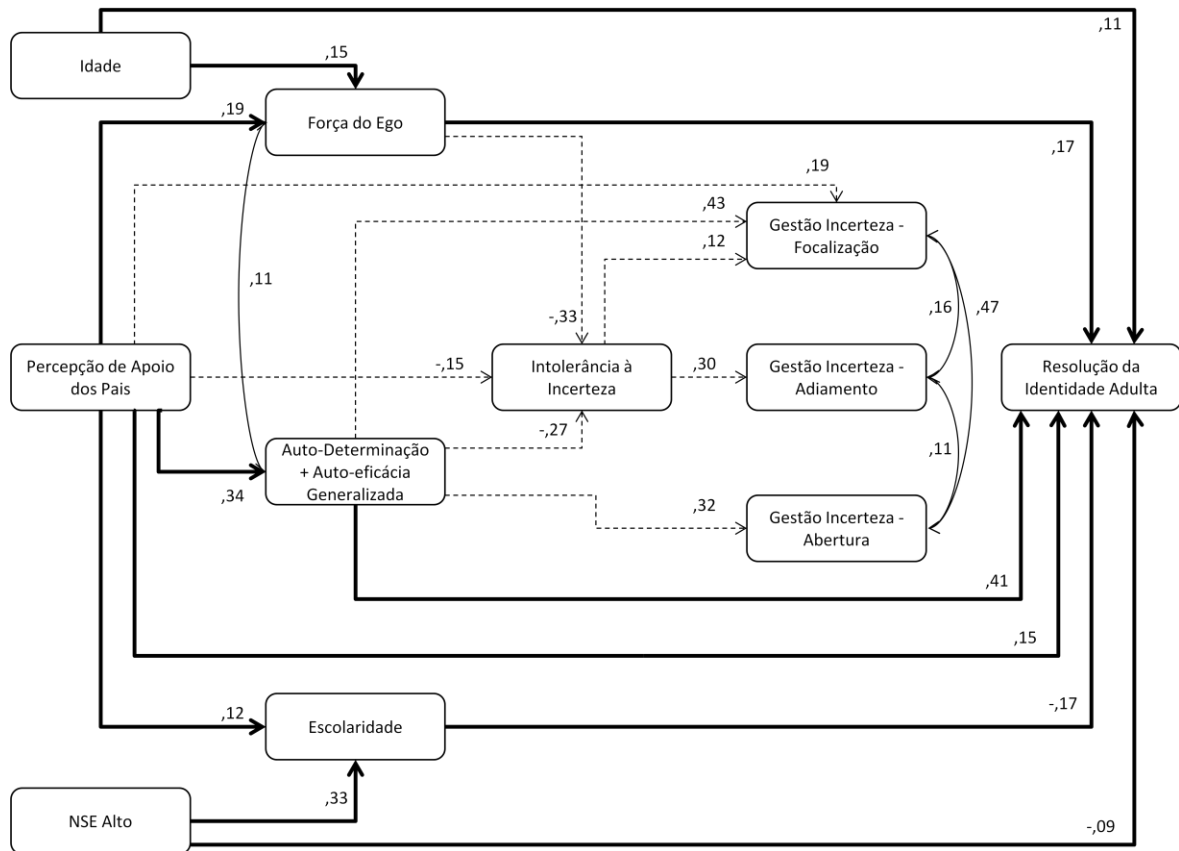


Tabela 9. Efeitos indirectos do modelo de pistas predictor da resolução da identidade adulta.

Variáveis independentes e dependentes	Trajectórias de mediação	B	SE	Bootstrapping IC corrigido de 95% para efeito indirecto médio	
				Inferior	Superior
Percepção de apoio dos pais > Resolução da identidade adulta	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada	.017	.015	.009	.049
	Força do ego	.010	.011	.011	.035
	Escolaridade	-.023	.013	-.053	.000
	Total	.003	.023	.013	.047
Idade > Resolução da identidade adulta	Força do ego	.068	.021	.032	.116
NSE alto > Resolução da identidade adulta	Escolaridade	-.105	.031	-.169	-.043

Olhando de forma mais detalhada e parcelar o diagrama apresentado pode-se observar que a percepção de apoio dos pais constitui um predictor directo e indirecto da resolução da identidade adulta. O apoio dos pais, no sentido da promoção da autonomia assim como de um clima familiar onde os jovens se sintam aceites e apoiados no seu processo de desenvolvimento de um novo estatuto identitário, parece ter um efeito positivo directo sobre a resolução da identidade adulta. Esta influência positiva também se manifesta indirectamente através do incremento de capital de identidade intangível (força do ego, auto-determinação/ auto-eficácia generalizada), variáveis que repercutem positivamente na percepção de si como adulto, destacando-se aqui o maior peso predictivo da autodeterminação/ auto-eficácia generalizada. Verifica-se ainda uma influência indirecta negativa do apoio parental na resolução da identidade adulta através da mediação da variável escolaridade.

Como preditor da resolução da identidade adulta surge ainda a idade, tanto directa como indirectamente através do incremento da força do ego, factor que repercute positivamente na percepção de si como adulto.

Por último, observamos que a pertença ao nível sócio-económico mais elevado traduz-se num preditor negativo da resolução da identidade adulta, quer directa, quer indirectamente através da escolaridade.

Os predictores considerados no modelo são responsáveis por 34% da variância na *resolução da identidade adulta*.

5.6.3.2. Discussão dos resultados

O presente estudo pretendeu aferir o poder predictivo do apoio parental (tangível e intangível) sobre a resolução da identidade adulta e o potencial efeito mediador do capital de identidade e da gestão da incerteza nessa relação. Como se pode observar pelo modelo causal obtido, os mais fortes predictores positivos directos da resolução da identidade adulta consistem nos elementos do capital de identidade intangível (auto-determinação/ auto-eficácia generalizada e força do ego), com especial relevância para a auto-eficácia/ auto-determinação. Este resultado encontra-se em sintonia com a representação da adultez proposta pela teoria da adultez emergente que aponta critérios subjectivos como a autonomia, independência financeira e consolidação de uma visão do mundo como elementos que vieram substituir os critérios normativos externos clássicos de definição do adulto (Arnett, 2001). Num contexto de transição incerto e individualizado onde a entrada no mercado do trabalho se encontra extremamente dificultada e onde a aquisição de estabilidade financeira se adquire cada vez mais tarde, a assumpção de papéis e responsabilidades adultas associadas aos marcadores tradicionais de transição para a vida adulta acaba por ser continuamente adiada. Por outro lado, o padrão generalizado de prolongamento de um estilo de vida juvenil conduz, por opção pessoal, ao

mesmo adiamento de papéis e responsabilidades associadas ao cumprimento dos referidos marcadores tradicionais da adultez. Estes factores conduzem a que a adultez acabe por ser definida por referência à percepção da posse das condições e recursos subjectivos que permitem uma gestão da vida por referência a critérios de autonomia e auto-regulação (Sousa, 2007, 2010). Assim definida, a adultez acaba por ser promovida quando as condições familiares estimulam o desenvolvimento das próprias capacidades de agência que se encontram no cerne da representação do que é ser adulto. Como podemos observar pelo modelo causal, o apoio parental intangível constitui não apenas um predictor indirecto da resolução da identidade adulta (ao influenciar positivamente a capacidade de agência) como também um predictor directo. Ao estimular a autonomia do jovem em transição, o apoio parental promove o processo de individuação e assim contribui para a resolução da identidade adulta.

Contudo, como se pode verificar pela análise do modelo causal, o apoio dos pais não tem apenas este efeito positivo sobre a resolução da identidade adulta. Para além do apoio intangível, a influência da família está ainda associada aos recursos sócio-económicos e culturais de que dispõe (inerentes ao seu nível sócio-económico de pertença). Ao fomentar um prolongamento do processo de transição, quer por via do financiamento do estilo de vida desejado pelo jovem, quer por via da promoção de percursos escolares longos, as famílias de NSE mais elevado, podem conduzir a um mais lento desenvolvimento da sua percepção como pessoa adulta. A conjugação destes determinantes familiares pode introduzir variabilidade ao nível da velocidade e da modalidade do percurso de transição para a idade adulta e consequentemente da sua resolução como processo desenvolvimental. Por um lado, como já se observou, o apoio intangível dos pais parece evidenciar uma influência forte e positiva para a aquisição de uma percepção de si como adulto, quer directa, quer indirectamente através da promoção de um sentido de agência subjacente ao capital de identidade intangível. Por outro, o mesmo apoio intangível pode constituir-se como predictor negativo da resolução da identidade adulta ao estimular uma permanência mais prolongada no sistema de ensino – factor negativamente associado à resolução

da identidade adulta pois mantém o jovem numa situação de dependência ou semi-dependência da família de origem enquanto durar a sua condição de estudante. Por último, os recursos familiares (culturais, económicos e sociais) inerentes à pertença a uma classe social elevada poderão proporcionar um processo de transição para a vida adulta mais suave, prolongado e isento das pressões externas para a aquisição de autonomia financeira rápida, devido à escassez de recursos da família, que poderiam servir como alicerce à colocação em prática de ulteriores projectos de vida (como, por exemplo, a constituição da sua própria família).

A idade como predictora da resolução da identidade adulta parece denotar o efeito do decurso do tempo como factor de acumulação de experiência e de capitalização de recursos internos necessários ao enfrentamento das responsabilidades e papéis inerentes à vida adulta.

Como se pode observar pelo diagrama causal apresentado, um dos aspectos mais inesperado dos resultados observados é o facto de, ao contrário da hipótese levantada, nem a intolerância à incerteza nem as estratégias de gestão da incerteza se terem revelado como predictoras da resolução da identidade adulta. Um resultado que pode evidenciar a independência do impacto da incerteza e das estratégias de gestão da mesma face à aquisição de um sentido de si como indivíduo adulto. Esta ausência de relação entre a resolução identitária e as estratégias de gestão da incerteza sugere a relativa independência destas face aos processos de exploração e investimento, propostos por Marcia (1966), característicos da construção da identidade. Nomeadamente, o carácter exploratório de certos comportamentos enquadrados na estratégia de abertura e os investimentos mais focalizados e estruturados típicos da estratégia de focalização poderão pertencer a uma modalidade de auto-regulação de segunda ordem (Szeto & Sorrentino, 2010) que exerce influência sobre o possível modo de explorar e investir que resultará na construção de uma determinada identidade. Contudo, e em termos teóricos, não queremos, sem a realização de ulteriores estudos que relacionem as estratégias de gestão da incerteza com os estatutos de identidade, colocar de lado a hipótese de haver alguma interligação. Aqui, meramente sugerimos que, com base na falta de poder predictivo da gestão da incerteza sobre a

resolução da identidade adulta, aquela possa consistir numa dimensão de auto-regulação de ordem superior que exerce a sua influência na forma de processar e resolver os desafios psicosociais típicos desta fase desenvolvimental. Mais especificamente, e tendo em conta a teoria dos estatutos de identidade de Marcia (1966), levantámos a hipótese de existirem diferentes formas de realização de explorações e investimentos identitários em função de diferentes modalidades de confronto com a incerteza e de gestão da mesma, ou seja, de diferentes formas de orientação perante a incerteza.

A ausência de carácter predictivo do impacto da incerteza e das suas formas de gestão sobre a resolução da identidade adulta poderá também resultar da sua possível percepção como ferramenta de gestão biográfica a ser utilizada doravante num percurso biográfico adulto caracterizado por índices elevados de desestruturação, imprevisibilidade e incerteza. Ou seja, a percepção da gestão da incerteza como instrumento de gestão de processos de transição (onde a questão da incerteza pode assumir maior saliência) de vida em geral, e não especificamente associados a esta transição em particular. Um trajecto vital feito de contínuas mudanças e transições pode dotar a gestão da incerteza de uma natureza cíclica e transformá-la numa exigência permanente ao longo de todo o percurso biográfico – a gestão biográfica como gestão da incerteza (Bonss & Zinn, 2003).

Como predictores positivos da resolução da identidade adulta sobressaiem o capital de identidade intangível (auto-determinação/ auto-eficácia generalizada e força do ego) o que denota a importância do desenvolvimento de recursos internos indispensáveis ao confronto com as oportunidades e obstáculos inerentes ao processo de transição para a vida adulta no contexto de uma sociedade individualizada e promotora de elevados níveis de imprevisibilidade e incerteza (Côté, 1997, 2000).

5.6.4. Estudo V. Modelo de pistas predictor do bem-estar psicológico⁵

5.6.4.1. Resultados

Neste modelo teórico foram tomadas em consideração as correlações entre as variáveis do capital de identidade (auto-determinação/ auto-eficácia generalizada, força do ego e escolaridade), assim como as correlações entre as estratégias de gestão da incerteza. A primeira estimativa do modelo hipotetizado revelou índices de ajustamento inaceitáveis devido à existência de trajectórias de associação não significativas entre variáveis. A subsequente remoção destas permitiu ao modelo exibir bons índices de ajustamento ($\chi^2/df = 1,88$; CFI =, 98; RMSEA =, 038; SRMR =, 040).

Como se pode observar pelo diagrama causal apresentado na figura 12, o bem-estar psicológico dos jovens em trânsito para a vida adulta é determinado por múltiplos factores. Resumidamente, e tendo em conta os factores que se revelam fulcrais para a promoção do bem-estar, poder-se-á dizer que este se revela como o fruto do desenvolvimento (impulsionado pelo apoio dos pais) do capital de identidade intangível (auto-determinação/ auto-eficácia e força do ego) necessário à criação de um certo nível de tolerância à incerteza e à operacionalização de estratégias activas de gestão da mesma.

⁵ O Estudo V serviu de base ao seguinte artigo científico: Oliveira, J. E. & Fontaine, A. M. (in press). Family Support in the Transition to Adulthood in Portugal - Its effects on Identity Capital Development, Uncertainty Management and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescence*.

Figura 12. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico.

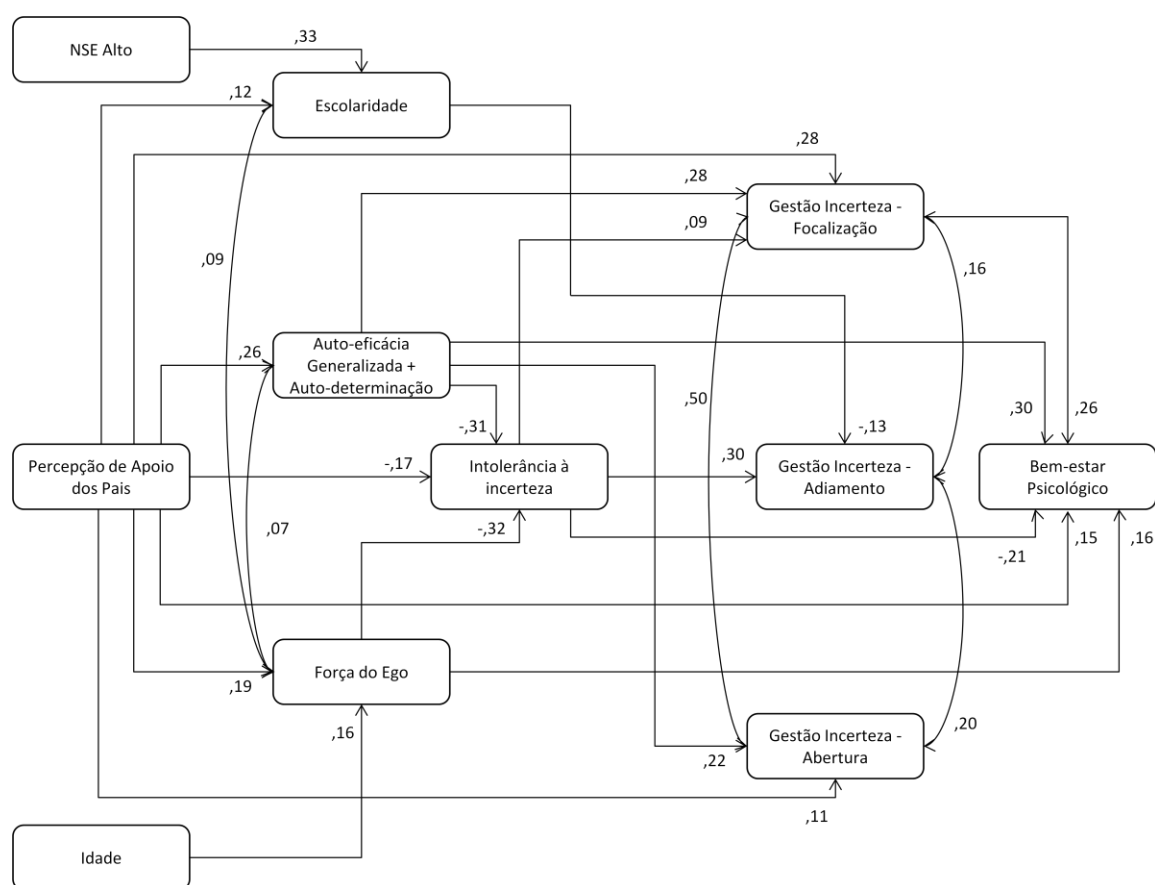


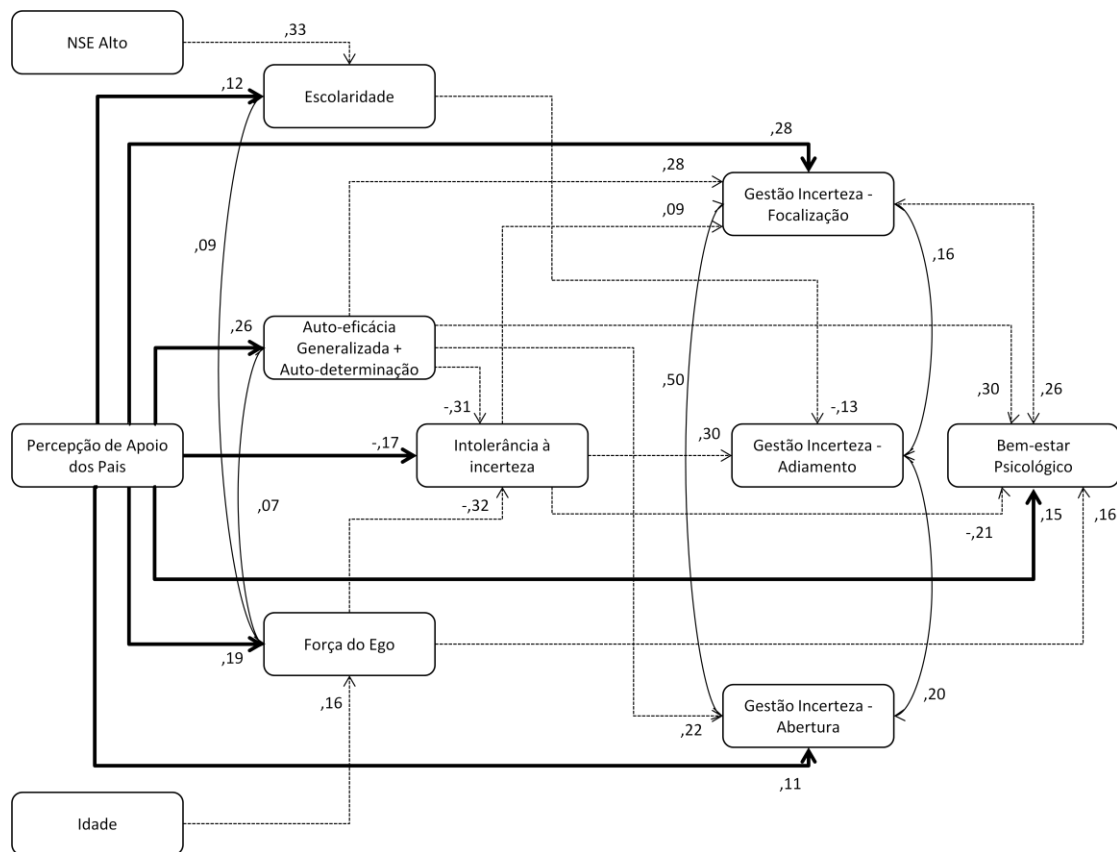
Tabela 10. Efeitos indirectos do modelo de pistas predictor do bem-estar psicológico.

Variáveis independentes e dependentes	Trajectórias de mediação	B	SE	Bootstrapping IC corrigido de 95% para efeito indirecto médio	
				Inferior	Superior
Percepção de apoio dos pais > Bem-estar psicológico	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada	.226	.030	.170	.288
	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada > Intolerância à incerteza	.068	.018	.039	.109
	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada > Intolerância à incerteza > Focalização	-.002	.001	-.004	.000
	Auto-determinação/ Auto-eficácia generalizada > Focalização	.010	.003	.005	.018
	Força do ego	.023	.009	.009	.047
	Força do ego > Intolerância à incerteza	.010	.004	.004	.021
	Força do ego > Intolerância à incerteza > Focalização	-.001	.001	-.004	.000
	Total	.226	.030	.170	.288
	Força do ego	.041	.015	.016	.079
	Força do ego > Intolerância à incerteza	.033	.010	.015	.056
Idade > Bem-estar psicológico	Força do ego > Intolerância à incerteza > Focalização ¹	.001	.002	-.002	.004
	Total ¹	.013	.036	-.057	.085

¹ Trajectórias de mediação não significativas.

Dada a complexidade do diagrama apresentado, procedemos seguidamente à sua análise por etapas. Como se pode observar pela figura 13, cabe primeiramente notar a influência directa que o apoio parental intangível tem na promoção do bem-estar dos jovens que fazem o seu trajecto de transição para a vida adulta. Este apoio tem também efeitos positivos directos na promoção da auto-determinação/ auto-eficácia generalizada e força do ego (elementos do capital de identidade intangível), das estratégias de abertura e focalização (estratégias activas de gestão da incerteza) e, desta forma, influencia também indirectamente o próprio bem-estar psicológico. Além disto, a percepção dos jovens deste apoio parental intangível tende a reduzir a sua intolerância à incerteza, ela própria negativamente associada ao bem-estar.

Figura 13. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para os efeitos directos da percepção de apoio dos pais.

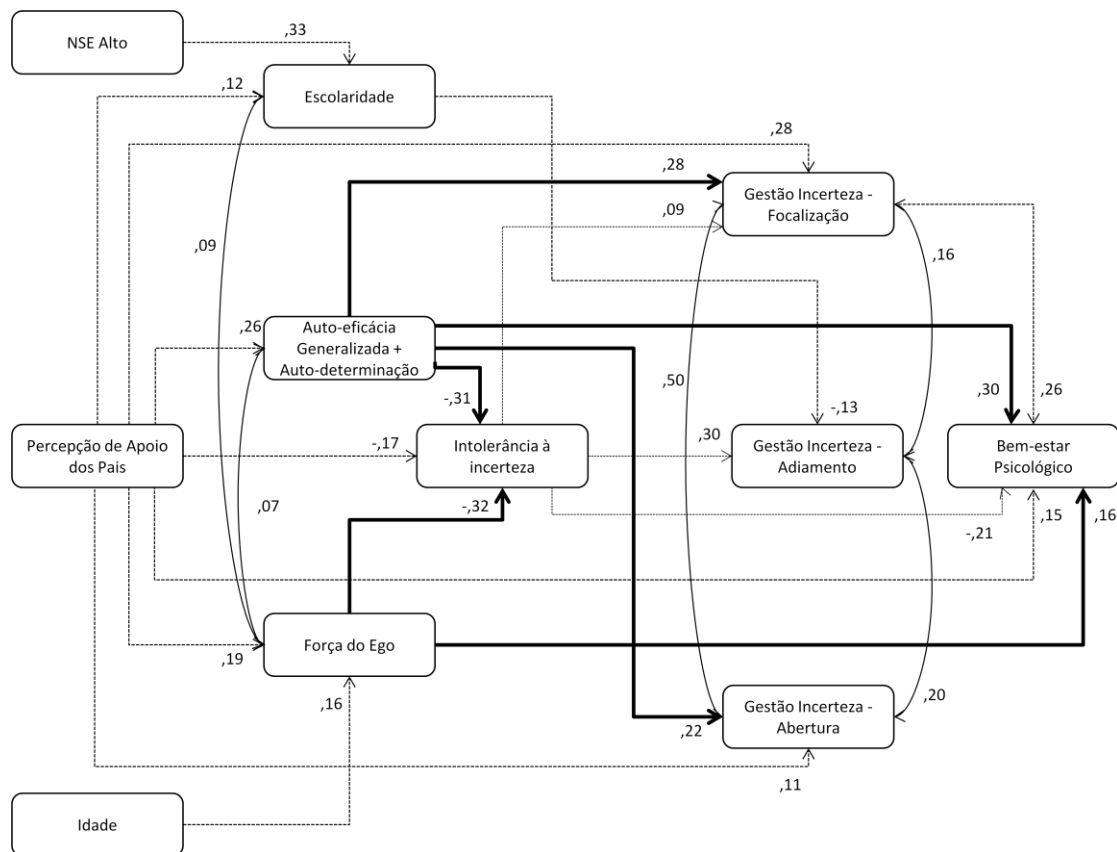


Além disso, a acumulação de capital de identidade intangível, sobretudo na sua forma de capacidade de auto-determinação/ auto-eficácia generalizada, apresenta-se como elemento fulcral para a promoção do bem-estar psicológico tal como ele é operacionalizado no presente estudo, ou seja, na sua concepção eudaimónica ou de concretização do potencial humano. Como se realça na figura 14, o desenvolvimento do capital de identidade intangível, potenciado pelo apoio dos pais, constitui-se, por si só e de forma directa, como um forte preditor de bem-estar psicológico. Além disso, e de forma indirecta, a acumulação de capital de identidade intangível tende a promover um desejável sentido de tolerância à incerteza (constituindo-se como preditor negativo da intolerância à incerteza), o qual conduz à adopção de uma estratégia de gestão da incerteza (focalização) conducente à promoção de um sentido

de bem-estar psicológico. Observa-se ainda que o capital de identidade intangível conduz à operacionalização de estratégias activas de gestão da incerteza (abertura e focalização), ou seja à adopção de formas activas e construtivas de lidar com um mundo adulto em constante mutação e consequentemente imbuído de elevados níveis de imprevisibilidade.

O desenvolvimento da força do ego (capacidade de auto-regulação, tolerância à frustração, capacidade de adiamento da gratificação, etc.), também objecto de promoção por parte do apoio dos pais, revela-se como um factor determinante para o desenvolvimento do bem-estar psicológico. Esta sua influência é tanto directa como indirecta. Indirectamente, a força do ego é um forte predictor da tolerância à incerteza inerente ao processo de transição nas circunstâncias do mundo actual.

Figura 14. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para as influências directas da auto-determinação/ auto-eficácia generalizada e para as influências, directas e indirectas, da força do ego.



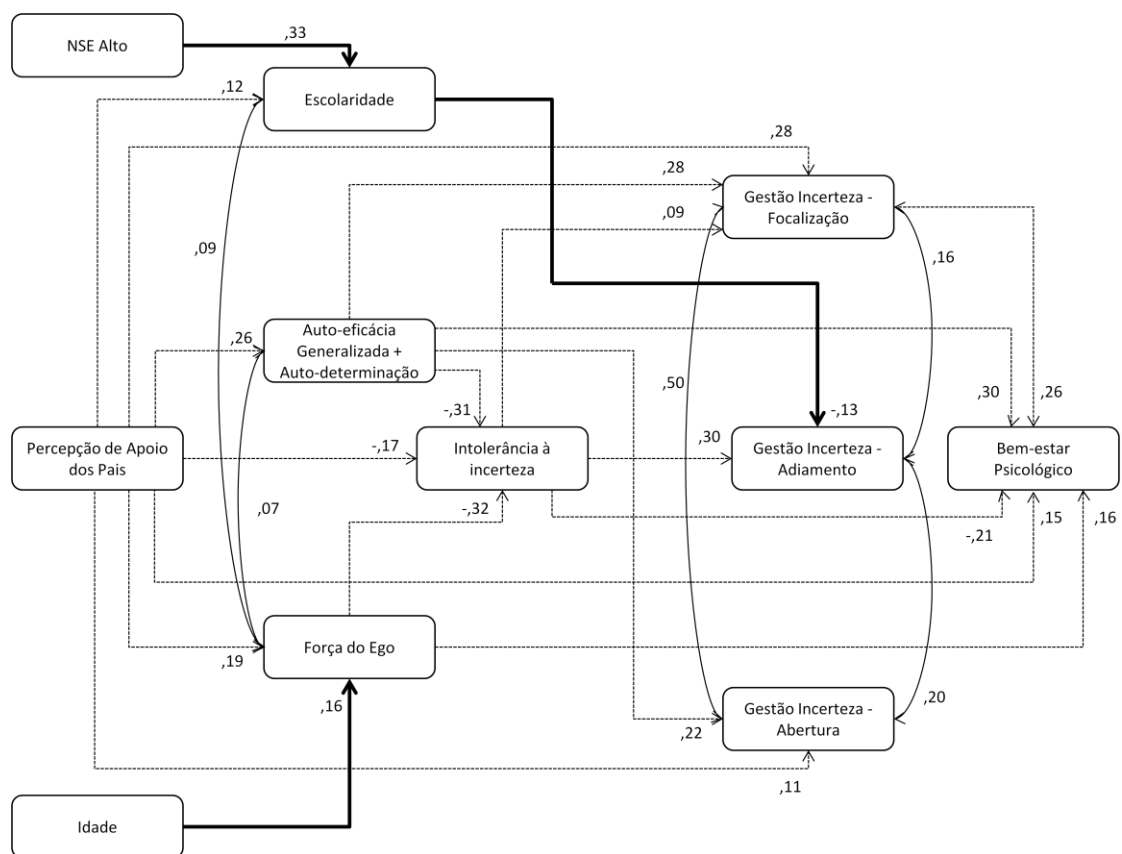
Por seu turno, a intolerância à incerteza pode ter um efeito ambivalente na promoção do bem-estar psicológico. Por um lado, constitui um predictor directo negativo daquele. Por outro, pode conduzir à adopção de estratégias de gestão da incerteza mais estruturadas, apoiadas e focalizadas em objectivos precisos (estratégias de focalização) as quais poderão, por sua vez ter um impacto positivo no bem-estar psicológico. Por último, verifica-se que se encontra associada ao adiamento como estratégia de gestão da incerteza.

A idade, como se pode observar pela figura 15, revela-se também como um veículo de capitalização de experiências vividas tendentes a fortalecer a força do ego, a qual tem os efeitos já acima descritos, de dotar os jovens de uma maior tolerância à incerteza e de

promover directamente o bem-estar psicológico. No que se refere aos efeitos indirectos verificou-se que apenas a trajectória de influência da idade no bem-estar psicológico através da mediação sucessiva da força do ego, intolerância à incerteza e focalização não se revelou significativa (Cfr. Tabela 10)

Por seu lado, o NSE, ao influenciar positivamente a extensão da escolaridade, tem uma influência indirecta negativa sobre o uso do adiamento como estratégia de gestão da incerteza.

Figura 15. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para as trajectórias que partem da idade e do NSE.

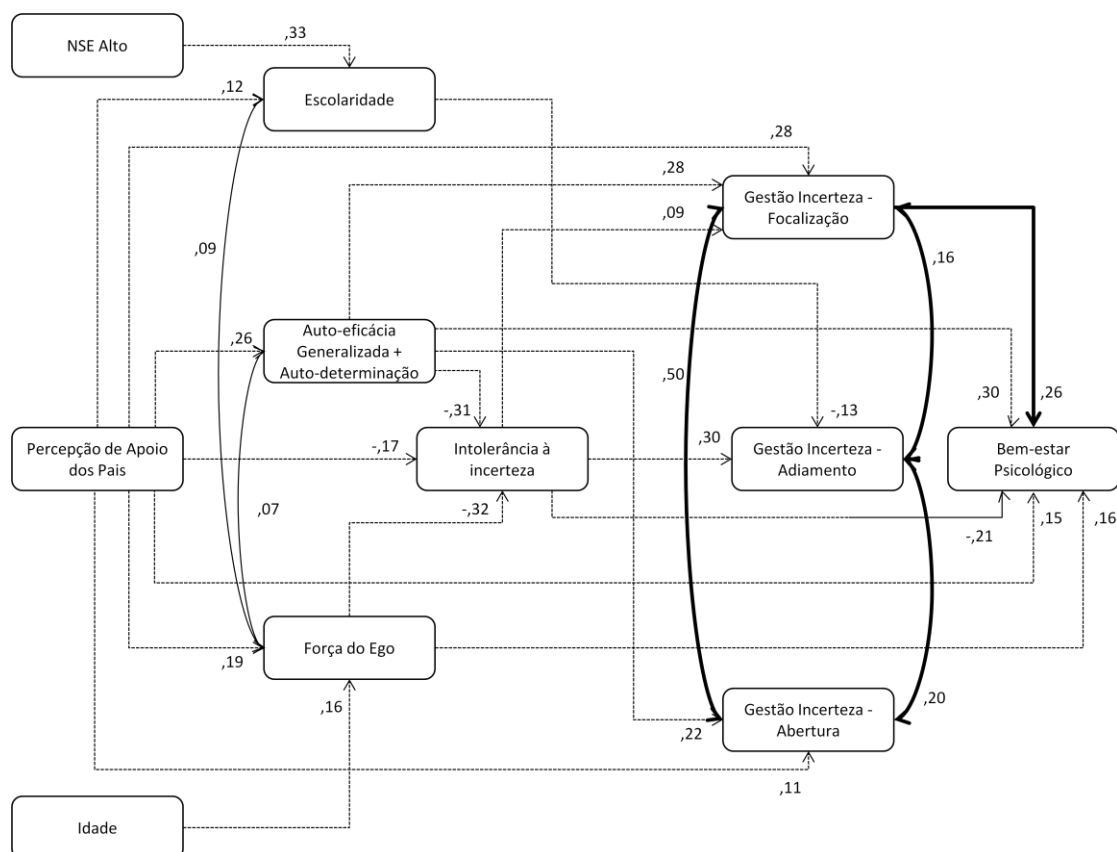


Por último, destacamos as inter-relações entre as várias estratégias de gestão da incerteza e a forma como se associam ao bem-estar psicológico. Verifica-se uma correlação positiva entre as várias estratégias de gestão da incerteza, o que é compatível com um uso

simultâneo das mesmas. Contudo, a única estratégia de gestão da incerteza que apresenta uma relação directa (e positiva) sobre o bem-estar é a focalização (Cfr. Figura 16).

Os predictores considerados no modelo são responsáveis por 48% da variância do *bem-estar psicológico*.

Figura 16. Modelo de pistas para o bem-estar psicológico. Destaque para as estratégias de gestão da incerteza.



5.6.4.2. Discussão dos Resultados

O objectivo deste último estudo foi o de observar o papel do apoio e recursos familiares, tanto intangíveis (percepção de apoio dos pais) como tangíveis (associados aos recursos económicos, sociais e culturais inerentes ao NSE da família) na promoção do bem-estar psicológico, no período de transição para a vida adulta, assim como aferir o papel mediador do capital de identidade (tangível e intangível) e das estratégias de gestão da incerteza naquela relação.

Os resultados permitem destacar a superioridade do poder predictivo do apoio parental intangível, quer directa, quer indirectamente sobre o bem-estar psicológico dos jovens em transição para a vida adulta, quando comparado ao apoio familiar tangível.

Apesar da relação positiva entre o NSE elevado (recurso familiar tangível) e a obtenção de habilitações académicas de nível superior (capital de identidade tangível), tais credenciais académicas não se encontram associadas à promoção directa de bem-estar psicológico, apenas se constituindo como um predictor negativo do uso do adiamento como estratégia de gestão da incerteza, o que infirma as nossas previsões. De acordo com a perspectiva eudaimónica do bem-estar psicológico operacionalizada no presente estudo (Ryff, 1989), seria de esperar que a obtenção de credenciais académicas de nível superior contribuísse para o sentimento de auto-realização. A ausência desta associação poderá ser explicada por duas ordens de razões. Por um lado, a frequência do ensino superior tende a corresponder ao cumprimento de um objectivo tido como normativo e regular no seio do grupo de pertença destes jovens (o NSE elevado), não adquirindo, assim, saliência e valor suficiente para ser considerado como marco de auto-realização, que o levaria a constituir-se como factor promotor do bem-estar psicológico. Por outro, a eficácia das qualificações de nível superior como forma de conquistar posições vantajosas no mercado de trabalho actual encontra-se questionada. De facto, poderá estar a acentuar-se a percepção de que a posse de qualificações

superiores não é factor protector contra a queda nas malhas do desemprego ou de empregos temporários, precários, mal pagos, comumente fora da área de estudo ou especialização do jovem ou em áreas e actividades para as quais ele se encontra sobre-qualificado – empregos que Coupland (1991), na sua caracterização da *geração X*, havia ironicamente denominado *McJobs*.

O apoio familiar intangível (apoio à autonomia e calor humano), pelo contrário, apresenta-se associado ao bem-estar psicológico, directa e indirectamente, através da mediação do capital de identidade intangível, da intolerância à incerteza e das estratégias de gestão da incerteza. De facto, estudos acerca do processo de individuação já haviam demonstrado a importância do apoio à autonomia como potenciadora do bem-estar psicológico dos jovens (Ryan & Deci, 2005), entendido no seu sentido eudaimónico, ao fomentar a maturidade filial (Mendonça & Fontaine, 2013) e, assim, promover o estabelecimento de relações mais “adultas” entre pais e filhos. Este tipo de apoio encontra-se também fortemente, e de forma positiva, associado ao desenvolvimento das capacidades de agência (capital de identidade intangível), indispensáveis ao processo de navegação para a vida adulta através de percursos cada vez mais individualizados, frequentemente não lineares ou mesmo labirínticos (Guerreiro & Abrantes, 2007; Pais, 2001, 2002). Ao promover recursos internos orientadores da navegação para a vida adulta, num contexto cada vez mais incerto e esvaziado de referências normativas, este apoio familiar intangível tende a assumir particular relevo na promoção de percursos de transição que Côté denomina de *individualização desenvolvimental* (e.g., Côté, 2000; Schwartz, Côté & Arnett, 2005).

Nesta óptica, o sentido de auto-determinação, assente numa auto-regulação *identificada, integrada* ou *intrinsecamente motivada*, favorece a percepção de que as decisões foram tomadas de forma autónoma, baseadas em significados, valores, necessidades, interesses e objectivos próprios e, como tal, integradas no edifício identitário do jovem em trânsito para a vida adulta (Ryan & Deci, 2005). Por seu lado, as crenças de auto-eficácia

promovem a confiança nas capacidades próprias para lidar com quaisquer desafios que se possam apresentar no processo de transição e consequentemente a motivação para a acção no sentido da concretização dos objectivos pessoais propostos, a persistência e perseverança aquando do confronto com obstáculos e dificuldades, e o eventual sucesso no alcance de tais objectivos (Bandura, 1989, 1997). Com respeito ao seu impacto directo, verifica-se que a auto-determinação/ auto-eficácia generalizada apresentam a mais forte associação ao bem-estar. Assim, no contexto de condições de vida incertas e fortemente individualizadas estes dois recursos internos dotam o indivíduo de uma força motivacional e uma confiança nas próprias capacidades que lhe podem permitir eficazmente lidar e activamente influenciar as suas circunstâncias de vida, aumentando assim a sua percepção de controlo das situações, com redução concomitante da intolerância a incerteza, ela própria negativamente associada ao bem-estar psicológico. Esta condição de actor com poder de determinação do seu próprio curso de vida, mesmo no contexto de circunstâncias que se mostrem adversas, acaba por reforçar a auto-estima e ter uma relevância decisiva nas várias dimensões constituintes do bem-estar psicológico, como sejam o sentido de autonomia, competência, domínio do meio, aceitação de si, relações positivas e propósito na vida (Ryff, 1989). O reverso desta situação consistiria em assumir uma posição de desempoderamento perante a tarefa de construção do próprio percurso biográfico, o sentir-se vítima das circunstâncias de vida com a consequente adopção de uma postura passiva e resignada a um tipo de regulação hétero-determinado.

De grande relevância é também a associação da força do ego ao bem-estar psicológico. A capacidade de auto-regulação ou auto-controlo (inerente à força do ego) permite uma orientação para a concretização de objectivos de médio e longo prazo através da capacidade de adiamento da gratificação, do delineamento de objectivos de implementação, planificação e monitorização da acção (Schmeichel & Baumeister, 2003). Esta componente do capital de identidade intangível permite a libertação de uma forma de auto-regulação ligada à satisfação imediata de impulsos em prol da prossecução de metas e objectivos em que os resultados só

se materializarão de forma diferida no tempo (Baumeister & Vohs, 2005). Numa sociedade de consumo, caracterizada por incessantes estímulos à aquisição de bens e serviços como formas substitutas e inautênticas de auto-realização (e.g. Côté & Allahar, 1994), a posse de auto-controlo constitui um recurso pessoal imprescindível à obtenção de um sentido de bem-estar associado à satisfação de necessidades mais intrínsecas e universais como sejam a autonomia, a competência e as necessidades relacionais (Ryan & Deci, 2005). Neste sentido, a posse do poder de auto-controlo pode revelar-se imprescindível como protecção contra a tentação de optar por respostas imediatas e impulsivas dirigidas à mera satisfação hedónica de necessidades externa e artificialmente criadas pelas forças do mercado, ou seja, sucumbir à atração de um percurso de *individualização supletiva* (Côté, 2000). A posse de capacidade de agência poderá constituir um factor de extrema relevância na construção de uma estrutura identitária sólida (*a brave new adult*, nas palavras de Côté, 2000), capaz de lidar com um contexto de vida marcadamente anómico, incerto e individualizado e contribuir para a obtenção de um sentido de auto-realização.

A capacidade de agência revela-se também um predictor indirecto do bem-estar psicológico ao positivamente influenciar a adopção de estratégias activas de gestão da incerteza (abertura e focalização). No modelo causal apresentado, o uso destas estratégias de gestão da incerteza encontra-se fortemente influenciado pela auto-determinação/ auto-eficácia generalizada, como observado no estudo anterior.

Num mundo em constante mutação, individualizado, incerto e imprevisível, o desenvolvimento de uma estrutura identitária possuidora de capacidade de agência dotará o indivíduo de recursos e referências internas indispensáveis ao processo de gestão biográfica (Côté, 2000). Tal capacidade de agência parece dotar o jovem da energia e versatilidade activadoras de formas mais apropriadas e eficazes de lidar com os desafios inerentes aos percursos de transição, como o sejam as estratégias activas de lidar com a incerteza. Apesar de a capacidade de agência exercer forte influência positiva sobre ambas as estratégias activas de

gestão da incerteza, gostaríamos de sublinhar o seu efeito sobre a *abertura*: num mundo incerto, a capacidade de explorar, experimentar, assumir riscos, procurar formas criativas e inovadoras de responder aos desafios da vida e aprender com a experiência parece vital no processo de aquisição de um sentido de algum domínio sobre si próprio e sobre o desenrolar do percurso de vida. Para além do mais, o uso da estratégia de abertura encontra-se em consonância com a circunstância da extensão da moratória psicossocial para a consolidação da identidade (Arnett, 2000; Côté, 2006) e pode assumir-se como um precursor da operacionalização da estratégia de focalização – estaríamos aqui perante uma situação de uso sucessivo de estratégias de gestão da incerteza que necessita ulterior confirmação empírica.

De entre as estratégias de gestão da incerteza, a focalização constitui a única predictora directa do bem-estar psicológico. Este resultado poderá ser explicado pelo facto de esta estratégia estar mais associada à concretização de objectivos e metas precisos cuja concretização promoverá um sentimento de auto-realização associado ao cumprimento de projectos de vida pessoalmente significativos. O confronto pró-activo com os desafios da transição, traduzido pelo uso de estratégias activas de focalização, é também promotor directo do bem-estar, constituindo o alicerce de um processo de *fluxo* (Csikszentmihalyi, 1997) caracterizador de investimentos intrinsecamente motivados e de trajectos de vida iminentemente associados a um processo de *individualização desenvolvimental* (Côté, 2000). Nesta óptica poderíamos interpretar as diferentes estratégias de gestão da incerteza não como estanques e relativamente independentes mas como possíveis formas integradas de resposta de um indivíduo aos seus desafios vivenciais, dotando-o da flexibilidade necessária para usar as mais adequadas em cada momento e em distintas esferas de vida, em face das exigências com que em cada uma delas se confronta. É plausível que em cada momento o jovem utilize simultaneamente estratégias diferentes em esferas diferentes da sua existência. Com efeito, uma estratégia de adiamento num determinado âmbito pode temporariamente libertar a energia necessária para explorar ou investir noutros. O uso flexível destas estratégias parece

ser essencial para o jovem manter, durante os percursos de transição, um estado razoável de bem-estar psicológico num mundo em constante mutação, individualizado, em confronto com um futuro incerto e imprevisível

Os resultados do presente estudo sugerem que os desafios da transição para a vida adulta no contexto sócio-económico e cultural actual, exigem dos jovens o desenvolvimento de recursos de agência e estratégias activas e versáteis de gestão da incerteza inerentes ao processo de transição. O seu sentimento de auto-realização (bem-estar psicológico) depende fortemente de uma estrutura identitária dotada de tal sentido de agência e com capacidade de implementação de uma eficaz gestão biográfica. O desenvolvimento de tal estrutura identitária será fortemente influenciado por factores familiares, tangíveis e intangíveis, que promovam o sentido de agência e o uso de estratégias activas de gestão da incerteza. O apoio parental intangível parece ser particularmente relevante nesse processo desenvolvimental. No contexto de uma sociedade familista do sul da Europa, como a portuguesa, onde a família, e não o Estado, assume o encargo de providenciar o suporte material ao processo de transição, este constitui-se como algo normativo e expectável cuja variação dependerá apenas dos recursos da família (associados ao seu NSE). Trata-se de um apoio providenciador de uma rede de suporte material ao processo de transição. Este apoio parece constituir a base segura a partir da qual estes jovens se começam a aventurar nos desafios inerentes a um processo de transição complexo, demorado, não linear e marcado por inúmeras dificuldades (como o são as inerentes à transição para o mundo do trabalho). No contexto de uma cultura familista, onde a transição se constitui, geralmente, como um projecto familiar, a existência de um clima familiar propício à promoção da autonomia e onde os jovens sintam que podem contar com o apoio emocional e material de que eventualmente necessitem parece ser de fulcral importância. Dele depende fortemente o processo desenvolvimental de aquisição dos recursos internos necessários ao enfrentamento dos desafios da transição para a vida adulta e

subsequente conquista de um sentido de si como adulto e o alcance da experiência de bem-estar psicológico.

Conclusões

1. Conclusões

Nas últimas décadas, o processo de transição para a vida adulta tem vindo a sofrer mudanças profundas. Por um lado, os percursos de transição têm-se vindo a tornar mais longos, individualizados e compostos de múltiplas transições não lineares e, mesmo, susceptíveis de reversibilidade (e.g., Arnett, 2000; Côté, 1997, 2000; Guerreiro e Abrantes, 2007; Hendry & Kloep, 2007, 2012; Pais, 2001, 2002). Por outro, os critérios de obtenção do estatuto de adulto têm-se vindo a afastar do cumprimento de marcadores sociais tradicionais e a assumir um carácter mais subjectivo e aberto – mais próximos de uma ideia de contínua conquista de autonomia e responsabilidade pessoal tendente à promoção da auto-realização (Arnett, 2001; Blatterer, 2007; Sousa, 2007, 2010). A par de um contexto sócio-económico caracterizado por elevados níveis de volatilidade (reflectida em mudanças contínuas e imprevisíveis quer no mundo do trabalho, quer das relações), esta tendência individualizante dos percursos de transição, tem introduzido nos percursos biográficos uma incerteza que parece ter adquirido um carácter sistémico (e.g., Bonss & Zinn, 2003; Coimbra, 2005; Guerreiro & Abrantes, 2007; Zinn, 2008). A este respeito, o reconhecimento do aumento exponencial da incerteza biográfica, característico das actuais sociedades ocidentais, conduziram Bonss & Zinn (2003) a equiparar a gestão biográfica à gestão da incerteza. Particularmente vulneráveis à incerteza endémica das sociedades contemporâneas encontram-se os jovens em trânsito para a vida adulta ao terem de enfrentar percursos de transição na total ausência de estruturas sócio-normativas orientadoras e em confronto com um entorno sócio-económico incapaz de conferir experiências básicas de certeza e segurança, a partir das quais seja capaz de tomar decisões de vida conformadoras dos seus percursos biográficos (Côté, 2000; Côté & Allahar, 1994).

Se, por um lado, os elevados níveis de individualização e incerteza têm como consequência a exponenciação do leque de opções biográficas, abrindo a possibilidade de construção de biografias construídas na base de escolhas e opções pessoais (“choice biographies”), por outro, a navegação de trajectos de transição conducentes à conquista de uma experiência de auto-realização (bem-estar psicológico) pressuporá o desenvolvimento de recursos psico-sociais (capital de identidade), assim como de estratégias eficazes de gestão da incerteza que dotem os jovens da capacidade de construir percursos de *individualização desenvolvimental* (Côté, 2000; Leccardi, 2006; Oliveira, Mendonça, Coimbra & Fontaine, 2014). No âmbito de um processo de transição crescentemente prolongado, individualizado e impregnado de incerteza, o desenvolvimento de tais recursos, e consequentemente o sucesso da integração na comunidade dos adultos, depende consideravelmente das estruturas de apoio à disposição dos jovens. No contexto dos países do Sul da Europa, como Portugal, tal apoio vem essencialmente da família (Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009). O sucesso do apoio familiar deverá ser avaliado em função da sua possível tradução em ganhos desenvolvimentais dos jovens, expressos pela sua capacidade de lidar eficazmente com os desafios da transição.

Aqui entroncaram os objectivos genéricos do presente estudo: (1) observar de que forma o apoio familiar se evidencia como potenciador da capacidade de agência dos jovens (seu capital de identidade), assim como na sua capacidade de confronto e gestão da incerteza; (2) observar o impacto que estes recursos de agência e de gestão da incerteza têm sobre a sua resolução da identidade adulta e bem-estar psicológico. Dito de outro modo, pretendeu-se aferir a capacidade preditiva do apoio familiar sobre a conquista do estatuto de adulto o bem-estar dos jovens, considerando o efeito mediador do seu capital de identidade e dos modos de enfrentamento e gestão da incerteza.

As nossas hipóteses relativas ao papel mediador do capital de identidade neste processo, foram baseadas nas seguintes premissas: em primeiro lugar, o apoio dos pais pode-

se manifestar quer pelo papel de financiador do processo de transição, quer pelo estímulo ao desenvolvimento da desejável autonomia dos jovens (e.g., Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009); em segundo lugar, dada a crescente individualização das trajetórias de transição, o sucesso dos percursos dependerá da capacidade dos jovens desenvolverem recursos próprios (capital tangível e intangível). Espera-se assim que a eficiência deste apoio se manifeste, em parte, por meio do aumento da capacidade de agência dos jovens (e.g., Côté, 2000; du Bois-Reymond, 2009); por último, espera-se que o sentido de agência seja um dos mais relevantes instrumentos para a negociação de uma transição bem-sucedida onde os jovens consigam alcançar o estado de maturidade psico-social associado ao estatuto de adulto, assim como um sentimento de realização pessoal que se encontra na base do seu bem-estar psicológico. Dito de outra forma e nas palavras de Côté, espera-se que o desenvolvimento da capacidade de agência esteja na base de um percurso de *individualização desenvolvimental* rumo à adultez (Côté & Levine, 2002; Schwartz, 2006; Schwartz, Côté & Arnett, 2005).

No que concerne ao papel mediador de estratégias de gestão da incerteza, partimos dos seguintes pressupostos: por um lado, consideramos que a gestão da incerteza biográfica constitui um dos maiores desafios da nova geração, determinante na orientação da sua vida e no seu bem-estar; por outro, consideramos que esta gestão se encontra dependente dos recursos (pessoais e familiares) à disposição dos jovens; além disso, colocamos a hipótese de as possíveis formas de gestão da incerteza terem um impacto significativo sobre a resolução da identidade adulta e bem-estar psicológico do jovem. Tanto os recursos familiares (expressos nas várias formas de apoio ao processo de transição) como os recursos pessoais (integrados no conceito de capital de identidade e dotadores do sentido de agência) constituem valiosos instrumentos colocados ao serviço da gestão da transição por meio da negociação de desafios e oportunidades ambientais. Tendo em conta que a navegação da transição para a vida adulta implica, actualmente, lidar com um ambiente incerto e volátil rumo a um futuro imprevisível, uma quantidade significativa deste trabalho de navegação será dedicada à gestão da incerteza

(Bonss & Zinn, 2003; Leccardi, 2005, 2006; Zinn, 2008). Uma transição bem-sucedida, traduzida num sentimento de auto-realização (no centro do bem-estar psicológico), dependerá muito da capacidade de gerir eficazmente a própria incerteza biográfica. Levando isso em consideração, partimos do princípio que a relação entre o apoio familiar ao processo de transição e os recursos pessoais de navegação da transição (capital de identidade), por um lado, e a resolução da identidade adulta e bem-estar psicológico, por outro, seria parcialmente mediada pelas estratégias de gestão de incerteza colocadas ao serviço da gestão dos trajectos de transição.

No sentido de testar estas nossas hipóteses, a nossa investigação seguiu um itinerário pautado por 5 estudos sucessivos, que se iniciou com o primeiro dedicado à construção de uma escala de gestão da incerteza no período de transição para a vida adulta. A inexistência de tal instrumento no contexto da literatura psicológica, assim como a prossecução do objectivo de relacionar as formas de gestão da incerteza com as outras variáveis consideradas na presente investigação (apoio familiar ao processo de transição, capital de identidade, resolução da identidade adulta e bem-estar psicológico) estiveram na base deste empreendimento. A escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta, depois de testadas as suas qualidades psicométricas, evidenciou uma estrutura composta por três dimensões ou factores que denominamos estratégias de gestão da incerteza: (1) a primeira estratégia, que apelidamos de *focalização*, encontra-se composta por itens que remetem para o estabelecimento de objectivos biográficos e sua implementação, o estabelecimento de objectivos prioritários a atingir, o desenvolvimento de recursos pessoais com vista ao alcance dos mesmos, a procura de aconselhamento e apoio, acompanhada de uma visão optimista do futuro; a segunda estratégia, designada por *abertura*, é composta por itens que apontam para a exploração de diferentes estilos de vida, a experimentação de projectos de vida alternativos, o uso de formas inovadoras e criativas de confronto com os desafios vivenciais, a procura de novos desafios, o investimento simultâneo em vários projectos e a manutenção dos projectos

de vida em aberto; a terceira e última estratégia, designada por *adiamento*, aponta precisamente para o adiamento de projectos e decisões de vida para um momento futuro, até que o jovem se sinta preparado para os implementar ou que percepcione estarem reunidas as condições externas necessárias à sua implementação.

Todas as estratégias de gestão da incerteza na transição para a vida adulta captadas pela escala evidenciaram estar positivamente correlacionadas entre si. Este facto conduziu-nos a uma interpretação do processo de gestão da incerteza nesta fase da vida como um empreendimento sistémico dinâmico, na medida em que acomoda o uso simultâneo e interligado das várias estratégias. A gestão da incerteza evidenciou-se, assim, como um processo complexo onde as várias estratégias, longe de serem mutuamente exclusivas, se articulam de forma a potenciar a capacidade adaptativa a um entorno cambiante (Carrol, 2010) que sucessivamente coloca novos desafios aos jovens em trânsito para a vida adulta. Este uso articulado das formas de gerir a incerteza biográfica conduziu-nos a conceber vários cenários relativamente à sua operacionalização. A título de exemplo, o uso de *adiamento* poderá permitir que o jovem temporariamente coloque de lado certos empreendimentos ou desafios, a fim de concentrar a sua atenção e energia noutros investimentos que, momentaneamente, se revelem como mais salientes (uso da estratégia de *focalização*), ou a fim de explorar e experimentar algumas possíveis soluções no quadro dos desafios com que se confronta (uso da estratégia de *abertura*). Com efeito, a utilização do *adiamento* numa determinada esfera de vida pode libertar energia e capacidade mental para que, de forma mais eficiente, se possam usar as outras estratégias noutros domínios vivenciais. Por seu turno, o uso da estratégia de *abertura*, com o seu elevado nível de exploração e experimentação, pode estar a ser utilizada em determinado âmbito que exige uma procura e exploração de soluções e opções de investimento, enquanto, noutro âmbito, o jovem se pode encontrar perfeitamente *focalizado*, ou seja, dirigindo os seus recursos para a concretização de planos e projectos bem delineados e estruturados. Este uso interligado das estratégias de

gestão da incerteza parece reflectir o modo de gestão da incerteza denominado por Zinn (2006) de *contextualização*, típico das sociedades pós-modernas ou da modernidade tardia, em que vários modos de gestão da incerteza biográfica coexistem e se constituem como tipos possíveis de gestão do percurso biográfico. Deste uso interligado e simultâneo das várias estratégias de gestão da incerteza poderá resultar uma vantagem associada a uma maior flexibilidade na gestão de desenvolvimentos biográficos inesperados (Zinn, 2006). A necessidade de articulação simultânea de distintas formas ou estratégias de gestão da incerteza no período de transição para a vida adulta parece corroborar a ideia de que a aquisição da condição de adulto não consiste em algo de linear e predeterminado, que se adquira de forma global e definitiva a partir de certo momento no tempo (Hendry & Kloep, 2007), como parece transparecer da teoria da adulez emergente (Arnett, 2000, 2007). Ao contrário, tal necessidade parece aproximar-nos mais de uma perspectiva do processo de transição que o concebe como algo que se vai desenrolando a diferentes ritmos em distintas esferas de vida. Trata-se de um processo desenvolvimental plástico e reversível, ao longo de trajectórias não lineares tendentes à aquisição de um suposto estado adulto, também ele dificilmente definível, dado o seu carácter crescentemente instável, aberto e plástico, feito de sucessivas explorações e investimentos que se estendem ao longo de todo o ciclo de vida (Hendry & Kloep, 2007, 2011a, 2012).

A maioria dos estudos no quadro da adulez emergente, focalizaram-se numa população de estudantes universitários, tentando generalizar os processos observados nestes à globalidade dos jovens, nomeadamente àqueles com menos credenciais académicas. Com o intuito de integrar esta metade esquecida, incluímos no nosso estudo, além de jovens universitários, outros jovens sem formação superior. O nosso segundo estudo comparou estes dois grupos de jovens, distinguindo ainda os mais novos dos mais velhos, ao nível de factores tidos como determinantes para uma transição bem sucedida, ou seja, o apoio familiar, o capital de identidade, a (in)tolerância à incerteza, as estratégias de gestão da incerteza,

resolução da idade adulta e bem-estar. Os resultados obtidos permitem-nos observar a desvantagem em que se encontram os jovens com níveis de escolaridade mais baixos. Como pudemos observar pelo estudo diferencial realizado, estes apresentam níveis mais baixos de percepção de apoio dos pais, de auto-determinação, força do ego, de uso da estratégia de focalização (na gestão da incerteza) e de bem-estar-psicológico. Pelo contrário, apresentam níveis mais elevados de intolerância à incerteza e de resolução da identidade adulta. Estes dados permitem-nos apreciar a situação de maior vulnerabilidade e risco em que estes jovens se encontram ao não poderem beneficiar de percursos de transição mais longos, mais apoiados e onde possam desenvolver recursos (capital de identidade tangível e intangível) essenciais à construção de itinerários de transição pessoalmente realizativos. Pudemos ainda observar, através do estudo diferencial realizado, que no que se refere ao uso do *adiamento*, como estratégia de gestão da incerteza, este é mais elevado no grupo de jovens mais novos (com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos) com habilitações académicas mais baixas. Um resultado que interpretamos como sendo o reflexo do confronto com uma das transições mais importantes nesta fase da vida destes jovens, a transição da escola para o mundo do trabalho. De facto, o confronto com as dificuldades apresentadas por um mercado de trabalho de difícil acesso e caracterizado pela precariedade dos vínculos laborais parece induzir nestes jovens uma percepção de falta de preparação para lidar com o desafio desta transição, o que conduz a um incremento no uso do adiamento como estratégia de gestão da incerteza.

A construção da escala de gestão da incerteza na transição para a vida adulta permitiu-nos também, como anteriormente referimos, captar associações entre os modos de gestão da incerteza e as outras variáveis consideradas no presente estudo: o apoio parental ao processo de transição, os vários elementos do capital de identidade, a resolução da identidade adulta e o bem-estar psicológico. No terceiro estudo, foi nosso objectivo verificar o impacto e valor predictivo do apoio parental e do capital de identidade sobre as diversas estratégias de gestão

da incerteza individualmente consideradas. A este respeito verificamos as seguintes associações.

O uso da estratégia de *focalização* parece estar fortemente alicerçado no apoio familiar intangível, quer de forma directa, quer através da mediação do capital de identidade intangível (sentido de agência desenvolvido pelos jovens, em especial através do sentido de auto-determinação e auto-eficácia generalizada). Constatou-se ainda que esta estratégia é directa e positivamente influenciada pela intolerância à incerteza, a qual se inscreve como mediadora entre o apoio intangível dos pais e o capital de identidade intangível, por um lado, e o uso da estratégia de *focalização*, por outro. Por último, verificou-se que o capital social, económico e cultural associado às classes média e alta se constituiu também como promotor do uso desta estratégia de gestão da incerteza. Constatou-se, assim, que uma abordagem *focalizada* à incerteza pode ser estimulada por diversas fontes e através de diversas trajectórias. No contexto de trajectórias de transição individualizadas, que apelam à capacidade individual de realização de escolhas e tomadas de decisões com base em critérios e valores pessoais, as capacidades e competências inscritas na estratégia de focalização tendem a apelar a um forte sentido de agência do indivíduo, traduzido na sua auto-determinação, auto-eficácia e força do ego como instrumentos aptos a resolver e ultrapassar dificuldades e desafios com se possa confrontar. O prévio desenvolvimento da autonomia, promovido pelo apoio intangível dos pais, revela-se necessário a uma gestão da incerteza alicerçada em investimentos precisos e estruturados para cuja concretização o jovem se sente motivado e mobilizado a congregar os recursos necessários que possa ter à sua disposição. Contudo, efeitos paradoxais foram também observados através do efeito mediador da intolerância à incerteza. Por um lado, o sentido de auto-determinação, auto-eficácia e força do ego, estimulados pelo apoio intangível dos pais e constituintes da capacidade de agência dos jovens parece reduzir a intolerância à incerteza, o que poderá advir da sua menor dependência de factores externos no processo de delineamento e implementação de trajectórias de transição

para a vida adulta. Por outro, a associação positiva que se verifica entre a intolerância à incerteza e o uso da *focalização* pode denotar um apelo à estrutura e planificação, característico desta estratégia de gestão da incerteza, por parte de jovens que preferem lidar com situações percebidas como menos incertas, mais familiares e onde podem exercer maior controlo (Szeto & Sorrentino, 2010). Por último, verificou-se que o uso desta estratégia, que exige uma certa capacidade de planificação, projecção no futuro, delimitação de objectivos e mobilização de meios para os alcançar, se encontra também favorecida pela pertença aos níveis sócio-económicos médio e alto, o que era expectável, já que possuem uma maior correspondência a características e recursos sócio-económicos e culturais desses grupos sociais.

Por seu turno, o uso da estratégia de *abertura* encontra-se fortemente associado à posse de um sentido de agência por parte do indivíduo, estimulado pelo apoio familiar intangível. Trata-se de uma estratégia de gestão da incerteza eventualmente mais intimamente associada a um estilo de auto-regulação “orientado para a incerteza” e que considera esta como estimulante, com o seu apelo à exploração, experimentação, procura de novos desafios, diversificação de objectivos e projectos a concretizar, procura de formas inovadoras e criativas de lidar com os desafios da vida. Esta estratégia parece estar alicerçada numa motivação intrínseca (na raiz da capacidade de auto-determinação) e no sentido de auto-eficácia dos indivíduos (a confiança nas próprias capacidades para resolver situações de vida desafiantes e potencialmente inesperadas). A auto-determinação potencializa a exploração de interesses, necessidades e valores próprios e a procura de situações desafiantes onde tais aspectos intrínsecos do *self* se possam concretizar e materializar (Ryan & Deci, 2005); a auto-eficácia generalizada espelha uma postura de confiança e optimismo quanto à capacidade de lidar com situações de vida desafiantes e potenciadora da adopção de uma postura de abertura face a novos desafios e investimentos de vida.

Por último, a estratégia de *adiamento* é negativamente predicta pela capacidade de agência e pelo apoio parental intangível. O uso desta estratégia poderá denotar uma ausência de preparação (desejavelmente passageira) para lidar de forma proactiva com certos desafios de vida (Carroll, 2010). Uma percepcionada falta de condições, de recursos ou mesmo de maturidade necessárias a uma abordagem activa a certos objectivos e desafios de vida poderá conduzir ao seu adiamento para um momento futuro onde as condições para a sua concretização venham a ser reunidas. A percepcionada ausência de capacidade de agência sobre determinados âmbitos de investimento vivencial será forte indicador de uma ausência de preparação para a operacionalização de tais investimentos no momento presente, conduzindo ao seu necessário adiamento. A este respeito, podemos observar, através do estudo diferencial realizado, que o uso desta estratégia de gestão da incerteza é mais elevada entre os jovens mais novos (com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos) no grupo com habilitações académicas mais baixas. O confronto, por parte dos jovens com menores habilitações académicas, com uma das transições mais importantes nesta fase das suas vidas, a transição da escola para o mundo do trabalho, a uma idade mais precoce e sem a devida preparação, é factor de vulnerabilidade. A percepção de falta de preparação para lidar com o desafio desta transição conduz estes jovens a recorrer mais ao adiamento como estratégia de gestão da incerteza. Tais resultados foram confirmados no modelo predictivo, já que o capital de identidade tangível (operacionalizado através das habilitações académicas) é predictor negativo desta estratégia.

O enquadramento num projecto vocacional estruturado, alicerçado num percurso formativo que se espera tenha impacto significativo quer no processo de transição para o mundo do trabalho, quer no fomento do estilo de vida desejado, poderá contribuir para aumentar o envolvimento activo dos jovens no processo de construção biográfica. O envolvimento activo na construção de um projecto de vida alicerçado numa formação de nível superior tenderá a transmitir, ele próprio, uma experiência de *fluxo* (Csikszentmihalyi, 1997) e

a contribuir para o desenvolvimento da preparação necessária à concretização de futuros objectivos de vida pessoalmente significativos (Carroll, 2010). Assim, o enquadramento num percurso biográfico que passa por um processo estruturado de formação sobre o qual assentam expectativas de auto-realização futura parece contribuir negativamente para o uso do *adiamento* como estratégia de gestão da incerteza.

Uma análise geral aos vários modelos predictivos de cada uma das estratégias de gestão da incerteza permite concluir que tanto o apoio familiar intangível como o capital de identidade intangível evidenciam as mais robustas associações com as diversas estratégias (associações positivas no caso das estratégias activas – focalização e abertura – e associações negativas no caso da estratégia passiva – adiamento). O elevado grau de individualização do processo de transição tende a realçar a capacidade de agência, fortemente estimulada pelo apoio familiar intangível, como o instrumento de maior relevância e com maior impacto nas formas de gestão da incerteza biográfica. O desenvolvimento e exercício da capacidade de agência, como recurso imaterial ou intangível de gestão biográfica, parece possuir uma relevância superior aos recursos e apoios materiais que possam ser disponibilizados pela família, embora estes evidenciem também um certo papel, sobretudo como suporte ao uso da estratégia de *focalização*.

Os dois últimos estudos realizados (quarto e quinto) pretenderam aferir a capacidade predictiva do apoio familiar, do capital de identidade e da capacidade de tolerância e gestão da incerteza sobre a resolução da identidade adulta dos jovens e o seu bem-estar psicológico. Os resultados destes estudos evidenciam que, num momento em que os jovens dependem fortemente de apoio material (tangível) da família de origem, ao processo de transição, o apoio intangível (apoio à autonomia e calor humano) revelou possuir um impacto superior sobre o seu bem-estar psicológico e resolução da identidade adulta. Sendo as famílias do sul da Europa tradicionalmente caracterizadas pela manutenção de estreitos laços afetivos durante esta fase da vida dos jovens, a transição para a vida adulta acaba por estar

enquadrada em altos níveis de dependência afetiva e instrumental, transformando-a num empreendimento familiar (e.g., Scabini et al., 2006). Facto que não parece comprometer o sucesso do processo de transição. Culturalmente esperados, eles não parecem prejudicar a qualidade da relação entre pais e filhos, pois tendem a não constituir fonte de tensão e de conflito (Dias & Fontaine, 1996; Fontaine, Andrade, Matias, Gato, & Mendonça, 2006; Mendonça e Fontaine, 2013). Pelo contrário, no decorrer do esforço desenvolvimental em que se consubstancia o processo de transição, uma forte relação entre pais e filhos com base na compreensão mútua, carinho, solidariedade e comunicação positiva tem-se revelado como crucial para a construção de itinerários de transição bem sucedidos (Aquilino, 1997, 2006; Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; Coimbra, Ribeiro, & Fontaine, 2013; Scabini, Marta, e Lanz, 2006). Os resultados do presente estudo mostram, precisamente que, no contexto Português, o apoio intangível (apoio à autonomia e calor humano) se revela essencial para fomentar o sentido de agência necessário à construção de percursos de transição feitos na base de escolhas e opções pessoais e conducentes à conquista da adultez e ao desenvolvimento de um sentimento de auto-realização que se encontra na base do bem-estar psicológico. O estímulo ao sentido de agência dos jovens, por parte das famílias, constitui, assim, um factor essencial ao desenvolvimento da sua autonomia, no contexto de vínculos relacionais fortes e elevados níveis de dependência instrumental. Um sólido sentido de identidade, manifesto numa elevada capacidade de agência, alimenta a capacidade de lidar eficaz e adaptativamente com um ambiente cultural e sócio-económico em constante mudança (e.g., Côté, 1997, 2000). Os resultados destes dois últimos estudos assinalam aliás de maneira inequívoca, que o desenvolvimento de um capital de identidade intangível é o elemento crucial quer para a resolução da identidade adulta dos jovens nesta fase de transição, quer para o seu bem-estar-psicológico. Uma gestão familiar equilibrada entre apoio instrumental e apoio à autonomia constitui um factor determinante para o desenvolvimento

deste capital e para o sucesso do processo de transição. Foi precisamente este apoio equilibrado que Scabini et al. (2006, p. 23) denominaram "proteção flexível".

Contrariamente ao esperado, as estratégias de gestão da incerteza não exercem um papel mediador entre o apoio familiar e a capacidade de agência, por um lado, e a resolução da identidade adulta, por outro, enquanto o exercem quando a variável dependente é o bem-estar psicológico. Este dado parece reflectir uma tomada de consciência, por parte dos jovens, de que o período de transição é longo e que devem preservar durante este período um certo nível de bem-estar. As estratégias de gestão da incerteza parecem exercer um papel importante neste quadro. Mesmo sendo ineficientes para estimular o processo de assumpção da idade adulta, são eficazes na preservação do bem-estar. Os jovens têm consciência que a vivência da incerteza não se restringe a esta fase do seu percurso biográfico. De acordo com Bonss & Zinn (2003), a incerteza tende a ser assumida como condição vivencial permanente e a fazer parte integrante de todo o ciclo de vida – daí equipararem a gestão biográfica à gestão da incerteza. Esta fase de transição parece também permitir ao jovem desenvolver recursos que serão úteis durante todo o ciclo de vida e aparentemente as estratégias de gestão da incerteza constituem um desses recursos. A corroborar esta perspectiva, Hendry & Kloep (2007, 2012) criticam a divisão do ciclo vital em fases desenvolvimentais estanques e advogam uma perspectiva sobre o mesmo que se centre essencialmente nos aspectos processuais das múltiplas e variadas transições que se vão sucedendo ao longo de todo o percurso biográfico. Acrescentamos nós que as transições biográficas constituirão desafios indutores de incerteza e, como tal, a sua gestão invocará necessariamente o uso de estratégias para a sua gestão.

Embora no modelo predictivo do bem-estar psicológico apenas a estratégia de focalização assuma papel mediador entre o apoio familiar, as capacidades de agência e o bem-estar psicológico, as diversas estratégias encontram-se correlacionadas. Assim, como se pode verificar pelos resultados dos presentes estudos, a gestão da incerteza tende a operacionalizar-se através do uso simultâneo e articulado das várias estratégias. O facto de

somente a estratégia de *focalização* se encontrar associada ao bem-estar psicológico revela que esta estratégia se encontra mais intimamente ligada à concretização de objectivos circunscritos, percebidos como prioritários (pessoalmente significativos) e consequentemente promotores de um sentimento de realização pessoal. Contudo, se a utilização flexível e simultânea das diversas estratégias em diversos sectores da existência pode ser funcional, a manutenção indefinida ou o uso exclusivo das estratégias de *abertura*, e *a fortiori* de *adiamento*, podem coartar a capacidade de adaptação (Carroll, 2010) e comprometer as capacidades mentais para a implementação e alcance de objectivos e metas específicos e bem definidos (Schwartz, 2010). Ora, a focalização na realização de objetivos centrais de vida tende a promover vigor pessoal, mesmo em face de contratempos ocasionais (Klinger, 1975) e a fomentar o sentimento de realização pessoal que está na raiz de bem-estar psicológico. A focalização dos investimentos num pequeno núcleo de objetivos centrais em cada domínio da vida, ajudará a maximizar a organização e a promover a preparação para o cumprimento dessas metas (Carroll, 2010). À luz destes resultados, o apoio dos pais, direta e indiretamente promovendo o uso de estratégias de *focalização* como forma de gerir a incerteza biográfica parece ser de particular relevância para a navegação de trajetórias de transição de individualização desenvolvimental (e.g., Côté, 2000).

Tendo em conta as considerações feitas acerca da extrema relevância do apoio familiar, do desenvolvimento do sentido de agência e do uso de estratégias activas de gestão da incerteza na promoção de um processo de transição bem-sucedido, não podemos deixar de chamar a atenção para a desvantagem em que se encontram os jovens com níveis de escolaridade mais baixos. Como pudemos observar pelo estudo diferencial realizado, estes apresentam níveis mais baixos de percepção de apoio dos pais, de auto-determinação, força do ego, de uso da estratégia de focalização (na gestão da incerteza) e de bem-estar psicológico. Pelo contrário, apresentam níveis mais elevados de intolerância à incerteza e de resolução da identidade adulta. Estes dados permitem-nos apreciar a situação de maior

vulnerabilidade e risco em que estes jovens se encontram comparativamente com a coorte que tem oportunidade de beneficiar de percursos de transição mais longos, mais apoiados e possibilitadores do desenvolvimento de níveis de capital de identidade (tangível e intangível) mais elevados, essenciais à construção de itinerários de transição conducentes ao desenvolvimento do seu sentido de auto-realização.

2. Considerações finais

Com base nos resultados da presente pesquisa, podemos concluir que os desafios da transição para a vida adulta na sociedade portuguesa contemporânea exigem, por parte dos jovens, o desenvolvimento de capacidades de agência necessárias à navegação de itinerários de transição fortemente individualizados e marcados por elevados níveis de incerteza relativamente ao futuro. A sua resolução da identidade adulta, assim como o seu bem-estar psicológico dependem fortemente disso. O apoio dos pais, tanto instrumental (tangível) como de cariz mais psicológico (calor humano e apoio à autonomia), constitui uma estrutura de base indispensável ao desenvolvimento dos recursos pessoais (capacidade de agência e estratégias activas de gestão da incerteza) necessários a uma negociação eficaz das oportunidades e obstáculos inerentes ao processo de transição. Especial saliência deve, contudo, ser atribuída ao apoio familiar intangível pela sua superior capacidade em estimular tais recursos pessoais. No contexto de uma tradição cultural de familismo que estimula a manutenção de laços intergeracionais apertados e, frequentemente, tende a acomodar elevados níveis de dependência instrumental da família de origem, a estimulação da autonomia que está na base das capacidades de agência dos jovens em trânsito para a vida adulta constitui um dos desafios mais relevantes que as famílias portuguesas actualmente enfrentam.

3. Limitações do estudo e implicações para futuras investigações

Como tem sido profusamente documentado na literatura sobre a transição para a vida adulta nas sociedades contemporâneas, tornar-se adulto é tudo menos um processo linear, estandardizado, homogéneo e normativamente governado por sólidos determinantes sócio-estruturais. De fato, uma das tendências mais relevantes deste processo de emancipação nas sociedades da modernidade tardia consiste na proliferação de trajetórias de transição tecidas na interseção de recursos pessoais de navegação e forças estruturais expressas numa grande variabilidade de oportunidades e obstáculos ambientais (e.g., Hendry & Kloep, 2007). A tendência individualizante dos itinerários de transição para a vida adulta não erradicou a influência de determinantes estruturais como o sexo, o nível socio-económico, o nível de escolaridade, o local de residência. Apesar de menos visíveis no contexto do crescente individualismo das sociedades contemporâneas, estes determinantes sócio-estruturais continuam a exercer uma influência, porventura mais subtil, no delineamento de percursos biográficos. Este reconhecimento exige-nos um certo cuidado na hora de generalizar os resultados do presente estudo. Se aqui captamos algumas vulnerabilidades da “metade esquecida” formada por jovens com baixas credenciais académicas, ulteriores investigações mostram-se necessárias de forma a captar possíveis diferenças na articulação das variáveis consideradas neste estudo em função de um vasto leque de factores sócio-demográficos. A captação da variabilidade dos itinerários de transição, assim como da sua articulação processual, necessariamente o exige.

Uma segunda consideração torna-se aqui necessária, esta relativa à forma de articulação das estratégias de gestão da incerteza objecto de estudo. Por um lado, devemos ter em atenção que as estratégias cristalizadas na escala de gestão da incerteza construída no

âmbito do presente estudo não podem ser interpretadas como esgotando todo o leque de formas de lidar com a incerteza nesta fase do percurso biográfico. Ulteriores estudos podem revelar outras estratégias que venham complementar aquelas que aqui foram identificadas. Por outro lado, os estudos transversais que no âmbito da presente investigação foram realizados tenderam a realçar a correlação positiva entre as estratégias de gestão da incerteza, conduzindo-nos a salientar o seu uso simultâneo e articulado. Contudo, outras relações ou associações entre as diferentes estratégias podem ser hipotetizadas e testadas, preferivelmente através de futuros estudos longitudinais.

Referências Bibliográficas

- Alloy, L. B. & Abramson, L. Y. (1979). Judgement of contingency in depressed and non-depressed students: Sadder but wiser? *Journal of Experimental Psychology: General*, 108, 441-485.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, XXVIII, 2, 255-267.
- Anyon, J. (1981). Social class and school knowledge. *Curriculum Inquiry*, 11, 3-42.
- Aquilino, W. S. (1997). From adolescent to young adult: A prospective study of parent-child relations during the transition to adulthood. *Journal of Marriage & Family*, 59, 670-686. doi: 10.2307/353953
- Aquilino, W. S. (2006). Family relationships and support systems in emerging adulthood. In J. Arnett & J. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 193-217). Washington, DC: American Psychological Association. doi: 10.1037/11381-008
- Arendt, H. (1961). *Between past and future: Six essays in political thought*. New York: The Viking Press.
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480. doi: 10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood. *Journal of Adult Development*, 2, 133-143.
- Arnett, J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. Arnett & J. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association. doi: 10.1037/11381-001
- Aspinwall, L. G. & Taylor, S. E. (1998). A stitch in time: Self-regulation and proactive coping. *Psychological Bulletin*, 121, 417-436.
- Atkinson, J. W. & Raynor, J. O. (1974). *Motivation and achievement*. Washington: Winston & Sons.
- Austin, J. T. & Vancouver, J. B. (1996). Goal constructs in psychology: Structure, process, and content. *Psychological Bulletin*, 120, 338-375.

- Baltes, P. B. (1997). On the incomplete architecture of human ontogenesis: Selection, optimization, and compensation as foundations of developmental theory. *American Psychologist*, 52, 366-381.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84, 191-215.
- Bandura, A. (1989). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44, 1175-1184.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Co, Publishers.
- Banks, M., Bates, I., Breakwell, G., Bynner, J., Emler, N., Jamieson, L., & Roberts, K. (1992). *Careers and Identities*. Milton Keynes: Open University Press.
- Barkley, R. A. (2001). The executive functions and self-regulation: An evolutionary neuropsychological perspective. *Neuropsychology Review*, 11, 1-29.
- Bauman, Z. (2001). *The individualized society*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.
- Bauman, Z. (2007). *Liquid times: living in an age of uncertainty*. Cambridge: Polity Press.
- Baumeister, R. F., Heatherton, T. F., & Tice, D. M. (1993). When ego threat lead to self-regulation failure: Negative consequences of high self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 141-156.
- Baumeister, R. F. & Leary, M. (1995). The need to belong: Desired for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.
- Baumeister, R. F. & Vohs, K. D. (2005). Self-regulation and the executive function of the self. In M. R. Leary & J. P. Tangney (Eds.). *Handbook of self and identity* (pp. 197-117). New York: The Guilford Press.
- Beck, U. (1992). *Risk society: towards a new modernity*. London: Sage.
- Beck, U. (2007). *Was ist globalisierung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Beck, U. & Beck-Gernsheim, E. (2002). *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*. London: Sage.
- Ben-Zur, H. (1999). The effectiveness of coping meta-strategies: Perceived efficiency, emotional correlates and cognitive performance. *Personality and Individual Differences*, 26, 923-939. doi: 10.1016/S0191-8869(98)00198-6
- Bengtson, V. L., Biblarz, T. J., & Roberts, R. E. L. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. New York: Cambridge University Press.

- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246. doi: 10.1037/0033-2909.107.2.238
- Biggart, A. & Walther, A. (2006). Coping with Yo-Yo transitions. Young adults' struggle for support, between family and state in comparative perspective. In C. Leccardi & E. Ruspini (Eds.), *A new youth? Young people, generations and family life* (pp. 41-62). Hampshire: Ashgate Publishing Limited.
- Billari, F. C. (2004). Becoming an adult in Europe: A Macro(Micro)-Demographic Perspective. *Demographic Research*, 3, 15-44. doi: 10.4054/DemRes.2004.S3.2
- Blatterer, H. (2007). *Coming of age in times of uncertainty*. New York: Berghahn Books.
- Bonß, W. (1995). *Vom Risiko: Unsicherheit und Ungewissheit in der Moderne*. Hamburg: Hamburger Edition.
- Bonß, W. & Zinn, J. (2003). Ungewissheit in der Moderne: Die Gestaltung des Lebens als Unsicherheitsmanagement [Uncertainty in late modernity: The shaping of life as uncertainty management]. *Sozialwissenschaftliche Informationen*, 32, 24-34.
- Boutinet, J. P. (2000). *A imaturidade da vida adulta*. Porto: Rés.
- Brannen, J. (2006). Cultures of intergenerational transmission in four-generation families. *Sociological Review*, 12, 133-154. doi: 10.1111/j.1467-954X.2006.00605.x
- Brannen, J., Moss, P., & Mooney, A. (2004). *Working and caring over the twentieth century: Change and continuity in four-generation families*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Briñol, P., DeMarree, K. G., & Petty, R. E. (2010). Processes by which confidence (vs. doubt) influences the self. In R. M. Arkin, K. C. Oleson, & P. J. Carroll (Eds.), *Handbook of the uncertain self* (pp. 13-35). New York: Psychology Press.
- Briñol, P. & Petty, R. E. (2003). Overt head movements and persuasion: A self-validation analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 1123-1139.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bruner, J. S. (1957). On perceptual readiness. *Psychological Review*, 64, 123-152.
- Buhr, K., & Dugas, M. J. (2002). The Intolerance of Uncertainty Scale: Psychometric properties of the English version. *Behaviour Research and Therapy*, 40, 931-945.
- Buhr, K., & Dugas, M. J. (2006). Investigating the construct validity of intolerance of uncertainty and its unique relationship with worry. *Journal of Anxiety Disorders*, 20, 222-236.
- Bynner, J. (2005). Rethinking the youth phase of the life course: the case for emerging adulthood? *Journal of Youth studies*, 8, 367-384.

- Bynner, J. and Parsons, S. (2002). Social exclusion and the transition from school to work: The case of young people not in education, employment or training. *Journal of Vocational Behavior*, 60, 289-309.
- Campos, B. & Coimbra, L. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Campos, B. P., Costa, M. E., & Menezes, I. (1993). A dimensão social da educação psicológica deliberada. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 9, 11-18.
- Carroll, P. (2010). Preparedness. In R. M. Arkin, K. C. Oleson, & P. J. Carroll (Eds.), *Handbook of the uncertain self* (pp. 266–290). New York: Psychology Press.
- Carroll, P., Sweeny, K., & Shepperd, J. A. (2006). Forsaking optimism. *Review of general Psychology*, 10, 56-73.
- Carver, C. & Scheier, M. (1998). *On the self-regulation of behavior*. New York: Cambridge University Press.
- Carver, C., Scheier, M., & Weintraub, J. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 267-283. doi: 10.1037/0022-3514.56.2.267
- Castells, M. (1998). *End of millennium*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Castells, M. (2010). *The power of identity*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Cavalli, A. (1995). Prolonging youth in Italy: “being in no hurry”. In A. Cavalli & O. Galland (Eds), *Youth in Europe* (pp. 1-6). London: Pinter.
- Cesario, J, Plaks, J. E., & Higgins, E. T. (2006). Automatic social behavior as motivated preparation to interact. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 893-910.
- Chaiken, S. (1980). Heuristic versus systemic information processing and the use of source versus message cues in persuasion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 752-766.
- Chartrand, T. L. & Bargh, J. A. (1996). Automatic activation of impression formation and memorization goals: Nonconscious goal priming reproduces effects of explicit task instructions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 464-478.
- Coimbra, J. L. (2005). Subjective perceptions of uncertainty and risk in contemporary societies: affective-educational implications. In I. Menezes, J. L. Coimbra, & B. P. Campos (Eds.), *The affective dimension of education: European perspectives*. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia.

- Coimbra, S. & Fontaine, A. M. (1999). Adaptação da escala de auto-eficácia generalizada percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1993). In *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (VI, pp. 1061-1069).
- Coimbra, S. & Mendonça, M. (2013). Intergenerational solidarity and satisfaction with life: Mediation effects with emerging adults. *Paidéia*, 23, 161-169. doi: 10.1590/1982-43272355201303
- Coimbra, S, Ribeiro, L., & Fontaine, A. M. (2013). Intergenerational solidarity in an ageing society: Sociodemographic determinants of intergenerational support to elderly parents. In Isabelle Albert & Dieter Ferring (Eds.), *Intergenerational relations: European perspectives on family and society* (205-222). Bristol: The Policy Press. doi:10.1332/policypress/9781447300984.003.0013
- Cook, T. D., & Furstenberg, F. F. (2002). Explaining the transition to adulthood: A multi-disciplinary, case study synthesis for Italy, Sweden, Germany, and the USA. *Annals of American Academy of Political and Social Science*, 580, 257–87. doi: 10.1177/000271620258000111
- Côté, J. (1996). Sociological perspectives on identity formation: the culture-identity link and identity capital. *Journal of Adolescence*, 19, 419-430. doi: 140971/96/050417+12/\$18.00/0
- Côté, J. (1997). An empirical test of the identity capital model. *Journal of Adolescence*, 20, 577-597. doi:10.1006/jado.1997.0111
- Côté, J. (2000). *Arrested adulthood*. New York: New York University Press.
- Côté, J. (2006). Emerging adulthood as an institutionalized moratorium: Risks and benefits to identity formation. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (85-116). Washington: American Psychological Association. doi: 10.1037/11381-004
- Côté, J. & Allahar, A. (1996). *A generation on hold. Coming of age in the late twentieth century*. New York: New York University Press.
- Côté, J. E., & Allahar, A. L. (2007). *Ivory tower blues: a university system in crisis*. Toronto: University of Toronto Press.
- Côté, J. & Bynner, J. (2008). Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada : The role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies*, 11, 251-268. doi: 10.1080/13676260801946464

- Côté, J. E. & Levine, C. G. (1997). Student motivations, learning environments, and human capital acquisition: Toward an integrated paradigm of student development. *Journal of College Student Development*, 38, 229-243.
- Côté, J. E. & Levine, C. G. (2002). *Identity formation, agency and culture: A social psychological synthesis*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Coupland, D. (1991). *Generation X: Tales for an accelerated culture*. London: Abacus.
- Cramer, P. (2007). Longitudinal study of defense mechanisms: Late childhood to late adolescence. *Journal of Personality*, 75, 1-23.
- Csikszentmihalyi, M. (1997). *Finding flow: The psychology of engagement with everyday life*. New York: Basic Books.
- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227-268.
- Dias, G., & Fontaine (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar psicológico dos jovens: Algumas implicações para o aconselhamento psicológico. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 103-114.
- du Bois-Reymond, M. (2009). Models of navigation and life management. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of youth and young adulthood: New perspectives and agendas* (pp. 31-38). London: Routledge.
- du Bois-Reymond, M. & Chisholm, L. (2006). *The modernization of youth transitions in Europe*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Dugas, M. J., Gagnon, F., Ladouceur, R., & Freeston, H. (1998). Generalized anxiety disorder: A preliminary test of a conceptual model. *Behaviour Research and Therapy*, 36, 215–226.
- Dugas, M. J., Gosselin, P., & Ladouceur, R. (2001). Intolerance of uncertainty and worry: Investigating specificity in a nonclinical sample. *Cognitive Therapy and Research*, 25, 551–558.
- Dugas, M. J., & Robichaud, M. (2007). *Cognitive– behavioral treatment for generalized anxiety disorder: From science to practice*. New York: Routledge.
- Dugas, M. J., Schwartz, A., & Francis, K. (2004). Intolerance of uncertainty, worry, and depression. *Cognitive Therapy and Research*, 28, 835–842.
- Durkheim, E. (1982). *The Rules of Sociological Method*. New York: The Free Press.

- Eccles, J. S., & Gootman, J. (Eds.) (2002). *Community Programs to Promote Youth Development*. Washington: National Academy Press.
- Eccles, J., Templeton, J., Barber, B., & Stone, M. (2003). Adolescence and Emerging adulthood: The critical passage ways to adulthood. In M. H. Bornstein, L. Davidson, C. L. Keyes, & K. A. Moore (Eds.), *Well-being: Positive development across the life course* (pp. 383-406). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity, youth and crisis*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1995). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Evans, K. & Furlong, A. (1997). Metaphors of youth transitions: niches, pathways, trajectories, and navigations. In J. Bynner, L. Chisholm, & A. Furlong (Eds.), *Youth, citizenship, and social change in a European context* (pp. 17-41). Aldersho: Ashgate.
- Evans, K. & Heinz, W. R. (1994). *Becoming adults in England and Germany*. London: Anglo-German Foundation.
- Fauske, H. (1996). Changing youth: Transition to adulthood in Norway. *Young*, 4, 47-62.
- Figueiredo, L. C. (2002). *A invenção do psicológico: Quatro séculos de subjectivação 1500-1900*. São Paulo: Escuta/ Educ.
- Folkman, S. (1997). Positive psychological states and coping with severe stress. *Social Science & Medicine*, 45, 1207-1221. doi: 10.1016/S0277-9536(97)00040-3
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2004). Coping: Pitfalls and coping. *Annual Review of Psychology*, 55, 745-774. doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.141456
- Fontaine, A. M. (2005). *Motivação em contexto escolar*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Fontaine, A. M., Andrade, C., Matias, M., Gato, J., Mendonça, M. (2006) Valeurs de jeunes couples à double emploi: comparaison interculturelle au sein de l'Europe. *Revue Internationale de l'Éducation Familiale*, 19, 31-51.
- Fredrickson, B. L. (2000). Extracting meaning from past affective experiences: The importance of peaks, ends, and specific emotions. *Cognition and Emotion*, 14, 577-606.
- Friedman, T. L. (2005). *The world is flat: a brief history of the twenty-first century*. New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Fromm, E. (1947). *Man for himself*. New York: Henry Hold.
- Fromm, E. (1983). *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.
- Furlong, A. & Cartmel, F. (1997). *Young people and social change: Individualization and risk in late modernity*. Buckingham: Open University Press.

- Furstenberg Jr., F., Rumbaut, R. & Settersten Jr. R. (2005). On the frontier of adulthood: Emerging themes and new directions. In R. Settersten Jr., F. Furstenberg Jr., & R. Rumbaut (Eds.), *On the frontier of adulthood: Theory, research and public policy* (pp. 3-25). Chicago: The University of Chicago Press. doi:10.7208/Chicago/9780226724.001.0001
- Gal, J. (2010). Is there an extended family of Mediterranean Welfare States?, *Journal of European Social Policy*, 20, 283–300. doi: 10.1177/0958928710374374
- Galland, O. (1995). Introduction: What is youth. In A. Cavalli & O. Galland (Eds), *Youth in Europe* (pp. 1-6). London: Pinter.
- Giddens, A. (1996). *Transformações da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Oeiras: Celta.
- Goldscheider, F. K., Thornton, A., & Young, L. (2001). Helping out the kids: Expectations about parental support in young adulthood. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 727-740. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00727.x
- Gollwitzer, P. M. (1999). Implementation intentions: Strong effects of simple plans. *American Psychologist*, 54, 493-503.
- Gollwitzer, P. M. & Kinney, R. F. (1989). Effects of deliberative and implemental mind-sets on illusions of control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 531-542.
- Graffar, M. (1956). Une méthode de classification d'échantillons de population. *Courrier*, 6, 455-459.
- Greenberg, A., Solomon, S., Pyszczynski, T., & Lyon, D. (1989). Evidence for terror management theory: The effects of mortality salience on reactions to those who violate or uphold cultural values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 681-690.
- Grolnick, W. S., Gurland, S. T., Jacob, K. F., & Decourcey, W. (2002). The development of self-determination in middle childhood and adolescence. In A. Wigfield & J. S. Eccles (Eds.), *Development of achievement motivation* (pp. 147-171). San Diego, CA: Academic Press. doi: 10.1016/B978-012750053-9/50008-5
- Grolnick, W. S., Ryan, R. M., & Deci, E. L. (1991). The inner resources for school achievement: Motivational mediators of children's perceptions of their parents. *Journal of Educational Psychology*, 83, 508-517.
- Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2005). Como tornar-se adulto: Processos de transição na modernidade avançada [How to become an adult: Transition processes in late modernity]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20, 157-212. doi 10.1590/S0102-69092005000200008

- Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2007). *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família* [Uncertain transitions: Youngsters in the face of work and the family]. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Heinz, W. (2009). Youth transitions in an age of uncertainty. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of youth and young adulthood: New perspectives and agendas* (pp. 3-13). London: Routledge.
- Hendry, L. & Kloep, M. (2007). Conceptualizing emerging adulthood: Inspecting the emperor's new clothes? *Child Development Perspectives*, 1, 74-79. doi: 10.1111/j.1750-8606.2007.00017.x
- Hendry & Kloep (2011a). A systemic approach to the transition to adulthood. In J.J. Arnett, L. Hendry, M. Kloep, & J. L. Tanner (Eds.), *Debating emerging adulthood: Stage or process?* (pp. 53-76). Oxford: Oxford University Press.
- Hendry & Kloep (2011b). Lifestyles in emerging adulthood: Who needs stages anyway?. In J.J. Arnett, L. Hendry, M. Kloep, & J. L. Tanner (Eds.), *Debating emerging adulthood: Stage or process?* (pp. 77-106). Oxford: Oxford University Press.
- Hendry, L. & Kloep, M. (2012). *Adolescence and adulthood: Transitions and transformations*. New York: Palgrave Macmillan.
- Hermann, A. D., Leonardelli, G. J., & Arkin, R. M. (2002). Self-doubt and self-esteem: A threat from within. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 395-408.
- Higgins, E. T. (1996). The "self-digest": Self-knowledge serving self-regulatory functions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 1062-1083.
- Hodson, G. & Sorrentino, R. M. (1997). Groupthink and uncertainty orientation: Personality differences in reactivity to the group situation. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 1, 144-155.
- Hodson, G. & Sorrentino, R. M. (2003). Uncertainty orientation in the group context: Categorization effects on persuasive message processing. *Journal of Social Psychology*, 143, 291-312.
- Holdsworth, C & Morgan, D. (2005). *Transitions in context*. Open University Press.
- House, J. S. (1977). The three faces of social psychology. *Sociometry*, 40, 161-177.
- Janoff-Bulman, R. (2004). Three exploratory models of traumatic growth. *Psychological Inquiry*, 15, 30-34.
- Jerusalem, M. & Mittag, W. (1995). Self-efficacy in stressful life transitions". In A. Bandura (Ed.), *Self-efficacy in Changing Societies* (pp. 177-201). New York: Cambridge University Press.

- Jerusalem, M., & Schwarzer, R. (1992). Self-efficacy as a resource factor in stress appraisal processes. In R. Schwarzer (Ed.), *Self-efficacy: Thought control of action* (pp. 195-213). Washington, DC: Hemisphere.
- Jones, E. E. & Gerrard, H. B. (1967). *Foundations of social psychology*. New York: John Wiley & Sons.
- Josselson, R. (1996): *Revising herself: The story of women's identity from college to midlife*. New York: Oxford University Press.
- Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N. (1999). *Well-being: The foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Foundation.
- Kasser, T. & Ryan, R. M. (1993). A dark side of the American dream: Correlates of financial success as a central life aspiration. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 410-422.
- Kegan, R. (1982). *The evolving self. Problem and process in human development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Keith, T. Z. (2006). *Multiple regression and beyond*. Toronto: Pearson.
- Kernis, M. H. (2005). Measuring self-esteem in context: The importance of stability of self-esteem in psychological functioning. *Journal of Personality*, 73, 1569-1605.
- Kirschenbaum, D. S. (1987). Self-regulatory failure: A review with clinical implications. *Clinical Psychology Review*, 7, 77-104.
- Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Klinger, E. (1975). Consequences of commitment to and disengagement from incentives. *Psychological Review*, 82, 1-25. doi: 10.1037/h0076171
- Koerner, N., & Dugas, M. J. (2008). An investigation of appraisals in individuals vulnerable to excessive worry: The role of intolerance of uncertainty. *Cognitive Therapy and Research*, 32, 619–638.
- Kohli, M. (1986). The world we forgot: a historical review of the life course. In V. W. Marshall (Ed.), *Later life. The social psychology of aging* (pp. 271-303). London: Sage.
- Kohli, M. (1999). Private and Public Transfers Between Generations: Linking the Family and the State. *European Societies*, 1, 81—104. doi: 10.1080/14616696.1999.10749926
- Kruger, J., Wirtz, D., & Miller, D. T. (2005). Counterfactual thinking and the first instinct fallacy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 725-735.
- Kugerberg, C. (1998). Imagens culturais dos jovens suecos acerca do início da vida adulta. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, 41-58.

- Kuhl, J. & Helle, P. (1986). Motivational and volitional determinants of depression: The degenerated-intention hypothesis. *Journal of Abnormal Psychology*, 95, 247-251.
- Landau, M. J., Greenberg, J., & Kosloff, S. (2010). Coping with life one certainty: A terror management approach on the existentially uncertain self. In R. M. Arkin, K. C. Oleson, & P. J. Carroll (Eds.), *Handbook of the uncertain self* (pp. 195–215). New York: Psychology Press.
- Langer, E. J. (1975). The illusion of control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 311-328.
- Lanz, M. & Tagliabue, S. (2007). Do I really need someone in order to become an adult? Romantic relationships during emerging adulthood in Italy. *Journal of Adolescent Research*, 22, 531-549. doi: 10.1177/0743558407306713
- Lareau, A. (1987). Social class differences in family-school relations. *Sociology of Education*, 60, 73-85.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.
- Leccardi, C. (2005). Facing uncertainty: Temporality and biographies in the new century. *Young: Nordic Journal of Youth Research*, 13, 123-146. doi: 10.1177/1103308805051317
- Leccardi, C. (2006). Facing uncertainty: Temporality and biographies in the new century. In C. Leccardi & E. Ruspini (Eds.), *A New Youth? Young people, generations and family Life*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited.
- Leme, V. B. R., Coimbra, S., Gato, J., Fontaine, A.M., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Confirmatory Factor Analysis of the Generalized Self-Efficacy Scale in Brazil and Portugal. *Spanish Journal of Psychology*, 16, 1-11. doi:10.1017/sjp.2013.93
- Lévi-Strauss, C. (1962). *La pensée sauvage*. Paris: Plon.
- Levy, R. (1996). Toward a theory of life course institutionalization. In A. Weymann & W. Heinz, *Society and Biography. Interrelationships between social structure, institutions and the life course* (83-108). Weinheim: Deutscher Studienverlag.
- Machado, F. & Costa, A. (1998). Processos de uma modernidade inacabada [Processes of an unfinished modernity]. In J. Viegas & A. Costa (Eds.), *Portugal, que modernidade?*. Oeiras: Celta.
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., Hoffman, J. M., West, S. G., & Sheets, V. (2002). A comparison of methods to test mediation and other intervening variable effects. *Psychological Methods*, 7, 83–104. doi: 10.1037/1082-989x.7.1.83

- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., & Williams, J. (2004). Confidence limits for the indirect effect: Distribution of the product and resampling methods. *Multivariate Behavioral Research*, 39, 99–128. doi: 10.1207/s15327906mbr3901_4
- Maddux, J. E., & Meier, L. J. (1995). Self-efficacy and depression. In J. E. Maddux (Ed.), *Self-efficacy, adaptation, and adjustment: Theory, research and application* (pp. 143-169). New York: Plenum. doi: 10.1007/978-1-4419-6868-5_5
- Mahoney, M. J. (1991). *Human change processes. The scientific foundations of psychotherapy*. New York: Basic Books.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 551-558. doi: 10.1037/h0023281
- Markus, H., Cross, S. E., & Wurf, E. (1990). The role of the self-system in competence. In R. J. Sternberg & J. Kolligan, Jr. (Eds.), *Competence considered* (pp. 205-226). New haven: Yale University Press.
- Marris, P. (1996). *The politics of uncertainty. Attachment in in private and public life*. London: Routledge.
- Mauratti, R., Martins, S. & Costa, A.F. (2004). Classes sociais numa perspectiva comparada. In *Actas do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia: Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção* (pp. 72-80). Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. Obtido de <http://www.aps.pt/?area=102&mid=005&idpub=PUB460d42061fd7a>
- Meichenbaum, D. (1985). *Stress inoculation training*. New York: Pergamon.
- Melucci, A. (1989). *Nomads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society*. Philadelphia: Temple University Press.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: Adaptação do questionário de marcadores da adultez junto de jovens Portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168.
- Mendonça & Fontaine (2013). Late nest leaving in Portugal: Its effects on individuation and parent-child relationships. *Emerging Adulthood*, 1, 233-244. doi: 2167696813481773.
- Menezes, I. (1999). *Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social*. Porto: Edições ASA.
- Metcalfe, J & Mischel, W. (1999). A two-system analysis of delay of gratification. *Psychological Review*, 106, 3-19.

- Mills, M. and H. P. Blossfeld (2005): Globalization, uncertainty and the early life course. A theoretical framework, in: H. P. Blossfeld, E. Klijzing, M. Mills and K. Kurz (Eds.), *Globalization, uncertainty and youth in society* (pp 1-24). London: Routledge.
- Mischel, W., Shoda, Y., & Peake, P. K. (1988). The nature of adolescent competencies predicted by preschool delay of gratification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 687-696.
- Moreno, A. (Ed.). (2013). Family well-being: European perspectives. *Social Indicators Research*, 49. doi: 10.1007/978-94-007-4354-0
- Neves, A. O. (2000). Valorização dos recursos humanos: desafios da educação e formação contínua. In *Educação, formação e trabalho: debate promovido pela Presidência da República* (119-127). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Ng, F. F., Kenney-Benson, G., & Pomerantz, E. M. (2004). Children's achievement moderates effects of mothers' use of control and autonomy support. *Child Development*, 75, 764-780. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00705.x
- Nico, M. (2010). Individualized housing careers in early adulthood: Conditions and constraints in a familistic society. *Sociological Research Online*, 15(1). Retrieved from <http://www.socresonline.org.uk/15/1/6.html>. doi: 10.5153/sro.2079
- Niemiec, C. P., Lynch, M. F., Vansteenkiste, M., Bernstein, J., Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2006). The antecedents and consequences of autonomous self-regulation for college: A self-determination theory perspective on socialization. *Journal of Adolescence*, 29, 761-775. doi: 10.1016/j.adolescence.2005.11.009
- Nolen-Hoeksema, S., Wolfson, A., Mumme, D., & Guskin, K. (1995). Helplessness in children of depressed and nondepressed mothers. *Developmental Psychology*, 31, 377-387. doi: 10.1037//0012-1649.31.3.377
- Oliveira, J. E. & Fontaine, A. M. (2012). Uncertainty management in the transition to adulthood. In E. Scabini & G. Rossi (Eds.), *Family transitions and families in transition, Studi Interdisciplinari sulla Famiglia*, 25 (pp. 111 – 124). Milano: Vita e Pensiero.
- Oliveira, J. E., Mendonça, M., Coimbra, & Fontaine, A. M. (in press). Family support in the transition to adulthood in Portugal. *Journal of Adolescence*.
- Oliveira, J. E. & Fontaine, A. M. (2014). *Uncertainty management in the transition to adulthood scale: Psychometric properties*. Manuscrito em preparação.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscoitos: Jovens, trabalho e futuro*. [Small chores and occupations: Young people, work and the future]. Porto: Âmbar.

- Pais, J. M. (2002). Laberintos de vida: Paro juvenil y rutas de salida (jóvenes portugueses) [Labyrinths of life: Youth unemployment and the way out (Portuguese youths)]. *Revista de Estudios de Juventud*, 56, 87-101.
- Peixoto, J. (1999). *A mobilidade internacional dos quadros: migrações internacionais, quadros e empresas transnacionais em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Penland, E., Masten, W., Zelhart, P., Fournet, G., & Callahan, T. (2000). Possible selves, depression, and coping skills in university students. *Journal of Personality and Individual Differences*, 29, 963-969. doi: 10.1016/s0191-8869(99)00247-0
- Piaget, J. (1952). *The origins of intelligence in children*. New York: International Universities Press.
- Polivy, J. & Hermann, P. C. (2002). If at first you don't succeed: False hopes of self-change. *American Psychologist*, 57, 677-689.
- Pomerantz, E. M., Grolnick, W. S., & Price, C. A. (2005). The role of parents in how children approach achievement: A dynamic process perspective. In A. Elliot and C. W. Dweck (Eds.), *Handbook of competence and motivation* (pp. 259-278). New York: Guilford Press.
- Pomerantz, E. M., & Ruble, D. N. (1998). The multidimensional nature of control: Implications for the development of sex differences in self-evaluation. In J. Heckhausen & C. S. Dweck (Eds.), *Motivation and self-regulation across the life-span* (pp. 159–184). New York: Cambridge University Press. doi: 10.1017/cbo9780511527869.008
- Pordata (2013a). Taxa de desemprego: Total e por nível de escolaridade completo [Unemployment rate: Total and by school level completed]. Retrieved from [http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+nivel+de+escolaridade+completo+\(percentagem\)-1009](http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+nivel+de+escolaridade+completo+(percentagem)-1009)
- Pordata (2013b). Taxa de desemprego: Total e por grupo etário [Unemployment rate: Total and by age group]. Retrieved from [http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+grupo+etario+\(percentagem\)-553](http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+grupo+etario+(percentagem)-553)
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior Research Methods*, 40, 879–891. doi: 10.3758/brm.40.3.879
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of American community*. New York: Simon & Shuster Paperbacks.

- Raffaelli, M., Lazarevic, V., Koller, S. H., Nsamenang, A. B. and Sharma, D. (2013). Introduction: special issue on adolescents in the majority world. *Journal of Research on Adolescence*, 23, 1–8. doi: 10.1111/jora.12000
- Reich, D. A. & Arkin, R. M. (2006). Self-doubt, attributions, and the perceived implicit theories of others. *Self and Identity*, 5, 89-109.
- Roberts, K. (1997). Structure and agency: The new youth research agenda. In J. Bynner, L. Chisholm & A. Furlong (Eds.), *Youth, citizenship and social change in a European context* (pp. 56-65). Aldershot: Ashgate.
- Roberts, W. A. (2002). Are animals stuck in time? *Psychological Bulletin*, 128, 473-489.
- Roese, N. J. (1997). Counterfactual thinking. *Psychological Bulletin*, 121, 133-148.
- Rosa, H. (2003). Social Acceleration: Ethical and Political Consequences of a Desynchronized High-Speed Society. *Constellations* 10(1), 3–33.
- Roth, G., Assor, A., Niemiec, C. P., Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2009). The emotional and academic consequences of parental conditional regard: Comparing conditional positive regard, conditional negative regard, and autonomy support as parenting practices. *Developmental Psychology*, 45, 1119–1142.
- Rothbaum, F., Weisz, J. R., & Snyder, S. S. (1982). Changing the world and changing the self: A two-process model of perceived control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, 5-37.
- Ryan, R. M. (1995). Psychological needs and the facilitation of integrative processes. *Journal of Personality*, 63, 397-427.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *American Psychologist*, 55, 68-78.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). To be happy or to be self-fulfilled: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2004). Autonomy is no illusion: Self-determination theory and the empirical study of authenticity, awareness, and will. In J. Greenberg, S. L. Koole, & T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of experimental existential psychology* (pp. 449-479). New York: Guilford Press.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2005). On assimilating identities to the self: A self-determination theory perspective on internalization and integrity within cultures. In M. Leary & J. P. Tangney (Eds.), *Handbook of self and identity* (pp. 253-272). New York: The Guilford Press.

- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2008). From ego-depletion to vitality: Theory and findings concerning the facilitation of energy available to the self. *Social and Personality Psychology Compass*, 2, 702-717. doi: 10.1111/j.1751-9004.2008.00098.x
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 6, 1069-1081.
- Ryff, C. D. & Keyes, C. L. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719-727. doi: 10.1037/0022-3514.69.4.719
- Santos, B. S. (2001). Os processos da globalização. In B. S. Santos (Ed.), *Globalização: fatalidade ou utopia?* (pp. 31-106). Porto: Afrontamento.
- Scabini, E., Marta, E. & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations: An intergenerational approach*. New York: Psychology Press. doi: 10.4324/9780203965221
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research - Online*, 8, 23-74. Retrieved from http://www.researchgate.net/publication/251060246_Evaluating_the_Fit_of_Structural_Equation_Models_Tests_of_Significance_and_Descriptive_Goodness-of-Fit_Measures
- Schmeichel, B. J. & Baumeister, R. F. (2004). Self-regulatory strength. In R. F. Baumeister & K. D. Vohs (Eds.), *Handbook of self-regulation: Research, theory and applications* (pp. 84-98). New York: The Guilford Press.
- Schwartz, B. (2000). Self-determination: The tyranny of freedom. *American Psychologist*, 55, 68-78.
- Schwartz, B. (2010). Be careful what you wish for: The dark side of freedom. In R. M. Arkin, K. C. Oleson, & P. J. Carroll (Eds.), *Handbook of the uncertain self* (pp. 62-77). New York: Psychology Press.
- Schwartz, S. (2001). The evolution of eriksonian and neo-eriksonian identity theory and research: A review and integration. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 1, 7-58.
- Schwartz, S. (2006). Predicting identity consolidation from self-construction, eudaimonistic self-discovery, and agentic personality. *Journal of Adolescence*, 29, 777-793. doi: 10.1016/j.adolescence.2005.11.008
- Schwartz, S., Côté, J. & Arnett, J. (2005). Identity and agency in emerging adulthood: Two developmental routes in the individualization process. *Youth and Society*, 37, 201-229. doi: 10.1177/0044118x05275965

- Schwarzer, R., & Jerusalem, M. (1995). Generalized self-efficacy scale. In J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, *Measures in health psychology: A user's portfolio. Causal and control beliefs* (pp. 35-37). Windsor: NFER-NELSON.
- Seligman, M. E. (1972). Learned helplessness. *Annual Review of Medicine*, 23, 407-412. doi: 10.1146/annurev.me.23.020172.002203
- Sennet, R. (1998). *A corrosão do carácter*. Lisboa: Terramar.
- Shanahan, M. J. (2000). Pathways to adulthood in changing societies: Variability and mechanisms in life course perspective. *Annual Review of Sociology*, 26, 667-692. doi: 10.1146/annurev.soc.26.1.667
- Sheldon, K. M. (1995). Creativity and self-determination in personality. *Creativity Research Journal*, 8, 25-36. doi: 10.1207/s15326934crj0801_3
- Sheldon, K. M., Ryan, R. M., & Reis, H. (1996). What makes for a good day? competence and autonomy in the day and in the person. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22, 1270-1279.
- Shrout, P. E., & Bolger, N. (2002). Mediation in experimental and nonexperimental studies: New procedures and recommendations. *Psychological Methods*, 7, 422-445. doi: 10.1037/1082-989x.7.4.422
- Sorrentino, R. M. & Hewitt, E. C. (1984). The uncertainty-reducing properties of achievement tasks revisited. *Journal of Personality and social Psychology*, 47, 884-899.
- Sorrentino, R. M. & Roney, C. R. (2000). *The uncertain mind: Individual differences in facing the unknown*. Philadelphia: Psychology Press.
- Sorrentino, R. M., Seligman, C., & Battista, M. E. (2007). Optimal distinctiveness, values and uncertainty orientation: Individual differences on perceptions of self and group identity. *Self and Identity*, 6, 322-339.
- Sorrentino, R. M., Short, J. C., & Raynor, J. G. (1984). Uncertainty orientation: Implications for affective and cognitive views of achievement behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 189-206.
- Sousa, F. (2007). O que é “ser adulto”: As práticas e representações sociais sobre o que é “ser adulto” na sociedade portuguesa. *Revista Moçambros* (1), 2. Retirado de <http://www.mocambras.org>
- Sousa, F. (2010). *O que é ser adulto. Sociologia da adultez*. Porto: Memória Imaterial.
- Suddendorf, T. & Corballis, M. C. (1997). Mental time travel and the evolution of the human mind. *Genetic, Social, and General Psychology Monographs*, 123, 133-167.

- Swann, W. B. Jr. & Ely, R. J. (1984). A battle of wills: Self-verification versus behavioral confirmation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 1287-1302.
- Swartz, T. & O'Brien, K. (2009). Intergenerational support during the transition to adulthood. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of youth and young adulthood: New perspectives and agendas*. London: Routledge.
- Szeto, A. C. & Sorrentino, R. M. (2010). Uncertainty orientation: myths, truths, and the interface of motivation and cognition. In R. M. Arkin, K. C. Oleson, & P. J. Carroll (Eds.), *Handbook of the uncertain self* (pp. 101–121). New York: Psychology Press.
- Tanner, J. L. (2006). Recentering during emerging adulthood: A critical turning point in life span human development. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America, coming of age in the 21st century* (pp. 21-56). Washington: American Psychological Association.
- Tanner, J. L. & Arnett, J. J. (2011). Presenting emerging adulthood: What makes it developmentally distinctive?. In J.J. Arnett, L. Hendry, M. Kloep, & J. L. Tanner (Eds.), *Debating emerging adulthood: Stage or process?* (pp. 13-30). Oxford: Oxford University Press.
- Taylor, S. (1991). Asymmetrical effects of positive and negative events: The mobilization-minimization hypothesis. *Psychological Bulletin*, 10, 67-85.
- Taylor-Gooby, P. & Zinn, J. (2006). Current directions in risk research: New developments in psychology and sociology. *Risk Analysis*, 2, 397-411.
- Trommershäuser, J., Landy, M. S., & Maloney, L. T. (2006). Humans rapidly estimate expected gain in movement planning. *Psychological Science*, 17, 981-988.
- Trope, Y. (1975). Seeking information about one's own ability as a determinant of choice among tasks. *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 1004-1013.
- Trope, Y. & Brickman, P. (1975). Difficulty in diagnosticity as determinants of choice among tasks. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31, 918-925.
- Tulving, E. (1983). *Elements of episodic memory*. Oxford: Clarendon Press.
- Van de Velde, C. (2008). *Devenir adulte. Sociologie comparée de la jeunesse en Europe*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Van den Bos, K. (2001). Uncertainty management: the influence of uncertainty salience on reactions to perceived procedural fairness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 931-941.

- Vogel, J. (2002). European welfare regimes and the transition to adulthood: A comparative and longitudinal perspective. *Social Indicators Research*, 59, 275-299. doi: 10.1023/a:1019627604669
- Waterman, A. S. (1993). Two conceptions of happiness: Contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 678-691.
- Weiner, B. (1972). *Theories of motivation: From mechanisms to cognition*. Chicago: Markham.
- Weis, L. (2004). *Class reunion: The remaking of the American white working class*. New York: Routledge.
- Weis, L. (2009). Social class, youth and young adulthood. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of youth and young adulthood: new perspectives and agendas* (49-57). London: Routledge.
- Weis, L., McCarthy, C., & Dimitriadis, G. (2006). *Ideology, curriculum and the new sociology of education*. New York: Routledge.
- White, L. (1994). Coresidence and leaving home: Young adults and their parents. *Annual Review of Sociology*, 20, 81-102. doi: 10.1146/annurev.soc.20.1.81
- Willis, P. (1977). *Learning to labour*. Farnborough: Saxon House.
- Wrosch, C., Miller, G. E., Scheier, M. F., & Brun de Pontet, S. (2007). Giving up on unattainable goals: Benefits for health? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33, 251-265.
- Zinn, J. (2008). Risk society and reflexive modernization. In J. Zinn (Ed.), *Social theories of risk and uncertainty: An introduction* (pp. 18-51). London: Wiley-Blackwell. doi: 10.1002/9781444301489.ch2
- Zinn, J. (2009). Heading into the unknown: Everyday strategies for managing risk and uncertainty. *Health, Risk & Society*, 5, 439-450. doi: 10.1080/13698570802380891

ANEXOS

Anexo A

**Questionário de recolha de dados para a primeira
fase do estudo psicométrico da Escala de Gestão da
Incerteza na Transição para a Vida Adulta (realização
da Análise Factorial Exploratória)**



Sexo: masculino ☐ feminino ☐

Idade:

Habilitações literárias:

Profissão/ ocupação:

Habilitações literárias do pai:

Profissão/ ocupação do pai:

Habilitações literárias da mãe:

Profissão/ ocupação da mãe:

Este questionário tem por objectivo conhecer as suas opiniões acerca de si próprio(a). Não se trata de um teste de avaliação, pelo que não existem respostas certas ou erradas. O que é importante é que responda com sinceridade a todas as questões.

O questionário é **anónimo**. As respostas serão apenas utilizadas para fins de investigação científica.

Leia com atenção cada uma das afirmações e as opções de resposta disponíveis. Depois, basta assinalar com um X a alternativa que melhor se adequa ao seu caso pessoal.

No final, verifique, por favor, se respondeu a todas as perguntas. A sua colaboração é da máxima importância para o prosseguimento do nosso estudo, pelo que desde já lhe agradecemos a sua colaboração!

Em maior ou menor grau, a incerteza faz parte das nossas vidas. As frases que se seguem referem-se a diferentes formas de lidar com ela. Indique até que ponto se identifica com cada uma das afirmações usando a escala seguinte.

1	2	3	4	5	6
Não tem nada a ver comigo	Pouco parecido comigo	Um bocadinho parecido comigo	Parecido comigo	Muito parecido comigo	Exactamente como eu

	1	2	3	4	5	6
1. Encaro o meu futuro como algo imprevisível.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Vou redefinindo os meus sonhos e objectivos em função das circunstâncias da vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Na hora de tomar as minhas decisões de vida, tenho em conta os meus valores e preferências.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Invisto na minha formação de forma a ter mais recursos para lidar com desafios futuros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sou flexível na minha forma de encarar o futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Raramente saio da minha rotina familiar de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Adapto-me às ofertas e oportunidades que me vão aparecendo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Procuro conselho dos meus amigos, quando tenho que tomar uma decisão importante para a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Procuro ir aumentando os meus conhecimentos e recursos de forma a tornar-me cada vez mais competitivo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	1	2	3	4	5	6
10. Procuro formas inovadoras e criativas para lidar com situações e desafios da vida.						
11. Procuro situações novas e desafiantes.						
12. Procuro depender apenas de mim para enfrentar os desafios que surgem.						
13. Vou aprendendo com a minha experiência, de forma a lidar mais eficazmente com novas situações de vida.						
14. Sou persistente na concretização dos meus objectivos de vida.						
15. Procuro ser o mais competitivo possível para obter sucesso na vida.						
16. Encaro o meu futuro como a altura onde poderei realizar os meus objectivos de vida.						
17. Sou selectivo relativamente às oportunidades que a vida me oferece.						
18. Só confio em mim.						
19. Estou atento ao que acontece aos outros e daí tiro lições para a minha própria vida.						
20. Dedico-me apenas àquilo que sinto ser seguro.						
21. Centro-me no presente e não penso muito no futuro.						
22. Não penso num grande projecto de vida e prefiro dedicar-me a diferentes projectos mais restritos que se vão sucedendo.						
23. Procuro aprender aquilo que é necessário para me aproximar do meu ideal de vida.						
24. Não tenho medo de amisar.						
25. Estabeleço prioridades de objectivos a atingir.						
26. Recorro a apoios externos (do Estado ou outras instituições) para enfrentar situações inesperadas.						
27. Procuro ir aprendendo sempre, pois a aprendizagem e o crescimento pessoal são para mim um objectivo de vida.						
28. Sou cauteloso.						
29. Não assumo compromissos de longo prazo dado que a realidade está a mudar constantemente.						
30. Mantenho vários projectos em aberto para o caso de algum deles falhar.						
31. Vivo um dia de cada vez.						
32. Relativizo os meus projectos e objectivos de vida.						
33. Aproveito as oportunidades que aparecem mesmo que estejam abaixo das minhas expectativas e das minhas capacidades.						
34. Uso a minha intuição de forma a encontrar soluções para os desafios com que me confronto.						
35. Baseio as minhas decisões de vida em princípios e valores sólidos.						
36. Apoio-me nas áreas da minha vida que me oferecem maior estabilidade.						
37. Nunca desisto de lutar pelos meus objectivos mesmo quando encontro obstáculos.						
38. Olho para o futuro como a altura onde poderei concretizar aquilo que é o meu ideal de vida.						
39. Envolve-me em vários projectos ao mesmo tempo.						
40. Recorro à ajuda da minha família para enfrentar os desafios que se me colocam neste momento da minha vida.						

	1	2	3	4	5	6
41. Procuro, pelo menos, garantir a minha subsistência.						
42. Adio os meus projectos de vida até que me sinta preparado para os pôr em prática.						
43. Por vezes, baixo o nível dos objectivos a atingir.						
44. Na vida, sigo o exemplo dos meus pais.						
45. Tento perceber quando devo desistir das coisas.						
46. Invisto no presente de forma a poder colher os frutos no futuro.						
47. Evito correr riscos.						
48. Adio as minhas grandes decisões de vida para uma altura em que as possa concretizar.						
49. Quando um projecto meu se revela irrealizável, parto rapidamente para outro.						
50. Procuro abrir-me à realidade (ex.: conhecer novos sítios, pessoas, actividades).						
51. Organizo muito bem o meu tempo.						
52. Procuro projectos alternativos quando os actuais se mostram difíceis de realizar.						
53. Focalizo a minha actuação na concretização dos meus objectivos de vida.						
54. Sou disciplinado em tudo o que faço de forma a cumprir os meus compromissos.						
55. Exploro diferentes estilos de vida.						
56. Compenso os fracassos com a procura de novos sucessos.						
57. Planifico cuidadosamente o que devo fazer para atingir os meus objectivos.						
58. Aposto somente em algo de que goste muito.						
59. Espero que oportunidades que correspondem aos meus gostos apareçam.						
60. Sigo os conselhos de pessoas mais velhas e experientes em quem tenho confiança.						
61. Acredito que, com o andar do tempo, vou conseguir realizar os meus objectivos.						
62. Procuro ter o maior controlo possível sobre a minha vida.						
63. Defino os meus objectivos a partir das oportunidades que me vão surgindo.						
64. Olho para aquilo que acontece a outros jovens para tirar lições para a minha própria vida.						
65. Invisto em projectos de vida que me transmitem um sentimento de segurança.						
66. Adio os meus projectos de vida até surgirem as circunstâncias adequadas para os concretizar.						
67. Não adianta aumentar os meus conhecimentos e recursos para enfrentar situações inesperadas.						
68. Procuro criar as minhas próprias oportunidades.						
69. Mantenho a minha liberdade de mudar de vida sempre que for pessoalmente conveniente.						
70. Para mim não existem decisões erradas pois todas as decisões conduzem a novas oportunidades.						
71. Acredito que, na minha vida, tudo se vai conjugar de forma a permitir a concretização dos meus objectivos.						

	1	2	3	4	5	6
72. Vou criando uma rede de relações que me possa ser útil na concretização dos meus objectivos.						
73. Deixo de lutar por certos objectivos quando sinto que não os vou conseguir atingir.						
74. Não faço planos para o futuro.						
75. Procuro ajuda na minha rede de relações.						
76. Estou aberto à novidade, pois a vida é feita de mudanças e acontecimentos inesperados.						
77. Evito assumir compromissos que limitem a minha liberdade de escolha.						
78. Na minha vida, tento aceitar tanto as coisas boas como as coisas más.						
79. Penso na forma de enfrentar situações novas e inesperadas apenas quando me confronto com elas.						
80. Experimento diferentes projectos alternativos.						
81. Obtenho o máximo de informação de forma a lidar melhor com situações de incerteza.						

Anexo B

Questionário de recolha de dados para os estudos empíricos II, III, IV e V do presente trabalho (análise diferencial e análises de pistas)



A situação dos jovens mudou muito nos últimos anos. Este estudo tem por objectivo conhecer a opinião destes mesmos jovens acerca de vários aspectos da sua vida.

Não se trata de um teste de avaliação, pelo que não existem respostas certas ou erradas. O que é importante é que responda com sinceridade a todas as questões.

As suas respostas serão apenas utilizadas para fins de investigação científica, sendo absolutamente garantida a sua confidencialidade.

Leia com atenção cada uma das afirmações e as opções de resposta disponíveis. Depois, basta assinalar com um X a(s) alternativa(s) que melhor se adequa(m) ao seu caso pessoal.

Em caso de engano na resposta a uma questão, pode riscar e assinalar a sua opção definitiva. Se surgirem dúvidas, não hesite em pedir ajuda a quem se encontra a administrar o questionário. No final, verifique, por favor, se respondeu a todas as perguntas. A sua colaboração é da máxima importância para o prosseguimento do nosso estudo, pelo que desde já lhe agradecemos a sua disponibilidade!

Vou descrever-lhe pessoas com diferentes características e vou pedir-lhe que me diga em que medida cada uma dessas pessoas é ou não parecida consigo.

Por favor indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações seguintes de acordo com a seguinte escala (circule ou marque com um X o número que corresponde à sua resposta).

1	2	3	4	5	6
Não tem nada a ver comigo	Nada parecido comigo	Um bocadinho parecido comigo	Parecido comigo	Muito parecido comigo	Exactamente como eu

		1	2	3	4	5	6
1	Uma pessoa que dá importância a ter novas ideias e ser criativo. Gosta de fazer as coisas à sua maneira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Uma pessoa para quem é importante ser rico. Quer ter muito dinheiro e coisas caras.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Uma pessoa que acha importante que todas as pessoas no mundo sejam tratadas igualmente. Acredita que todos devem ter as mesmas oportunidades na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Uma pessoa que dá muita importância a poder mostrar as suas capacidades. Quer que as pessoas admirem o que faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Uma pessoa que dá importância a viver num sítio onde se sinta seguro. Evita tudo o que possa pôr a sua segurança em risco.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Uma pessoa que gosta de surpresas e está sempre à procura de coisas novas para fazer. Acha que é importante fazer muitas coisas diferentes na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7	Uma pessoa que acha que as pessoas devem fazer o que lhes mandam. Acha que as pessoas devem cumprir sempre as regras mesmo quando ninguém está a ver.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Uma pessoa para quem é importante ouvir pessoas diferentes de si. Mesmo quando discorda de alguém continua a querer compreender essa pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Uma pessoa para quem é importante ser humilde e modesto. Tenta não chamar a atenção sobre si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Uma pessoa para quem é importante passar bons momentos. Gosta de tratar bem de si.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Uma pessoa para quem é importante tomar as suas próprias decisões sobre o que faz. Gosta de ser livre e não estar dependente dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Uma pessoa para quem é importante ajudar os que a rodeiam. Preocupa-se com o bem-estar dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Uma pessoa para quem é importante ter sucesso. Gosta de receber o reconhecimento dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Uma pessoa para quem é importante que o Governo garanta a sua segurança, contra todas as ameaças. Quer que o Estado seja forte, de modo a poder defender os cidadãos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Uma pessoa que procura a aventura e gosta de correr riscos. Quer ter uma vida emocionante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Uma pessoa para quem é importante portar-se sempre como deve ser. Evita fazer coisas que os outros digam que é errado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Uma pessoa para quem é importante que os outros lhe tenham respeito. Quer que as pessoas façam o que ela diz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Uma pessoa para quem é importante ser leal para com os amigos. Dedica-se às pessoas que lhe são próximas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Uma pessoa que acredita seriamente que as pessoas devem proteger a natureza. Proteger o ambiente é importante para ela.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Uma pessoa que dá importância à tradição. Faz tudo o que pode para agir de acordo com a sua religião e a sua família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Uma pessoa que procura aproveitar todas as oportunidades para se divertir. É importante para ela fazer coisas que lhe dão prazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Com quais das seguintes afirmações mais se identifica, de acordo com a seguinte escala de 1 a 6, em que:

1 = identifica-se totalmente com a afirmação do lado esquerdo;

6 = identifica-se totalmente com a afirmação do lado direito.

1	Normalmente sinto-me enormemente aborrecido.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Normalmente sinto-me entusiástico.
2	A vida para mim é sempre excitante.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	A vida para mim é uma rotina constante.

3	Na vida eu não tenho nenhum tipo de objectivo.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Na vida eu tenho objectivos muito claros.
4	A minha existência é totalmente sem sentido.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	A minha existência é plena de significado e de propósito.
5	Cada dia é constantemente novo e diferente.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Cada dia é sempre igual.
6	Na prossecução dos meus objectivos de vida, eu não fiz qualquer tipo de progresso.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Na prossecução dos meus objectivos de vida, eu progredi até à sua total realização.
7	A minha vida é vazia e feita de desespero.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	A minha vida corre ao sabor de coisas novas e excitantes.
8	Se soubesse que morria hoje, sentiria que a minha vida valeu a pena.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Se soubesse que morria hoje, sentiria que a minha vida não teve qualquer valor.
9	Eu sou uma pessoa muito irresponsável.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Eu sou uma pessoa muito responsável.
10	No que se refere ao suicídio, eu pensei nele seriamente como uma saída.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	No que se refere ao suicídio, eu nunca lhe dei muita atenção.
11	Confrontar-me com as minhas tarefas diárias é para mim uma fonte de prazer e satisfação.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Confrontar-me com as minhas tarefas diárias é para mim uma experiência dolorosa e aborrecida.
12	Eu não descobri qualquer missão ou propósito na vida.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Eu descobri objectivos claros e um sentido de vida satisfatório.
13	Sei que sou bom porque toda a gente me diz constantemente isso.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Quando as pessoas me elogiam eu por vezes sinto-me embaraçado.
14	Gosto de ser o centro das atenções.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Prefiro misturar-me com os outros.
15	Penso que sou uma pessoa especial.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Não sou nem melhor nem pior que a maioria das pessoas.
16	Gosto de ter autoridade sobre as outras pessoas.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Não me importo de seguir ordens.
17	Consigo manipular facilmente as pessoas.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Não gosto de sentir que estou a manipular outras pessoas.
18	Faço questão de exigir o respeito que me é devido.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Normalmente obtenho o respeito que mereço.
19	Estou pronto a exhibir-me sempre que tenho uma oportunidade.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Procuro não me exhibir.
20	Sei sempre o que estou a fazer.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Às vezes não estou seguro do que estou a fazer.
21	Toda a gente gosta de ouvir as minhas histórias.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Às vezes conto boas histórias.
22	Espero muito das outras pessoas.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Gosto de fazer coisas para outras pessoas.

23	Gosto mesmo de ser o centro das atenções.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Sinto-me desconfortável quando sou o centro das atenções.
24	As pessoas reconhecem sempre a minha autoridade.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Ter autoridade não me diz muito.
25	Vou ser um/a grande homem/ mulher.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Espero vir a ser bem sucedido.
26	Posso fazer com que as pessoas acreditem naquilo que eu quiser.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	As pessoas às vezes acreditam naquilo que eu lhes digo.
27	Tenho mais capacidades que as outras pessoas.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Posso aprender muitas coisas com as outras pessoas.
28	Sou uma pessoa extraordinária.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Sou parecido com qualquer outra pessoa.
29	Eu sinto sempre que sou eu a escolher as coisas que faço.	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Por vezes, sinto que não sou realmente eu a escolher as coisas que faço.
30	As minhas emoções, por vezes, parecem-me alheias a mim.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Identifico-me sempre com as minhas emoções.
31	Sinto que sou eu que escolho o que fazer.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Eu faço o que tenho que fazer mas sinto que não sou quem tem a escolha sobre o que faço.
32	Sinto que raramente sou eu mesmo.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Sinto que sou sempre eu próprio.
33	Eu faço as coisas que faço porque me interessam.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Eu faço o que faço porque me sinto na obrigação de o fazer.
34	Quando concretizo alguma coisa, frequentemente sinto que não fui realmente eu a fazê-lo.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Quando concretizo alguma coisa, sinto que fui realmente eu a fazê-la.
35	Tenho a liberdade para fazer qualquer coisa que decida fazer.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	O que eu faço não é frequentemente aquilo que eu escolheria fazer.
36	Por vezes sinto o meu corpo como algo que me é estranho.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Sinto-me sempre em sintonia com o meu corpo.
37	Sinto-me livre para fazer o que quer que eu escolha fazer.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Frequentemente faço coisas que não são escolhidas por mim.
38	Às vezes quando me olho ao espelho parece que estou a ver um estranho.	1 <input type="checkbox"/>	2 <input type="checkbox"/>	3 <input type="checkbox"/>	4 <input type="checkbox"/>	5 <input type="checkbox"/>	6 <input type="checkbox"/>	Sempre que me olho ao espelho tenho a sensação de me estar a ver a mim próprio.

Por favor indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações seguintes de acordo com a seguinte escala (circule ou marque com um X o número que corresponde à sua resposta).

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo bastante	Concordo totalmente

		1	2	3	4	5	6
1	Ser bem sucedido depende de trabalho árduo. Os golpes de sorte têm muito pouco ou nada a ver com o sucesso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Quando faço planos, tenho quase a certeza de que os consigo concretizar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Existe uma relação directa entre o meu estudo árduo e as notas que obtenho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Não acredito que a sorte tenha um papel importante na minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	O que me acontece é da minha responsabilidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	A maioria das pessoas que me conhece consideram que eu sou uma pessoa com que se pode contar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Para mim é fácil auto-controlar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Costumo fazer as coisas na euforia do momento.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Custa-me esperar para obter alguma coisa que quero.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	As pessoas podem contar comigo para terminar tudo o que tenha começado a fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Eu fico mais impaciente do que a maioria das pessoas quando tenho que esperar muito tempo pelo sinal de semáforo verde.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Gostava de ser menos impulsivo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Quando me confronto com uma situação difícil, desisto mais facilmente do que a maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Tenho tendência para fazer julgamentos apressados acerca das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Gosto de situações difíceis e desafiantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Frequentemente, digo e faço coisas sem parar para pensar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Tenho tendência para variar muito de humor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Os outros sabem que podem contar comigo em situações de crise.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Tenho dificuldade em resistir às tentações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Prefiro comprar alguma coisa imediatamente em vez de esperar para poupar dinheiro para comprar alguma coisa melhor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	A minha falta de auto-controle preocupa-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Tenho tendência para começar a fazer outra coisa antes de acabar a que estou a fazer no momento.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	A maioria das pessoas que eu conheço acham que eu sou impaciente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	Raramente me deixo descontrolar emocionalmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	Frequentemente tenho altos e baixos no meu estado de	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	humor.						
26	Tenho muita força de vontade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Tenho uma maior capacidade de concentração que a maioria das pessoas em situações que são propícias à distração.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	Os meus amigos acham que eu reajo com a cabeça quente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	Eu consigo aguentar melhor do que a maioria das pessoas com situações de desconforto físico.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30	Quando tenho alguma coisa a fazer, não me deixo distrair facilmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31	Eu tenho uma maior capacidade de resistência que a maioria das pessoas em situações de stress.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32	A política é uma coisa em relação à qual eu nunca posso ter muitas certezas porque as coisas mudam muito rapidamente. Mas penso que é importante saber qual é a minha posição e quais são as minhas crenças políticas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33	A fé de cada pessoa é algo de individual e único. Eu próprio tenho considerado e reconsiderado este assunto e sei aquilo em que posso acreditar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34	Depois de muito pensar já desenvolvi o meu ponto de vista relativamente ao meu estilo de vida ideal e não acredito que alguém o possa mudar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35	Demorou-me algum tempo a perceber mas agora eu sei ao certo o que quero fazer a nível profissional.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36	Eu reflecti acerca das minhas ideias políticas e apercebi-me que concordo com alguns aspectos das ideias políticas dos meus pais e discordo de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37	Atravessei um período em que reflecti acerca de questões relacionadas com a fé e posso agora dizer que sei bem aquilo em que acredito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38	Levou-me algum tempo a decidir mas agora já sei, com toda a segurança, que direcção pretendo seguir, em termos de carreira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39	Depois de muita reflexão, cheguei a uma conclusão definitiva acerca de como vai ser o meu estilo de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Seguem-se afirmações que podem caracterizar a relação que tem com os seus pais.

Indique em que medida concorda com as seguintes afirmações

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo bastante	Concordo totalmente

		1	2	3	4	5	6
1	Os meus pais parecem estar a par dos meus sentimentos acerca das coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Os meus pais têm tendência para me dizer como eu devo viver a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Os meus pais reservam tempo para falar comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4	Os meus pais aceitam-me e gostam de mim tal como eu sou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Os meus pais, sempre que possível, permitem que seja eu a escolher o que quero fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Os meus pais não pensam frequentemente em mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Os meus pais expressam claramente o seu amor por mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
		1	2	3	4	5	6
8	Os meus pais ouvem a minha opinião ou a minha forma de ver as coisas sempre que eu tenho um problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Os meus pais passam muito tempo comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Os meus pais fazem-me sentir uma pessoa muito especial.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Os meus pais permitem que eu tome decisões por mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Os meus pais parecem estar sempre demasiado ocupados para me dar atenção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Os meus pais manifestam frequentemente reprovação e falta de aceitação em relação a mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Os meus pais insistem que eu faça as coisas à maneira deles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Os meus pais não se envolvem muito na minha.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Os meus pais ficam, normalmente, felizes por me ver.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Os meus pais mostram-se, normalmente, dispostos a olhar para as coisas a partir do meu ponto de vista.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Os meus pais dedicam tempo e energia a ajudarem-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Os meus pais ajudam-me a escolher o meu próprio caminho na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Os meus pais parecem estar muito desiludidos comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Os meus pais não são muito sensíveis às minhas necessidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Por favor indique o seu grau de concordância com cada uma das afirmações seguintes de acordo com a seguinte escala (circule ou marque com um X o número que corresponde à sua resposta).

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo bastante	Concordo totalmente

		1	2	3	4	5	6
1	Gosto da maioria dos aspectos da minha personalidade (da minha maneira de ser).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Quando olho para o meu passado fico contente com os resultados conseguidos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Eu não sou daquelas pessoas que vagueiam sem rumo (orientação) pela vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	As exigências (obrigações) do dia-a-dia deixam-me, frequentemente, em baixo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Sinto-me desiludido(a), em vários aspectos, com o que consegui fazer na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6	Tem sido difícil e desencorajante para mim manter relações estreitas com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Vivo o meu dia-a-dia, sem pensar realmente no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Em geral, não me atrapalho com as situações que estou a viver.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Consigo cumprir bastante bem as obrigações/responsabilidades da minha vida diária.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Às vezes, tenho a impressão de ter feito tudo o que há a fazer na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Para mim, a vida tem sido uma aprendizagem, um crescimento e uma mudança contínuas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Penso que é importante ter novas experiências que ponham à prova a nossa maneira de ver o mundo e a nós próprios.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	As pessoas diriam que eu sou uma pessoa generosa, disposta a partilhar com os outros o seu tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Há muito que eu desisti de tentar melhorar ou fazer grandes mudanças na minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Costumo deixar-me influenciar por pessoas com opiniões muito firmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Não tenho tido muitas relações calorosas (amigáveis) e confiantes com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Tenho confiança nas minhas opiniões, mesmo quando são contrárias às da maioria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Julgo-me pelo que penso ser importante e não por aquilo que os outros acham ser importante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Aconteça o que acontecer, acredito que serei capaz de lidar com a situação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Por mais que me esforce, não consigo resolver a maioria dos meus problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Quando estou com dificuldades, não consigo pensar numa maneira de as ultrapassar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Graças às minhas capacidades, sei como reagir quando sou apanhado(a) de surpresa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	Se tentar o suficiente, consigo resolver mesmo os problemas mais difíceis.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	É fácil para mim manter os meus objectivos e atingir as minhas metas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	Mesmo quando alguém me faz frente, consigo arranjar uma maneira de conseguir aquilo que quero.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	Quando tenho algum problema, geralmente encontro várias soluções.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Não tenho a certeza se conseguiria lidar bem com um acontecimento que não estivesse à espera.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	Quando enfrento dificuldades, mantenho a calma porque acredito na minha capacidade para lidar com as situações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Quando nos confrontamos com situações de INCERTEZA, podemos reagir de variadas formas. Indique o seu grau de identificação com os seguintes comportamentos em situações de incerteza, de acordo com a escala seguinte:

1	2	3	4	5	6
Não tem nada a ver comigo	Nada parecido comigo	Um bocadinho parecido comigo	Parecido comigo	Muito parecido comigo	Exactamente como eu

		1	2	3	4	5	6
1	A incerteza impede-me de ter uma opinião forte.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Quando se sente incerteza isso significa que se é desorganizado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	A incerteza torna a vida intolerável.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	É injusto não ter garantias na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Não me consigo relaxar quando desconheço o que vai acontecer amanhã.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	A incerteza faz-me sentir pouco à vontade, ansioso e stressado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Os acontecimentos imprevistos perturbam-me muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Sinto-me frustrado quando não tenho toda a informação que preciso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	A incerteza impede-me de viver uma vida plena.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Devemos sempre estar de olho para evitar surpresas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Um pequeno acontecimento imprevisto pode estragar tudo, mesmo quando as coisas foram bem planeadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Na altura de agir a incerteza paralisa-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	O facto de eu sentir incerteza significa que eu não sou tão capaz como os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Quando sinto incerteza não consigo avançar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Quando sinto incerteza não consigo funcionar muito bem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Ao contrário de mim, os outros parecem saber o que querem das suas vidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	A incerteza torna-me vulnerável, infeliz ou triste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Preciso sempre saber o que o futuro me reserva.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Não suporto ser apanhado de surpresa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	A mais pequena dúvida impede-me de agir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Eu deveria ser capaz de organizar tudo com antecedência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Quando sinto incerteza isso significa que eu tenho falta de confiança.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	Sinto que é injusto haver pessoas que se sentem seguras quanto ao seu futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	A incerteza impede-me de dormir tranquilamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	Sinto necessidade de me afastar de todas as situações que me causam incerteza.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	As ambiguidades da vida causam-me stress.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Não suporto sentir-me indeciso quanto ao meu futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Na fase actual da sua vida, ao confrontar-se com situações ou períodos de INCERTEZA (quanto ao seu futuro, à sua profissão, ao domínio das relações, etc.) tende a adoptar os seguintes comportamentos? Responda de acordo com a seguinte escala:

1	2	3	4	5	6
Não tem nada a ver comigo	Nada parecido comigo	Um bocadinho parecido comigo	Parecido comigo	Muito parecido comigo	Exactamente como eu

		1	2	3	4	5	6
1	Envolver-me em vários projectos ao mesmo tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Organizo muito bem o meu tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Adio os meus projectos de vida até surgirem as circunstâncias adequadas para os concretizar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Vivo um dia de cada vez.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Acredito que, na minha vida, tudo se vai conjugar de forma a permitir a concretização dos meus objectivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Olho para aquilo que acontece a outros jovens para tirar lições para a minha própria vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Procuro situações novas e desafiantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Sou disciplinado em tudo o que faço de forma a cumprir os meus compromissos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	Adio os meus projectos de vida até que me sinta preparado para os pôr em prática.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	Centro-me no presente e não penso muito no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	Acredito que, com o andar do tempo, vou conseguir realizar os meus objectivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	Estou atento ao que acontece aos outros e daí tiro lições para a minha própria vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	Exploro diferentes estilos de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	Planifico cuidadosamente o que devo fazer para atingir os meus objectivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	Dedico-me apenas àquilo que sinto ser seguro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	Relativizo os meus projectos e objectivos de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	Olho para o futuro como a altura onde poderei concretizar aquilo que é o meu ideal de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	Sigo os conselhos de pessoas mais velhas e experientes em quem tenho confiança.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	Experimento diferentes projectos alternativos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	Focalizo a minha actuação na concretização dos meus objectivos de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	Deixo de lutar por certos objectivos quando sinto que não os vou conseguir atingir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	Não faço planos para o futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	Encaro o meu futuro como a altura onde poderei realizar os meus objectivos de vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	Procuro conselho dos meus amigos, quando tenho que tomar uma decisão importante para a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	Procuro formas inovadoras e criativas para lidar com situações e desafios da vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

26	Estabeleço prioridades de objectivos a atingir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	Mantenho vários projectos em aberto para o caso de algum deles falhar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	Não adianta aumentar os meus conhecimentos e recursos para enfrentar situações inesperadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	Não penso num grande projecto de vida e prefiro dedicar-me a diferentes projectos mais restritos que se vão sucedendo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30	Vou criando uma rede de relações que me possa ser útil na concretização dos meus objectivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31	Invisto no presente de forma a poder colher os frutos no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32	Aposto somente em algo de que goste muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33	Recorro à ajuda da minha família para enfrentar os desafios que se me colocam neste momento da minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34	Procuro ir aumentando os meus conhecimentos e recursos de forma a tornar-me cada vez mais competitivo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35	Adio as minhas grandes decisões de vida para uma altura em que as possa concretizar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36	Penso na forma de enfrentar situações novas e inesperadas apenas quando me confronto com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37	Espero que as oportunidades que correspondem aos meus gostos apareçam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38	Evito correr riscos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39	Procuro ajuda na minha rede de relações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Indique como se posiciona relativamente às seguintes afirmações:

1	2	3	4	5	6
Discordo totalmente	Discordo bastante	Discordo ligeiramente	Concordo ligeiramente	Concordo bastante	Concordo totalmente

		1	2	3	4	5	6
1	Eu considero-me um adulto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Sinto que sou reconhecido como um adulto pela minha família.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Sinto que sou reconhecido como um adulto pelos outros em geral.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Sinto-me (considero-me) uma pessoa completamente madura.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	Sinto que encontrei o meu lugar na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	Sinto que encontrei um estilo de vida com o qual me considero satisfeito e de acordo com o qual vou continuar a viver no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	Encontrei um local onde desejo continuar a viver no futuro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	Estabeleci relações com um conjunto de pessoas, as quais pretendo manter ao longo da vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Tendo em conta a sua experiência de vida no contexto do mundo actual, assinale qual o nível de incerteza que sente nos seguintes âmbitos da sua existência, de acordo com a seguinte escala:

1	2	3	4	5	6
Total certeza	Muita certeza	Alguma certeza	Alguma incerteza	Bastante incerteza	Total incerteza

		1	2	3	4	5	6
1	No âmbito da vida profissional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	No contexto das relações amorosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Em relação ao que quer fazer da sua vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Em relação ao futuro em geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Por favor responda relativamente aos seguintes aspectos da sua situação civil, residencial e financeira:

		Sim	Não
1	Vive em casa dos seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	É financeiramente independente dos seus pais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	É casado(a) ou vive conjugalmente com alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Tem filhos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Tem tido ajuda financeira da sua família, neste momento da sua vida, no que toca aos seguintes aspectos?

		Sim	Não
1	No pagamento dos estudos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	Na compra de casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	Na compra de outros bens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	Atribuindo uma ajuda financeira para as despesas mensais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

No que se refere à sua integração no mundo do trabalho...

		Sim	Não
1	Os seus pais ajudam-no(a), ajudaram-no(a) ou irão ajudar na procura de emprego e integração profissional?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se respondeu [sim] à pergunta anterior...

		Sim	Não
2	Pensa que esta ajuda será essencial e determinante na sua integração no mundo do trabalho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Sexo: masculino ☐ feminino ☐

Idade: _____

Habilitações literárias: _____

Profissão/ ocupação: _____

Habilitações literárias do pai: _____

Profissão/ ocupação do pai: _____

Habilitações literárias da mãe: _____

Profissão/ ocupação da mãe: _____

Obrigado pela sua participação no presente estudo.

Autor do estudo: José Egídio Oliveira

Contacto: Centro de Psicologia Diferencial, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Dr. Manuel Pereira da Silva, 4200-392 Porto. Tel. +351 226 079 700

Anexo C

**Versão final da Escala de Gestão da
Incerteza na Transição para a Vida Adulta**

Quadro 2. Composição final da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta, após a realização da AFC

Factor	Itens
Focalização	Focalizo a minha actuação na concretização dos meus objectivos de vida.
	Procuro ir aumentando os meus conhecimentos e recursos de forma a tornar-me cada vez mais competitivo.
	Invisto no presente de forma a poder colher os frutos no futuro.
	Sigo os conselhos de pessoas mais velhas e experientes em quem tenho confiança.
	Procuro ajuda na minha rede de relações.
	Estabeleço prioridades de objectivos a atingir.
	Recorro à ajuda da minha família para enfrentar os desafios que se me colocam neste momento da minha vida.
	Olho para aquilo que acontece a outros jovens para tirar lições para a minha própria vida.
	Acredito que, com o andar do tempo, vou conseguir realizar os meus objectivos.
Abertura	Mantenho vários projectos em aberto para o caso de algum deles falhar.
	Procuro situações novas e desafiantes.
	Envolve-me em vários projectos ao mesmo tempo.
	Procuro formas inovadoras e criativas para lidar com situações e desafios da vida.
	Exploro diferentes estilos de vida.
	Experimento diferentes projectos alternativos.
Adiamento	Adio as minhas grandes decisões de vida para uma altura em que as possa concretizar.
	Adio os meus projectos de vida até surgirem as circunstâncias adequadas para os concretizar.
	Adio os meus projectos de vida até que me sinta preparado para os pôr em prática.

Anexo D

Estudo qualitativo exploratório de apoio à construção da Escala de Gestão da Incerteza na Transição para a Vida Adulta e que serviu de base à seguinte publicação:

Oliveira, J. E. & Fontaine, A. M. (2012). Uncertainty management in the transition to adulthood. In Eugenia Scabini & Giovanna Rossi (Eds.), *Family transitions and families in transition* (pp. 111-124). Milano: Vita e Pensiero.

Authors:

*José Egídio Oliveira*⁶

*Anne Marie Fontaine*⁷

UNCERTAIN TRANSITIONS TO AN UNCERTAIN ADULthood AMONG
PORTUGUESE EMERGING ADULTS

⁶ Affiliation: Faculty of Psychology and Education – University of Porto, Portugal. E-mail address: egidiooliveira@gmail.com

⁷ Affiliation: Faculty of Psychology and Education – University of Porto, Portugal. e-mail address: fontaineam@hotmail.com

Abstract

Transition to adulthood, in Western late modern societies, has become, in the last few decades, increasingly more complex and prolonged. High levels of insecurity, uncertainty and a lack of social support have led to a continuous postponement of the entrance into full adulthood, giving rise to a new life phase (*emerging adulthood*) in which non-linear and discontinuous transition processes have become increasingly frequent.

In this contingent and uncertain environment, the path of transition to adulthood tends to become more individualized and dependent on the strategies used for uncertainty management. The present study aimed at capturing uncertainty management strategies used by emerging adults as they navigate their way into adulthood, as well as the common representations of adulthood. Results permitted to observe that these strategies heavily rely on family support and lead to the prevalence of short-term, present-focused and often disconnected goals. A phenomenon that may tend to influence the perception of adulthood as something illusive, difficult to attain or at least increasingly protracted in time.

Key words: transition to adulthood, emerging adulthood, uncertainty management, representations of adulthood

1. Introduction

During the last decades, transition pathways into adulthood have become more prolonged, complex and variable (Arnett, 2000, 2004, 2006; Furstenberg, Rumbaut & Settersten, 2005; Shanahan, 2000). Several economic and socio-cultural changes occurring in Western industrialized societies led to profound modifications in this transition process. About thirty years ago, the vast majority of young people began assuming adult roles and responsibilities both in the work and family spheres early in their third decade of life (between 20 and 24 years of age). Assumption of such roles was, then, a clear marker of transition to adulthood. During the last decades, this scenario has suffered a profound change as these transition markers have lost their normative force in delineating the frontier between adolescence and young adulthood (Heinz, 2009).

Western societies witnessed the transformation of a labor market once characterized by the existence of standard and stable employment positions into one featured by flexible work and precarious careers (Heinz, 2009; Pais, 2001, 2002). Such situation especially affects youngsters at the beginning of their working lives – a time when they are mostly offered what Douglas Coupland in his description of *generation X* calls *Mcjobs*, that is, “low-paid, low prestige, low dignity, low benefit, no future jobs in the service sector” (Coupland, 1991, p. 6). In the hope of enhancing their possibilities of obtaining more stable, better paid and high prestige working positions, these youngsters (and their families) opt for striving for higher education credentials. This fact has led to the exponential growth of higher education in post-industrial societies and to ever prolonged educational paths. The exponential growth of young people attending higher education as well as the volatility and uncertainty of the labor market led to a delay of about a decade in the attainment of stable working positions as well as in the assumption of conjugal and parental roles. As a consequence, for a growing proportion of the population, the third decade of life is now devoted to exploratory activities and experimentation pertinent to ensuing adult commitments. The task of constructing a viable adult identity, seen by Erikson (1994, 1995) as typical of adolescence, has begun to extend for a period of almost a decade more, devoted to identity exploration, that delays identity resolution for the equal

period. All these transformations led Arnett (2000) propose the birth of a new developmental phase framed between adolescence and young adulthood which he named emerging adulthood. A life phase devoted precisely to more focused identity explorations in the spheres of work, relationships and worldviews necessary to the construction of viable adult identities in the context of nowadays risk (Beck, 1992) or liquid (Bauman, 2001, 2007) societies. Whether emerging adulthood should be considered a developmental period or merely a result of the postponement of the assumption of adult responsibilities due to an unfavorable socioeconomic environment has been subject to debate. Arnett (2000, 2004, 2006), defending the former position, argues that this new phase has its own specificities and is different from both adolescence and young adulthood, and would be characterized by five main distinctive features: Identity exploration in the spheres of love and work, optimism, instability, heightened self-focus, and a sense of feeling in between adolescence and adulthood. Arguing for the latter position, Côté & Bynner (2008) prefer to interpret this delay in attaining a viable adult identity as a result of changing socioeconomic conditions that keep these youngsters on the threshold of adulthood, inducing a prolonged psychosocial *moratorium* (Côté, 2006). According to these authors, a further element that adds to the prolongation and complexification of the paths into adulthood is the individualization process (Bauman, 2001; Beck, 1992; Beck & Beck-Gernsheim, 2002; Côté, 1996, 2000; Côté & Bynner, 2008; Côté & Schwartz, 2002). In our late modern societies, the normative power of several social structures (e.g. gender, socioeconomic status, marriage) that used to influence and even determine individual lives has decreased during the last decades. In such a socio-cultural climate, individuals are required to engage in a choice biography, making the decisions that will affect the course of their lives on their own as well as taking personal responsibility for those decisions. Youngsters are thus required to “individualize” their life courses, a fact that will have an impact in the construction of their identities (Côté, 1996, 2000, 2006; Côté & Levine, 2002; Côté & Schwartz, 2002; Schwartz, 2001; Schwartz, Côté & Arnett, 2005). The preparation to make one’s own life decisions in a social context characterized by high levels of anomie, where most of the social institutions are proving incapable of providing a sense of structure and organization to the transition process, has to be preceded by a longer period of exploration for the attainment of a viable adult identity. Furthermore,

if, on the one hand, the process of individualization opens the range of possible paths and forms of transition to adulthood, on the other, it can also make the transition more difficult and problematic. Indeed, it requires the individual's ability to compensate, through the development and strategic use of personal resources, the lack of social and institutional support – a process that also contributes to the delay of full entrance into adulthood. Such resources are termed by Côté (1996, 1997, 2006) “Identity Capital” and can be differentiated into tangible and intangible: the first refer to more socially visible assets such as educational credentials, social capital and socioeconomic status, among others; the latter refer to psychological resources such as self-esteem, ego strength, purpose in life, an internal locus of control, etc. The development of *identity capital* would be an indicator that the youngster was on the track of a developmental individualization; whereas the absence of crucial identity capital elements would be an indication of a *default individualization* process.

In our view, the importance of these “navigational” resources (identity capital) is further enhanced by the presence of another factor that characterizes contemporary Western societies: a climate of uncertainty, risk and unpredictability (Bauman, 2001, 2007; Bonss & Zinn, 2003; Guerreiro & Abrantes, 2007; Heinz, 2009; Leccardi, 2005, Zinn, 2008). In fact, in late modern globalized societies, we seem to be witnessing heightened levels of uncertainty both at a personal and a social level (Bonss & Zinn, 2003; Zinn, 2008). The course of events and the results of personal and collective decisions tend to be increasingly unpredictable and often dependent on factors which are unknown at the time of the decision making process. In fact most times unexpected future events have a powerful influence in the final results of our initial decisions. This phenomenon produces a sense of uncontrollability over the results of one's actions and ultimately over one's personal life. In such a social climate, we hypothesize that the success of the process of transition to adulthood greatly depends on the strategies used for uncertainty management. These strategies will have an impact both on the development of the resources needed to overcome obstacles and seize opportunities (identity capital) and on the construction of viable adult identities.

In line with these considerations, the aim of the present study consisted of capturing the extent to which emerging adults experience uncertainty in their trajectories into adulthood, observe and

analyze the different strategies they use for uncertainty management as well as capture their representations of adulthood.

2. Method

2.1. Participants

Twenty young people participated in the study, 11 males and 9 females. Their age ranged between 18 and 30 years old. 8 of the participants had an education level below 12th grade and 12 were above the 12th grade.

2.2. Procedure

In order to accomplish the goals of the present study, a qualitative approach was used. Participants were administered a semi-structured interview in which they were asked the following questions:

1. In which phase of life are you now and how would you describe it?
2. What are your future projects? How are they evolving?
3. What are your expectations for your future life? Have they changed? If so, in what way?
4. What are your main sources of support? And how is that support being negotiated and deployed?
5. To what extent do you consider uncertainty to be a part of your life and how does it affect you?
6. How are you dealing with that uncertainty?
7. Do you consider yourself to be an adult? Why? Why not?

The interviews lasted between 40 and 80 minutes and were transcribed. Subsequently a content analysis using NVivo software was performed.

3. Results

3.1. Perception of uncertainty

Uncertainty appears as an inescapable dimension of young people's lives as they make their transition into full adulthood. Miguel, 25 years old, just finishing his engineering degree sums up his feelings of uncertainty towards the future: *"I have no idea how things will turn out in my life. I'm just finishing my college degree but I don't know if I'll find a job in my area of expertise. As far as projects of marrying, having children... all that seems to be so far away and uncertain... I guess it all depends on finding a stable professional position... but I don't know when that will happen"*. Maria, 27 years old, working as a Psychologist states that *"one can not be certain of anything. After finishing my degree I've been in and out of temporary jobs [...]... I wanted to be able to make plans for the future... but all that is impossible given the precariousness of my situation... we don't know what will happen nor when things will happen"*. The perception of uncertainty appears, thus, to be very vivid as the experience of uncertainty tends to be increasingly widespread in contemporary societies.

These consequences lead us to the question of uncertainty management: the strategies emerging adults use to manage different aspects of their lives in a context of uncertainty.

The content analysis of the interviews allowed us to group uncertainty management strategies in four major dimensions, each encompassing several sub-dimensions. The four major dimensions were: time, goals, opportunities, support. Each of these dimensions and their sub-dimensions will be analyzed in depth.

3.2. Uncertainty management strategies

3.2.1. Time management

Youngsters tend to associate time to speed. They perceive time as a life dimension moving with unprecedented speed in all life domains: whether in the world of work, relationships, technology, politics. Everything appears to be rapidly changing in a unpredictable fashion. As Pedro, 26 years old, holding a University degree in Marketing, states, *“nowadays everybody’s running, no one stops... everything’s moving too fast”*. This perception tends to induce a sense of uncontrollability as if the pace and path of one’s personal life depended on factors over which the individual has no power or control. As corollaries of this sense of unpredictability and uncontrollability, several uncertainty management strategies emerge as a way to handle biographical time.

3.2.1.1. Disjuncture between past, present and future

Youngsters are experiencing a loss of linearity or congruence between temporal dimensions of past, present and future. As for the past, in a period when life is experienced as a constant, unforeseeable, changing process, where most of present events seem unconnected to past ones, previous life experiences and competencies may be of no use in facing present or future challenges. Future is instead experienced as uncertain and distant: a time dimension to which all dreams and desires are being postponed. In such a context, the most salient temporal dimension is the present, usually experienced as enlarged and magnified. As Paulo, 25 years old, with a University degree in Languages states, *“I don’t think about the future... everything is being postponed until some financial or professional stability is achieved”*. André, 26 years old, with a University degree in Sociology, reinforces the same posture by saying that *“At this moment everything is being postponed. I’ll only start talking about them [conjugal and parental projects] the day I’ll have some stability... although stability nowadays is something that doesn’t exist... but at least to have a job in my area of expertise”*.

3.2.1.2. The phenomenological dimensions of wait/ emptiness and speed/ fullness

The perception of time as an enlarged present separated from a distant future tends to induce an experience of *wait* or even *emptiness*. *“It seems I’m waiting for something to happen in my life... for the necessary conditions to appear in order for me to achieve what I want to achieve”*. *It seems that my life is standing still... waiting for things to happen... yet there’s also a sense of pressure. Anyway, we already have too much pressure. If we add more pressure, things will become even more difficult”*, says José, a 24 year old student in engineering. This statement points to an uneasy wait: on the one hand, youngsters seem to feel the need to move on with their lives, achieve their goals; on the other hand, since they don’t feel they have the necessary environmental conditions (especially the professional opportunities) to do so, they feel like living an externally imposed pause till they are finally able to enter the world of adulthood.

Eventually, these experiences of wait are intertwined with experiences of speed/ fullness – life periods when youngsters are confronted with simultaneous life tasks or challenges. *“A while ago I had to plan my day carefully... I had the faculty, I had a job, I even created my own company, I had the dates with my girlfriend, I had my friends... but I managed to do all that”*, says Roberto, a 25 year old marketing graduate.

3.2.2. Management of Goals and Planning

Uncertainty about the future also influences the way youngsters approach and manage life goals. Instead of addressing these life goals in a linear manner where one step leads to the other, in a logic of progression throughout life, they only seem to be able to focus on “smaller”, more circumscribed goals and projects that often seem mutually disconnected. In present times the construction of a life’s *big* project seems to be out of reach. Such a goal seems to be so hard to achieve that many don’t even see any point in dwelling about it. Mário, a 25 years old married man with a 12th grade education, states, *“I’m not that kind of person [who thinks about what he wants to do or achieve in life]... I live day by day and I don’t like to think too much about the future because sometimes one only gets to be disappointed with that”*. Others address this issue in a rather broad and open manner: Maria, 26 years

old, with a degree in economics, says, *“[in five years time] my main ambition is to grow professionally... to have financial, professional and personal stability... to have stability, and, who knows, maybe to get married and have a child”*.

Others opt for improving their competencies in the hope of being better equipped to face life challenges, especially those posed by the labor market. This way they intermingle job and school experiences. João, 26 years old, decided to improve his level of education because, as he says, *“you have to learn new things [...]. I’m now returning to school... when I complete my secondary education, I’ll be able to apply for more interesting job opportunities”*.

At another level, in this uncertain climate, there are youngsters who tend to be more risk taking, while others opt for a more defensive strategy. Joana, 24 years old, just finishing her law degree, hopes for a future professional career characterized by security, preferring *“a job in the public administration because being a lawyer, for example, doesn’t grant you a secure income at the end of the month”*.

Pedro, a 27 years old marketing graduate, on the other hand shows a more risk taking attitude by saying: *“I would like to run my own business... I’ve never been afraid to take risks”*.

3.2.3. Opportunities

Dealing with opportunities is also a dimension of uncertainty management. The way youngsters confront life opportunities in various domains (e.g. work, education, relationships) can go from a passive attitude of waiting for the *right* or expected opportunities to appear to a more active approach encompassing deliberate exploration, entrepreneurship and social networking.

Sandra, 23 years old and an educational level of up to the 12th grade exemplifies an attitude that puts emphasis on external factors as determinants of one’s life path. She asserts that *“external factors influence everything. We direct things only up to a certain point. Then we need luck”*. Júlio, a 26 year old male with a marketing degree shows a certain degree of openness in this respect saying that *“You have to look for whatever opportunities are available out there... you can’t afford to be picky”*. Paulo, a 24 year old engineer points to another area or dimension of opportunity management, namely the

development of social capital through social networking. As he states, *“You have to know someone in the company in order to get a job”*.

3.2.4. Support

The major source of support for youngsters in this phase of their lives is the family. Support from the family seems to present a somewhat complex structure encompassing an overt dimension (composed of direct support, pressure and involvement) and a latent dimension (composed of the expectations the family has as to what the life path of the youngster ought to be).

Drawing on the components of the overt dimension of support, direct support seems the most prominent and takes a variety of forms stretching from financial to emotional support. Usually youngsters sum it all up in statements such as Silvia's, a 26 years old female with a degree in veterinary: *“My family... my parents are very important to me for all their support and caring”*. As aforementioned, the concept of support also conveys that of pressure as families try to push their offspring to meet their expectations. Miguel, a 24 years old male finishing his engineering degree states: *“I also feel some pressure, especially from my father... but not a negative one, for I know him and I know he means well”*. Finally, within the notion of support one usually finds a component of involvement which can stretch from a pole of non-involvement to a pole of extreme involvement (as perceived by the youngster). Manuel, a university student 25 years old male exemplifies the former by stating: *“My parents respect my space, my decisions... they usually don't get involved in my life”*. On the contrary, Lúcia, a 25 years old female who has just finished her psychology degree feels overwhelmed with her family's involvement in important aspects of her life. As she states, *“My parents think that the fact that I am unemployed is my own responsibility. They say that I shouldn't have opted for gaining a university degree in the first place. Had I made a different choice, they think, I would have already achieved a more stable professional and familial position by now. This way I'm still dependent on them, and I sense they are starting to feel that as a burden”*.

As said earlier, the analysis permitted to observe a more hidden or latent dimension of family support: the family's expectations as to what life decisions or life path youngsters should take. This dimension was classified as hidden or latent because it is not usually expressed. Yet, it seems to be ever present in the youngsters' mind. Families tend to have a life project they would like their youngsters to fulfill, a project that, up to the present moment, has been a major area of family investment (in the educational and professional fields etc.). So when the launching moment arrives, the family expects the youngster to put his/ her time and energy to the service of the life project the family has envisioned. In this respect, Joana, a 27 year old female with a degree in economics, says: *"My parents hope that I can finally settle in a stable job in my area of expertise [...] that's what I've studied for... and it was also what they aimed at in their effort to give me a university education"*.

3.3. Representations of adulthood

Independently of the gender and level of education of the interviewees, their representations of adulthood circle around the following themes: Autonomous decision making, assuming full responsibility for one's own life, financial independence, socio-psychological maturity, being conscious of adult responsibilities, departing from a life characterized by the absence of obligations towards others (e. g. employers) and centered on leisure activities, focusing on the future and on the life projects one wants to pursue.

Autonomous decision making. Fábria, a twenty six years old engineer living with her parents, states that she will only feel as a *"full adult"* when she attains *"total autonomy to manage all aspects of my life"*, when *"I'm the one to do everything that is necessary to survive"*. Manuel, a marketing graduate currently unemployed, says that he attained a sense of being adult when he felt the necessity to *"manage on my own, both financially and otherwise... without asking my parents for help"*. The interviewees tended to stress the need of a sense of full autonomy that must be present in all aspects

and dimensions of their lives. It is not enough for them to feel autonomous in some life dimensions. A feeling of being fully autonomous seems necessary for a perception of having reached full adulthood.

Assuming full responsibility for one's own life. The most stated criterion for reaching adulthood (mentioned by all interviewees) is the assumption of responsibility for one's own life. Fábio, a nineteen year old mathematics undergraduate says that *"I'll be adult when I'm fully responsible for myself"*. Raquel, a twenty one year old biology undergraduate, states that *"an adult has many responsibilities... I'm not there yet"*. On his turn, Mário, a 25 year old restaurant waiter with the ninth grade, says that he is on his way to *"assume more responsibilities... I'm buying a house... whether you want it or not you go on to a new landing where responsibilities and obligations increase"*. To be responsible for one's own life and to have responsibilities and obligations seems to be one of the most prominent criterion for reaching adulthood as it is present in the discourse of all interviewed, whether they felt they had already reached adulthood or not.

Financial independence. The attainment of financial independence was usually mentioned as the first sign of approaching the state of full adulthood. Isabel, a 24 year old actress, says that *"it all started to change when I started working... that made me a more conscious person with my feet on the ground... with less illusions. From then on, other things followed... leaving my parents home, buying a house..."*. Mário, the 25 year old restaurant waiter, states that *"the feeling of slowly becoming adult started a long time ago, when I was seventeen and started working... from then on, I started having my own money and I was no longer financially dependent on my parents. Work also made me change other things in my life... abdicating the night life, waking up early in the morning to go to work..."*. Pedro, a 25 year old engineering graduate, states that *"I don't see myself as adult right now... I will probably only feel that way when I get my first wage... only then I will feel financially autonomous"*.

Socio-psychological maturity. The attainment of "maturity" was also a criterion mentioned by several interviewees. Maria, a 21 year old restaurant waitress, says that *"being adult does not depend on age"*.

but on the mental maturity that you get from having gone through life experiences". Carla, a twenty two year old veterinary assistant, when justifying her perception of not being adult yet, states that *"when I look at my parents, I see they have all those responsibilities, they have a job, they have kids, they have maturity... something I think I don't have yet"*. Renato, a twenty five year old clerk, says *"when I started working, I started having my own money, to spend it the way I liked... I started making my own choices and feeling more independent"*. Financial independence, thus, seems to be at the root of autonomy and independence, the necessary condition for bringing about a sense of responsibility for one's life.

Being conscious of adult responsibilities and having a sense of efficacy towards adult roles. Becoming aware of the demands of adult life and feeling capable of facing those demands can contribute to the perception of being adult. Marco, a twenty six year old clerk, states that *"I feel I am an adult because I'm aware of what surrounds me, of what is expected of me... I'm fully conscious of what I do and why I do it, and I feel capable of facing the demands and difficulties that life will throw at me...I feel capable of making my own choices and leading my own life"*. For this young man, the awareness of his own adult life circumstances as well as a sense of preparedness to seize the opportunities and overcome the difficulties that his adult life may offer is sufficient to endow him with a sense of being adult.

Departing from a life characterized by the absence of adult responsibilities and obligations and centered on leisure activities. Mário, the 25 year old restaurant waiter, as mentioned earlier, states that the assumption of work responsibilities meant the abdication of a life style centered on leisure activities, especially connected to the night life. On his turn, Pedro, the 25 year old engineering graduate mentions that *"I'm not an adult yet... I'm still a kid in many respects... I still exaggerate in it comes to drinking, going out with friends, partying, enjoying the night life. I should be more mature by now when it comes to all this... I don't feel truly grown up... one day soon all this will have to come to an end... when I start devoting myself to work"*. Indulging systematically in leisure activities is thus

taken as a sign of not having yet reached full adulthood. This kind of behavior tends to be associated with the absence of adult responsibilities, as a sign of not having assumed adult roles in the work and relational spheres.

Focusing on the future and on the life projects one wants to pursue. Departing from a life solely focused on the present and starting to pursue goals that make part of one's life project tends to be taken as a sign of assuming responsibility for one's life and, thus, a sign of embracing the adult condition. As Carla, the twenty two year old veterinary assistant, points out "*I'll feel more of an adult when I seriously start thinking about the future and about the things I want to have, and achieve. I will feel more of an adult when I start seeing clearly what I want to do... like for instance, to build a family of my own... at this moment I'm still searching for what I want to do*". For this young woman, becoming adult means to switch from a *searching* or *exploring* mode to a *doing* and *achieving* mode.

4. Discussion

Uncertainty seems to be ubiquitous and a part of the current *Zeitgeist*. A pervading uncertainty that has profound consequences in several life dimensions: in the capacity to articulate past, present and future in a coherent biographical narrative; in the capacity to set goals and make long term plans; in the necessity to constantly review current life plans in light of contextual changes; in the paramount difficulties tied to the process of autonomy/ individuation; in the need to benefit from an ever prolonged family support, which may last well into the thirties.

First and foremost, youngsters tend to perceive an acceleration in the pace of time. In nowadays late modern societies events seem to occur at an unprecedented speed: technological acceleration and continual socioeconomic transformations tend to give a sense of an ever changing environment. Nothing seems to last long enough to solidify (Bauman, 2007) and transmit a sense of permanence. In order to stay tuned with this accelerated time pace, youngsters feel they have to be

continually striving to be updated and in line with current trends, always alert to take advantage of what is new and abandon what has just become obsolete.

As far as the biographical temporal dimension is concerned, uncertainty seems to curtail the ties between past, present and future. In order to manage the perceived uncertainty about the future, youngsters tend to focus solely on the present. The future is a temporal dimension over which they seem to have no control: it is a space of uncertainty and unpredictability that escapes any attempt of colonization by means of biographical projection. According to a metaphor by Melucci, youngsters assume the condition of “nomads of the present” (Melucci, 1989), ever exploring, living in an impermanent state without any future to confront themselves with (Leccardi, 2005). The decoupling between school and work as well as the precariousness of their work experiences do not allow them to derive a sense of temporal continuity: their lives tend to assume the form of a *bricolage* (Leccardi, 2005), a continual improvisation of tasks and performances without any underlying biographical project to extract meaning from.

Living in the present in the face of obstacles that make it difficult to develop an adult life project tends to induce the experience of await or even emptiness. Youngsters feel they have been preparing themselves (or are in a continual state of preparing themselves) for adult experiences in the field of work and family relationships in a context that fails to provide them with the necessary opportunities to put into practice such preparedness. Hence, all there seems to be available to them is the continuous postponement of life projects and the outstanding task of waiting for the long-dreamt opportunities to occur. Extending such an experience to the whole cohort, Côté (2000) spoke about a “generation on hold”, that is a generation who can hardly find a place within the community of adults. This is probably mostly due to obstacles in integrating into the labor market where job opportunities are scarce and characterized by extreme precariousness. This experience of wait and emptiness can be, eventually, contrasted by periods of fullness when youngsters feel submerged in a variety of tasks (e.g. simultaneously studying and working) that demand a careful time management, thus inducing a perception of speed.

Another domain of uncertainty management concerns setting goals and making plans. This aspect seems to be closely linked to the management of the temporal dimensions (especially the future) addressed above. Living in the present does not seem to allow for the construction of a “big” life project unfolding in a linear manner where successive steps are derived from past attainments in a logic of straightforward progression. Youngsters tend to feel stuck in a suspended present that only allows them to achieve “small”, and most times disconnected, projects. A disconnection that is evident in a twofold manner: not only there seems to be a lack of articulation between goals and projects in one life dimension (e.g. work), but also a lack of articulation or coherence between goals and plans from different life dimensions (e.g. work and family). This seems to be a situation that brings about a certain uneasiness since youngsters tend to manifest a need, a longing and a hope that, in a rather near future, the necessary prerequisites will be met in order to permit such a biographical articulation and coherence. In this respect, some may take a proactive management of their goals, actively exploring and investing in the fields of academic formation and work –enthusiastically preparing themselves, assuming risks and adopting an attitude of entrepreneurship. Others tend to adopt more passive attitudes, waiting for the “right” opportunities to appear. According to Côté (2000, 2006), the former would fall into a path of developmental individualization, while the latter would be more prone to adopt default individualization paths.

In close connection with the latter dimension, opportunity management may fall into one of the two above mentioned individualization routes. Either one plays an active role in searching or even creating life opportunities through the deployment of identity capital (e.g. human, social, etc.) or one assumes an attitude of passive dependency on external, environmental forces. Depending on the unequal distribution of assets and risks (Beck, 1992), the more resources one has the more he/she is able to control the risks he/she is exposed to. Youngsters possessing more resources (higher levels of identity capital) left them by their family (e.g. financial, human, cultural and social capital) find it easier to face the difficulties and obstacles embedded in the transition to adulthood if compared to youngsters coming from families with fewer means. Not taking into account this original socially created inequality could lead to a phenomenon of blaming the victim – precisely the less fortunate.

Last but not least, uncertainty management for these youngsters rests heavily on family support. As has been said when categorizing the several dimensions of support that can be manifested by the family, this kind of support assumes a somewhat complex nature and can take a variety of forms (e.g. financial, social, emotional). Yet, independently from all that complexity and variation, in the context of a Mediterranean transition model, family support of the transition process is of paramount importance since State support is almost absent. In fact, within the present model, transition to adulthood is considered as a family “joint developmental enterprise” (Lanz & Tagliabue, 2007; Scabini, Marta & Lanz, 2006). When striving to enter adulthood, youngsters need to draw on all the family resources available to them. The support (in the various forms of financial capital, social capital, cultural capital, etc.) they can derive from the family of origin can be a powerful determinant of the success of the transition process. This support is closely connected with the other dimensions of uncertainty management outlined above: time management, goals management and opportunities management. The more resources these youngsters have (family support being one of the most important), the more they are able to manage the temporal dimensions of life according to their medium or long term goals and to benefit from the best opportunities their socioeconomic environment has to offer. On the other hand, less family support generally translates into uncertainty management strategies more closely linked to a “presentification” of life where individuals can only set for themselves short term, survival goals in a context of poor, low prestige socioeconomic opportunities. In order to favor a successful transition process and enhance the chances of upward social mobility, families, in the last decades, have made a huge investment in their children’s human capital: parents have been striving to grant their children the opportunity to enter the higher education system. Their hopes, however, seem to have been somewhat frustrated since the possession of a university degree no longer guarantees the so longed for smooth integration in the world of work. What now seems to differentiate youngsters in this respect is the amount of social capital they inherited from their families of origin: the higher and more valuable this capital, the better the chances for the family to facilitate the youngster’s integration in high prestige, well paid jobs, which will in turn ease the process of attaining other life goals.

Concerning the representations of adulthood these youngsters hold, they seem to be in line with the more subjective criteria that have been proposed by Arnett (2000). They revolve around the issues of responsibility, autonomy, financial independence, socio-psychological maturity, awareness of adult roles and responsibilities and a sense of preparedness for their assumption, departing from the good leisurely life, focusing on future, self-fulfilling projects. Assuming total responsibility for one's own life appears to be strongest and most cited criteria. At a time when these youngsters seem to be in a position of not being able to assume full responsibility for their lives (either because they do not feel prepared or because they do not perceive that the necessary external conditions are not met), they tend to perceive this responsibility in absolute terms: total self-sufficiency in the management of all aspects of their lives. In the basis of this total self-sufficiency lays financial independence. Given the uncertainty and precariousness that characterizes today's labor markets, attaining financial independence for this segment of the population (with ages between 18 and 30) is far from an easy goal to achieve. Consequently, many youngsters remain dependent on their parents for a large proportion of the transition to adulthood period. Thus, it is not surprising that the basic uncertainty management strategy rests on parental support. Yet, as they strive for financial autonomy, other uncertainty management strategies must also come into play, namely the active management of goals according to the opportunity structure presented by the socio-economic environment. As this process unfolds, the more *distal* perception or representation of adulthood, composed of complete autonomy and responsibility, gives place to more *proximal* depictions of adulthood, more closely linked to the gradual development of the conditions and personal assets conducive to conquering ever larger proportions of autonomy and personal responsibility. This developmental process seems to entail the acquisition of the necessary tangible and intangible identity capital (Côté, 2000) needed to negotiate opportunities and obstacles inherent to the transition to adulthood process. The steady increment in socio-psychological maturity, the growing awareness of the contours of adult roles and responsibilities, and of a sense of self-efficacy to face them, as well as the dedication to working to the achievement of future life goals (all criteria for adulthood achievement, according to the participants

in this study) seem to be a testimony to the gradual increment in identity capital that is inherent to the process of transition to adulthood.

In conclusion, when the transition to adulthood takes place in a socioeconomic environment characterized by high levels of uncertainty and unpredictability all possible and available resources need to be used in order to negotiate opportunities and obstacles along the way. The family's amount of transferred tangible identity capital (e.g. financial, cultural, social) may constitute a powerful head start advantage that will facilitate the process of uncertainty management in this transitional period. Yet, at some point in the process, more dynamic approaches to uncertainty management must come into play in order to foster the development of the identity capital necessary to attain a position of autonomy and responsibility that profoundly characterizes the way emerging adults represent adulthood in present times. The uncertainty that nowadays permeates all dimensions of life tends to lend to the process of transition to adulthood an uncertain quality: An uncertainty that affects the modes and paths of transition as well as the time of reaching the adult condition. In this sense, we may say we are in the face of uncertain transitions to an uncertain adulthood.

References

- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: a theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480. doi: 10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging adulthood: the winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner, *Emerging adults in America: coming of age in the 21st century*. Washington: American Psychological Association.
- Bauman, Z. (2001). *The individualized society*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.

- Bauman, Z. (2007). *Liquid times: living in an age of uncertainty*. Cambridge: Polity Press.
- Beck, U. (1992). *Risk society: towards a new modernity*. London: Sage.
- Beck, U. & Beck-Gernsheim, E. (2002). *Individualization: institutionalized individualism and its social and political consequences*. London: Sage.
- Bonss, W. & Zinn, J. (2003). Ungewissheit in der Moderne: die Gestaltung des Lebens als Unsicherheitsmanagement. *Sozialwissenschaftliche Informationen*, 32, 2: 24-34.
- Côté, J. E. (1996). Sociological perspectives on identity formation: the culture-identity link and identity capital. *Journal of adolescence*, 19, 419-430. doi: 140971/96/050417+12/\$18.00/0
- Côté, J. (1997). An empirical test of the identity capital model. *Journal of Adolescence*, 20, 421-437.
- Côté, J. E. (2000). *Arrested adulthood*. New York: New York University Press.
- Côté, J. E. (2006). Emerging adulthood as an institutionalized moratorium: risks and benefits to identity formation. In J. J. Arnett & J. L. Tanner, *Emerging adults in America: coming of age in the 21st century*. Washington: American Psychological Association.
- Côté, J. & Bynner, J. (2008). Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada : the role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies*, 11, 251-268.
- Côté, J. E. & Levine, C. G. (2002). *Identity formation, agency and culture: a social psychological synthesis*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Côté, J., & Schwartz, S. (2002). Comparing psychological and sociological approaches to identity: identity status, identity capital, and the individualization process. *Journal of Adolescence*, 25, 571-586.
- Coupland, D. (1991). *Generation X: tales from an accelerated culture*. London: Abacus.
- Erikson, E. H. (1995). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1994). *Identity and the life cycle*. New York: Norton.
- Furlong, A. & Cartmel, F. (1997). *Young people and social change: individualization and risk in late modernity*. Buckingham: Open University Press.
- Furstenberg Jr., F., Rumbaut, R. & Settersten Jr. R. (2008). In the frontier of adulthood: emerging themes and new directions. In R. Settersten Jr., F. Furstenberg Jr. & R. Rumbaut (Eds.), *On*

- the frontier of adulthood: theory, research and public policy*. Chicago: The University of Chicago press.
- Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2007). *Transições incertas: os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Heinz, W. (2009). Youth transitions in an age of uncertainty. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of Youth and Young adulthood: new perspectives and agendas*. London: Routledge.
- Lanz, M. & Tagliabue, S. (2007). Do I really need someone in order to become an adult? Romantic relationships during emerging adulthood in Italy. *Journal of Adolescent Research*, 22 (5), 531-549.
- Leccardi, C. (2005). Facing uncertainty: temporality and biographies in the new century. *Young: Nordic Journal of Youth Research*, 13, 123-146.
- Melucci, A. (1989). *Nomads of the present: social movements and individual needs in contemporary society*. Philadelphia: Temple University Press.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar.
- Pais, J. M. (2002). Laberintos de vida: paro juvenil y rutas de salida (jóvenes portugueses). *Estudios de juventud*, 56, 87-101.
- Scabini, E., Marta, E. & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations: an intergenerational approach*. New York: Psychology Press.
- Shanahan, M. J. (2000). Pathways to adulthood in changing societies: Variability and mechanisms in life course perspective. *Annual Review of Sociology*, 26, 667-692.
- Schwartz, S. J. (2001). The evolution of Eriksonian and neo-Eriksonian identity theory and research: a review and integration. *Identity: an international journal of theory and research*, 1 (1), 7-58.
- Schwartz, S., Côté, J. & Arnett, J. (2005). Identity and agency in emerging adulthood: two developmental routes in the individualization process. *Youth and Society*, 37, 201-229.
- Zinn, J. (2008). Risk society and reflexive modernization. In J. Zinn (Ed.), *Social theories of risk and uncertainty: an introduction*. London: Wiley-Blackwell.

Anexo E

Artigo científico, suportado no estudo V do presente trabalho, em fase de publicação:

Oliveira, J. E. & Fontaine, A. M. (in press). Family Support in the Transition to Adulthood in Portugal - Its effects on Identity Capital Development, Uncertainty Management and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescence*.

Manuscript Number: JOA13-369R2

Title: Family Support in the Transition to Adulthood in Portugal - Its effects on Identity Capital Development, Uncertainty Management and Psychological Well-Being

Article Type: Special Issue: TransAduMediterranean-EARA

Keywords: Parental support; identity capital; uncertainty management; Psychological well-being

Corresponding Author: Mr. José Egídio Oliveira, M.D.

Corresponding Author's Institution: Faculty of Psychology and Education, Porto University

First Author: José E Oliveira, Master in Psychology

Order of Authors: José E Oliveira, Master in Psychology; Marina Mendonça, Master in Psychology; Susana Coimbra, PhD in Psychology; Anne Marie Fontaine, PhD in Psychology

Manuscript Region of Origin: PORTUGAL

Abstract: In a familistic southern European society such as the Portuguese, the family has historically played a prominent role in supporting the negotiation of transition pathways into adulthood. The present study aimed at capturing (1) the relative weight of parental financial support and autonomy support in contributing to the youngsters' psychological well-being (PWB), and (2) the mediating role of identity capital and uncertainty management in this relationship. A total of 620 participants completed measures of parental support, identity capital, uncertainty management and PWB. Autonomy support was found to be the strongest predictor of PWB, both directly and indirectly through its effects on identity capital and the use of target focused uncertainty management strategies. Conversely, financial support evidenced only a minor indirect impact through the mediation of tangible identity capital. Autonomy stimulation may constitute one of the most developmentally determinant family challenges in assisting the process of coming of age in Portugal.

Porto, July the 10th 2013

Dear Editor:

Enclosed for your consideration is the manuscript, entitled " Family Support in the Transition to Adulthood in Portugal – Its effects on Identity Capital Development, Uncertainty Management and Psychological Well-Being". Please accept it as a candidate for publication in the Journal of Adolescence.

We state that:

1. All authors of this research paper have directly participated in the planning, execution, or analysis of this study.
2. All authors of this paper have read and approved the final version submitted.
3. The contents of this manuscript have not been copyrighted or published previously.
4. The contents of this manuscript are not now under consideration for publication elsewhere.
5. The contents of this manuscript will not be copyrighted, submitted, or published elsewhere, while acceptance by the Journal is under consideration.

Sincerely yours,

Jose E. Oliveira

(egidiooliveira@gmail.com)

Once again, we first would like to thank the reviewers for the valuable commentaries that were made. Modifications were introduced in order to respond to the suggestions made. We hope to have clarified the points that had raised doubts as well as introduced all the necessary changes.

Reviewer #1, Reviewer #2 and the Editor:

1. Introduction of correlations between the mediators in the model.

Correlations were introduced between the mediators and the model was tested considering these correlations. Since the rationale permitted the prediction of these correlations, we introduced them in the hypothesized model and then tested them.

Reviewer #1 and the Editor:

2. Introduction of the significance of each path analyzed in the model.

The significance of each path is now indicated.

Reviewer #2 and the Editor:

3. Necessity for a more detailed theoretical explanation of the mediation hypotheses.

We hope to have provided a more clear theoretical explanation of the mediation hypotheses in pp. 11 and 12. We recognize that we are dealing with a complex mediation model and that the introduction of uncertainty management variables as mediators has an exploratory nature since it is the first time an attempt is made to relate these variables (uncertainty management strategies) with the others considered in the model. Essentially we tried to sum up, in a concise manner, the rationale for the consideration of identity capital and uncertainty management as mediators between parental support and PWB.

4. Use of latent and observed variables. The observed indicators of the latent variables.

The model has two observed variables (parental financial support and tangible identity capital – educational level) and 6 latent variables (parents' autonomy support, intangible identity capital, the three uncertainty management strategies and PWB). We hope to have made it more clear the distinction between both kinds of variables and presented the indicators of the latent variables. Distinction between the two kinds of variables is now indicated in a footnote to Fig.1. Since all variables are described in the method section, where the CFAs are fully presented, we felt it was unnecessary to further elaborate on the constitution of the latent variables, namely, to indicate the observed variables that constitute them, since, as we are saying, this information can be found in the method section. However, if you feel it is necessary to do so, please let us know.

5. The paths between variables in Fig. 2.

The paths between variables, both significant and non-significant, all appear in Fig. 2. Dotted lines, with the same layout, represent non-significant paths.

The Editor:

6. Text and numbers in Fig. 2 a bit larger to increase readability.

This alteration was introduced in Figs. 1 and 2.

7. APA 6 style and layout.

Style and layout was revised with special attention to references.

However the doi for the following articles could not be found despite our efforts:

Bonss, W. & Zinn, J. (2003). Ungewissheit in der Moderne: Die Gestaltung des Lebens als Unsicherheitsmanagement [Uncertainty in late modernity: The shaping of life as uncertainty management]. *Sozialwissenschaftliche Informationen*, 32, 24-34.

Dias, G., & XXXXXXXX (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar psicológico dos jovens: Algumas implicações para o aconselhamento psicológico [Developmental tasks and young people's well-being: Some implications for psychological counseling]. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 103-114.

Pais, J. M. (2002). Laberintos de vida: Paro juvenil y rutas de salida (jóvenes portugueses) [Labyrinths of life: Youth unemployment and the way out (Portuguese youths)]. *Revista de Estudios de Juventud*, 56, 87-101.

Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research - Online*, 8, 23-74. Retrieved from http://www.researchgate.net/publication/251060246_Evaluating_the_Fit_of_Structural_Equation_Models_Tests_of_Significance_and_Descriptive_Goodness-of-Fit_Measures

We hope we have introduced all suggested alterations and clarified some aspects that raised doubt in the previous version. Please let us know if you feel some more aspects of the paper are in need of further clarification/ modification.

Once more we thank you all for all the valuable suggestions.

The authors.

Running Head: FAMILY SUPPORT IN THE TRANSITION TO
ADULTHOOD IN PORTUGAL

Family Support in the Transition to Adulthood in Portugal – Its effects on Identity
Capital Development, Uncertainty Management and Psychological Well-Being

José Egídio Oliveira

Faculty of Psychology and Education, Porto University, Portugal

Marina Mendonça

Faculty of Psychology and Education, Porto University, Portugal

Susana Coimbra

Faculty of Psychology and Education, Porto University, Portugal

Anne Marie Fontaine

Faculty of Psychology and Education, Porto University, Portugal

Correspondence concerning this article should be addressed to José Egídio Oliveira :

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Rua Alfredo Allen 4200-135 Porto Portugal

The Transition to Adulthood in Portugal

In the last decades, the process of transition to adulthood has suffered profound changes in Portugal, converging to the patterns of other western societies (e.g., longer educational paths, delay in the assumption of conjugal and parental roles). Nevertheless, due to structural frailties - “unfinished modernization” (Machado & Costa, 1998) - and cultural factors (e.g., the prevalence of familistic values), coming of age in Portugal presents specificities, especially shared by other Southern European countries. It generally implies a prolonged co-residence with parents, late transitions to a conjugal union (Billari, 2004) and parenthood. Thus, when compared to other European regions, the Southern pattern has been distinguished by its greater extension and reliance on family solidarity. It is characterized by a phase of explorations and micro-transitions inside the parental home, followed by a phase of greater commitments and macro-transitions outside the parental home (Guerreiro & Abrantes, 2007; Scabini, Marta & Lanz, 2006).

The extension of time in education is a key factor for understanding changes in the transition to adulthood in Portugal. Since the end of the political dictatorship in April 1974, compulsory education gradually passed from four to twelve years. Simultaneously, higher education was subject to a certain degree of massification.

Taking into account the gross schooling rate in Portugal as far as higher education is concerned, figures show that there has been an increase from 10,7% in 1980 to 54,6% in 2012 (Pordata, 2014). Investing in the child’s higher education has been a strategy used

by Portuguese families to attain social mobility, which led to significant transformations in the lifestyles of young Portuguese (Guerreiro & Abrantes, 2005; 2007; Pais, 2001, 2002). Hence, going to university not only has delayed young people's transition to adulthood but has also contributed to the emergence of "choice biographies", consubstantiating an increasing individualization and de-standardization of the life course (e.g., Guerreiro & Abrantes, 2005, 2007; Pais, 2001; Shanahan, 2000). However, this investment in education and in training programs has not been followed by an easy transition into the labour market. In recent years, unemployment rates (presently 37,7% for young people up to 25 years) and low-paid precarious work contracts increased sharply (Pordata, 2013a), independently of young people's educational credentials. Yet, and despite this phenomenon, youngsters that go through higher education seem to be slightly better positioned to negotiate a more favourable transition into the labour market. In fact, statistical figures show that the overall unemployment rate (regardless of age of the individual) for those who have maximum educational credentials at the level of secondary education reaches 17,2%, as compared to 12,9% for those who have taken an University degree (Pordata, 2013b).

Thus, many young Portuguese circulate in a "gray area" of "floating occupations" (Guerreiro & Abrantes, 2005, 2007). School to work linear transitions have given rise to "yo-yo" trajectories (Biggart & Walther, 2006; Pais, 2002) where periods of precarious employment intercalate with periods of unemployment and eventual return to educational training.

In a country with weak welfare policies (characteristic of southern European states), it is the family who assumes the major financial responsibility of their adult children – "family welfare regimes" (Vogel, 2002). Thus, for many young Portuguese the dependence on family financial support has turned into a "destiny" due to the

impossibility of alternative options, even when they have initiated their professional life (Mauratti, Martins & Costa, 2004). Beyond the scarcity of public-financed services, the importance of the family in Portugal is reinforced by its Catholic heritage and communalistic ethic, which leads to intense family ties and responsibilities (Gal, 2010; Van de Velde, 2008; Moreno, 2013). In this way, the transition to adulthood tends to be perceived as a “joint developmental enterprise” (e.g., Scabini, Marta & Lanz, 2006) – as it usually occurs under “parental roof” or depends on its resources. Thus, parents still perform an influential role in defining the “right time” and the “right way” to move into adult roles (Holdsworth & Morgan, 2005; XXXXXXXX & XXXXXXXX, 2013; Nico, 2010; Scabini, et al., 2006)

Managing the Transition

As the range of possible paths to adulthood extends, this transition process becomes more open, complex and uncertain (e.g., Arnett, 2000, 2004, 2006; Côté, 2000, 2006; du Bois Reymond, 2009; du Bois Reymond & Chisholm, 2006; Furlong & Cartmel, 1997; Fustenberg, Rumbaut & Settersten, 2008; Heinz, 2009; Hendry & Kloep, 2007, 2012; Leccardi, 2005, 2006). In the absence of social norms that universally define the steps that are to be taken in the path to adulthood, a successful transition that fosters a sense of self-fulfillment and well-being requires the youngster to develop a repertoire of personal resources to compensate for the lack of external social structure (Côté, 2000; Côté & Allahar, 1994). The development of such a repertoire, in the context of Southern European countries, such as Portugal, is expected to depend on family support (Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O’Brian, 2009). What remains to be studied is how these personal resources and family support translate into navigational strategies. Since transition paths are weaved in a context of uncertainty that

permeates all dimensions of young people's lives, we hypothesize that these navigational strategies greatly depend on the use of uncertainty management strategies. The main aim of the present study is precisely to address how family support and personal resources influence uncertainty management strategies used by these youngsters as they navigate into adulthood, and how the use of those strategies impact on their psychological well-being.

Personal resources, uncertainty management strategies and the family support that may foster and sustain them will be briefly described in the following sections.

Family support

Family support can be conceptualized as being more instrumental or psychological in nature. Instrumental support would encompass visible socio-economic assistance that could take the form of financial assistance, or the advantages that could be derived from the family's human, social, economic and cultural capital inherent to its socioeconomic status. On its turn, family psychological support, in this phase of young people's lives, would encompass aspects such as autonomy support, understanding and accepting the youngsters' life circumstances.

Regarding the more socially visible or instrumental family support, research on families in Europe shows that financial support permits youngsters to take the risks associated to a more exploratory and experimental phase in their lives, and to profit from more options, since it functions as a shield against young people's economic instability (e.g., Brannen, 2006; Cook & Furstenberg, 2002; Kohli, 1999; Lanz & Tagliabue, 2007; Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009). In fact, research on European families shows that a substantial proportion of young adults receive financial support from their parents (e.g., Brannen, 2006; Kohli, 1999). On the

one hand, given the growing extension of the transition to adulthood life phase and its more unstructured nature, youngsters nowadays seem to require more material support as compared to previous generations; on the other hand, their parents have more resources to share and use in the support of the transition process due to their upward social mobility after the Second World War (Brannen, Moss, & Mooney, 2004).

However, the substantial aid parents are providing to the process of coming of age of their children differs across European countries. The different amount of family material support provided usually comes associated to cultural specificities as well as to the amount of State support concerning education, training, employment and housing (Cook & Furstenberg, 2002). Parental material support has proved to have positive long-term effects on well-being by strengthening the feelings of solidarity and cohesion within the family (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002). Yet, such continued and substantial material support may also constitute an obstacle for the attainment of a sense of autonomy and self-reliance.

As for the psychological aspects of parental support, research has consistently shown that autonomy-supportive parents, by giving the necessary space for children to have the experience of solving problems on their own, lead them to approach achievement positively by promoting initiative (e.g., Grolnick, Gurland, Jacob & DeCoursey, 2002; Pomerantz, Grolnick, & Price, 2005; Pomerantz & Ruble, 1998) and feelings of competence (e.g., Ng, Kenney-Benson, & Pomerantz, 2004; Nolen-Hoeksema, Wolfson, Mumme, & Guskin, 1995; Pomerantz, Grolnick, & Price, 2005; Pomerantz & Ruble, 1998). The beneficial effects of parents' autonomy support are pervasive across the life-span (Pomerantz et al., 2005) and, in particular during the period of coming of age, are associated with greater vitality and self-actualization (e.g., Niemiec, Lynch, Vansteenkiste, Bernstein, Deci, & Ryan, 2006).

Personal resources

An approach to personal resources needed in this life phase comes from identity capital theory (e.g. Côté, 2000; Côté & Allahar, 1994; Côté & Bynner, 2008; Côté & Levine, 2002; Schwartz, Côté & Arnett, 2005). This theory asserts that a successful transition to adulthood requires the young people's development of identity capital: a repertoire of agentic resources, more tangible or intangible in nature that will foster a sense of identity, coherent and flexible enough to enable the making of meaningful and effective life decisions.

As far as tangible identity capital is concerned, it will be here operationalized as academic credentials, differentiating those who pursue higher education from those who do not. In fact, as was said earlier, this is a crucial aspect that distinguishes transition to adulthood trajectories as well as the timing of entrance into adulthood by framing, in terms of timing and process, the school to work transition (Eccles, Templeton, Barber, & Stone, 2003). In a job market that is extremely competitive and demanding with respect to highly developed and differentiated knowledge and skills, the possession of higher education credentials can be a differentiating factor in attaining better job opportunities in a context where these are scarce (Eccles et al., 2003). In this way, it can also offer a higher degree of protection against the risks of unemployment in this life phase by promoting a quicker and more favorable integration into the labor market by means of access to better paid work positions (Eccles et al., 2003), **despite the increasing precariousness of available jobs to which we have earlier alluded.**

With respect to intangible identity capital, its operationalization has been implemented throughout the last two decades by the use of a composite measure that integrates specific measures of self-esteem, purpose in life, ego strength, and internal

locus of control (e.g., Côté, 1997; Schwartz, 2006; Schwartz, Côté & Arnett, 2005). In the present study, the operationalization of the youngsters' sense of agency was obtained by the use of purpose in life, self-determination and general self-efficacy.

Purpose in life is used in Côté's empirical operationalization of the identity capital model (Côté, 1997) and points to an internal sense of personal significance and existential meaning inherent to the person's biographical choices and actions. Self-determination and general self-efficacy are relevant self-regulatory assets. Self-determination can be seen as the driving force behind the construction of a life course based on personally meaningful and deliberate consideration of options and opportunities (e.g., Ryan & Deci, 2004, 2008). The developmental gains derived from a self-determined life have a positive effect on well-being, understood both from a "hedonic" (Kahneman, Diener, & Schwartz, 1999) and an "eudaimonic" perspective (Ryan & Deci, 2004, 2008). General self-efficacy assures a sense of optimism and self-confidence (Jerusalem & Schwarzer, 1992) that one is able to cope with the challenges and obstacles inherent to a life's transition process. Self-efficacy beliefs and an autonomous self-regulation will strongly affect the sense of personal well-being and adjustment by giving a sense of control over one's environment, thoughts and feelings. This will translate in lower risks of depression (e.g., Bandura, 1997; Maddux & Meier, 1995), dysfunctional anxiety and avoidant behavior in the face of threatening situations (Bandura, 1997).

Uncertainty management

Life management in the transition to adulthood, in a context of uncertainty may tend to be synonymous with uncertainty management (Bonss & Zinn, 2003; Zinn, 2008). The uncertainty management strategies youngsters are to develop in order to

cope with present challenges will have an impact on the capacity to overcome obstacles and seize opportunities for the construction of adult identities.

In the context of the present study, the management of uncertainty in the transition to adulthood will be operationalized as action-based strategies used to handle one's goals and biographical projects in a context of risk, uncertainty and unpredictability (XXXXXXXXX & XXXXXXXXX, 2012; XXXXXXXXX & XXXXXXXXX, submitted).

According to this approach, it was observed that, in the face of uncertainty, youngsters may opt between three alternatives: (1) *target-focused* strategies, in which the individual focuses on goal setting and implementation, the establishment of priorities, development of personal resources, the gathering of advice and support, associated with a sense of optimism concerning the future; (2) *open-based* strategies, characterized by the exploration of different life styles, the experimentation of alternative life projects, the use of innovative and creative ways of approaching life challenges, the search for new and defiant challenges, simultaneously investing in various projects, and maintaining life projects open; (3) *postponement* strategies, involving postponing life's decisions or projects until one feels prepared to assume them or until circumstances are perceived as favorable to their implementation. All three uncertainty management strategies can be used both simultaneously in different life domains and at different periods in time. As an example, the use of *postponement* allows the individual to temporarily put aside certain endeavors or challenges in order to focus his/ her attention and energy on others that are momentarily more salient, to explore or experiment some possible solutions to the challenges at hand (simultaneous use). Indeed, the use of *postponement* in one given life domain or particular endeavor may liberate the individual's energy and mental capacity to, more efficiently, address

other more pressing endeavors through the use of one of the other strategies; *open based* strategies will maintain a certain level of exploration of alternative developmental paths in one particular life domain while, simultaneously, allowing a more *target focused* approach in other life spheres. Moreover, in each specific life domain, a sequential use of uncertainty management strategies will be observed when the individual picks up the challenges that had been previously put on hold (*postponement strategy*) and dedicates his/ her attention and energy to overcoming them; furthermore, one may activate a strategy of exploration and experimentation followed by focused commitment and investment, as is the case in identity status theory (Marcia, 1966). Preparedness to deal with uncertainty may entail this type of articulated life management (Carroll, 2010). Consequently, in the present study, we hypothesize that the use of all uncertainty management strategies are positively associated. However, of all uncertainty management strategies, individually considered, *target focused* may be viewed as more efficient for problem-solving. Yet, *open based* strategies are also expected to have an important role in the process of finding solutions for the challenges the transition to adulthood process may pose. Drawing a parallel with the construct of coping in the face of stressful events (e.g., Ben-Zur, 1999; Carver, Scheier, & Weintraub, 1989; Folkman, 1997; Folkman & Moskowitz, 2004; Penland, Masten, Zelhart, Fournet, & Callahan, 2000), active approaches are expected to **have a more direct impact on psychological well-being as they have been** associated with reduced psychological distress. In line with that presumption, in the present study we **also hypothesize that the use of both active uncertainty management strategies (*target-focused* and *open-based*) will result in a more efficient biographical management and, thus, positively impact** psychological well-being. Conversely, a negative association is expected between *postponement* and psychological well-being.

The present study

For Portuguese youngsters, deriving a sense of well-being may be dependent on the interplay of a vast array of factors: available family instrumental and psychological support; the development of personal resources or assets (tangible and intangible identity capital) needed to overcome obstacles and negotiate opportunities; the efficacious use of uncertainty management strategies in order to achieve one's goals. As has been stated, the positive relationship between parental support and agentic capacities, as well as with those and well-being, has been documented in the literature. Yet, the mediating role of agentic capacities in the relationship between parental support and well-being has not.

In the same way, the relationships between the use of uncertainty management strategies, on the one hand, and parental autonomy support, identity capital and psychological well-being, on the other, are yet to be established. In the present study, we hypothesize that the specific use of active uncertainty management strategies influences well-being and, on their turn, will be positively influenced by both parental support and the accumulated identity capital assets.

In order to test these hypotheses, we will build and test a path model of relationships between parental support, identity capital, uncertainty management and psychological well-being (PWB). We specifically aim at assessing: (1) the direct associations between forms of *parental support* - both instrumental (by means of financial support) and psychological (by means of autonomy support) - and young people's sense of PWB; (2) the mediating role of identity capital and the use of uncertainty management strategies (in this sequential order) in this association. Considering the empirical evidence that has been reported earlier concerning the role of

parental support in this life phase, we expect a positive relationship between both types of parental support (financial and autonomy support) and PWB. On the one hand, parental financial support allows youngsters to profit from more biographical options since the youngster is protected against the risks of economic instability (e.g., Brannen, 2006; Cook & Furstenberg, 2002; Kohli, 1999; Lanz & Tagliabue, 2007; Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009). On the other hand, autonomy support is expected to be more closely linked with intangible identity capital assets as well as the use of active uncertainty management strategies by promoting initiative (e.g., Grolnick, Gurland, Jacob & DeCoursey, 2002; Pomerantz, Grolnick, & Price, 2005; Pomerantz & Ruble, 1998) and feelings of competence (e.g., Ng, Kenney-Benson, & Pomerantz, 2004; Nolen-Hoeksema, Wolfson, Mumme, & Guskin, 1995; Pomerantz, Grolnick, & Price, 2005; Pomerantz & Ruble, 1998). **These assets are crucial to** the necessary risk-taking inherent to the exploratory and experimental activities typical of this life phase, as well as to profit from them.

As far as the mediating role of identity capital between parental support and psychological well-being is concerned, we base our hypothesis on the following premises: firstly, we acknowledge the paramount importance of parental support in its double role of financing the transition process and stimulating the youngster's desirable autonomy development (e.g., Scabini, Marta & Lanz, 2006; Swartz & O'Brian, 2009); secondly, given the increasing individualization of transition trajectories (expressed in choice biographies), the indispensable parental support will be expected to operate indirectly, through the increase of the youngster's agentic capacities (e.g., Côté, 2000; du Bois-Reymond, 2009); thirdly and finally, it will be by means of this sense of agency that the youngster will be able to successfully negotiate the transition and attain the sense of individual accomplishment that is at the base of his/ her psychological well-

being by navigating a transition route of developmental individualization (Côté & Levine, 2002; Schwartz, 2006; Schwartz, Côté & Arnett, 2005).

Regarding the mediation role of uncertainty management strategies, we hypothesize that these, on the one hand, will greatly depend on available resources and, on the other hand, will partially affect the levels of the youngsters' well-being. Both family resources (expressed in parental support) and personal resources (comprising the identity capital assets that form the youngster's sense of agency) constitute the most valuable instruments put at the service of managing the transition by means of negotiating environmental challenges and opportunities. Since navigating this transition is nowadays greatly synonymous with dealing with an uncertain and volatile environment and a greatly unpredictable future, a significant amount of the navigation work will be devoted to managing biographical uncertainty (Bonss & Zinn, 2003; Leccardi, 2005, 2006; Zinn, 2008). A successful transition, translated into a sense of accomplishment and self-realization (at the core of psychological well-being), will greatly depend on the ability to effectively manage one's biographical uncertainty. Taking this into consideration, we expect that the relationship of family assets (parental support) and personal assets (identity capital) to psychological well-being will be partially mediated by the uncertainty management strategies that will be put to the service of biographical management.

Based on these premises, a hypothetical model of successive predictive influences of parental support, identity capital and uncertainty management on PWB was elaborated in order to be empirically tested (Figure 1).

Insert Figure 1. about here

The model hypothesizes the following predictive relationships.

Parental autonomy support is expected to be a positive predictor:

- a) Of tangible and intangible identity capital, **which are expected to be correlated;**
- b) Of the use of active uncertainty management strategies (*target focused* and *open based*), both directly and through the mediation of intangible identity capital;
- c) Of PWB, both directly and indirectly through the mediation of identity capital and the use of active uncertainty management strategies (*target focused* and *open based*).

Furthermore, parental autonomy support is expected to be a negative predictor:

- d) Of the use of passive uncertainty management strategies (*postponement*), both directly and through the mediation of intangible identity capital;
- e) Of PWB through the sequential mediation of identity capital and *postponement*.

Regarding parental financial support, this type of support is expected to be:

- f) A positive predictor of PWB through the mediation of tangible identity capital and the use of active uncertainty management strategies (*target focused* and *open based*);
- g) An indirect negative predictor of PWB through the mediation of *postponement*.

Finally, regarding association among uncertainty management strategies:

- h) **Significant positive correlations between all strategies are expected.**

Method

Participants

Participants in this study were 620 Portuguese youngsters aged between 18 and 30 years ($M=23$, $SD=3,8$). About 57,1% of the participants are female. Regarding educational credentials, 65,5% of the participants are university students or have already completed a higher education degree. The remaining 34,5% have an educational level of up to 12th grade. Concerning living arrangements, 72,3% still live with their parents. About 41% of the participants report being financially independent from their parents. A minority of the participants (15,4%) is married or lives with a romantic partner. Only 5,7% report having children. With regard to socioeconomic status (SES), 45,6% of participants belong to the low SES, 34,4% to the medium SES, and 20,1% to the high SES. The participants' classification with regard to SES was made taking into account their parents' level of education and professional occupation, according to the Graffar method (Graffar, 1956).

Procedure

A convenience sample was used. Data were gathered both by collective and individual administrations of questionnaires in the Porto region. Collective administrations were made in higher educational institutions and in classes of adult training programs, while individual were made using a snowball sampling method. In both situations instructions and briefing about the study were standardized. Participation in the study was voluntary and anonymity was ensured.

Measures

Participants responded to a socio-demographic questionnaire and to several self-report instruments. All measures were scaled in a six-point Likert-type response scale. Higher scores on each measure indicate greater endorsement of the construct in question. The internal consistency estimates reported in the present study were computed using the present dataset. Independent variables are parents' financial and autonomy support. The mediating variables are tangible (school level) and intangible (self-determination, self-efficacy and purpose in life) identity capital, as well as uncertainty management strategies (*open based*, *target focused* and *postponement*). The dependent variable is PWB.

parental support.

Parents' financial support addresses financial help. A dichotomous response (*yes* or *no*) to the circumstance of being financially helped by the parents was requested. Subsequently, it was transformed into a dummy variable in order to allow its integration in the statistical analyses that were performed.

Parental autonomy support was measured using one dimension of the college-student version of the Perception of Parents Scale (Niemiec, Lynch, Vansteenkiste, Bernstein, Deci, & Ryan, 2006): *autonomy support*. Respondents were to answer the questions with respect to their parents (sample item: "My parents, whenever possible, allow me to choose what to do"). The internal consistency reliability estimate for parental autonomy support scores in the present sample was $\alpha=.88$.

identity capital.

Purpose in life. A shortened version of the Purpose in Life Scale (Crumbaugh & Maholick, 1969) was used in order to assess the extent to which participants felt that

their lives had meaning and direction. This short version is composed of 12 items (sample item: “In life, I have very clear goals and aims for myself”). The internal consistency reliability for this dimension was $\alpha=.84$.

Self-determination. The Self-Determination Scale (Sheldon, 1995) was used to assess individual differences in the extent to which people tend to function in a self-determined way. The scale is composed of ten items reflecting two attributes (each with five items) of people’s personalities: (1) the extent to which they are aware of their feelings and their sense of self (sample item: “I feel that I am rarely myself”); and (2) the extent to which they have a sense of choice with respect to their behavior (sample item: “I do what I do because it interests me”). A combined overall Self-determination Scale score was used. The internal consistency reliability estimate for the overall Self-determination Scale score was $\alpha=.84$.

General Self-efficacy. The General Self-efficacy Scale (Jerusalem & Schwarzer, 1992; Leme, XXXXXXXX, Gato, XXXXXXXXX & Del Prette, 2013) is composed by 10 items and is designed to assess optimistic self-beliefs to cope with a variety of difficult demands in life (sample item: “I can always manage to solve difficult problems if I try hard enough”). The internal consistency reliability estimate for the general self-efficacy scores was $\alpha=.83$.

Confirmatory factor analysis revealed the one-dimensional structure of each scale (self-determination, general self-efficacy, and purpose in life) as well as a second order factor that was termed *Intangible identity capital* ($\chi^2/df = 3,3$; CFI = ,93; RMSEA = ,062; SRMR = ,056; AIC = 577,86).

uncertainty management.

Uncertainty Management was measured through the Uncertainty Management in the Transition to Adulthood Scale (UMTAS, XXXXXXXX & XXXXXXXX, submitted). The scale is composed of 18 items and has a three factor structure revealing three uncertainty management strategies: *target focused* (sample item: “I establish priorities in terms of goals I want to achieve”); *open-based* (sample item: “I explore different life styles”); *postponement* (sample item: “I postpone my life projects until I feel prepared to put them in practice”). The internal consistency reliability estimate for each factor was as follows: *target-focused* strategies ($\alpha=.81$); *open-based* strategies ($\alpha=.82$); *postponement* ($\alpha=.81$).

psychological well-being.

Psychological Well-Being (PWB) was measured using a short version of Ryff’s Scale of Psychological Well Being (Ryff & Keyes, 1995). This scale is composed by 18 items and includes the following six components of psychological functioning: (1) self-acceptance (sample item: “I like most aspects of my personality”); (2) positive relations with others (sample item: “people would describe me as a giving person, willing to share my time with others”); (3) autonomy (sample item: “I have confidence in my opinions, even if they are contrary to the general consensus”); (4) purpose in life (sample item: “Some people wander aimlessly through life, but I’m not one of them”); (5) environmental mastery (sample item: “In general I feel I am in charge of the situation in which I live”); (6) personal growth (sample item: “I think it is important to have new experiences that challenge how you think about yourself and the world”). Confirmatory factor analysis (CFA) permitted to retain four of the original six dimensions: self-acceptance, positive relations with others, autonomy, and environmental mastery. From these four dimensions a second order factor was derived

as an overall measure of PWB. The model provided a good fit for the data ($\chi^2/df = 3,3$; CFI = ,93; RMSEA = ,062; SRMR = ,056; AIC = 577,86). The internal consistency reliability estimate for the overall measure of well-being was $\alpha = .82$.

Results

Descriptive statistics and correlations between variables

Descriptive statistics and correlations between variables are presented in Table 1.

 Insert Table 1 about here

Path analysis

After evaluating the measurement models through CFA and testing their reliability (as proposed by Kline, 2011), a path analysis was performed using AMOS software (v.20, SPSS Inc, Chicago, IL). The hypothesized model was estimated in order to evaluate the influence of both parental financial and autonomy support on the youngsters' well-being, through the mediation of identity capital (sense of agency and academic credentials) and uncertainty management strategies. The parameters of the model were estimated using the maximum likelihood (ML) procedure. The model's fit to the data was assessed through multiple goodness-of-fit indices and respective reference values. An acceptable model fit occurred when the chi-square likelihood ratio (χ^2/df) presented values lower than 3 (Schermele-Engel, Moosbrugger & Muller, 2003), the *Bentler Comparative Fit Index* (CFI) had values greater than 0.90 (Bentler,

1990), and the *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) and the *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) had values lower than 0.08 (Schermele-Engel et al., 2003). In complex models, a slightly higher χ^2/df value may not be problematic as long as the CFI and the RMSEA evidence an adequate fit (Keith, 2006).

When first estimated, the model was not found to be an acceptable fit to the data ($\chi^2/df = 6,314$; CFI = ,98; RMSEA = ,093; SRMR = ,030). Hence, model-trimming was performed with the successive removal of non-significant paths, starting from the smallest loading path. Removed paths are graphically represented by dotted lines in the path diagram (see Figure 2). Following these modifications the model exhibited a good fit to the data ($\chi^2/df = 2,40$; CFI = ,99; RMSEA = ,048; SRMR = ,035). The model global fit improved significantly when compared with the first model tested ($\Delta\chi^2_{(5)} = 3,914, p < ,05$).

The model diagram shows standardized parameter estimates (β), representing the effect of a given predictor variable on the dependent variable, taking into account the remaining relationships in the model (Figure 2).

Testing the significance of indirect effects

In order to test the significance of the total and specific indirect effects of parents' autonomy and financial support on PWB, the bootstrap re-sampling procedure on a multiple mediator model was used. PWB was the dependent variable. Parents' autonomy support and parents' financial support were the independent variables; tangible (academic credentials) and intangible identity capital (sense of agency), as well as the *target focused uncertainty management strategy* were the mediators. Indeed, as observed in the global model, *postponement* and *open based uncertainty management*

strategies were not directly related with PWB; However, given the correlations between all uncertainty management strategies, *postponement* and *open based* strategies were introduced as covariates in the model in order to control for their possible impact on the mediating effect of *target focused* uncertainty management strategies (Preacher & Hayes, 2008). Subsequently, the same procedure was used in order to test the mediating effects of both types of identity capital (tangible and intangible) on the remaining strategies for uncertainty management (*postponement* and *open based*). The bootstrapping procedure for testing indirect effects is recommended over the Sobel test due to its higher statistical power associated to the capacity for maintaining control over Type I error rate (MacKinnon, Lockwood, Hoffman, West, & Sheets, 2002; MacKinnon, Lockwood, & William, 2004). In accordance with Preacher & Hayes (2008) and Shrout & Bolger (2002) recommendations, the following bootstrap resampling procedure was used: the creation of 2000 bootstrap samples by random sampling with replacement; testing the multiple mediation model of parental financial and autonomy support on PWB, through tangible and intangible identity capital and *target focused* uncertainty management strategies. This procedure resulted in 2000 estimates of each path coefficient. Finally, the output from the 2000 estimates of each path coefficient provided estimates of the indirect effects of parental support (financial and autonomy support) on PWB via the multiple successive mediators considered (tangible and intangible identity capital, *target focused* uncertainty management strategies). The testing procedure was performed using SPSS with a macro provided by Preacher & Hayes (2008). The various paths of indirect effects tested and respective estimates are shown in Table 2.

Taking into account Shrout & Bolger (2002) criteria, if the 95% confidence interval for the estimates of an indirect effect does not contain zero, one can conclude that the indirect effect is statistically significant at the level of .05.

Results of the total and specific indirect effects are presented in Table 2. **All individual** indirect effects were found to be significant as well as the total indirect effects globally considered. Results, thus, **partially** support the overall hypothesis that the level of the youngsters' PWB is predicted by the parents' autonomy and financial support through the mediation of identity capital (tangible and intangible) and uncertainty management. (see Table 2).

Insert Figure 2 about here

Insert Table 2 about here

Direct effects: predicting psychological well-being from parents' autonomy support and financial support

As can be observed in Figure 2, the parents' autonomy support was directly associated with the youngsters' PWB. However, the parents' financial support was no significant direct predictor of the youngsters' sense of PWB.

Indirect effects: the mediating role of identity capital and uncertainty management

Tangible identity capital (in the form of school achievement) mediates the relationship between parental financial support and PWB. But the impact on PWB through the mediation of tangible identity capital is quite feeble. Parental financial support may also indirectly influence the uncertainty management strategy of *postponement*, **though this strategy was found to have no influence on PWB.**

Parental autonomy support strongly predicts PWB through the mediation of intangible identity capital and *target focused* uncertainty management strategies. Indeed, parental autonomy support was evidenced as a strong direct predictor of intangible identity capital, which, on its turn is the strongest predictor of PWB. Autonomy support from the parents is also a predictor of the use of active uncertainty management strategies, both directly, and indirectly through the mediation of intangible identity capital. The direct association is stronger with *target focused* uncertainty management strategies (as compared to *open based*), while the indirect association is stronger with *open based* strategies, although these don't impact **on PWB.**

The association between intangible identity capital and PWB is stronger when compared to the association between target-focused uncertainty management strategies and PWB. Both types of parental support are negative predictors of *postponement* as a way to manage uncertainty: in the case of autonomy support the association is indirect, through the mediation of intangible identity capital; in the case of financial support the effect is **also indirect but through the mediation of tangible identity capital.**

Lastly, the hypothesized positive association between the three uncertainty management strategies **was confirmed.** Among these strategies for uncertainty management, only the *target focused* evidenced a predictive association to PWB.

All predictors accounted for 45% of the variance in PWB.

Discussion

The first goal of the present study was to observe the direct role of parental support, both autonomy and financial support, in fostering PWB in the period of transition to adulthood under the unstable and demanding socioeconomic conditions of contemporary Portuguese society. Secondly, we aimed at capturing the role of tangible and intangible identity capital, as well as of uncertainty management strategies, as mediators in that relationship.

As far as the first study goal is concerned (testing the direct impact of both autonomy and financial support on PWB), results permitted to observe that, only autonomy support is a direct, positive predictor of the youngsters' psychological well-being. Regarding indirect effects (the second study goal), the path analysis permitted to confirm the existence of diverse mediational trajectories that link financial and autonomy support to the youngsters' PWB, through identity capital and uncertainty management. Both effects explain 0.45 of the variance in PWB.

Parents' financial support and PWB

Financial support *per se* did not directly predict PWB. This result points to the fact that financial support tends to be perceived essentially as instrumental for the acquisition of socially valuable tangible identity capital assets (academic credentials, in the case of the present study) for the negotiation of opportunities and securing of positions (e.g., in the labor market) in the process of the youngsters' integration in the adult community. This kind of intergenerational solidarity, that has become widespread and perceived as socially normative, is particularly relevant at a time when the development of the

youngsters' human capital assets is expected to heighten their competitiveness in disputing coveted positions in the labor market (XXXXXXX, Ribeiro, & XXXXXXXX, 2013; XXXXXXXX & XXXXXXXX, 2013). Yet, despite the evidence of this strong positive association, this tangible capital was only residually related with the youngsters' PWB. It was expected that attaining superior academic achievements would be an important factor contributing to the sense of individual fulfillment. Moreover, the possession of higher education credentials could represent a competitive advantage in the struggle for better job positions over the possession of academic studies that do not go beyond the secondary level of education. However, as can be observed from the path model, the predictive contribution of superior education credentials to PWB, though statistically significant, is lower than expected. This phenomenon may reflect awareness that the present day Portuguese labor market crisis weakens the effectiveness of higher education qualifications as a way to attain good job opportunities. Indeed, these assets do not prevent one from falling in the threads of temporary, low-paid, precarious jobs, away from one's area of expertise and for which these youngsters are usually overqualified; or from remaining unemployed for long periods of time, given the scarcity of job opportunities. As a consequence, the link between the attainment of high academic credentials and PWB has become frailer.

Simultaneously, a negative **indirect** association between the parents' financial assistance and the use of *postponement* as an uncertainty management strategy was observed, **through the mediation of tangible identity capital (academic credentials)**. In this case, financial support seems to evidence its role as a buffer against some of the risks inherent to the transition process **inasmuch as it is perceived as a means for the development of more structured transition paths, along a pre-defined course of action**

that leads to a decreased necessity for the use of *postponement* as a means to manage uncertainty.

Parents' autonomy support and PWB

Parents' autonomy support, identity capital and PWB. Results show that at a time when youngsters strongly depend on their parents financial support to survive, autonomy support is also fundamental for their well-being. Aggregating both its direct and indirect effects, it explains most of the variance in PWB. As southern European families are traditionally characterized by the maintenance of tight affective bonds during this phase of the youngsters' life, the transition to adulthood may be characterized by high levels of affective and instrumental dependency, transforming it into a family "joint developmental enterprise" (e.g., Scabini et al., 2006). Yet, in southern European countries such as Italy and Portugal, the success of the transition does not seem to be compromised by the parents' supply of instrumental help (e.g. financial assistance) or living arrangements (e.g., co-residence) (XXXXXXXXX & XXXXXXXXXXX, 2013; Scabini et al., 2006). Culturally expected, they do not impair the parent-child relationship quality, as they tend not to represent sources of strain and conflict (Dias & XXXXXXXXXXX, 1996; XXXXXXXXXXX, Andrade, Matias, Gato, & XXXXXXXXXXX, 2006; XXXXXXXXXXX & XXXXXXXXXXX, 2013). Furthermore, in the course of this developmental endeavor, a strong parent-child relationship based on mutual understanding, affection, solidarity and positive communication has been proven crucial for the psychological well-being of the youngster (Aquilino, 1997, 2006; Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; XXXXXXXXXXX, Ribeiro, & XXXXXXXXXXX, 2013; Scabini, Marta, & Lanz, 2006). What may then mostly differentiate southern European families among themselves in assisting the process of coming of age is the amount of autonomy

support they provide. As the results of the present study show, autonomy support seems to be, within the Portuguese context, essential to foster the sense of agency needed for the construction of choice-based biographical paths and the achievement of a sense of well-being. Presently, in southern European countries, the success of the process of individuation and attainment of a fully developed and thriving adult identity may strongly depend on the family's capacity to stimulate the youngsters' autonomy in the context of existing strong relational bonds and a high degree of instrumental dependence.

The role of the parents' autonomy support as a predictor of the youngsters' PWB is substantially magnified if we look at its indirect effects through the mediation of agentic capacities (intangible identity capital), which are the strongest predictors of PWB. The navigation of uncertain and often labyrinthic transition paths (Côté & Levine, 2002; Guerreiro & Abrantes, 2005, 2007; Leccardi, 2005, 2006; Pais, 2001, 2002) demands the development of a strong sense of agency and inner direction for delineating and constructing a *developmental individualization* trajectory (Côté, 2000, 2006; Schwartz, Côté, & Arnett, 2005). In Côté's view (e.g., Côté, 1997, 2000), only a solid sense of identity brings the capacity to adaptively and effectively deal with the challenges of a continuously changing cultural and socioeconomic environment. Our results point to the above mentioned main challenge Portuguese families nowadays face in assisting the process of coming of age of their children: To be able to foster the most needed capacity for autonomous living within a social and economic context that reinforces material dependency and strong affects. Managing a balanced interplay of instrumental assistance and autonomy support will be of paramount importance in scaffolding and encouraging a successful transition – **a requirement that may fall under**

the concept of “flexible protection” to which Scabini et al. (2006, p. 23) allude when describing parental tasks in this life phase of their offspring.

The parents’ autonomy support is also a direct predictor of high academic credentials, viewed as an indispensable asset to impose some sense of self-direction in the vocational domain and to attain professional achievement at a time when available job opportunities are scarce.

Parents’ autonomy support, uncertainty management and PWB. An autonomy supportive climate also predicts the use of active uncertainty management strategies, both directly and indirectly, through the mediation of intangible identity capital. As far as direct effects are concerned, the parents’ autonomy support is associated with both *target focused* and *open based* uncertainty management strategies, but this relationship appears to be stronger with the former - a way of dealing with uncertainty that manifests a higher degree of organization and planning. The literature shows that the autonomy support that is provided is not unconditional: It depends on the parents’ evaluation of the legitimacy and adequateness of decisions and actions as a means to effectively achieve goals endorsed by the family in several life domains (e.g. education, employment, family formation) (Aquilino, 1997; Goldscheider, Thornton, & Young, 2001; White, 1994). By preferably promoting *target focused* strategies, parents aim at stimulating the kind of organization and planning ability perceived as most effective in pursuing those goals and achieving a successful integration into the adult life, capable of simultaneously fostering the youngsters’ maturity and well-being. In this way, the parents’ autonomy support tends to stimulate and provide scaffolding and encouragement to a mode of uncertainty management they deem as more effective for the developmental endeavor of constructing an adult life project in a socioeconomic context that dwells on a severe economic crisis.

Nonetheless, in the context of uncertainty that is experienced in southern European countries, the lower direct predictive power of the parents' autonomy support over *open based* uncertainty management strategies is still evidence of some support to the possibility of simultaneously conducting a certain degree of exploration and experimentation in different objects of investment, maintaining open alternative pathways. However, these strategies are more strongly linked with the youngsters' agentic capacities as manifestations of a personal need to search for solutions and ways of constructing personally meaningful and successful transition paths. The predictive influence of the parents' autonomy support is, in this case, mostly indirect: through the mediation of the youngsters' agentic capacities, which powerfully influence the use of *open based* uncertainty management strategies.

Associations between uncertainty management strategies. Relationships observed between the different uncertainty management strategies, recorded at the same point in time, may suggest their simultaneous use. Their positive correlations suggest various scenarios in which they appear combined: the postponement of the resolution of problems in a particular life sphere may be useful to free energy to be used in more active strategies to face the challenges in another life sphere; the non-linearity and reversibility of transition trajectories that is characteristic of contemporary societies (e.g. Hendry & Kloep, 2007, 2012) may encourage the maintenance of open-minded exploratory strategies even when, in a specific sphere of life, the youngster is task-focused. Such dynamic associations render a high degree of plasticity to the transition process (Guerreiro & Abrantes, 2007; Hendry & Kloep, 2007, 2012). Parental autonomy support, by stimulating the simultaneous use of various modes of dealing with uncertainty, may prevent a chronically rigid and possibly ineffective approach to uncertainty management. **Indeed, the existing correlations that were observed between**

the three uncertainty management strategies point to the fact that their simultaneous use, organized around a complex uncertainty management system comprising the articulation of all strategies, may constitute an efficient answer to the challenge of navigating an uncertain transition to adulthood. However, as observed in the present study, only the *target focused* strategy for uncertainty management is a predictor of PWB. The focalization in the attainment of central life goals tends to foster personal vigor even in the face of occasional setbacks (Klinger, 1975) and promote the sense of personal realization that is at the root of psychological well-being. Furthermore, one must not fail to draw attention to the fact that *open based* strategies, if indefinitely sustained, would fail to promote adaptation (Carroll, 2010) and would compromise one's mental ability to effectively pursue and accomplish any one goal (Schwartz, 2010). The subsequent narrowing down of investments to a small set of central goals in each life domain, typical of *target focused* strategies, will help maximize organization and foster preparedness for the accomplishment of those goals (Carroll, 2010). In light of these findings, parental support, directly and indirectly fostering the use of *target based* strategies for uncertainty management, seems of central importance for the navigation of *developmental individualization* trajectories in the process of transition to adulthood.

Concluding Remarks

Drawing on the findings of the present research, one can propose that the challenges of the transition to adulthood in a society such as the Portuguese, dwelling on an acute socioeconomic crisis, demand, on behalf of the youngsters navigating their transition paths, the development of versatile and effective agentic capacities and the

effective use of uncertainty management strategies. Their sense of self-realization inherent to PWB heavily depends on it. Parental support, both financial and autonomy support, constitutes an indispensable base structure from which to develop the necessary sense of agency and the operationalization of active approaches to uncertainty management. Autonomy support seems to be most effective in fostering the aforementioned agentic capacities and uncertainty management strategies highly associated with the youngsters' PWB. In the context of a cultural tradition of familism that stimulates tight intergenerational family ties and accommodates high levels of instrumental dependence on the family of origin, the autonomy stimulation that is at the root of agentic capacities becomes one of the most developmentally determinant family challenges in assisting the process of coming of age in Portugal.

Limitations and implications for future research

As has been profusely documented in the literature concerning the transition to adulthood in contemporary individualized societies, coming of age has become anything but a linear, standardized, homogeneous process, normatively governed by solid socio-structural predicaments. In fact, one of the hallmarks of the transition process, in contemporary Western societies, is the proliferation of numerous transition trajectories that are played in the intersection of individual psychosocial navigational assets and competencies, on the one hand, and environmental opportunities and constraints, on the other (e.g., Hendry & Kloep, 2007). Both individual assets and contextual conditions may greatly depend on socio-structural determinants and conditions such as gender, socioeconomic status, living arrangements, level of education, occupational status, the timing of endorsing conjugal and parental roles and responsibilities. One has, thus, to be careful in generalizing the results of the present study to the whole panoply of transition

to adulthood trajectories. Further studies are in order with the aim of capturing differences in the articulation of the variables considered in the present study according to the afore mentioned different socio-structural aspects and social conditions if one is to capture the increasing diversity of the transition to adulthood process in contemporary Western societies. Furthermore, and considering the hypothesized associations that were proposed between the different uncertainty management strategies, further studies, of a longitudinal nature, would be welcomed as a way to consistently test the hypothesized predictive relationship as well as other possible associations between the modes of uncertainty management.

References

- Aquilino, W. S. (1997). From adolescent to young adult: A prospective study of parent-child relations during the transition to adulthood. *Journal of Marriage & Family*, 59, 670–686. doi: 10.2307/353953
- Aquilino, W. S. (2006). Family relationships and support systems in emerging adulthood. In J. Arnett & J. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 193–217). Washington, DC: American Psychological Association. doi: 10.1037/11381-008
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480. doi: 10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. (2004). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.

Arnett, J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In

J. Arnett & J. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association.
doi: 10.1037/11381-001

Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: W. H. Freeman and Co, Publishers.

Ben-Zur, H. (1999). The effectiveness of coping meta-strategies: Perceived efficiency, emotional correlates and cognitive performance. *Personality and Individual Differences*, 26, 923-939. doi: 10.1016/S0191-8869(98)00198-6

Bengtson, V. L., Biblarz, T. J., & Roberts, R. E. L. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. New York: Cambridge University Press.

Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246. doi: 10.1037/0033-2909.107.2.238

Biggart, A. & Walther, A. (2006). Coping with Yo-Yo transitions. Young adults' struggle for support, between family and state in comparative perspective. In C. Leccardi & E. Ruspini (Eds.), *A new youth? Young people, generations and family life* (pp. 41-62). Hampshire: Ashgate Publishing Limited.

Billari, F. C. (2004). Becoming an adult in Europe: A Macro(Micro)-Demographic Perspective. *Demographic Research*, 3, 15-44. doi: 10.4054/DemRes.2004.S3.2

Bonss, W. & Zinn, J. (2003). Ungewissheit in der Moderne: Die Gestaltung des Lebens als Unsicherheitsmanagement [Uncertainty in late modernity: The shaping of life as uncertainty management]. *Sozialwissenschaftliche Informationen*, 32, 24-34.

- Brannen, J. (2006). Cultures of intergenerational transmission in four-generation families. *Sociological Review*, 12, 133-154. doi: 10.1111/j.1467-954X.2006.00605.x
- Brannen, J., Moss, P., & Mooney, A. (2004). *Working and caring over the twentieth century: Change and continuity in four-generation families*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Carroll, P. (2010). Preparedness. In R. M. Arkin, K. C. Oleson, & P. J. Carroll (Eds.), *Handbook of the uncertain self* (pp. 266–290). New York: Psychology Press.
- Carver, C., Scheier, M., & Weintraub, J. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 267-283. doi: 10.1037/0022-3514.56.2.267
- XXXXXXX & XXXXXXXXX (2013). Intergenerational solidarity and satisfaction with life: Mediation effects with emerging adults. *Paidéia*, 23, 161-169. doi: 10.1590/1982-43272355201303
- XXXXXXX, Ribeiro, L., & XXXXXXXXX (2013). Intergenerational solidarity in an ageing society: Sociodemographic determinants of intergenerational support to elderly parents. In Isabelle Albert & Dieter Ferring (Eds.). *Intergenerational relations: European perspectives on family and society* (205-222). Bristol: The Policy Press. doi:10.1332/policypress/9781447300984.003.0013
- Cook, T. D., & Furstenberg, F. F. (2002). Explaining the transition to adulthood: A multi-disciplinary, case study synthesis for Italy, Sweden, Germany, and the USA. *Annals of American Academy of Political and Social Science*, 580, 257–87. doi: 10.1177/000271620258000111
- Côté, J. (1997). An empirical test of the identity capital model. *Journal of Adolescence*, 20, 577-597. doi:10.1006/jado.1997.0111

- Côté, J. (2000). *Arrested adulthood*. New York: New York University Press.
- Côté, J. (2006). Emerging adulthood as an institutionalized moratorium: Risks and benefits to identity formation. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*. Washington: American Psychological Association. doi: 10.1037/11381-004
- Côté, J. & Allahaar, A. (1994). *Generation on hold: Coming of age in the late twentieth century*. Toronto: Stoddart.
- Côté, J. & Bynner, J. (2008). Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada : The role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies*, 11, 251-268. doi: 10.1080/13676260801946464
- Côté, J. E. & Levine, C. G. (2002). *Identity formation, agency and culture: A social psychological synthesis*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Crumbaugh, J. C. & Maholick, L. T. (1969). *Manual of instructions for the purpose in life test*. Munster, IN: Psychometric Affiliates.
- Dias, G., & XXXXXXXXX (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar psicológico dos jovens: Algumas implicações para o aconselhamento psicológico [Developmental tasks and young people's well-being: Some implications for psychological counseling]. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 103-114.
- du Bois-Reymond, M. (2009). Models of navigation and life management. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of youth and young adulthood: New perspectives and agendas* (pp. 31-38). London: Routledge.
- du Bois-Reymond, M. & Chisholm, L. (2006). *The modernization of youth transitions in Europe*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Eccles, J., Templeton, J., Barber, B., & Stone, M. (2003). Adolescence and Emerging adulthood: The critical passage ways to adulthood. In M. H. Bornstein, L.

- Davidson, C. L. Keyes, & K. A. Moore (Eds.), *Well-being: Positive development across the life course* (pp. 383-406). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Folkman, S. (1997). Positive psychological states and coping with severe stress. *Social Science & Medicine*, 45, 1207-1221. doi: 10.1016/S0277-9536(97)00040-3
- Folkman, S., & Moskowitz, J. T. (2004). Coping: Pitfalls and coping. *Annual Review of Psychology*, 55, 745-774. doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.141456
- Furlong, A. & Cartmel, F. (1997). *Young people and social change: Individualization and risk in late modernity*. Buckingham: Open University Press.
- Furstenberg Jr., F., Rumbaut, R. & Settersten Jr. R. (2005). On the frontier of adulthood: Emerging themes and new directions. In R. Settersten Jr., F. Furstenberg Jr., & R. Rumbaut (Eds.), *On the frontier of adulthood: Theory, research and public policy* (pp. 3-25). Chicago: The University of Chicago Press. doi:10.7208/Chicago/9780226724.001.0001
- Gal, J. (2010). Is there an extended family of Mediterranean Welfare States?, *Journal of European Social Policy*, 20, 283–300. doi: 10.1177/0958928710374374
- Goldscheider, F. K., Thornton, A., & Young, L. (2001). Helping out the kids: Expectations about parental support in young adulthood. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 727-740. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00727.x
- Graffar, M. (1956). Une méthode de classification d'échantillons de population [A method of social classification of population samples]. *Courrier*, 6, 455-459.
- Grolnick, W. S., Gurland, S. T., Jacob, K. F., & Decourcey, W. (2002). The development of self-determination in middle childhood and adolescence. In A. Wigfield & J. S. Eccles (Eds.), *Development of achievement motivation* (pp. 147-171). San Diego, CA: Academic Press. doi: 10.1016/B978-012750053-9/50008-5

- Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2005). Como tornar-se adulto: Processos de transição na modernidade avançada [How to become an adult: Transition processes in late modernity]. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 , 157-212. doi 10.1590/S0102-69092005000200008
- Guerreiro, M. D. & Abrantes, P. (2007). *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família* [Uncertain transitions: Youngsters in the face of work and the family]. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Heinz, W. (2009). Youth transitions in an age of uncertainty. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of youth and young adulthood: New perspectives and agendas* (pp. 3-13). London: Routledge.
- Hendry, L. & Kloep, M. (2007). Conceptualizing emerging adulthood: Inspecting the emperor's new clothes? *Child Development Perspectives*, 1, 74-79. doi: 10.1111/j.1750-8606.2007.00017.x
- Hendry, L. & Kloep, M. (2012). *Adolescence and adulthood: Transitions and transformations*. New York: Palgrave Macmillan.
- Holdsworth, C & Morgan, D. (2005). *Transitions in context*. Open University Press.
- Jerusalem, M., & Schwarzer, R. (1992). Self-efficacy as a resource factor in stress appraisal processes. In R. Schwarzer (Ed.), *Self-efficacy: Thought control of action* (pp. 195-213). Washington, DC: Hemisphere.
- Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N. (1999). *Well-being: The foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Foundation.
- Keith, T. Z. (2006). *Multiple regression and beyond*. Toronto: Pearson.
- Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.

- Klinger, E. (1975). Consequences of commitment to and disengagement from incentives. *Psychological Review*, 82, 1-25. doi: 10.1037/h0076171
- Kohli, M. (1999). Private and Public Transfers Between Generations: Linking the Family and the State. *European Societies*, 1, 81—104. doi: 10.1080/14616696.1999.10749926
- Lanz, M. & Tagliabue, S. (2007). Do I really need someone in order to become an adult? Romantic relationships during emerging adulthood in Italy. *Journal of Adolescent Research*, 22, 531-549. doi: 10.1177/0743558407306713
- Leccardi, C. (2005). Facing uncertainty: Temporality and biographies in the new century. *Young: Nordic Journal of Youth Research*, 13, 123-146. doi: 10.1177/1103308805051317
- Leccardi, C. (2006). Facing uncertainty: Temporality and biographies in the new century. In C. Leccardi & E. Ruspini (Eds.), *A New Youth? Young people, generations and family Life*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited.
- Leme, V. B. R., XXXXXXXX, S., Gato, J., XXXXXXXX, A.M., & Del Prette, Z. A. P. (2013). Confirmatory Factor Analysis of the Generalized Self-Efficacy Scale in Brazil and Portugal. *Spanish Journal of Psychology*, 16, 1-11. doi:10.1017/sjp.2013.93
- Machado, F. & Costa, A. (1998). Processos de uma modernidade inacabada [Processes of an unfinished modernity]. In J. Viegas & A. Costa (Eds.), *Portugal, que modernidade?*. Oeiras: Celta.
- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., Hoffman, J. M., West, S. G., & Sheets, V. (2002). A comparison of methods to test mediation and other intervening variable effects. *Psychological Methods*, 7, 83–104. doi: 10.1037/1082-989x.7.1.83

- MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., & Williams, J. (2004). Confidence limits for the indirect effect: Distribution of the product and resampling methods. *Multivariate Behavioral Research*, 39, 99–128. doi: 10.1207/s15327906mbr3901_4
- Maddux, J. E., & Meier, L. J. (1995). Self-efficacy and depression. In J. E. Maddux (Ed.), *Self-efficacy, adaptation, and adjustment: Theory, research and application* (pp. 143-169). New York: Plenum. doi: 10.1007/978-1-4419-6868-5_5
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 551-558. doi: 10.1037/h0023281
- Mauratti, R., Martins, S. & Costa, A.F. (2004). Classes sociais numa perspectiva comparada [Social classes in a comparative perspective]. In *Actas do V Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia: Sociedades Contemporâneas - Reflexividade e Acção* (pp. 72-80). Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. Retrieved from <http://www.aps.pt/?area=102&mid=005&idpub=PUB460d42061fd7a>
- XXXXXXXXX & XXXXXXXXX (2013). Late nest leaving in Portugal: Its effects on individuation and parent-child relationships. *Emerging Adulthood*, 1, 233-244. doi: 2167696813481773.
- Moreno, A. (Ed.). (2013). Family well-being: European perspectives. *Social Indicators Research*, 99. doi: 10.1007/978-94-007-4354-0
- Ng, F. F., Kenney-Benson, G., & Pomerantz, E. M. (2004). Children's achievement moderates effects of mothers' use of control and autonomy support. *Child Development*, 75, 764-780. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00705.x
- Nico, M. (2010). Individualized housing careers in early adulthood: Conditions and constraints in a familistic society. *Sociological Research Online*, 15(1). Retrieved from <http://www.socresonline.org.uk/15/1/6.html>. doi: 10.5153/sro.2079

- Niemiec, C. P., Lynch, M. F., Vansteenkiste, M., Bernstein, J., Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2006). The antecedents and consequences of autonomous self-regulation for college: A self-determination theory perspective on socialization. *Journal of Adolescence*, 29, 761-775. doi: 10.1016/j.adolescence.2005.11.009
- Nolen-Hoeksema, S., Wolfson, A., Mumme, D., & Guskin, K. (1995). Helplessness in children of depressed and nondepressed mothers. *Developmental Psychology*, 31, 377-387. doi: 10.1037//0012-1649.31.3.377
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro*. [Small chores and occupations: Young people, work and the future]. Porto: Âmbar.
- Pais, J. M. (2002). Laberintos de vida: Paro juvenil y rutas de salida (jóvenes portugueses) [Labyrinths of life: Youth unemployment and the way out (Portuguese youths)]. *Revista de Estudios de Juventud*, 56, 87-101.
- XXXXXXXXX & XXXXXXXXX (2012). Uncertainty management in the transition to adulthood. In E. Scabini & G. Rossi (Eds.), *Family transitions and families in transition, Studi Interdisciplinari sulla Famiglia*, 25 (pp. 111 – 124). Milano: Vita e Pensiero.
- XXXXXXXXX & XXXXXXXXX (2014). *Uncertainty management in the transition to adulthood scale: Psychometric properties*. Manuscript submitted for publication (copy on file with authors).
- Penland, E., Masten, W., Zelhart, P., Fournet, G., & Callahan, T. (2000). Possible selves, depression, and coping skills in university students. *Journal of Personality and Individual Differences*, 29, 963-969. doi: 10.1016/s0191-8869(99)00247-0
- Pomerantz, E. M., Grolnick, W. S., & Price, C. A. (2005). The role of parents in how children approach achievement: A dynamic process perspective. In A. Elliot and

C. W. Dweck (Eds.), *Handbook of competence and motivation* (pp. 259-278).

New York: Guilford Press.

Pomerantz, E. M., & Ruble, D. N. (1998). The multidimensional nature of control:

Implications for the development of sex differences in self-evaluation. In J.

Heckhausen & C. S. Dweck (Eds.), *Motivation and self-regulation across the life-span* (pp. 159–184). New York: Cambridge University Press. doi:

10.1017/cbo9780511527869.008

Pordata (2013a). Taxa de desemprego: Total e por nível de escolaridade completo

[Unemployment rate: Total and by school level completed]. Retrieved from

[http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+nivel+de+escolaridade+completo+\(percentagem\)-1009](http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+nivel+de+escolaridade+completo+(percentagem)-1009)

Pordata (2013b). Taxa de desemprego: Total e por grupo etário [Unemployment rate:

Total and by age group]. Retrieved from

[http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+grupo+etario+\(percentagem\)-553](http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+desemprego+total+e+por+grupo+etario+(percentagem)-553)

Pordata (2014). Taxa bruta de escolarização por nível de ensino em Portugal [Gross

schooling rate by school level in Portugal]. Retrieved from

<http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+bruta+de+escolarizacao+por+nivel+de+ensino-434>

Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling strategies for

assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior*

Research Methods, 40, 879–891. doi: 10.3758/brm.40.3.879

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2004). Autonomy is no illusion: Self-determination theory

and the empirical study of authenticity, awareness, and will. In J. Greenberg, S. L.

- Koole, & T. Pyszczynski (Eds.), *Handbook of experimental existential psychology* (pp. 449-479). New York: Guilford Press.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2008). From ego-depletion to vitality: Theory and findings concerning the facilitation of energy available to the self. *Social and Personality Psychology Compass*, 2, 702-717. doi: 10.1111/j.1751-9004.2008.00098.x
- Ryff, C. D. & Keyes, C. L. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719-727. doi: 10.1037/0022-3514.69.4.719
- Scabini, E., Marta, E. & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations: An intergenerational approach*. New York: Psychology Press. doi: 10.4324/9780203965221
- Shanahan, M. J. (2000). Pathways to adulthood in changing societies: Variability and mechanisms in life course perspective. *Annual Review of Sociology*, 26, 667-692. doi: 10.1146/annurev.soc.26.1.667
- Sheldon, K. M. (1995). Creativity and self-determination in personality. *Creativity Research Journal*, 8, 25-36. doi: 10.1207/s15326934crj0801_3
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research - Online*, 8, 23-74. Retrieved from http://www.researchgate.net/publication/251060246_Evaluating_the_Fit_of_Structural_Equation_Models_Tests_of_Significance_and_Descriptive_Goodness-of-Fit_Measures
- Shrout, P. E., & Bolger, N. (2002). Mediation in experimental and nonexperimental studies: New procedures and recommendations. *Psychological Methods*, 7, 422–445. doi: 10.1037/1082-989x.7.4.422

- Schwartz, B. (2010). Be careful what you wish for: The dark side of freedom. In R. M. Arkin, K. C. Oleson, & P. J. Carroll (Eds.), *Handbook of the uncertain self* (pp. 62–77). New York: Psychology Press.
- Schwartz, S. (2006). Predicting identity consolidation from self-construction, eudaimonistic self-discovery, and agentic personality. *Journal of Adolescence*, 29, 777-793. doi : 10.1016/j.adolescence.2005.11.008
- Schwartz, S., Côté, J. & Arnett, J. (2005). Identity and agency in emerging adulthood: Two developmental routes in the individualization process. *Youth and Society*, 37, 201-229. doi: 10.1177/0044118x05275965
- Swartz, T. & O'Brien, K. (2009). Intergenerational support during the transition to adulthood. In A. Furlong (Ed.), *Handbook of youth and young adulthood: New perspectives and agendas*. London: Routledge.
- Van de Velde, C. (2008). *Devenir adulte. Sociologie comparée de la jeunesse en Europe*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Vogel, J. (2002). European welfare regimes and the transition to adulthood: A comparative and longitudinal perspective. *Social Indicators Research*, 59, 275-299. doi: 10.1023/a:1019627604669
- White, L. (1994). Coresidence and leaving home: Young adults and their parents. *Annual Review of Sociology*, 20, 81-102. doi: 10.1146/annurev.soc.20.1.81
- Zinn, J. (2008). Risk society and reflexive modernization. In J. Zinn (Ed.), *Social theories of risk and uncertainty: An introduction* (pp. 18-51). London: Wiley-Blackwell. doi: 10.1002/9781444301489.ch2

Table 1. Descriptive statistics and correlations among variables.

Variable	<i>M</i>	<i>SD</i>	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Family Support																	
1. Autonomy support	4.22	.52	1														
2. Financial support ¹				1													
Tangible identity capital																	
3. School level ¹					1												
Intangible identity capital assets																	
4. Purpose in life	4.56	.81				1											
5. Self-determination	4.16	1.01				.35**	1										
6. General self-efficacy	4.23	.75				.29**	.41**	1									
7. Overall intangible identity capital	4.32	.64					.29**	.78**	1								
Uncertainty management strategies																	
8. Target focused	4.34	.74							1								
9. Open based	3.79	.92							.56**	1							
10. Postponement	3.53	1.12							.18**	.13**	1						
Psychological well-being (PWB)																	
11. Self-acceptance	4.49	.97											1				
12. Autonomy	4.60	1.00											.35**	1			
13. Positive relations	4.69	1.22												.41**	1		
14. Environmental mastery	4.21	.97												.45**	.13**	1	
15. Overall measure of PWB	4.49	.70														.70**	1

^{*}*p*<.05. ^{**}*p*<.01.

¹ Dummy variable.

Table 2. Indirect effects of parents' autonomy and financial support on PWB.

Independent and dependent variables	Mediation paths	B	SE	Bootstrapping	
				Bias-corrected 95% CI for mean indirect effect	
				Lower	Upper
Parent's autonomy support > PWB	Intangible identity capital > PWB	.1416	.0223	.1027	.1934
	Intangible identity capital > Uncertainty management - target focused > PWB	.0103	.0034	.0051	.0190
	Uncertainty management - target focused > PWB	.0324	.0125	.0128	.0628
	Tangible identity capital > PWB	.0111	.0062	.0022	.0293
	Total	.1974	.0268	.1534	.2606
Parent's autonomy support > Uncertainty management - open based	Intangible identity capital > Uncertainty management - open based	.0823	.0162	.0547	.1177
	Intangible identity capital > Uncertainty management - postponement	-.0488	.0206	-.0993	-.0126
Parent's autonomy support > Uncertainty management - postponement	Tangible identity capital > Uncertainty management - postponement	-.0291	.0142	-.0645	-.0064
	Total	-.0795	.0260	-.1394	-.0362
	Tangible identity capital > PWB	.1038	.0254	.0581	.1594
Parents' financial support > PWB	Tangible identity capital > Uncertainty management - postponement	-.1163	.0383	-.1993	-.0475

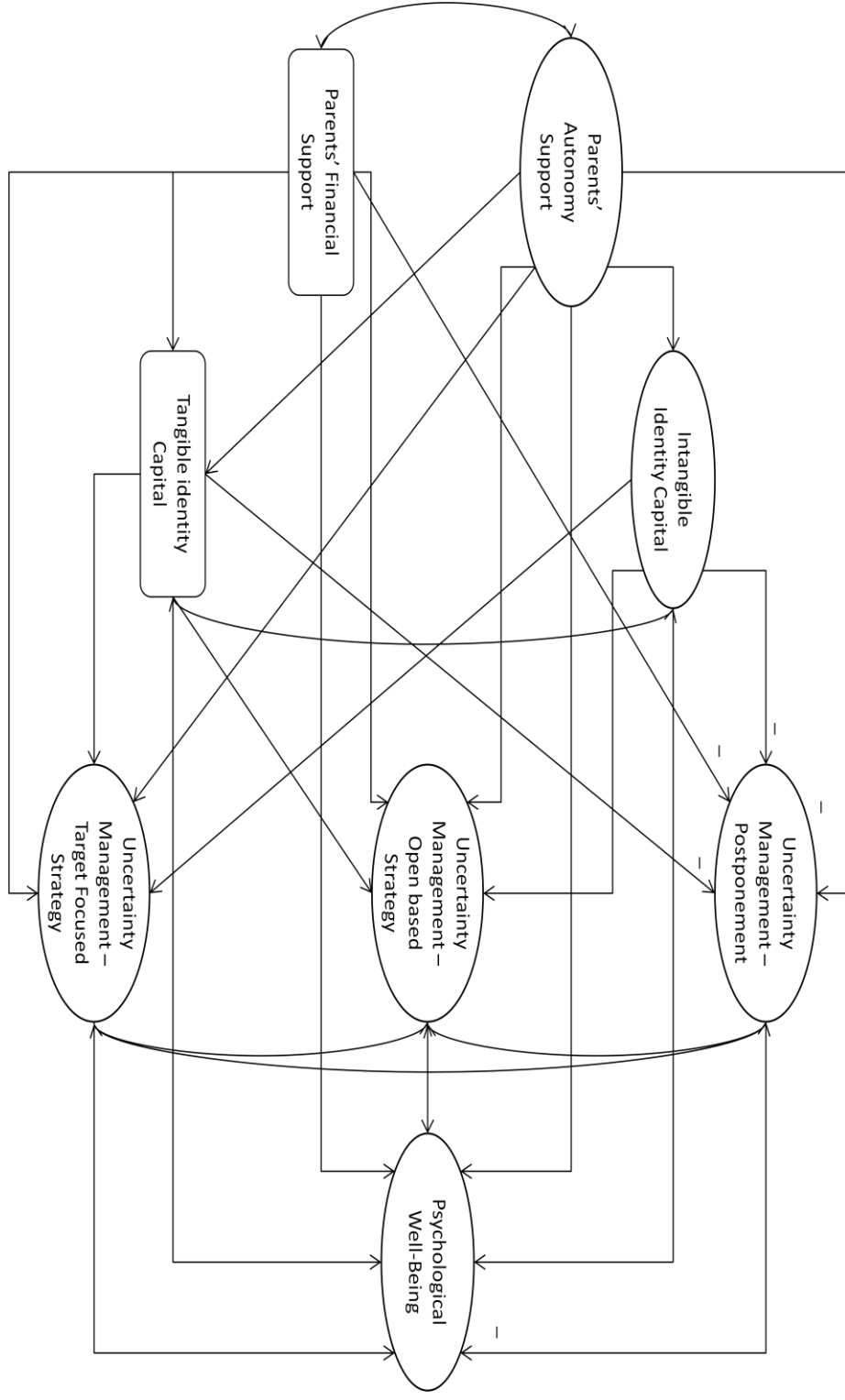


Figure 1. Hypothesized model.

Notes: Rectangles represent observed variables while ellipses represent latent variables. The minus sign (-) indicates a hypothesized negative relationship. All other paths with no sign presuppose a positive relationship.

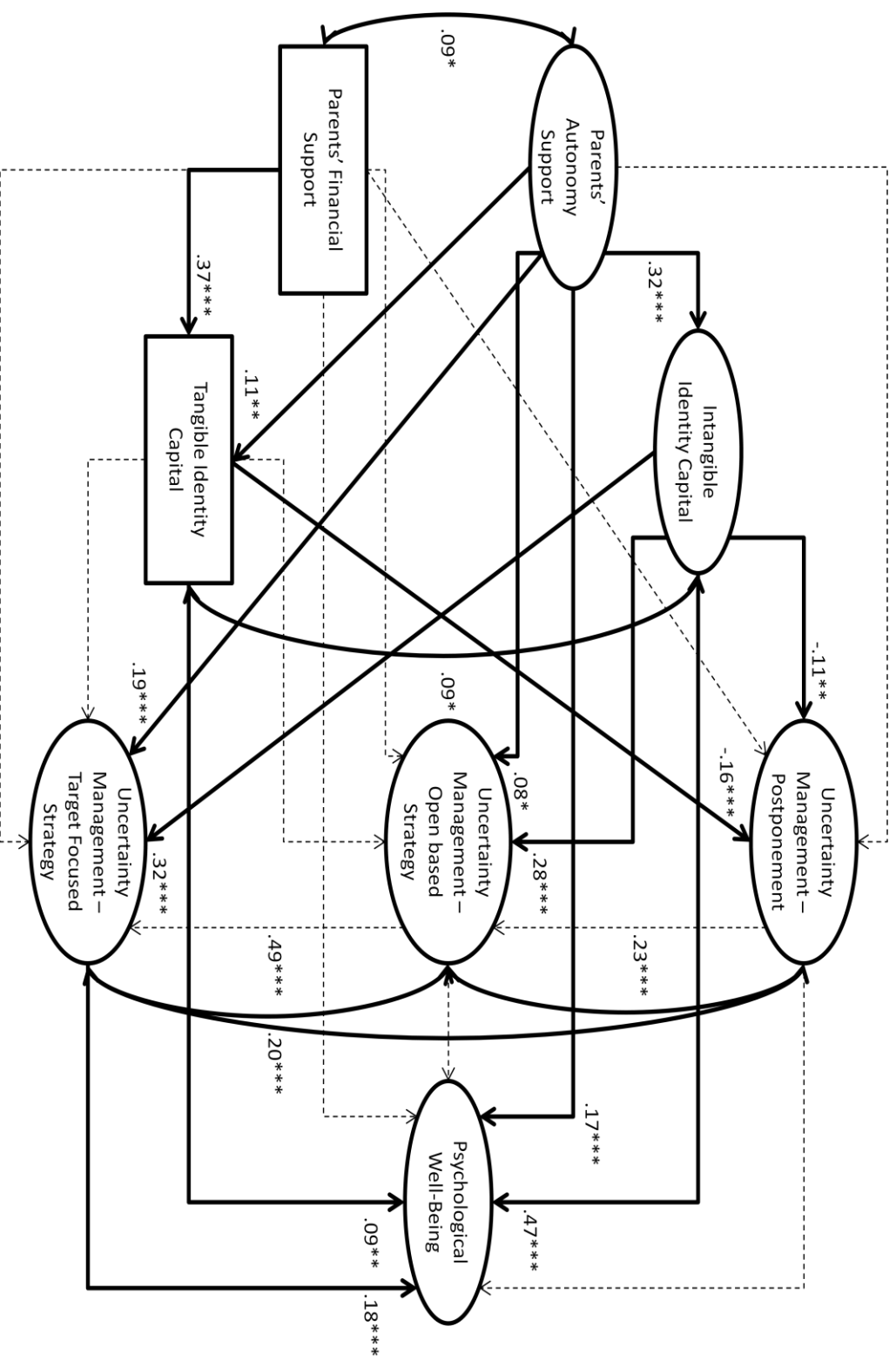


Figure 2. Final path diagram. Numbers represent standardized path coefficients. $N = 620$. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.